

BÉBHINN RAMSAY

A Flauta Andante

NO CAMINHO DE PEABIRU,
APRENDENDO COMO VIVER



BÉBHINN RAMSAY

A Flauta
Andante

FLORIANÓPOLIS, 2023

Para aqueles que andaram na Terra antes de mim.

Ao meu pai Liam Ó'Dónaill que me deu um desafio.

À minha mãe Nora O'Donnell, pela glória dos dias de feliz acaso.

Aguyjevete aos Guarani, que me acolheram para
sentar junto ao fogo sagrado deles.

E a Nhandecy, a mãe terra que me mostra como viver no mundo.

COPYRIGHT © BÉBHINN RAMSAY

VERSÃO DIGITAL, 2023.

1A EDIÇÃO (IMPRESSA), 2021.

PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA: MARLI HENICKA/MARLI.JORNALISTA@GMAIL.COM

MAPA: MARLI HENICKA

REVISÃO EDIÇÃO IMPRESSA: LU COELHO

FOTOGRAFIAS: BÉBHINN RAMSAY/ARQUIVO

R178f Ramsay, Manika Bébhinn

A flauta andante / Manika Bébhinn Ramsay. –

Florianópolis : LiLas, 2021.

336 p. , mapas, fots, ; 14 x 20 cm.

ISBN: 978-65-996018-1-1

Inclui fontes consultadas

1. Caminho do Peabiru (Brasil – Peru) – Descrições e viagens.
2. Peregrinos – Narrativas pessoais.
3. Mitologia Guarani.
4. Trilhas.
5. América do Sul – História. I. Título.

CDU: 910.4

Catologação na publicação (IMPRESSA) por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071



Peru

América do Sul



Irlanda

Machu Picchu
Ollantaytambo
CUSCO
Palpa
NAZCA
Puerto de Lomas
Copacabana
LAGO TITICACA
Illa do Sol
Carabuco

Bolivia

LA PAZ
SANTA CRUZ DE LA SIERRA
SUCRE
SAMAIPATA
POTOSÍ



OCEANO PACÍFICO

Paraguai

BAHIA NEGRA
PUERTO SUAREZ
CORUMBÁ
Puerto Busch
RIO PARAGUAI
ValleMi
Cerro Corá
CONCEPCIÓN

Brasil

Ycuamandíeju
ASUNCIÓN
Lambaré
Yaguaron
VILLARRICA
Ybytyrusu
CIUDAD DEL ESTE
FOZ DO IGUAÇU
Campo Mourão
Fênix
Guarapuava
Lapa
Monte Cristo
Barra Velha
Porto Belo
Santinho
Fortaleza da Barra
Garopaba
FLORIANÓPOLIS
BARRA DE IBIRAQUERA
São Miguel das Missões

OCEANO ATLÂNTICO

WB YEATS: “A JORNADA INTERIOR NÃO É APENAS UMA
IMPORTANTE JORNADA, É A ÚNICA.”

A FLAUTA ANDANTE

Neste livro compartilho as conversas que apreciei ao longo dos 10 mil quilômetros do Caminho de Peabiru, partindo da minha terra natal, a Irlanda, e passando pela América do Sul. Tive conversas com os Guarani e com pesquisadores juruá/não-indígenas e li suas publicações. Agradeço especialmente à escritora Rosana Bond, cujos livros me deram a base do meu roteiro e muito conteúdo sobre o Caminho. Também conversei com guias de caminhada e diferentes tipos de xamãs, com minha família e amigos, comigo mesma, com Deus, com o Diabo e com *Nbandecy*, a mãe terra, como os Guarani a chamam. Agradeço muito aos meus co-peregrinos meus pais Liam e Nora, meus filhos Tom, Liam e Eoin, os pais deles Alastair e Tahmid e minha amiga Maria.

Ao ler este livro você entra nesta conversa também — um diálogo que continua muito além deste livro. Bem-vindo! bebhinnramsay@gmail.com

Agradeço muito o apoio gráfico, editorial e moral da Marli. Muita gratidão à Izzah, Adriana e Lu também pela ajuda com a tradução e revisão em português. Fiz várias mudanças ao longo do tempo, então qualquer erro são meus.

SUMÁRIO (LINKS)	
INTRODUÇÃO	9
NORTE	21
SUL	37
LESTE	42
ZÊNITE	172
OESTE	235
POSFÁCIO	303
GLOSSÁRIO	312
FONTES	313

INTRODUÇÃO

SEGREDOS ABERTOS

Os povos indígenas do sul do Brasil são quase invisíveis. Morei por sete anos no Brasil antes de começar a percebê-los. Eu passava ocasionalmente por eles no centro da cidade de Florianópolis, onde eu morava — geralmente uma mulher deitada na calçada suja ao lado de suas mercadorias feitas à mão; arcos e flechas, animais produzidos de madeira e apanhadores de sonhos. Às vezes, ela amamentava uma criança no peito. Outras crianças corriam descalças em minha direção, mostrando cestas coloridas. Sorria para eles e eles me olhavam com expressões em branco e rostos sujos. Eu já havia passado por eles, mas não os percebia. Eu sabia que a principal tribo da região se chamava Guarani e até lembrei de algumas cenas do filme ‘A Missão’ que falava deles no início da colonização europeia. Sabia que muitos locais da cidade possuíam nomes Guarani — Sambaqui, Jurerê, Itacorubi. Memorizei os nomes desses lugares com dificuldade, sem perguntar seu significado. Meus três filhos estudavam em uma escola Waldorf na cidade, e esta instituição também tem nome Guarani. Mais uma vez não perguntei o que significava. Na escola, todos os anos, no dia 19 de abril, as crianças se vestiam com saias de palha e toucas, pintavam o rosto com tinta para

comemorar o Dia do Índio e entoavam canções simples e rítmicas ao som de um tambor. Na hora de dormir, no entanto, as crianças retornavam completamente ao seu uniforme europeu, com pijamas, contos de Grimm e orações cristãs.

Quando meu terceiro filho, Eoin, nasceu, meus pais vieram da minha terra natal, a Irlanda, para o Brasil para me ajudar nas primeiras semanas. Eu estava sentada no sofá, amamentando meu bebê recém-nascido, quando meu pai me repreendeu: “Não acredito que você sabe tão pouco sobre os povos indígenas daqui. Você deve aprender mais sobre eles”. Senti uma onda de exaustão defensiva percorrer-me, mas suas palavras ressoavam e encontraram um lugar dentro de mim.

Não me surpreende que tenha sido meu pai a primeira pessoa a me lançar esse desafio. Ele nasceu em 1940 em uma Irlanda ainda ligada à Grã-Bretanha. Por quatrocentos anos os irlandeses foram colonizados pelos britânicos. Ao longo dos séculos, nossa terra foi confiscada e nossa língua, jogos tradicionais, crenças indígenas e escolas ao ar livre foram proibidas e banidas quase até sua extinção. Meu pai havia sido batizado com o nome William O'Donnell, um anglicismo de seu nome indígena irlandês. Quando ele tinha nove anos, três quartos da ilha da Irlanda se tornaram uma república livre. Aos 16 anos, ele deixou sua cidade natal de Limerick e viajou de carona pela Irlanda. Aventurou-se nas áreas costeiras da parte oeste da Irlanda, onde os contadores de histórias, os *seanchaí*, ainda reuniam multidões na encruzilhada e o irlandês nativo ainda era falado. A língua irlandesa não é um dialeto do inglês. É tão diferente para o inglês quanto o português o é para o Guarani. Nessas aldeias costeiras na Irlanda, a consciência e o amor pela língua e cultura nativas conquistaram meu pai e, quando ele começou a estudar Engenharia na universidade, dois anos depois, estava se chamando Liam Ó'Dónaill, revertendo para a versão irlandesa de seu nome, e se tornou hábil em falar a língua irlandesa. Embora tenha criado seus oito filhos na capital anglófona de Dublin, ele nos matriculou nas novas escolas de idioma irlandês nas décadas de 1960, 70 e 80, onde era proibido falar inglês sob ameaça de expulsão. Nessas escolas tivemos a oportunidade de nos alimentarmos com as bagagens culturais remanescentes de uma herança indígena outrora vibrante.

Agora, o bebê Eoin tem um ano e eu o levo comigo no *slíng* para celebrar o festival de lanternas na escola de seus irmãos. O festival é realizado em junho, no início do inverno brasileiro. O festival começa no pátio arenoso da escola ao entardecer. Silenciados pelos professores, em uma quietude reverente, as

crianças ficam em um grande círculo e cada uma segura sua lanterna artesanal e se prepara para acendê-la. Uma corrente de pequenas luzes emerge. A professora B. fica no meio do círculo e fala brevemente com as crianças reunidas. “Cada um de vocês vem da mesma luz”, diz ela lentamente para sua audiência silenciosa. “Cada um de vocês é uma expressão única dessa luz. Cada luz diferente é tão preciosa quanto a outra.” Lanternas brilhando agora, começamos a andar em uma longa fila serpenteando por um trecho de Mata Atlântica nas proximidades, cantando canções em voz baixa para homenagear o festival de São João enquanto avançamos. Quando retornamos ao pátio, a noite já havia chegado. Formamos um círculo na escuridão e um professor acende uma fogueira no meio. A luz das chamas crescentes se mistura com a das lanternas das crianças no círculo. Encolhidos, iluminados, repetidamente cantamos o refrão “*No céu, brilham estrelas; na terra, brilhamos nós*”. Com Eoin adormecido, amarrado no *sling* no meu peito, eu me derreto na beleza suave do momento.

De repente, chamam minha atenção as formas das lanternas das crianças do quarto ano do outro lado do círculo. Enquanto as outras turmas têm lanternas simples redondas ou quadradas, feitas de papel colorido, latas ou palitos de picolé, os alunos do quarto ano têm nas mãos lanternas com um design mais elaborado. Do outro lado do círculo, consigo com um pouco de esforço perceber que as lanternas estão na forma de caravelas, os navios dos conquistadores quando chegaram quinhentos anos atrás neste Novo Mundo da América do Sul. Uma forte dissonância retumbante soa através de mim, dissipando minha paz anterior. Nesse momento eu percebo, de forma consciente, pela primeira vez, que a grande maioria dos alunos desta escola no sul do Brasil é descendente dos conquistadores e dos imigrantes europeus. Não há uma criança indígena na escola. Nesse instante, eu, que sempre me identifiquei como um dos nativos recém-libertados, mas historicamente oprimidos, um dos mocinhos da história, me percebi como um dos colonizadores aqui no Brasil. Me cai a ficha que meus filhos e eu somos a onda mais recente, em quinhentos anos de colonização europeia. Ao contrário da Irlanda, onde a maioria é indígena e conseguimos nossa independência do povo que nos colonizou, os indígenas daqui são uma minoria e ainda estão no árduo processo de recuperar pequenas partes de suas terras ancestrais. Até hoje eles são marginalizados e tratados com violência. Lutam por independência e pela reafirmação de sua cultura indígena, pela maior parte despercebida pela sociedade brasileira moderna. Eu mesma comprei uma casa no Brasil, tomando posse de uma

parte da terra ancestral indígena. Pessoalmente não expulsei ninguém de casa para conseguir a terra, mas sei que a Ilha de Florianópolis era habitada pelos Guarani e agora eles não moram mais aqui. Trouxe meus filhos para o Brasil e fiz questão que eles aprendessem português fluentemente, jogassem futebol e participassem de festivais tradicionais brasileiros, como o Carnaval e os festivais de São João. Em nenhum momento me ocorreu encorajá-los ou motivar a mim mesma a aprender Guarani, tocar um instrumento Guarani tradicional ou estudar a história indígena. Enquanto estou aqui parada à meia-luz das lanternas, as palavras de meu pai de um ano antes ecoam dentro de mim e sinto o peso da minha própria negligência e ignorância. Vim morar no Brasil e fiz daqui a minha casa, sem pedir licença — ou sequer fazer um mínimo gesto de agradecimento — aos meus anfitriões originais.

CAMINHO DE PEABIRU

Seis meses depois, em uma tarde quente do início de janeiro, meus três filhos e eu nos abrigamos do sol escaldante do verão na pequena biblioteca comunitária no bairro onde moramos. Enquanto os meninos pegam alguns gibis infantis coloridos, minha mão cai em um livro grosso com uma capa laranja brilhante chamado *História do Caminho de Peabiru*. Dessa maneira inesperada e sem cerimônia, o Caminho de Peabiru entra na minha vida.

Compro um exemplar do livro, que também estava à venda ali, e a vendedora me informa que a autora, R., mora em Sambaqui, mesmo bairro em que vivemos. Ela me dá o número de telefone de R. e, alguns dias depois, ligo para ela e a convido para me encontrar em um bar local à beira-mar.

Enquanto espero, vejo R. se aproximando lentamente e me levanto para cumprimentá-la com o habitual beijo na bochecha. Ela está na casa dos cinquenta anos e tem algumas dificuldades de mobilidade. Seu cabelo castanho, mais curto que o meu, emoldura um rosto sorridente. Enquanto se acomoda em uma pequena mesa redonda, ela brinca com os garçons próximos, que a conhecem bem. Peço um chope e ela pede duas cervejas, uma escura e uma clara. Misturando as duas cervejas no copo, ela acende o primeiro de um maço de cigarros, antes de voltar sua atenção para mim.

Abdicando de qualquer preâmbulo, ela quebra o silêncio com uma voz conspiratória: “Conte-me como o Caminho de Peabiru te encontrou”. Sorrio para

a escolha de palavras dela, antes de responder no meu sotaque irlandês.

“Por acaso encontrei seu livro na biblioteca da comunidade e venho sentindo um apelo crescente em aprender mais sobre os Guarani e prestar meus respeitos a eles de alguma forma”, conto.

Enquanto falo, minhas intenções ficam mais claras até para mim. “Andei os 800 quilômetros do Caminho de Santiago, na Espanha, aos meus vinte e poucos anos, quando deixei minha Irlanda natal e comecei uma vida autônoma. Caminhar é uma paixão para mim. Parece-me que o Caminho de Peabiru é um tipo de Caminho de Santiago da América do Sul. Portanto, embora eu tenha três filhos pequenos e a logística seja complicada, sinto uma forte atração por sair pela porta e seguir o Caminho de Peabiru onde quer que ele me leve.”

“Você sabe”, ela começa, sem tirar os olhos de mim. “Tenho uma forte sensação de que posso ser clara e aberta com você.” Sorrio para ela reconfortantemente. Ela continua: “Sou uma pessoa muito intuitiva. Sem dúvida, minha experiência prolongada com os Guarani fortalece esse lado em mim”. Seu tom de voz baixa um pouco. “A aparição repentina do Caminho de Peabiru em sua vida pode significar que eles têm uma missão para você”, conclui ela, observando atentamente minha reação.

Aceno com a cabeça tranquilamente. “Bem, sou escritora”, informo num tom de voz suave. “Publiquei meu primeiro livro no início deste ano, no meu país, a Irlanda. Meu plano embrionário é escrever um livro sobre minha experiência na peregrinação e doar quaisquer *royalties* de autoria para projetos relacionados ao Caminho de Peabiru e ao povo Guarani.”

Ela sorri para mim, indicando que eu passei no teste, e pergunta com uma pitada de desafio: “O que seu marido acha de você seguir o Caminho de Peabiru?”. Olho nos olhos dela, encarando o desafio. “Não tenho marido”, respondo. “Sou viúva do pai dos meus dois primeiros filhos e namorada do pai do meu terceiro filho.”

R. me olha por um momento e dá uma tragada longa em seu cigarro. Sinto que ela está inalando a minha essência. Seguro seu olhar. O momento relaxa e ela começa graciosamente a compartilhar sua história comigo. Ela pesquisa o Caminho de Peabiru com o povo Guarani há quinze anos. Seu conhecimento

sobre o assunto é quase enciclopédico e seu entusiasmo é contagioso. “É o que eu faço agora”, ela diz. “Fui jornalista por muitos e muitos anos e publiquei dezesseis livros, cinco dos quais estão ligados ao Peabiru. Não ganho muito com isso e estou sempre sem dinheiro. A riqueza que o Caminho de Peabiru oferece é de um tipo diferente.”

Ela pede mais duas cervejas e eu aceno para os garçons para pedir outra cerveja também.

“Este caminho tem mais de 4 mil quilômetros de extensão e liga o Atlântico ao Pacífico”, conta. “É uma rede de trilhas indígenas que, a partir da década de 1520, foram utilizadas pelos europeus que chegaram aqui na costa leste das Américas e estavam famintos pelo ouro e prata no ocidente. A lenda do Eldorado os seduziu.” Ela para de falar por um momento e baixa a voz levemente: “Acima de tudo, porém, esse caminho é um caminho sagrado e espiritual. É o caminho que os Guarani usam até hoje, às vezes em massa, de oeste a leste, em busca de *Yty Marã Ey*, a terra sem mal. Os Guarani são *tapejara*, um povo andante. Caminhar para os Guarani é sagrado. É uma parte central de seu modo de vida, seu *nãnde reko*. Ao caminhar, os Guarani se purificam para alcançar um estado de *agunje*, ou leveza, que lhes permite acessar a Terra Sem Mal, seu paraíso, que fica em algum lugar além desse litoral, no Atlântico, a leste. Ao contrário do paraíso cristão, pode ser alcançado ainda vivo”.

Este relato precioso acorda uma lembrança em mim que compartilho com ela. “Quando eu estava no Caminho de Santiago há quase 15 anos, depois de três semanas de caminhada todos os dias, foi além de lembranças do passado e projeções de futuro e as reprises remanescentes de programas de TV em minha mente e finalmente tive um vislumbre da Presença. Presença simples, pura e intoxicante. Caminhar tornou-se uma pura alegria — senti como se tivesse molas nos pés e pudesse andar para sempre. Às vezes eu sentia que estava flutuando em êxtase pela paisagem em constante mudança. Toda brisa parecia estar me acariciando pessoalmente e o zumbido contente da natureza me abraçava e me preenchia. Havia mágica em cada pequena interação — budas improváveis e palavras proféticas a cada curva da estrada. Risos borbulhavam do nada enquanto eu caminhava.”

R. me olha nos olhos — “uma amostra de *aguyje*”, afirma ela, antes de continuar sua história.

“Os Guarani dizem que o caminho foi aberto por Sumé, um deus-homem alto, de pele clara e barba, que chegou à costa brasileira centenas ou milhares de anos antes dos conquistadores europeus. Ele chegou andando sobre as águas do Oceano Atlântico e inspirou os Guarani em seu modo de vida, seu ñande reko seminômade que é infundido com uma profunda espiritualidade, um senso de comunidade, o cultivo reverente de suas colheitas sagradas — milho, mandioca e mate — e ênfase na caminhada. Os europeus que chegaram no século XVI ouviram falar de Sumé pelos nativos e rapidamente o igualaram a São Tomé, o discípulo que foi enviado por Cristo para evangelizar nos cantos mais distantes do mundo por duvidar de sua ressurreição. O Brasil só foi ‘descoberto’ pelos europeus em 1500, mas em 1515 havia até uma publicação na Alemanha alegando que São Tomé havia passado pela América do Sul, onde era conhecido como Sumé.”

“Sumé era São Tomé?”, pergunto.

R. suspira, acendendo outro cigarro. “Veja, ninguém sabe quem ele era ou se ele era uma divindade da mitologia Guarani que foi apropriada pelos cristãos evangelizadores. Se ele era uma pessoa real, poderia ter sido São Tomé. Há tantas histórias semelhantes sobre esta figura barbada e de pele clara em diferentes tribos da América Latina que levariam a acreditar que isso vai além de um mito, podendo ser uma pessoa ou grupo de pessoas reais. Entre esse local e o Peru, uma figura semelhante foi mais frequentemente identificada como Sumé e Tumé pelos Guarani e Tunupa e Viracocha pelos Incas. Os europeus o igualaram a São Tomé ou São Bartolomeu. Mas existem várias hipóteses em torno de sua identidade: vikings, fenícios, sumérios, asiáticos.”

R. pisca para mim e diz: “Existe até a possibilidade de que fosse um santo irlandês”. Ela sorri para o meu olhar de surpresa e termina com outra cerveja escura.

Procuro em minha mente a quem ela poderia estar se referindo. “São Brandão?”, sugiro, insegura. Lembro-me dos remanescentes de uma história sobre o santo cristão que navegou da costa oeste da Irlanda há mais de mil anos em busca do paraíso celta *Tír na nÓg*, a Terra da Juventude Eterna. Conta a história que ele navegou por sete anos em seu barco a remo de madeira e lona e descobriu o

paraíso. “Exatamente”, afirma R., agora com a voz mais suave. “Por que não? Ele é um candidato tão provável ou improvável quanto São Tomé.”

Eu rio junto com ela em concordância, acenando com a cabeça e observando mais um sinal que me leva a seguir este Caminho de Peabiru. Já é noite quando me despeço de R. Uma amizade está acesa entre nós e minha determinação em seguir este caminho de um Sumé irlandês e o Sumé Guarani se transforma em chama dentro de mim.

MEU AMULETO DAS QUATRO RESPIRAÇÕES

No meu dia-a-dia agora, a ideia de seguir o Caminho de Peabiru, o caminho de um Sumé irlandês e Guarani, canta dentro de mim, insistindo cada vez mais. Cinco anos atrás, quando subitamente me tornei viúva, senti uma vontade inabalável de sair pela minha porta, como um Forrest Gump do século XXI, e continuar andando até que eu estivesse inteira novamente. Li sobre a Peregrina da Paz nos Estados Unidos, que começou a andar aos quarenta anos e continuou vagando pelo país por vinte e oito anos, aprofundando e compartilhando sua própria paz interior. Eu também queria sair andando a partir de um profundo desejo de me interiorizar.

Minhas responsabilidades de mãe pelos meus dois filhos pequenos na época me impediram de seguir meu desejo naquela época. Agora, cinco anos depois, com os meninos mais velhos e cercados por uma rede de amigos, uma pequena porta abençoada se abriu em minha vida para seguir o chamado.

A ideia começa a se materializar em planos e passagens aéreas. Ligo para minha mãe na Irlanda e conto sobre minha peregrinação. Ela suspira com aprovação — “esse é exatamente o tipo de aventura que imaginei quando era uma jovem sentada no alto dos galhos de nosso carvalho, no Condado de Cork”. Quando digo como espero incluir meus filhos sempre que possível, mas às vezes vou ter que deixá-los com amigos por breves períodos de tempo, ela rapidamente me tranquiliza: “Sempre haverá alguma razão prática para não seguir o caminho que te chama”. E prossegue: “Parece que você consegue achar soluções para os meninos. Lembre-se de que você deu vida aos meninos, mas não a sua vida”. Sorrio em concordância. Quando ela tinha minha idade, trinta e seis anos, já era mãe de sete filhos, e eu, a filha mais nova, tinha três anos. Ela me colocou no

jardim de infância um ano mais cedo para que pudesse iniciar seu mestrado em Administração de Empresas em uma Irlanda ainda patriarcal da década de 1970. Minha mãe era a única mulher em sua turma.

Sinto o forte apoio e encorajamento de minha mãe e de meu pai ao embarcar nesta peregrinação. Planejo minha rota em grande parte com base no caminho descrito no livro *História do Caminho de Peabiru*, e o meu itinerário e cronograma começam a tomar forma, sendo conciliados com férias escolares e com a disponibilidade dos amigos para cuidar dos meus filhos.

Durante esse período faço uma cruz simples de madeira como símbolo da peregrinação, um amuleto para me proteger. Os Guarani tradicionalmente carregam um amuleto protetor de duas varas amarradas chamado *popygua* quando estão em peregrinação. Essa cruz é minha versão de um *popygua*. Um amigo meu me dá um pedaço de sassafrás, uma madeira brasileira nativa que pode ser triturada e transformada em um chá purificador do sangue, como aprenderam os colonizadores europeus com os Guarani. Faço a cruz simples com a madeira e, quando a corto para arredondar as bordas, exala um cheiro doce.

A cruz me parece o símbolo perfeito para minha peregrinação. Imagino São Brandão, quando partiu da Irlanda em busca do paraíso, também seguindo o seu caminho segurando uma cruz cristã. Quando Tunupa, um Sumé correspondente, chegou às margens do Lago Titicaca, na Bolívia, diz a lenda que ele estava carregando uma grande cruz de madeira, que espero conseguir ver a 3 mil quilômetros de distância. Também combina com uma peregrinação associada ao discípulo de Jesus, São Tomé.

Porém, a cruz que estou esculpindo é, no fundo, um símbolo indígena. Na América do Sul, a cruz foi amplamente usada nos tempos pré-colombianos, uma representação da constelação do Cruzeiro do Sul no céu noturno. A cruz Guarani é feita de duas linhas que se cruzam no meio de cada linha, formando mais um sinal de adição do que o sinal T, tradicional do cristianismo. Representa as quatro direções — norte, sul, leste e oeste. Elas são chamadas de as quatro respirações da Grande Mãe. Onde as duas linhas se cruzam é o zênite. O zênite representa a própria mãe terra.



Saint Brendan in a German Manuscript, c. 1460. Fons: Universitätsbibliothek Heidelberg, Cod. Pal. germ. 60, fol. 179v Brandans Reise

Em um mito criado pelos Guarani, eles falam de Tupã, um de seus deuses. O primeiro homem na terra foi chamado Tupã Mirim, ou Pequeno Deus — divindade em forma humana. Tupã Mirim era etéreo demais, desconectado da terra, e não sabia viver. Ele pediu orientação ao deus Tupã. Tupã disse a Tupã Mirim que para aprender a viver da melhor maneira na terra ele deveria ir para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste.

Seguirei os conselhos do deus Guarani Tupã, saindo em cada direção ao longo do Caminho de Peabiru, na tentativa de finalmente ver os Guarani mais plenamente e de obter alguma sabedoria deles sobre a melhor maneira de viver na terra.

Primeiro, pretendo ir para o **norte**, voando para minha Irlanda natal, onde o possível Sumé irlandês, São Brandão, partiu para o paraíso em seu barco a remo de madeira e lona no século VI. Planejo seguir uma antiga peregrinação, a Estrada do Santo, na gloriosa península de Dingle, no sudoeste da Irlanda, dedicada à memória de São Brandão. Nesta península, nossa língua irlandesa nativa ainda é usada como primeira língua, e os remanescentes de locais sagrados pré-cristãos e cristãos celtas são abundantes. Faz sentido começar minha peregrinação na minha terra natal. Tradicionalmente, todas as peregrinações começam em casa. Os peregrinos passam do conforto do conhecido para a promessa e o perigo do desconhecido.

De lá voltarei para o **sul**, para a América do Sul, onde seguirei o coração dessa peregrinação, o Caminho de Peabiru dos Guarani. Os Tupi-Guarani chamam esta área de Pindorama, a terra das palmeiras. Este nome é anterior a versões e fronteiras modernas, como Brasil, Paraguai e Bolívia.

Em Pindorama seguirei o caminho do sol. Começarei na costa **leste** do Brasil, onde se diz que Sumé chegou caminhando sobre as águas do Oceano Atlântico e onde já vivi por sete anos.

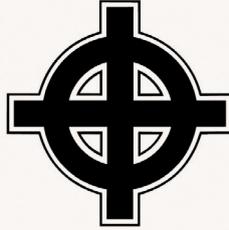
Vou seguir a peregrinação sempre que puder roubar tempo dos compromissos no meu dia a dia. Pretendo caminhar o máximo possível ao longo da costa do estado de Santa Catarina e utilizar carro, ônibus, trem e avião, quando necessário, para ir para o interior do estado do Paraná.

Depois planejo viajar pelo **zênite** do Caminho de Peabiru e do mundo

Guarani, Paraguai. Após irer para o **oeste** através da Bolívia até o Lago Titicaca, atravessarei para o Peru antes de descer os Andes até o Oceano Pacífico, onde consta que os Guarani chegaram no século VI. Também é no Pacífico que Viracocha, o Sumé andino, foi embora no Oceano Pacífico da mesma maneira que Sumé chegou ao Oceano Atlântico: andando sobre as águas.

Compro uma mochila vermelha para minha peregrinação e começo a enchê-la com algumas roupas e um caderno. Em suas dobras incluo o meu condicionamento cultural feito sob medida e um coração que ainda está sensível após a morte do meu marido. Penduro o amuleto da cruz na parte externa da mochila e escolho o bolso lateral para colocar minha flauta irlandesa. A flauta irlandesa é um instrumento simples feito de latão. Levo-a para piqueniques e caminhadas e toco algumas músicas, em gratidão à natureza. Estava sempre comigo no Caminho de Santiago quando o fiz com vinte e poucos anos e outros peregrinos começaram a me chamar de Flautista de Hamelin. Este apelido me serviu bem, pois meu nome, Bébhinn, significa ‘mulher melodiosa’ na língua irlandesa nativa.

Os Guarani são um ramo do povo indígena Tupi-Guarani. Tupi significa ‘som manifesto’. Para os Tubuguaçu, um ramo do tronco indígena Tupi-Guarani, o corpo de uma pessoa é chamado u’mbaú, que significa ‘flauta andante’. Enquanto coloco minha flauta irlandesa no bolso lateral da mochila, reconheço com um sorriso que eu realmente *soo* uma flauta andante.



NORTE – PARTINDO DE CASA



Topo do Monte Brandon, Sul da Irlanda, maio de 2012.

IRLANDA: SEGUINDO OS PASSOS DE UM SANTO IRLANDÊS

O vento assobia sobre mim no topo da montanha. Estou de pé na base de uma grande cruz de madeira, mais de mil metros acima da costa espetacular da ponta sudoeste da Irlanda. Aninho meu corpo atrás da cruz para me proteger do vento. As ondas em miniatura do Oceano Atlântico quebram como espuma branca contra as falésias abaixo de mim. Forço meus olhos para ver as Américas no horizonte, como a lenda diz que São Brandão o fez desta mesma montanha no século VII. O horizonte se estende vazio diante de mim ao oeste. Coloco minha mão sobre meus dois olhos para concentrar todo o meu poder ocular nessa direção até doer. A Irlanda celta do século VII acreditava que *Tír na nÓg*, a Terra da Eterna Juventude, ficava no Oceano Atlântico. Anseio por vislumbrar algum vestígio dessa terra enquanto olho para o oeste, mas tudo o que vejo é a extensão infinita verde-azulada diante de mim, escondendo seus tesouros sob um exterior mexido. As falésias abaixo são quebradas por longas baías de ondulação perfeita. O mar brilha como prata nas curvas das praias desta Costa Dourada. As ondas constantes e implacáveis engolem o fio de areia da praia com sua boca espumosa e recuam às pressas novamente em direção ao mar profundo, evaporando em uma efervescência ao longo da costa. Este é o lugar sagrado onde o mar e a terra se encontram, derretendo-se mutuamente. Na mitologia irlandesa, os primeiros habitantes da Irlanda foram descendentes de Noé, que desembarcaram aqui na costa sudoeste. Atrás de nós, as colinas verdejantes da Península de Dingle se espalham, rolando suavemente uma na outra. As nuvens movem suas sombras pelos rostos das montanhas, dançando lentamente, de maneira provocativa.

Cinco lagos *paternosters*, ligados um ao outro por um fio de rio, caem como um rosário ao longo das montanhas. Abaixo de mim, *An Tríúir Drifjúir* (Os Picos das Três Irmãs) fluem em direção ao mar, finalizados por Ceann Sibéal. An Fear Marbh (A Ilha do Homem Morto) jaz além deles, meditativa. As ilhas menores parecem sombrias, obscurecidas em suas trevas. Mais ao sul, Scelig Micil projeta-se para o mar — uma ilha monástica de privações materiais e preces cristãs, onde monges na época de São Brandão viviam no limiar da vida humana, rejeitando a vida física em um esforço para se unir com o Divino.

O paraíso fica em algum lugar do Oceano Atlântico — os antigos Celtas acreditavam nisso, São Brandão acreditava nisso e os Guarani do outro lado do mundo também.

A grande cruz de madeira que estou abraçando é uma de uma trindade de monumentos sagrados no topo do Monte Brandon, neste dia frio e brilhante de maio. O segundo monumento é uma cabana de pedra no formato de uma colmeia, datada da época de São Brandão, onde ele teria rezado antes de lançar seu barco *naomhóg* no Riacho de São Brandão vários quilômetros abaixo. O terceiro monumento no topo da colina é um grande monte de pedras — cada pedra representa uma oração dos milhares de peregrinos que seguem esta Estrada do Santo há séculos para celebrar o dia da festa de São Brandão neste mês de maio. Coloquei minha pedrinha no monte em cima de gerações de pedras de outras pessoas e peguei minha flauta irlandesa para tocar minha simples oração musical. Luto contra o vento pelo controle da flauta.

São Brandão foi um dos primeiros santos cristãos na Irlanda, antes que a hierarquia da Igreja romana se envolvesse diretamente na Irlanda no século XI. Esses primeiros santos cristãos eram uma comunidade de iniciados que criava uma ponte entre a espiritualidade celta e pré-celta dos Druidas e a consciência de Cristo. Isso foi uma era dourada para a Igreja Cristã, quando os santos ainda reconheciam que Deus brilhava através da natureza e as pessoas mantinham o ritmo com o ano natural, celebrando solstícios e equinócios e os quatro dias de festas, cada um ocorrendo entre um solstício e um equinócio. Antes que a Igreja Cristã colocasse sua túnica roxa de santidade nesse caminho, era uma antiga rota de peregrinação para celebrar o festival do deus-sol Lugh, em agosto. O mês de agosto na língua irlandesa é chamado lúnasa em sua homenagem, e a festa ainda é comemorada anualmente nesta península. Há alguns meses, um caminhante encontrou uma espiral perfeita gravada em uma rocha ao longo do caminho percorrido por São Brandão, estimada em 4 mil anos. Esta espiral, muitas vezes interpretada como o sol em movimento, sussurra a idade antiga desta peregrinação. A Estrada do Santo é muito mais antiga que o próprio santo. Enquanto caminhei ao longo do dia, segui os passos de 4 mil anos de meus ancestrais.

Meus pais estão comigo no topo da montanha. Meu pai tira uma foto minha abraçando a cruz contra o vento e depois me chama para tomar uma xícara de chá de sua velha garrafa térmica. Desço da cruz e aqueço as mãos no copo de plástico amarelo que ele me oferece e me sento entre meu pai e minha mãe, protegida do vento pelo monte de pedras ao pé da cruz. Meu pai tem mais de setenta anos e minha mãe está próxima de completar setenta, mas eles me levaram, ainda assim,

envoltos em capas de chuva bem gastas, nos 18 quilômetros da Estrada do Santo, antes de iniciar a subida íngreme de duas horas do Monte Brandon.

Este glorioso dia de caminhada, culminando no topo do Monte Brandon, foi um passeio por minhas origens, ladeado por reminiscências de meus pais. A estrada estava forrada por fúcsia vermelha, importada da América do Sul e introduzida na Irlanda na década de 1930, florescendo e se entrelaçando entre as onipresentes paredes de pedra. Em irlandês, essas flores são chamadas de Deora Dé, as Lágrimas de Deus. Começo minha peregrinação Guarani em uma estrada irlandesa repleta de lágrimas sul-americanas de Deus.

Delicadas flores brancas, alho selvagem e pequenos ramos de urtiga balançavam ao vento na grama.

Enquanto caminhávamos para o norte, ao longo de trilhas enlameadas, o mar e seus mistérios ocultos ficavam em silêncio, à nossa esquerda. Arbustos e pássaros de peito vermelho gorjeiam ao nosso lado. De vez em quando eu me virava para o mar e meu queixo caía audivelmente, surpresa várias vezes com seu esplendor comovente.

Chegamos ao antigo local eclesiástico do Oratório de Gallarus, perto da Estrada do Santo, que se aninha na base da montanha sagrada de São Brandão. Entramos no oratório de pedra, que parece a proa de um barco saindo do chão. Foi construída há mais de mil anos, com pedras colocadas firmemente sobre pedras, sem argamassa. Quantas de nossas casas ou igrejas modernas ainda existirão intactos daqui a mil anos? O som estridente de *Gloria in Excelsis Deo* acendeu o oratório simples, com a voz da minha mãe que ecoava as vozes dos milhares de peregrinos que descansaram aqui, antes de subir para o cume do Monte Brandon. Juntei minha voz a voz dela e a melodia entrelaçada reverberou ao nosso redor. Quando a música terminou, escapou pela pequena fenda leste de uma janela na parede dos fundos.

Uma vez lá fora, meus pais e eu circulamos o Oratório três vezes em silêncio, atraindo olhares curiosos dos turistas americanos e olhares indiferentes dos guias turísticos entediados. Ao completar o terceiro círculo, sussurrei a simples oração do meu coração em meu irlandês nativo em silêncio. *Go n-éirí an bóthar linn*, que a estrada suba ao nosso encontro.

Perto dali uma simples cruz foi esculpida em pedra, mais antiga que o próprio Oratório de Gallarus. Coloquei minha cruz de madeira — meu amuleto do Caminho do Peabiru — nas linhas da cruz pedra e ela se encaixou perfeitamente.

Uns meses atrás, quando sugeri aos meus pais para seguirmos juntos pela Estrada do Santo, eles acolheram a ideia com entusiasmo. Antes mesmo de eu voltar para a Irlanda de férias, eles planejaram a rota e as acomodações com nada menos que fervor religioso. Quando partimos de manhã, ocorreu-me que esta é uma das primeiras vezes na minha vida que somos apenas nós três juntos em uma viagem. Mesmo agora, aos trinta e seis anos, a criança de uma família numerosa se alegra em mim.

Como quase todos os irlandeses de sua geração, meus pais são católicos praticantes. Estudaram em colégios internos dirigidos por padres e freiras. Todos os domingos de suas vidas, exceto em caso de parto ou doença grave, eles vão à missa. Como bons católicos, têm oito filhos. Ter tantos filhos deve ter frustrado minha mãe, uma mulher da década de 1960, faminta por alguma independência e libertação. Somente com trinta e seis anos ela encontrou espaço para fazer seu próprio Mestrado em Administração e ter uma carreira. Todos os oito filhos foram batizados e celebraram sua santa comunhão e crisma. Quando eu era criança, comíamos peixe toda sexta-feira, pedíamos graças antes da ceia de Natal, rezávamos no carro antes de uma longa jornada e fomos forçados a desistir de algum vício durante a Quaresma. A religião, porém, assim como a política, nunca foram discutidas na casa da minha infância. A conversa sobre qualquer um dos assuntos se limitava à insistência severa de que cumpríssemos as obrigações da Igreja sem questionar e que votássemos no candidato de nossa escolha.

“Você teve sorte de ter nascido em nossa família”, brincava meu pai, aliviando qualquer queixa dos filhos em crescimento. “A próxima alma na fila nasceu chinesa. Imagine se não tivéssemos você, você estaria falando mandarim agora.” Eu ria com ele, imaginando a fila de almas, esperando a sua vez, a próxima abertura numa família humana. Meu pai está certo. Tenho uma forte sensação de que minha alma antecede a união deles. Minha essência não veio deles. Como Khalil Gibran escreveu, eu vim através deles, mas não deles. Sou grata aos meus pais por me cercarem com tanto amor e carinho. Crescendo, eles me deram tudo o que eu precisava e uma parte do que eu queria.

Como todos nós, meus pais encontraram suas provações ao longo do caminho. Seus filhos cresceram e testaram seus valores religiosos tradicionais, apaixonando-se por divorciados, vivendo com namorados, tendo filhos fora do casamento e saindo da Igreja Católica. Eu era adolescente quando eles começaram a enfrentar esses desafios com meus irmãos mais velhos, e esse choque de valores entre gerações abalou minhas certezas adolescentes. A capacidade de meus pais em aceitar as decisões de seus filhos, sem necessariamente concordar com suas ações, foi uma lição essencial de tolerância para mim. No momento em que saí de casa, o conselho de despedida de minha mãe foi “seja verdadeira a si mesma”, e eu me agarrei a ele como a mais preciosa herança que ela poderia me dar.

Nos últimos vinte anos, a segunda religião de meus pais tem sido caminhar. Como os Guarani, eles se tornaram *tapejara*, pessoas que andam. Se todo domingo eles passam quarenta minutos na missa, passam pelo menos quatro horas caminhando. Embora meu pai às vezes adormeça na igreja, lidera um grupo de caminhada por uma colina por horas, disparado com energia e alegria insaciáveis. Hoje eles caminharam pela Estrada do Santo com uma energia rejuvenescenti-

da. Partimos da praia em Fionn Trá e, depois de três horas andando, paramos para um piquenique nas ruínas da igreja em Cill Maolchéadair. Minha mãe costumava visitar a ruína quando adolescente, enquanto ficava por ali perto, de férias com sua prima Cáit e a hospitaleira tia Jo. A tia Jo foi enterrada no cemitério da igreja. Encontramos seu túmulo entre as lápides bambas e inscrições desbotadas e fizemos uma oração por sua alma. Eu a imagino andando nesta peregrinação ao nosso lado, à sua maneira.

Comemos nossas sanduíches e bebemos nosso chá da garrafa térmica do meu pai, sentados em um antigo altar, ao lado de um muro com uma longa e fina janela em arco, chamada de uma janela ‘olho da agulha’. Eu ainda comia quando minha mãe pulou em pé e se espremeu pela abertura. Pude vê-la do outro lado, parada em um mausoléu, à sombra de uma resplandecente cerejeira rosa, com as mãos nos quadris. “Consegui!”, ela riu. “Ainda vou para o paraíso.” Minha mãe e sua prima costumavam realizar tal proeza facilmente na adolescência. Meu pai levantou-se para o desafio e tentou se espremer, mas ficou preso. Ele perseverou em sua tentativa, puxando sua barriga, e conseguiu passar. Minha mãe pegou sua mão para segurá-lo quando ele pulou no mausoléu ao lado dela: um simples gesto capturando o amor e o apoio que eles têm um pelo outro. A agilidade dos dois

disfarça suas idades avançadas. Espremi-me pelo local para me juntar a eles. “Eu também”, sorri para eles, enquanto me recebiam com um abraço. “Eu também vou para o paraíso.”

Pouco tempo depois, fechamos nossas mochilas e passamos sob um arco de pedra, decorado de formas florais gravadas na rocha. À minha direita, tinha outra pedra gravada com uma grande cruz com espirais nas bordas. Tracei meus dedos ao longo dos sulcos arredondados da cruz e me conectei com os milhares de peregrinos que passaram por aqui antes de mim. Saímos da sombra fria da ruína e entramos no sol da tarde.

À minha frente no cemitério da igreja vi uma alta pedra celta de Ogham, uma laje de pedra pré-cristã vertical, arredondada no topo, com cerca de um metro e meio de altura. Perto do topo havia um pequeno buraco, onde duas pessoas em pé, cada uma de um lado da pedra, conseguem entrelaçar os dedos pelo buraco. De acordo com o costume local, aqueles que o fazem unem suas vidas pela eternidade. Não via uma pedra assim havia dez anos, desde que juntei meus dedos e minha vida ao meu novíssimo noivo Alastair, em Gleann Colm Cille, no noroeste da Irlanda, no dia em que ele me pediu em casamento.

Além da pedra, o Oceano Atlântico se curvava em torno das penínsulas do sul da Irlanda. Deste ângulo, o grande Ilha Blasket (An Fear Marbh), ficava diretamente na minha linha de visão. “O homem morto!”, ofeguei, distinguindo os contornos conhecidos desta ilha de Blasket que leva este nome. Mal sabia eu, quando vinculei meu destino a Alastair, que cinco anos depois ele seria como a Ilha Blasket — o homem morto —, deixando a mim e nossos dois filhos pequenos para chorar sua morte. A vista da ilha e da pedra juntas na mesma linha de visão me fez chorar. Grandes e volumosas lágrimas caíram dos meus olhos, meu coração bateu inesperadamente de dor mais uma vez.

Uma lembrança de Alastair me invadiu — a lembrança de nosso primeiro encontro em Londres.

Eu tinha 23 anos na época, tinha acabado de sair da Irlanda para navegar em outros mares. Entrei confiante em seu escritório, procurando emprego. Quando a entrevista terminou, ele escreveu meu nome em uma nota adesiva amarela e prontamente a colou na parede acima de sua mesa. Sorri interiormente quando ele fez isso.

Após dois anos nos casamos e rapidamente nos tornamos pais de Tom e depois de Liam.

Sete anos depois de nos conhecermos Alastair morreu, enquanto estávamos de férias em família. Assim, de repente. Sem despedidas.

Sua morte anunciou o fim da minha vida que até então seguia uma trajetória perfeita. Quando eu era criança costumava jogar jogos simples de videogames em nosso computador VIC-20. Quando jogava, estava interessada apenas em uma pontuação perfeita. Se eu perdesse um ponto, terminava o jogo e começava novamente, aprimorando minhas habilidades até que eu pudesse produzir uma pontuação impecável. Minha vida até a morte súbita de Alastair tinha sido praticamente um jogo de videogame com uma pontuação perfeita. Com sua morte, o jogo inteiro se desfez. Minha reação interna foi terminar o jogo e começar de novo. Mas dois meninos pequenos seguraram firme minhas mãos, puxando-me para continuar. Não consegui terminar e reiniciar o jogo. Não consegui simplesmente começar de novo. Desde então, sigo com minha vida imperfeita da melhor maneira que consigo, profundamente ferida e cansada.

Meus pais perceberam minha angústia e me abraçaram. Entre lágrimas, nós três colocamos nossos dedos através do buraco da pedra, entrelaçando-nos para a eternidade.

Quando nos afastamos da pedra suspirei profundamente. A morte de Alastair estava diante de mim, golpeando o estomago com a lembrança visceral da transitoriedade da vida. No meio das ruínas de Cill Maolchéadair, a morte me deu um tapa no rosto novamente e me encheu de uma sensação avassaladora de vulnerabilidade.

Quando Alastair morreu, ninguém à minha volta, nem igreja, nem pais, nem viúvas mais velhas ou amigos bem-intencionados tinham respostas convincentes a oferecer. A ilusão frágil da vida como segura, previsível e controlável foi despedaçada irrevogavelmente. Enquanto a força brutal da dor diminuiu nesses cinco anos, a consciência visceral da transitoriedade e insegurança da vida material permaneceu ali.

A morte se tornou minha companheira. Às vezes consigo sentir sua respiração na minha nuca, arrepiando-me até o fundo da alma e lançando

uma sombra agourenta nos meus filhos. Perguntas que agitam meu interior, sem respostas e sem soluções, assaltam-me em noites sem dormir e em raros momentos de quietude — morrerei repentinamente também? Meus filhos ficarão órfãos? Eles vão ficar doentes e morrer também? Estou condenada a enfrentar novamente a dor desesperada da perda? Nos últimos cinco anos tentei ignorar estas perguntas e retornar a uma inocência, uma ignorância anterior à morte de meu marido. Ocupei-me desesperadamente. Dediquei-me a honrar a memória de Alastair, mudando-me com nossos dois filhos de Londres para a Ilha de Florianópolis, no Brasil, e montando um projeto em sua memória para crianças com doenças crônicas. Escrevi um livro e o publiquei com o nome de Alastair na capa, realizando outra de suas ambições de vida. Conheci o Tahmid, um namorado de espírito livre, veio uma gravidez de surpresa e dei à luz meu terceiro filho. O tempo todo, a morte me olhava na margem da minha vida, esperando que eu finalmente parasse.

Enquanto eu estava nas ruínas da igreja no início do Caminho de Peabiru, a Morte deslizou para dentro da minha mochila, me acompanhando nesta peregrinação.

CAMINHANDO PELAS MINHAS ORIGENS

Caminhamos com o sol do começo da tarde nos abençoando quando passamos por um campo com um poço sagrado dedicado a São Brandão, seco agora como a feroz espiritualidade celta que abundava nesta península. Passamos por dois *bullanns*, bacias de pedra com cavidades artificiais cravadas neles para reter água para receber bênçãos e curar doenças, ou talvez como um almofariz usado como pilão de pedra para moer sementes ou grãos de cura. Os *bullanns* são abundantes em toda a Irlanda, geralmente perto de locais monásticos, mas muitos são bem mais antigos que o cristianismo. Como a cruz e o poço sagrado, o *bullann* é outro elemento sagrado do paganismo irlandês que o cristianismo se apropriou e integrou. Enquanto eu passava a mão neles, os contornos da bacia de pedra eram frios e aveludados ao toque.

“Foi perto daqui, em Muirioch, que cruzei o caminho com seu pai pela primeira vez”, confidenciou-me minha mãe, rindo, enquanto andávamos. “Minha prima Cait e eu estávamos aqui nas férias escolares de verão para aprender a língua irlandesa. Uma noite ouvimos dizer que alguns universitários estavam aqui por

alguns dias, então penteamos nossos cabelos, vestimos nossas melhores roupas e fomos até a esquina. Lá havia um *seanchai* contando uma história. Estávamos sentadas em um muro baixo, nos posicionamos uma de cada lado do *seanchai* para que os universitários nos percebessem.”

Meu pai estava alguns passos à frente e se virou e riu, caminhando para trás enquanto pegava o fio da história. “Bem, eu me lembro do contador de histórias e talvez de algumas crianças por aí.” Minha mãe tinha dezesseis anos na época, uma atraente ruiva que se sentia tímida em grupos. Meu pai tinha dezenove anos e já havia cursado um ano de Engenharia na universidade. Eu o imagino repleto da confiança natural da juventude. “Notei sua mãe apenas três anos depois”, continuou meu pai. “Eu a impressionei com minha fluência no idioma irlandês em um debate, quando ela começou a universidade.” “O eterno romântico”, replicou minha mãe, rindo alto. “Ele comprou um saco de batatas fritas para mim após o debate e depois me convidou para sair. Eu já ia sair com alguém na quarta-feira seguinte, então ele me convidou para sair na segunda e na terça-feira. Na quarta-feira, o outro sujeito não teve chance.”

De repente, meu pai parou de caminhar e beijou minha mãe dramaticamente — um gesto que testemunhei muitas vezes com vergonha durante minha juventude. Quando começamos a andar novamente, minha mãe acrescentou com uma risada: “Um homem que sabe conseguir o que quer!”. Meu pai riu com ela e eles caminharam de mãos dadas. Como meus pais estão entrelaçados e conectados! Enquanto caminhavam diante de mim, seus passos encontrando o mesmo ritmo, eles se fundiram em um todo indivisível como um complexo nó celta do casamento. Dentro de dois anos eles celebrarão seu quinquagésimo aniversário de casamento, cercado por oito filhos e vinte netos.

Entendi desde a infância que o casamento que dura a vida toda era o meu direito de nascença e percebo mais uma vez com dor que não posso mais imitá-los. O amor e o companheirismo duradouros de meus pais me alegam e me frustram.

Era meio da tarde quando chegamos ao pé do Monte Brandon. Nossas articulações estavam doloridas e os dedos dos pés estavam com bolhas por causa de nossa caminhada de 18 quilômetros, mas, no entanto, começamos a subida pelas colinas verdejadas de ovelhas. Sendo um local de peregrinação católica até hoje, existem as Estações da Cruz ao longo da subida da montanha. Após dez minutos de subida, chegamos à primeira estação. “Só faltam onze agora”, disse

para minha mãe, incentivando-a a continuar. Ela parou abruptamente, apoiou-se sobre seu joelho direito para recuperar o fôlego e olhou para mim com ceticismo. “Bébhinn, não me diga que você não sabe que há catorze estações da cruz, e não doze estações. Sua escola não te ensinou nada?” Eu ri, um pouco envergonhada. Não sei se minhas escolas católicas irlandesas nos anos 1980 e 90 me ensinaram algo sobre religião ou espiritualidade, mas com certeza não aprendi muito. Quando penso em minha educação religiosa na escola, lembro do dia da comunhão organizado pela escola — eu usava um vestido desajeitado da minha prima e ganhei 67 libras —, e no dia da minha crisma minha mãe comprou para mim uma roupa da boutique Brown Thomas e ganhei 86 libras. Devo ter participado de inúmeras aulas de religião ao longo dos anos, mas tudo que lembro é de aprender a usar o reprodutor de vídeo da escola para exibir os doze episódios de *A Vida de Jesus*. Minha única outra lembrança de instrução religiosa na escola era eu chegando atrasada para as orações da manhã, murmuradas sem brilho em irlandês por fileiras de adolescentes em uniformes verde-garrafa. O tempo todo eu estava concentrada em entrar discretamente em uma fila e acalmar minha respiração para que nenhum professor notasse minha chegada tardia. Depois que superei minha frustração adolescente de acordar cedo no domingo de manhã, tomei gosto de ir à missa, no entanto. Gostava do momento de reflexão e silêncio que podia sentir em meio às orações e rituais habituais. Quando saí de casa, aos vinte e poucos anos, parei de frequentar a missa semanal, focada como estava no meu mundo material cotidiano de construção de uma carreira e de uma família. Embora tenha me casado na Igreja Católica e tenha batizado meus dois primeiros filhos, fui confrontada com minha própria hipocrisia após a morte de meu marido. Eu não conseguia mais fazer parte de uma igreja por razões culturais, e não espirituais. Quando comecei a sentir profundamente o fato da minha própria mortalidade, não podia mais fingir ou continuar num caminho inautêntico. Eu não podia deixar a inércia me levar junto com o *status quo*. A espiritualidade se tornou importante, vital pela primeira vez. Eu não conseguia mais simplesmente aceitar crenças herdadas e me tornei consciente, de forma gritante, do vácuo espiritual em minha vida.

Dois anos atrás, no Natal, na igreja com meus pais e filhos, de repente no meio da liturgia percebi que a Igreja Católica me chamava à obediência, em vez de me oferecer ferramentas para despertar o divino interior. Eles me pediram para agir como Jesus, sem me ajudar a despertar a consciência do Cristo interior. Não vou à missa desde então.

As cruzeiras remanescentes contornam a montanha, nivelando a subida, mas aumentando a distância. Cansada, implorei ao meu pai que estava nos liderando: “Não podemos simplesmente subir a montanha em linha vertical em vez de dar voltas assim?”.

“A altitude, o frio e o esforço seriam o nosso fim”, respondeu meu pai com naturalidade, sem diminuir o ritmo. Ele se gabou: “Quando estive aqui aos dezesseis anos ganhei a corrida chegando direto ao topo, subindo em linha vertical, mas hoje em dia tenho menos energia e mais bom senso”. Imaginei meu pai aos dezesseis anos, seu corpo magro e flexível despertando para a masculinidade e as bochechas entre as orelhas salientes coradas com esforço e orgulho por ser o primeiro a chegar ao topo da montanha. Em uma fração de segundos, ele se transformou diante de mim — foi dos dezesseis anos de volta para seu eu septuagenário, a idade atingindo-o na velocidade da luz diante dos meus olhos. Quão rápida a vida passa ante nossos olhos!

Subimos por entre uma névoa enquanto nos aproximávamos cada vez mais do topo da montanha. Minha mãe estava sentindo uma dor aguda nas pernas, mas continuou em frente. Um silêncio caiu sobre nós enquanto nos concentrávamos em chegar ao cume. Tudo que eu conseguia ver era a grama verde aos meus pés e a mochila do meu pai na minha frente. Quando alcançamos a estação final, saímos da neblina e o céu do final da tarde clareava como mágica diante de nós. Dezoito quilômetros de caminhada, seguidos por duas horas sólidas de subida árdua para chegarmos juntos ao topo. Ao recuperar o fôlego, vi a névoa se dissipar abaixo de nós, efêmera e transitória contra as encostas mais constantes da montanha.

MISTÉRIOS ATLÂNTICOS

Naquela noite, após um banho, uma refeição saudável e uma taça de vinho, seguimos até o Riacho de São Brandão, a enseada em forma de L, onde um pequeno porto de concreto foi construído. Dizem que São Brandão lançou seu barco *naombóg*, um barco a remo de madeira e lona deste lugar. A entrada forma um local de lançamento natural para embarcações. É cercado por rochas baixas que se elevam em picos irregulares, onde encontram a abertura para o Atlântico. Mesmo agora existe um *naombóg* tradicional de madeira e lona virado para secar na beira da grama. Estes barcos tradicionais ainda hoje são usados pelos pescadores irlandeses.

Minha mãe e eu caminhamos até a beira do porto de pedra enquanto o sol se põe. Uma faixa de luz vermelha e outra laranja entram na baía, iluminando onde a viagem de São Brandão começou quando ele navegou para o oeste, em direção ao pôr do sol. Imagino São Brandão e seus monges enchendo o barco de suprimentos, devagar, com cuidado, antes de finalmente segurar a cruz no alto e remar para fora da baía protegida do mundo conhecido, passando o limiar de rochas irregulares e entrando no grande desconhecido Oceano Atlântico. O Atlântico deve seu nome a Atlas, o titã astrônomo da mitologia grega, cuja ilha Atlântida foi discutida por Platão. O filósofo afirmou que era um continente com uma civilização avançada que afundou no Oceano Atlântico há doze mil anos, dispersando seus sobreviventes e influência por toda a Europa Ocidental e pelas Américas. Os irlandeses nativos antigos imaginaram o paraíso no oeste, dentro ou além do Oceano Atlântico, e seus contrapartes Guarani no Brasil imaginaram o paraíso no leste dentro ou além do Atlântico. Os dois povos olharam na mesma direção. Esse debate sobre a Atlântida continua, mesmo agora, mais de dois mil anos após o tempo de Platão.

A primeira viagem de São Brandão ao Atlântico, como penitência quaresmal, durou quarenta dias e ele voltou sem sucesso. Conclamando coragem e fé mais uma vez, partiu novamente e essa viagem durou sete anos, enquanto ele e sua tripulação viajavam para terras fantásticas.

A mítica ilha de São Brandão fica ao sul das ilhas açorianas, perto da costa africana, e o diário de viagem do século IX em latim, o *Navigatio*, conta como São Brandão e seus monges desembarcaram lá e celebraram missas. Eles poderiam estar a caminho do Brasil? A ilha apareceu em mapas até o século XVIII, mas nunca foi vista nos tempos modernos. É semelhante a outra ilha mítica chamada Hy-Brasil, que foi representada em mapas oficiais no sudoeste da Irlanda por séculos, antes de literalmente cair do mapa. Será que São Brandão navegou para a América do Sul e caminhou de leste a oeste, compartilhando com os Guarani e outras tribos sua versão celta do cristianismo e o conhecimento irlandês predominante no século VII, como agricultura, escrita Ogham, construção com pedras sem argamassa? Forço meus olhos enquanto contemplo o Atlântico além do Riacho de São Brandão, procurando respostas, mas não vejo nada diante de mim na luz fraca.

Repito a oração de São Brandão, sussurrando na escuridão: *proteja-me Deus; meu barco é tão pequeno e seu mar tão imenso.*



Meus pais na Estrada do Santo, Sul da Irlanda, maio de 2012.



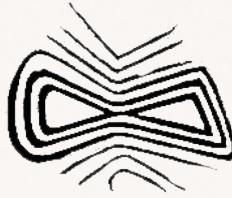
Cill Maolchéadair, Sul da Irlanda, maio de 2012.



Oratório Gallarus, Sul da Irlanda, maio de 2012.



Riacho de São Brandão (de onde diz a lenda que o Santo lançou seu barco para as Américas), Sul da Irlanda, maio de 2012.



SUL



América do Sul, Brasil, Praia do Rosa: começando o Caminho de Peabiru do Leste, maio de 2012.

PINDORAMA: CHEGANDO À COSTA

Uma semana depois de seguir a Estrada do Santo, atravesso o Atlântico. Não sigo a rota fluvial de São Brandão, como Tim Severin fez em 1976 em uma réplica do barco de São Brandão, chegando vivo e bem com sua tripulação em Newfoundland, na costa norte-americana. Severin confiou em suas habilidades, uma tripulação forte e uma porção generosa de “sorte de São Brandão” intuitiva para ter sucesso em seu empreendimento, movendo a viagem de São Brandão para as Américas de forma convincente da categoria de mito para história.

No entanto, opto pela facilidade e velocidade de um avião em minha peregrinação contemporânea. Voo da minha cidade natal de Dublin com meus três filhos, despedindo-me dos campos da Irlanda abaixo de mim, uma colcha de retalhos de tons de verdes distintos. Voamos em direção a Florianópolis, a ilha no sul do Brasil que é o nosso lar agora.

A chegada de avião à Ilha de Florianópolis é de tirar o fôlego. O avião se aproxima do norte e voa ao longo da ilha que tem a forma de uma minhoca, antes de virar e pousar na costa sul. A ilha é uma enxurrada de ondas brancas, longas extensões de praia e colinas verdes aninhadas ao redor de uma lagoa central. O paraíso descoberto por São Brandão foi descrito no seu *Navagatio* como *uma ilha montanhosa densamente arborizada (...): a flora era abundante, as árvores produziam frutos ricos, os rios corriam com água doce e os pássaros cantavam docemente nas árvores*. Esta descrição representa perfeitamente como Florianópolis e a costa leste do Brasil deveriam ter sido antes do início da colonização europeia. Os Guarani viram esta costa leste e suas ilhas como um portal para o paraíso deles, *Yty Marã Ety*, que fica a leste no Atlântico ou além dele. A beleza ainda é abundante aqui, porém em muitos lugares agora sua antiga pureza imaculada é manchada por mega-hotéis lascivos e arranha-céus construídos sem planejamento algum.

Os Guarani chamam esta área de Pindorama, a terra das palmeiras, e a área se espalha em vastidão, ultrapassando as fronteiras legais do Brasil de hoje. Cabral, o explorador português que ‘encontrou’ o Brasil, o chamou de Terra de Vera Cruz, a terra da verdadeira cruz, quando a avistou pela primeira vez em 1500. O nome aludiu sem dúvida às intenções zelosas de espalhar o cristianismo nessas novas terras. Em apenas dez anos, no entanto, esse zelo religioso foi ofuscado por interesses comerciais. O país passou a se chamar Brasil inspirado no pau-

brasil, a valiosa árvore avermelhada que crescia em abundância na Mata Atlântica e foi derrubada e exportada para a Europa por centenas de anos. A partir de uma situação de abundância no momento da colonização, o pau-brasil é hoje uma espécie ameaçada de extinção. O objetivo espiritual da conquista, que forneceu uma justificativa convincente para reivindicar enormes extensões de terra e seus habitantes aqui, foi ofuscado tão rapidamente quanto o nome da terra por objetivos comerciais e exploratórios.

O pau-brasil é chamado de *ibirapiranga* em tupi-Guarani. Eu me pergunto por que então os primeiros colonos chamaram a madeira de pau-brasil. É possível que o país, ou mais precisamente a árvore, pau-brasil, ganhou este nome por causa da ilha paradisíaca fantasma a oeste da Irlanda, Hy-Brasil? Roger Casement, diplomata no Brasil no início do século XX que virou um de nossos mártires irlandeses na revolução de 1916, fez um discurso no Rio de Janeiro, sugerindo essa explicação para o nome Brasil. Cada vez mais, ouço referências a essa origem irlandesa do nome do Brasil aqui no país.

A ilha Hy-Brasil foi registrada nos primeiros mapas por séculos até ser removida e relegada ao status de mito. Segundo o mito, a ilha só podia ser vista por quem tinha olhos para vê-la e apenas uma vez a cada sete anos. Moro no Brasil agora, há exatamente sete anos; três anos com meu marido Alastair no Rio de Janeiro e quatro anos sem ele em Florianópolis. Talvez agora seja a hora de realmente *ver* o Brasil e seus habitantes indígenas.

Enquanto o avião desce, olho pela janela e vejo algo enorme no mar, com a água jorrando em torno dela. Talvez seja uma das baleias francas, que usam essas águas ao longo do litoral catarinense para dar à luz e amamentar seus filhotes. Aponto com entusiasmo para meu filho mais velho, Tom, que espia pela minúscula janela oval do avião. Deixando a janela, ele me encara com sua melhor condescendência, que reserva apenas para mim e seu irmão de seis anos, Liam. “Não, mãe”, diz ele exasperado. “Sequer está se mexendo. É apenas uma pequena ilha. De qualquer forma, ainda não estamos na época das baleias. Você não sabe que elas chegam por volta de agosto, e estamos em maio?”

“Não sou tão boba quanto você pensa”, brinco com ele. “Até o próprio São Brandão confundiu uma baleia com uma ilha. Ele atracou em uma ilha, acendeu uma pequena fogueira e começou a rezar uma missa, quando, de repente, a ilha começou a se mover. É claro que não era uma ilha, mas uma baleia enorme.”

Esta história começa a desarmar a condescendência de Tom, que pergunta: “A baleia o jogou para o mar? Ou o engoliu por inteiro por acender uma fogueira nas suas costas?”. “Não, de forma alguma”, responde. “A baleia se tornou sua protetora e viajou junto com seu barco, afastando monstros marinhos.” “Monstros marinhos!” Tom está visivelmente envolvido no assunto agora. “Havia realmente monstros marinhos?” “Monstros marinhos?”, repete Liam, erguendo os olhos dos quadrinhos que estava lendo, com o rosto preocupado.

“Não há monstros marinhos”, asseguro-lhe. “Apenas faça de conta.” Busco uma história diferente para desviar a atenção deles. “Vocês sabiam que os índios Guarani da ilha, os Carijós, falavam sobre barcos voadores há mais de quinhentos anos?” Liam está interessado nos índios. Meu filho aprende sobre eles na escola no Dia do Índio todos os anos, uma sombra exótica de um passado meio esquecido. “Sério?”, ele suspira. Respondo que sim. “Disseram que os deuses desceram a costa em um tipo de barco voador chamado *apiká*.” Liam grita de alegria: “Um barco voador!”. Ao nos aproximarmos do litoral brasileiro, penso nos Guarani que permaneceram firmes por gerações neste litoral, olhando para o mar em busca de seu paraíso *Yiy Marã Ey*. Quando os europeus aqui chegaram, muitos indígenas foram exportados como escravos. Há relatos de que muitas vezes era fácil convencer os Guarani a entrar nos barcos que seguiam para o leste, para a Europa. As crianças foram dadas de bom grado pelos pais na esperança de serem transportadas para *Yiy Marã Ey*. Mal sabiam que a morte no mar ou uma vida de escravidão os esperava. Em 1912, Curt Nimuendajú, um etnólogo de origem alemã encontrou seis homens indígenas na praia de São Paulo, olhando para o mar. Caminharam centenas de quilômetros ao longo do Caminho de Peabiru, partindo do Paraguai, para chegar ao litoral de São Paulo, e agora aguardavam o último trecho de sua jornada ao paraíso. Curt, que também tinha a função de assistente social, tentou convencê-los a irem para a reserva criada para os índios Guarani no interior, mas os seis homens ignoraram seus esforços. Eles viam *Yiy Marã Ey* como um destino físico e esperaram algum tipo de barco voador, ou *apiká*, para transportá-los até lá. Agora, me pergunto se eles tivessem nos visto chegar neste avião, nesta caixa de metal no céu, teriam nos confundido com deuses, como fizeram com os portugueses quando chegaram em suas imponentes caravelas, quinhentos anos atrás?

Por um momento, esta perspectiva do Guarani do século XVI me inspira

e me ocorre como é milagroso chegar num barco voador dos dias atuais. Se eu começar a pensar sobre o que realmente está acontecendo, parece incrível que eu esteja milhares de metros acima do solo e me movendo a uma velocidade de 800 quilômetros por hora, atravessando o Atlântico em horas, em comparação com o ano que seria necessário no barco a remo de São Brandão. Todo mundo ao meu redor no avião está com os olhos colados nas suas telas, tão despreocupados como se estivessem assistindo a um filme na sala de estar. Mesmo Liam, de seis anos, não se surpreende mais em viajar de avião. Quando comecei a voar na adolescência, pelo menos costumávamos bater palmas toda vez que o avião pousava. Agora, apenas nos sentamos observando o sinal do cinto de segurança, esperando a primeira oportunidade de saltar de nossos assentos, juntar nossas malas e continuar nossa jornada.

Pousamos em Florianópolis com um solavanco e o avião estremece várias vezes antes de nos acomodarmos em um suave movimento que me deixa ciente da grande velocidade com que estamos viajando. À medida que o avião desacelera, começo a aplaudir alto, atraindo olhares curiosos de passageiros próximos e o olhar envergonhado de Tom. Apenas meu filho de dois anos, Eoin, bate palmas comigo, rindo feliz e vivendo comigo meu espanto.

A FLAUTA ANDANTE



LESTE



O início, no Atlântico Sul.

COSTA SAGRADA

O céu que reflete o Oceano Atlântico está numa névoa colorida de azul-escuro e claro e verde pastel com pinceladas de rosa e vermelho, anunciando o nascer do sol. As cores se movem como uma aurora boreal do sul, passando a ilha florestada na baía, fluindo sobre o mar e agora passando a barra para fluir sobre a lagoa. Estamos no meio de uma tela sendo pintada.

As ondas do mar batem apaixonadamente absorvidas em sua própria beleza. Na superfície do mar, um caminho de luz brilhante irradia do sol. Parece o caminho que o profeta Guarani, o Sumé, percorreu para chegar a esta costa sagrada, pisando serenamente sobre o caos das ondas.

A superfície da lagoa ligada ao mar é uma perfeita quietude, prendendo sua respiração. Quatro pontos escuros — pescadores — estão imersos até os tornozelos na lagoa, segurando silenciosamente suas tarrafas, voltadas para o leste em direção ao mar. Nas proximidades, as garças brancas, leves e elegantes, sustentam-se em apenas uma perna e ali esperam.

As luzes noturnas das pequenas hospedagens espalhadas ao redor ainda estão acesas e todos dormem, sem saber do majestoso show que se desenrola ao ar livre. Enquanto caminhamos até a lagoa, os pássaros quero-quero de olhos vermelhos gritam seu som protetor. O canto dos pássaros é abundante, e eles cantam com uma alegria delirante. Bandos de andorinhas se espalham, recuam e se juntam de novo para voar para o norte. A lagoa brilha com o reflexo deles, enquanto gorjeiam acima de nós. Alguns pássaros atrasados batem suas asas furiosamente para alcançá-los, e eu torço por eles com meu olhar.

Estou iniciando a parte leste do Caminho de Peabiru na Barra de Ibiraquera, uma praia paradisíaca no Brasil continental, a 100 quilômetros ao sul da Ilha de Florianópolis. Através da barra, a água doce da lagoa encontra o mar. A lagoa é um berço para a tainha, o peixe de água salgada que nasce em suas águas. A barra está aberta agora, e a lagoa e o mar se misturam, trocando suas águas e cardumes de tainha que estão em época. As rochas ao final desta praia dão início a um trecho de 140 quilômetros de costa e ilhas que estão decoradas com arte rupestre milenar. Este é um lugar iluminado para começar a perna oriental do meu Caminho de Peabiru.

Estou andando neste primeiro trecho com Tahmid, o pai do meu terceiro filho. Nós paramos em um trecho de grama debaixo de uma árvore, ao lado da praia, para saborear o nascer do sol, enquanto preparamos um chimarrão, como fazem os Guarani todas as manhãs. Dizem que o próprio Sumé ensinou o povo Guarani a plantar a erva-mate, ou *caá*, como é chamada na língua Guarani, um estimulante diário sagrado e saudável. A erva-mate é cheia de vitaminas e agentes medicinais. À medida que o mate fica pronto, estou distraída por um beija-flor voando entre as flores vermelhas de hibisco que se abrem lentamente. Depois de alguns minutos, o mate está pronto para beber e Tahmid sorve o primeiro gole, sempre o mais amargo, antes de encher a cuia com água novamente e entregá-la para mim. Tomo o mate através da bomba e me sinto plenamente desperta. Quando a bomba faz o barulho do ronco na cuia, eu a encho novamente com água e passo de volta. Beber chimarrão é uma tradição matinal dos Guarani, a cuia compartilhada na roda de chimarrão ao redor da fogueira da manhã, enquanto eles conversam sobre os sonhos proféticos da noite. Nos últimos quinhentos anos, também se tornou onipresente entre os gaúchos do sul do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, mantendo em grande parte seu senso social. Este ritual Guarani é integrado ao cotidiano dos *juruá*, como os Guarani chamam os não-indígenas, mas muitos de nós *juruá* desconhecemos sua origem.

Tahmid nasceu no sul do Brasil, mas viveu em muitos países, incluindo Índia, Estados Unidos e Inglaterra, e fala um inglês excelente com sotaque charmoso. Passamos do português para o inglês enquanto falamos, sem perceber. Eu o conheci há quatro anos, um mês depois de me mudar da Inglaterra para o sul do Brasil, quando me inscrevi em uma aula de ioga que ele oferece no meu bairro. Eu não tinha espaço para outro marido na época, mas a companhia deste brasileiro de alma livre foi um bálsamo para mim, quando estava começando uma nova vida em um novo país, sem família ou amigos. A gravidez inesperada que se seguiu e o nascimento de nosso filho Eoin nos colocou numa relação mais próxima mas o meu luto por meu marido Alastair ofusca a nossa convivência ainda. Noto sem falar que estamos iniciando este trecho leste do Caminho de Peabiru no dia 27 de maio, quinto aniversário da morte de Alastair.

Minha atitude em relação ao lugar de um parceiro em minha vida também mudou dramaticamente com a morte de Alastair. Vejo que seguí os passos de meus pais, colocando meu parceiro no centro da minha vida. Alastair e eu

costumávamos sussurrar um para o outro com frequência: “Tudo está bem, desde que estejamos juntos.” Sua morte repentina me deixou desprovida de meu centro. Fiquei ali tremendo em um cemitério lotado no sul de Londres, sentindo o peso das mãozinhas de meus filhos agarradas às minhas. No velório, vivenciei a agitação dentro de mim e ao meu redor como se eu fosse muito distante de tudo. Fui confrontada com o fato de que tinha colocado Alastair em um lugar perigoso. Colocar um marido, ou mesmo filhos, no epicentro da minha vida é pesado para eles e instável para mim. É pedir demais que alguém seja a base do meu ser. Só eu mesma é que posso e consigo ser essa base. Meu relacionamento com meu próprio ser, com Deus em mim, é o centro da minha vida. Tornando-me mais enraizada neste centro, espero conseguir amar de maneira menos necessitada e mais completa.

Depois de quinze minutos dividindo o chimarrão entre nós, caminhamos na praia, onde a areia é úmida e compacta. As conchas fazem barulho sob nossos pés.

Atravessamos a barra que junto a lagoa ao mar e caminhamos na direção do sol nascente. Logo chegamos ao nosso primeiro sambaqui no Caminho de Peabiru. Um sambaqui é um imenso monte de conchas de areia e ostras, criado pelos primeiros habitantes deste litoral, o homem de sambaqui, por volta de 7 mil anos atrás. A costa brasileira é pontilhada por esses sambaquis, mais antigos que as pirâmides egípcias e com até 30 metros de altura. Eles eram usados como marcadores de território, pontos de observação e locais de sepultamento, e geralmente continham uma oficina lítica para trabalhar madeira, couro e fibras e afiar pedras. Cerâmica, ferramentas e colares foram encontrados enterrados neles. Os arqueólogos também encontraram pedras delicadamente esculpidas em forma de animais com cerca de 30 centímetros por 20 centímetros, que parecem vir da região andina, que na época era mais avançada tecnologicamente. Esses sambaquis no litoral, com suas pedras esculpidas, são nosso primeiro indicador do uso do Caminho de Peabiru, mostrando a possível interação entre os indígenas desta costa leste e as culturas andinas do oeste. Sambaquis são um tesouro pouco conhecido do Brasil. Aqui na praia de Ibiraquera, a oficina lítica é composta por nove cavidades circulares em forma de tigela com até 30 centímetros de diâmetro, esculpidas nas pedras escuras de diábase. Elas me lembram as pedras *bullam* que encontrei na Estrada do Santo na Irlanda. Esfregamos as palmas das mãos ao longo das superfícies lisas, pedindo uma permissão antiga para seguir o Caminho de Peabiru.

O nosso Caminho de Peabiru abraça a costa brasileira daqui de Ibiraquera até o Rio Itapocu, a pouco mais de 200 quilômetros de distância, no norte do estado de Santa Catarina, com a Ilha de Florianópolis como ponto intermediário. Este litoral é a terra sagrada dos Guarani, a linha tênue entre esse mundo material e o divino. Foi aqui que o profeta Sumé deles chegou, caminhando sobre a água, e a costa é pontilhada não apenas com esses sambaquis, mas também com possíveis lembretes da chegada de Sumé — pegadas nas rochas, imponentes pedras em formato de guardiões olhando para o leste na beira do mar e símbolos antigos gravados nas rochas, um deles até representando um homem com uma auréola. Os Guarani contam que Sumé criou o Caminho de Peabiru ao passar por este litoral. Na Austrália, os aborígenes afirmam que seus ancestrais criaram e percorreram a terra ao longo das linhas de canções, ou *songlines*. Essa antiga trilha costeira em que estamos embarcando no leste do Brasil também me parece uma *songline* indígena.

Não sabemos se podemos caminhar facilmente de praia em praia agora ou se nosso caminho será impedido por penhascos ou barras abertas. Nenhum mapa ou agência de viagens que contatamos ofereceu informações claras, mas estamos caminhando de qualquer maneira, abertos ao que estiver à frente.

MISTÉRIOS COSTEIROS

Estamos andando por dunas cobertas por restinga, plantas que parecem de borracha e flores minúsculas e discretas. Tahmid sugere com uma risada na voz: “Talvez encontremos tesouros hoje”. Continuo em direção à próxima praia e respondo com um sorriso: “De jeito nenhum! Se realmente havia um tesouro enterrado nesta costa, já foi encontrado faz muito tempo”.

Histórias e mitos de tesouros enterrados ao longo desta costa são abundantes por causa dos muitos navios europeus que afundaram aqui. Depois de naufragar nesta costa em 1516, um jovem marinheiro português — Aleixo Garcia — e outros dois marinheiros foram resgatados e recebidos pelos Guarani em sua aldeia costeira. Sete anos após o naufrágio, ele foi o primeiro europeu a percorrer o Caminho de Peabiru. Aleixo realizou a peregrinação na companhia de dois mil Guarani, atravessando o território que nos tempos modernos chamamos de Brasil, Paraguai e Bolívia. Durante a caminhada lutaram com várias tribos, saqueando aldeias enquanto seguiam, antes de lutar com guerreiros Incas em Sucre e perto de Potosí, na Bolívia. Sete anos antes de Francisco Pizarro ter chegado ao Peru pelo

Oceano Pacífico, Aleixo e os Guarani encontraram o império inca na Bolívia e enviaram parte do ouro e prata que acumulavam de volta para esta costa atlântica.

É dito que este tesouro foi colocado em um barco a remo com homens indígenas e europeus que planejavam se juntar a um navio ancorado no mar. O barco a remo nunca chegou ao navio. Virou ao longo do caminho e o tesouro afundou no mar. Há rumores de que os indígenas o recuperaram rapidamente e o enterraram em algum lugar litorâneo. Os pesquisadores sugerem que o ouro e a prata foram encontrados, colocados em um navio e perdidos novamente na costa norte do Brasil. Porém, isso não impediu que, ao longo desses quinhentos anos, caçadores tenham utilizado aqui no sul pás e picaretas e até dinamite na tentativa de recuperar o tesouro, vandalizando vários locais indígenas sagrados durante o processo.

Caminhamos pelas areias macias da praia do Luz, uma baía curvada e intocada, popular entre os surfistas. Alguns deles em roupas de neoprene pretas já estão passando parafina nas suas pranchas à beira-mar. Seguimos uma trilha de areia sobre o penhasco em direção à praia do Rosa. A trilha serpenteia para cima, passando por um trecho de floresta antes de se abrir no topo de uma colina. Aqui no cume temos uma visão perfeita do litoral curvilíneo que vai do Porto de Imbituba, ao sul, até as baías da praia do Rosa, da praia Vermelha e da praia do Ouvidor, ao norte. O pasto no topo da colina está cheio de vacas e bois, que nos olham desconfiados antes de se afastarem lentamente para nos deixar passar. Seguimos o caminho salpicado de esterco de vaca e de rosetas — que machucam os pés — até chegar à próxima praia. Aqui na praia do Rosa encontramos um rancho de pescador, feito de tábuas de madeira com telhas avermelhadas. De maio a julho é a época da tainha, um ponto alto para as comunidades de pescadores, onde os métodos tradicionais de pesca — uma mistura de estratégia dos Guarani e dos portugueses — são ainda usados para pescar milhares de tainhas, tão populares nos restaurantes locais.

Os colonos portugueses das ilhas açorianas foram os primeiros a colonizar esta costa em meados do século XVIII. Seus descendentes são os proprietários desses ranchos de pescadores, e o número de peixes nas capturas de cada ano, até dezenas de milhares por praia, é gravado com orgulho nas vigas de madeira do rancho. Na frente do rancho, um grande barco colorido fica a postos na areia com uma enorme tarrafa e oito remos, tudo pronto para entrar no mar.

Os Guarani e os açorianos conviveram de forma pacífica por algum tempo. Isso é evidente no fato de que muitos locais da costa ainda usam os nomes indígenas como Ibiraquera, Garopaba e Siriú, e do fato de que muitas tradições Guarani se tornaram tradições dos colonos açorianos. Os Guarani ensinaram os colonos açorianos a fazer uma canoa com o tronco de uma única árvore de guarapuvu. A árvore explode em flores amarelas na primavera, colorindo a Mata Atlântica que abraça a costa. Ao utilizar apenas uma única árvore, a canoa é mais flexível e menos propensa a quebrar nas águas implacáveis do Atlântico. Os Guarani também ensinaram os açorianos a tecer a rede de pesca tradicional, a tarrafa. Eles utilizavam um cipó natural da floresta, enquanto que nos dias atuais os pescadores usam um náilon que é mais resistente e que pode ser empregado para fazer redes maiores, para aumentar o tamanho da pesca. Essa troca de saberes mostra como os açorianos foram bem recebidos pelos indígenas. Durante muitos anos, os Guarani desapareceram desta costa, porém os açorianos floresceram aqui. Os descendentes dos açorianos são hoje chamados de ‘nativos’ neste litoral sul do Brasil.

Quando chegamos ao final da praia do Rosa, somos surpreendidos por uma trilha bem organizada sobre as rochas, com setas vermelhas esculpidas em placas de madeira, degraus de pedra cortados na rocha e cestos de lixo feitos à mão. Esses cestos, tecidos com fibras naturais, são outro exemplo da habilidade Guarani transferida para os colonos açorianos.

No topo da falésia que leva à praia do Ouvidor, seguimos por uma trilha florestada por dez minutos, antes de voltar para o mosaico de mar, sol e baía curvada. Esta caminhada é uma respiração, a expansão de uma praia aberta seguida pela contração de uma trilha pela floresta fechada nos topos dos morros entre as praias. Saíndo da floresta, a beleza intocada me faz parar. Inspiro profundamente, protegendo meus olhos da intensidade da luz. Pego minha flauta irlandesa e começo a tocar. Quando a natureza canta para mim, tudo o que posso fazer é cantar de volta, mesmo que meu repertório seja limitado. Quando termino de tocar e a música se dissolve no ar, continuamos por uma trilha aberta. Virando uma esquina, pulo de surpresa ao me deparar com três homens, todos com os peitos nus, queimados pelo sol. Eles olham para o mar em silêncio. Parecem me encarar quando lhes desejo um bom-dia, então passo rapidamente. “Amigáveis!”, comento com Tahmid sarcasticamente, enquanto saímos do alcance dos ouvidos

deles. “Eles são olheiros, vigias”, explica Tahmid, rindo. “A tarefa deles é detectar cardumes de tainhas e depois sinalizar para os pescadores, que estão à espera no rancho abaixo para puxar o barco para dentro do mar e soltar a enorme tarrafa, em um círculo ao redor do cardume, para realizar a primeira pesca da temporada. Eles podem ficar aqui por uma semana ou mais antes de avistar alguma coisa.” “Por que tão hostis?”, questiono, irritada. “Não vou roubar os peixes deles.” Tahmid aponta para a flauta em minha mão e ri. “Noção romântica de tocar sua flauta na natureza, mas poderia realmente afastar os peixes!” Faço uma careta, quase arrependida. Caminhamos para a praia do Ouvidor, onde vejo um grupo de pescadores no rancho atrás do grande barco de guarapuvu estacionado na areia, e eu guardo a flauta na mochila.

No rancho, quinze pescadores estão sentados, jogando cartas e tomando café, rindo e brincando, enquanto esperam que os vigias os chamem à ação. Não há nem sombra de pressa neles. Dois homens sentam-se quietos ao lado, consertando uma tarrafa. O rancho em si é um amontoado de remos e redes, mesas simples de madeira e pequenos troncos de árvores como assentos.

Os pescadores do rancho retribuem nossa saudação cautelosamente com sorrisos de dentes amarelados. “Conheço seu rosto”, diz Tahmid a um pescador grande, de cerca de uns quarenta anos. “Ele é um homem procurado no norte”, retruca um de seus amigos, fazendo todos rirem. “Você não era nosso garçom algumas semanas atrás em um restaurante na praia do Rosa?” O homem estuda o rosto de Tahmid e acena com a cabeça em concordância, quebrando o gelo. Com isso, eles nos recebem no grupo, gesticulando para nos sentarmos em troncos de árvore e nos oferecendo café forte em canecas de latão, que bebemos com gratidão.

Enquanto Tahmid inicia uma conversa com o grupo, viro-me para o homem ao meu lado, que olha silenciosamente para o mar. Ele está com uns setenta anos e tem a constituição curta e atarracada, típica de um pescador açoriano. Sua pele é como couro curtido, áspera e desgastada. Quando ele se vira para mim, seus olhos estão alegres e alertas.

“Você é daqui?”, pergunto. “Nasci e fui criado aqui”, ele sorri para mim. “Nós tínhamos a única casa aqui na praia, logo ali.” O homem aponta para uma fileira de pinheiros invasores logo depois da areia. “A casa foi demolida e

agora moro mais longe da praia com minha esposa.” “Estamos caminhando e conhecendo as praias”, conto, sentindo sua abertura para conversar. “Você tem alguma história sobre esta praia?” Ele acena com a cabeça devagar, pensativo. Em voz baixa, olhando diretamente para mim, o pescador responde: “Esta praia é um lugar assombrado. A praia se acalmou agora, desde que tantas pessoas começaram a vir aqui, mas você nunca me veria pescando à noite aqui. Não, eu não”. “Por que não?”, pergunto, bebendo meu café, curiosa pelo assunto. “Numa noite, eu estava pescando sozinho lá no canto da praia”, ele aponta para as rochas no final da praia à nossa esquerda. “Estava escurecendo e eu já tinha minha tarrafa na água. Atrás de mim, senti que alguém se aproximava e jogava uma tarrafa na água ao lado da minha. Eu podia ouvir o som da rede caindo e ver a ondulação na água. Mas não enxerguei nada mais: nem tarrafa nem ninguém ao meu lado. Os cabelos se arrepiaram no meu pescoço, deixei cair minha tarrafa e corri para salvar a minha vida. É por isso que eu nunca pescaria aqui à noite. Nem por todo o tesouro enterrado do mundo.” “Com o que ele está enchendo sua cabeça?”, grita um dos homens que está jogando cartas. “Você não sabe nada sobre essas coisas”, responde defensivamente o pescador ao meu lado. “Você nunca morou na praia, mas minha família e eu vimos bolas de fogo gigantes surgindo do nada e aterrissando na praia ao nosso lado. Vimos um homem enorme e alto, um homem gigante, atravessando a praia em três passos.” O outro pescador acena sua mão cheia de cartas em nossa direção e ri. O homem ao meu lado fica em silêncio, acostumado talvez de suas histórias serem dispensadas pelos outros, mas convencido de suas próprias experiências. Ele imbui a praia com uma sensação de extraordinário para mim, tornando-se um peregrino

Terminamos a beber o café e devolvemos nossas xícaras com agradecimentos. Aperto a mão do homem do meu lado e o parabênizo pelo enorme barco colorido de guarapuvu na praia diante de nós, que leva seu nome.

Damos adeus aos outros homens e continuamos até o fim da praia, onde um rio vermelho e rico em ferro mancha a areia e desboca no mar. Andamos por um caminho marcado por placas e subimos as falésias costeiras. O dia é quente e seco, cerca de 20 graus — o clima ideal para andar. Caminhamos pelas dunas que levam à praia da Barra, onde encontramos casas chiques de veraneio com fachada de vidro e gramados imaculadamente bem cuidados. Cada residência tem uma placa colada na parede avisando que o imóvel está protegido por uma empresa de segurança privada.

Um pescador comprido e amarelado, com uns cinquenta anos, está carregando uma rede na traseira de uma velha camionete à beira da praia. Paramos e oferecemos ajuda. Juntos, retiram a pesada tarrafa do caminhão e a carregam para o barco de guarapuvu perto do mar. Começamos uma conversa amigável e comentamos sobre nosso passeio pela costa e meu bate-papo com o pescador na praia do Ouvidor. “Ele está certo, ele está certo”, diz o pescador em voz baixa e firme. “Coisas estranhas acontecem nestas praias. Não sei como explicá-las, mas também as testemunhei.” Ele aponta para um monte rochoso circular com cerca de 30 metros quadrados no final da praia da Barra. Este monte separa a praia da Barra da praia vizinha, a da Ferrugem. Em cima do monte há um rancho de pescador, como vimos em outras praias. “Pesco aqui há vinte anos e, às vezes, dormimos ali no rancho, se estamos pescando à noite ou queremos sair cedinho”, comenta o pescador. “Algumas vezes, enquanto dormi lá, ouvi barulhos estranhos por volta das duas ou três da manhã. Primeiro eram sons baixos, mas cada vez mais altos; depois percebemos que coisas estavam sendo jogadas no rancho. Pegamos nossas lanternas e saímos para ver quem era, mas não havia ninguém lá, apenas esses sons estranhos.” “Chamamos aquele monte ali, onde fica o rancho, de Morro do Índio, porque é um antigo cemitério indígena, um sambaqui. É um lugar estranho”, continua o pescador. “É um lugar protegido. Ninguém tem permissão para cavar lá.” “As pessoas tentaram cavar lá?”, pergunto surpresa. “Muitas pessoas vieram aqui em busca de tesouros”, conta o pescador. “Mas qualquer tesouro que existe não é para o homem branco. De qualquer forma, o tesouro foi encontrado há trinta anos e não trouxe nada além de má sorte.” “Quem encontrou o tesouro?”, questiono, minha curiosidade despertada. O pescador se inclina na beira do barco enquanto conta a história toda. “Mané, um velho que morou aqui a vida inteira, estava cortando uma palmeira butiá ali, de onde você chegou, da praia de Ouvidor, quando bateu em algum metal. Em vez de desenterrar, ele contou a um vizinho seu, um homem mais novo, Zé, que desceu para ver o que havia lá. Depois de perceber que era algum tipo de tesouro, Zé comentou com seu vizinho Mané que não era nada, apenas uma panela velha e enferrujada. No meio da noite, Zé foi até a árvore com um amigo, Raul, e desenterrou todo o tesouro. Zé e Raul venderam o tesouro e ficaram muito ricos e compraram muitas terras. Toda essa terra ao longo da praia pertencia a ambos. Mas os dois homens ficaram doentes e morreram. Seus filhos herdaram as terras, mas as terras se mostraram inúteis para qualquer tipo de plantio, e por isso as venderam por nada, por preço de

banana.” “E o Mané, o velho? O que aconteceu com ele”, pergunto. “Ele morreu aqui de velhice. Mané nunca tocou no tesouro, então nada aconteceu a ele. Mas esse tesouro foi amaldiçoado, todos daqui conhecem esta história e conhecem as pessoas envolvidas.” Alguns outros pescadores aparecem na praia, o homem se despede e vai ao encontro deles.

“Vamos dar uma olhada no sambaqui”, sugiro, “Você acha que esse foi o tesouro de Aleixo Garcia, de suas aventuras na Bolívia, ao longo do Caminho de Peabiru, quinhentos anos atrás?”

“Quem sabe, quem sabe”, diz Tahmid, balançando a cabeça e sorrindo.

Quando chegamos ao Morro do Índio, três pessoas estão escutando um homem que aponta para uma grande e escura rocha de diabásio ao pé do monte. Olho para a rocha e vejo que ela possui uma cavidade em forma de uma bacia. É uma oficina lítica. Aproximo-me do grupo, ouvindo a explicação do homem sobre a rocha. Ele conta que essa rocha foi usada pelos povos indígenas para afiar pedras, fazer pratos de barro e para moer sementes e grãos. “Veja como uma grande parte do lado da rocha foi deliberadamente cortada”, ouço-o dizer. “As pessoas vêm e tiram parte dessas rochas e as trituram para fazer chás para evitar doenças. Eu nunca pegaria nada dessas pedras. É um sacrilégio inacreditável.” Sinto frustração a esse ato de vandalismo contra uma rocha sagrada. Sem querer, expresso minha desaprovação em voz alta e o pequeno grupo se vira para mim. Sorrio para eles, um pouco envergonhada por ser pega bisbilhotando. Quando olho para eles mais de perto, percebo que o homem que está explanando é Guarani. Ele é velho, embora seja difícil para eu dizer sua idade, e definitivamente há sangue europeu misturado ao dele, mas, pela maior parte, seus traços são de um Guarani. Embora seja sua terra ancestral, é incomum encontrar Guarani ao longo desta costa, a menos que você esteja perto de uma aldeia indígena ou os veja vendendo artesanato em uma cidade. “Não acredito que alguém quebraria parte da rocha”, afirmo. O ancião Guarani, vestido com roupas modernas e confortáveis, sorri para mim e aponta para as camadas de concha de ostra que são visíveis sobre a vegetação verde que cobre o monte. “Você vê os pedaços de concha ali? Todo o monte está coberto de conchas de ostras e muitos índios foram enterrados aqui. Eles foram enterrados em vasos de cerâmica na altura da cintura e colocados em posição fetal dentro dos vasos, voltados para o leste, para uma nova vida.” Há pessoas passeando em cima do monte, olhando para o mar. “Tudo bem caminhar sobre o monte? Não é

desrespeitoso?”, pergunto. Um dos membros do grupo, uma mulher de cinquenta anos, ri e entrelaça seu braço ao do ancião Guarani. “Não há problema em andar por aqui”, ela responde. O ancião Guarani acrescenta: “Mas é bom fazer uma oração por todos os que estão enterrados aqui e que já passaram por aqui. Esses sambaquis foram construídos por nossos avós, antes que os Guarani chegassem aqui, mas continuamos a respeitar e reverenciar esses lugares, até enterrando nosso povo aqui”. A mulher interpõe “Nossos ancestrais europeus mostraram respeito por esses lugares sagrados removendo camada por camada de conchas de ostras para fazer cal para branquear suas casas e palácios”, acrescenta a mulher com sarcasmo. “Havia milhares desses montes de conchas por todo o litoral e perto de rios e cachoeiras, mas agora tantos foram destruídos ou reduzidos a quase nada.” O ancião Guarani suspira e balança a cabeça. O pequeno grupo começa a se afastar e a mulher puxa o braço do ancião Guarani, levando-o para a praia. “Não existe proteção para este local sagrado?”, questiono, buscando uma pergunta para mantê-los conversando por mais tempo. A mulher responde: “Ah... Eu moro aqui há oito anos e vejo que o lugar está abandonado. Há uma placa logo ali que marca o local como um sambaqui com mais de 7 mil anos de história, mas é tudo. Estamos fazendo campanha com a prefeitura para colocar algum tipo de proteção e um quadro de informações sobre a história também.” “É provável que eles façam isso?”, pergunto. A mulher deixa escapar outro ‘ah!’. “Eu até me ofereci para pagar pelo painel de informações, mas a prefeitura não deu permissão.” Quando eles se afastam, a mulher se vira e completa: “Antes de partir, visite a oficina lítica no lado norte do monte, mas tenha cuidado, é escorregadio.” Eu aceno de volta com gratidão.

Circulamos para o lado norte do monte, como ela sugeriu, e caminhamos cuidadosamente por entre as rochas. “Não acredito que encontramos um Guarani hoje, em nosso primeiro dia de caminhada pela costa!”, exclamo, quase sem fôlego. “Mesmo sem passar por uma aldeia Guarani ou por um lugar onde eles vendem seu artesanato. Que bom sinal!” Tahmid não pode conter seu entusiasmo: “Eu *sabia* que algo mágico aconteceria, eu sabia. É porque nos aventuramos. Não sabíamos ao certo se podíamos encontrar caminhos entre as praias, não planejamos nada demais, só confiávamos que tudo daria certo e foi por isso que decidimos vir. O universo conspirou a nosso favor hoje para mostrar que você está no rumo certo, seguindo o Caminho de Peabiru.”

Uma citação de Goethe vem à mente e recito-a em voz alta: “Seja qual for o seu sonho, comece. Ousadia tem genialidade, poder e magia”.

Naquele momento tropeçamos em uma grande placa plana de diabásio escuro, com cerca de 10 metros quadrados. Por toda a rocha negra vejo cavidades em forma de bacias e numerosos sulcos longos cortados na rocha, onde facas e lanças devem ter sido afiadas. A enorme quantidade de traços antigos na rocha me deixa sem fôlego. Nunca vi nada parecido antes. Estamos diante de um tesouro arqueológico impressionante. Sentamos na beira da rocha e coloco meus dedos nos sulcos longos. Há água nas cavidades e jogo um pouco em mim, me abençoando com a água benta do oceano sagrado dos Guarani. Ao nosso redor, o mar bate com força contra as rochas. Pássaros e insetos zumbem ao nosso redor. Estou em uma orgia da natureza. Imagino as mulheres indígenas sentadas aqui afiando utensílios, preparando alimentos e remédios enquanto seus filhos correm nus por toda parte. Quase consigo ouvir a risada deles, ondulando no tempo para me incluir. Faço parte desta beleza. Faço parte deste mistério. “Este é um dia perfeito do feliz acaso”, rio alto. “Quando eu era nova, minha mãe me buscava na escola, junto com dois irmãos, e em alguns dias especiais nos dizia que era um dia de feliz acaso. Não tinha nada planejado; apenas veríamos aonde o dia nos levaria, seguindo nossa intuição ao longo do caminho. Sempre amei aqueles dias. Eu *amo* dias de feliz acaso.”

Ficamos em silêncio por alguns momentos. “Você pode fazer uma trança no meu cabelo?”, peço para Tahmid em voz baixa. “Ao fazer uma oguatã, uma peregrinação, as mulheres Guarani trançam os cabelos”, conto. “Acho que estou pronta para trançar meus cabelos agora.” Ele se senta atrás de mim e molha meus cabelos com água de uma das bacias rochosas. Sinto os puxões agradáveis em meus cabelos, enquanto olho para o leste na direção do mar. São necessárias duas ou três tentativas para puxar todos os fios perdidos, mas logo meus cabelos caem pelas costas em uma trança apertada, sinalizando que sou uma peregrina no Caminho de Peabiru dos Guarani.

VISLUMBRANDO UM MISTÉRIO ANTIGO

Do final da praia, depois do Morro dos Índios, um penhasco íngreme de rochas nos obriga a desviar da orla e seguir o Caminho do Rei, que nos levará pelas falésias altas até a praia do Silveira. Embora originalmente fosse um caminho usado

pelos povos indígenas, o rei português Dom Pedro II teria usado este acesso a cavalo para explorar esta parte sul do Brasil no século XIX. É um caminho público, mas, mesmo assim, um condomínio fechado foi construído ilegalmente em torno dele, e precisamos pedir ao porteiro para abrir o portão e permitir nossa passagem. Mostramos nossas identidades e subimos o caminho pavimentado que sobe de forma íngreme diante de nós. Andamos em silêncio, ainda imersos no mistério e emoção da manhã. No topo das falésias não há sinalização ou marcadores, e não sabemos para que lado virar. Há uma vaca parada, indiferente, entre duas estradas. “Para onde devemos ir?”, pergunto à vaca por impulso. O rabo do animal oscila decididamente para a direita. A estrada à direita parece levar diretamente ao grande portão de uma casa particular. Apesar disso, sigo a direção dada pela vaca. Pouco antes de chegarmos ao portão, encontramos uma abertura oculta na cerca à nossa direita, que se abre para um caminho na grama, que desce até a estrada que corre paralela à majestosa praia do Silveira.

Descemos para a praia e andamos na beira do mar com uma certa dificuldade devido a uma inclinação forte na areia. Chegamos às falésias rochosas que separam esta da próxima praia, Garopaba. O mar está se lançando delirantemente contra as rochas, seu borrifio explodindo perto de nós na beira do penhasco. Esta é uma área protegida, mas placas de madeira marcam o território de uma casa particular solitária construída no promontório. Talvez um homem local de influência política conseguiu colocar sua casa num local que deveria ser protegido e público. Chegamos à Pedra do Galeão, um afloramento de rochas negras de diabásio que caem no mar. Deixamos nossas mochilas na beira e nos abaixamos sobre as rochas que formam uma escada áspera à medida que vamos descendo. Li que em algum lugar aqui há um tesouro antigo, mas não é fácil encontrá-lo. Não há placas de informação, nenhuma seta amarela do Caminho de Santiago para nos apontar a direção certa. No afloramento de pedras, procuramos o tesouro olhando com atenção e passando nossas mãos sobre as superfícies. Chegamos a uma superfície de rocha alta e plana que se ergue diante de nós, inclinando-se levemente em nossa direção. Suspiro em alegria, meu coração batendo rapidamente. Aí está o tesouro antigo que eu procurava. Gravados nas rochas estão os contornos desgastados de dois círculos concêntricos. Abaixo destes, posso ver a imagem de um homem com os braços erguidos no ar. Poderia ser um Sumé antigo vindo do Oceano Atlântico? Chamo Tahmid, brilhando de emoção. “Olha!”, aponto para ele. “Nosso primeiro

vislumbre do Sumé. Observe estes círculos concêntricos: são semelhantes à espiral encontrada alguns meses atrás, perto da peregrinação da Estrada do São Brandão na Irlanda. Eles também têm a mesma idade, cerca de 4 mil anos.” “O que estes símbolos significam?”, pergunta Tahmid, intrigado. “Estes símbolos são frequentemente associados ao sol aqui e na Irlanda”, respondo. “Sumé era uma figura solar. O mito Guarani conta que, quando ele morreu, seu corpo se transformou em milho, o sagrado *avati* do Guarani, e sua cabeça se expandiu para virar o sol.” “Mas Sumé era muito mais recente, não era?”, questionou Tahmid. “Os Guarani só chegaram à costa por volta de 1000 d.C., o que sugeriria que Sumé, se fosse um homem ou um grupo de homens, apareceu naquela época. Poderia ser um mito muito mais antigo, passado de povo indígena para povo indígena. Dado que os Guarani ainda reverenciam esses símbolos de arte rupestre feitos por tribos indígenas anteriores, inclusive incorporando alguns deles em seus desenhos de cerâmica até os dias atuais, eles poderiam facilmente ter adotado também os mitos anteriores dos povos que criaram esta arte rupestre,” respondo.

As rochas são úmidas, fazendo a superfície preta brilhar à luz do sol e dificultando a identificação dos símbolos gravados nas rochas. Ao passar a mão sobre a rocha, consigo distinguir a figura de duas linhas onduladas, talvez celebrando as ondas do mar que estão batendo sobre nós. Mais abaixo há um excesso de arte rupestre, fileiras de triângulos apontando para baixo e formas de sol com raios fracos emanando do círculo central. “Olha isso!”, exclama Tahmid, surpreso, apontando para um símbolo acima de nós. Aqui há um olho circular cercado por triângulos, apontando nas quatro direções cardeais, como uma bússola antiga nos orientando. “Incrível!”, aceno para ele.

Sentamos na pedra. Na beira do mar e rodeados de arte rupestre, pego minha flauta. O som metálico se mistura com o bater das ondas contra as rochas, criando uma cacofonia.

Do promontório ao final da praia de Ibiraquera, onde começamos a caminhada, até a Ilha de Porto Belo, a 140 quilômetros de distância, tem arte rupestre, onde as rochas foram esculpidas com uma variedade de círculos concêntricos, formas geométricas, cruzes e figuras simples de pessoas. Essas rochas estão principalmente em lugares de difícil acesso, bem na beira do mar, apontadas para o leste, para o Atlântico.

A rocha que os indígenas usaram aqui para criar sua arte é diábasio, como na maioria das áreas ao longo da costa. É uma rocha plana e negra que fica em longas faixas na beira do mar. Diábasio é a mesma rocha que os megalitos em Stonehenge e é criada quando fluxos verticais de lava jorram através de fissuras de rochas mais antigas e se deslocam horizontalmente para criar uma faixa de diábasio preta, que é mais mole. A vertical se manifesta na horizontal.

Depois de nos inspirar profundamente, deixamos este museu natural de arterupestre e seguimos adiante. Sem caminhar muito, paramos para nos refrescar brevemente nas deliciosas piscinas naturais, mergulhando nossos corpos na água represada pelas formações rochosas. O mar nasce como geiseres, onde encontra as rochas, pulverizando-nos com cachoeiras temporárias enquanto nos banhamos na curva do penhasco.

Renovados, seguimos em direção ao Ponto da Vigia, onde mais pescadores olham para o mar, esperando os cardumes de tainha. As rochas abaixo de nós criam uma face enorme, chamada localmente “O Índio”, que se projeta da superfície rochosa do penhasco, olhando para o leste, para o mar. Segundo os Guarani, esses guardiões que se projetam das rochas à beira do mar aguardam a chegada do *apiká*, o barco voador que levará aqueles que alcançaram leveza, *aguyje* ao paraíso, a *Yty Marã Ey*.

Agora, caminhando pela estrada, chegamos a uma antiga igreja em estilo açoriano colonial que está em mal estado, com vista para a pequena praça do centro histórico da vila de Garopaba. A igreja foi construída, em meados do século XIX, sobre uma pedra que fazia parte da armação de baleias existente na cidade. Puxo a porta da igreja, mas ela está trancada. A igreja — uma relíquia do catolicismo que os açorianos trouxeram com eles para o novo mundo — está em péssimo estado de conservação, com longas rachaduras visíveis nas paredes, tinta descascada e manchas pretas de mofo. A cruz de pedra no topo da torre está caindo, e dois urubus pretos pousam ao lado dela, zombando.

À beira-mar, os pescadores estão reunidos entre seus barcos, conversando e rindo enquanto aguardam um sinal dos mirantes do Ponto da Vigia. O mar continua respirando pesadamente, despejando sua espuma na areia molhada. Passamos por vários barcos amarrados na baía e por pescadores consertando tarrafas na areia. Ainda há verdade no nome do lugar Garopaba, um nome Guarani que significa *o lugar das canoas*.

No charmoso centro histórico compramos um grande sorvete para recarregar nossas energias e percorremos toda a extensa curvada da praia de Garopaba, antes de subirmos uma parede de pedra para chegar à praia do Siriú.

Siriú é mais uma praia perfeita que se estende diante de nós, ladeada à esquerda por dunas altas cobertas por restinga, que dão lugar a um lago no extremo norte da praia. Há uma abundância de caranguejos na lagoa, que os Guarani chamam de siri, e de onde a praia ganhou seu nome. Agora estamos cansados e a areia está fofa, dificultando nosso caminhar. Passamos por duas tartarugas mortas, que em breve serão devoradas pelos urubus que circulam no alto. Caminhamos pela praia enquanto o sol começa a se pôr sobre as dunas, silenciadas pelo mar que ruga como um avião decolando interminavelmente. O céu inteiro está em chamas com uma luz sobrenatural que destaca uma pequena ilha no mar. Garças e gaivotas são abundantes, fazendo uma dança no ar antes de pular na beira do mar, bicando berbigões e tatuíras na areia. Encontramos três bolachas-do-mar perfeitamente intactas e cuidadosamente as levo para dar de presente aos três filhos. Está anoitecendo quando chegamos à pequena vila de Siriú, que parece estar adormecida.

Encontramos a única pousada aberta, que tem um quarto com varanda com vista para o mar. Após comermos, sentamos juntos silenciosamente na varanda. O pio de uma coruja é tudo o que ousa quebrar o silêncio. A noite está clara e cheia de estrelas. Para os Guarani, a Terra é um reflexo do céu. Olho para as estrelas, ansiosa por decifrar esses códigos indígenas. A faixa nebulosa da Via Láctea, o lar dos deuses Guarani, estende-se acima de nós, guiando-nos pelo Caminho de Peabiru. Os Guarani chamam a Via Láctea de *caminho da anta*, e eu tento imaginar seu corpo gordo e agachado e o nariz alongado em suas brumas. Ao longo do corpo da anta identifico as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, o *keurusu* — ou cruz Guarani — e meu *poipyguá*, meu amuleto protetor no céu.

A ATRAÇÃO DO OCEANO

O céu da manhã está amarelo, coberto por um lampejo de vermelho que se dissolve num rosa pálido. As nuvens cinzas azuladas são desenhadas com espirais vermelhas. De repente, o céu todo se transforma em um rosa forte, quase roxo, e dá fundo a um V de andorinhas levantando voo. Tomamos nosso café da manhã de pão e mate em silêncio, envoltos em nossas jaquetas de lã, observando

o espetacular nascer do sol. Quando começamos a caminhada do dia, o céu está amarelo de novo, depois fica um verde-claro, até virar o azul-claro da luz do dia. Borboletas de todas as cores nos cercam. O som constante e estrondoso do mar está acompanhado pelo zumbido das cigarras e pelo chiado dos pássaros no seu primeiro voo do dia. Temos um começo frustrante quando subimos uma estrada íngreme de concreto para tentar atravessar até a praia da Gamboa, do outro lado dos penhascos. Em vez de marcadores de caminho, encontramos apenas campos cheios de capim alto até os ombros. Em breve, nossas roupas estão molhadas pelo orvalho e estou imaginando cobras a cada passo. Estamos perdidos. Retrocedemos nossos passos e tentamos três trilhas diferentes, antes de encontrar uma entrada quase invisível para uma trilha na floresta. “Esta trilha é tão abandonada e desorganizada”, comento com Tahmid. “Que oportunidade turística desperdiçada para a comunidade local. Não existe nenhuma informação, nenhuma preservação dessa herança indígena.” Suspiro profundamente, frustrada. “Ainda somos um país jovem”, Tahmid me lembra em voz suave. “A maioria das pessoas está mais interessada em sobreviver ou garantir seu futuro do que preservar o passado.” Quando saímos da trilha da floresta, dez minutos depois, e entramos em um campo aberto com vista para as amplas baías da Gamboa e da Guarda do Embaú, fico calma novamente e volto a curtir a caminhada. A trilha termina em um pequeno campo repleto de enormes bois brancos de grandes chifres, que nos olham de forma ameaçadora. Por detrás deles aparece um velho camponês, que nos diz para passarmos por baixo do arame farpado e atravessarmos o recinto a uma distância segura dos bois. Longe dos bois, paramos para conversar com ele, admirando seu forte rebanho. “Eu sabia que vocês estavam descendo a trilha, porque os touros ficaram inquietos há dez minutos. Eles podiam sentir vocês muito antes que eu pudesse ouvir ou vê-los”, afirma seu Pedro. Seu Pedro resmunga: “Os jovens não querem mais cuidar dos rebanhos. Não há mais jovens agricultores. Já não há mais diferença entre um jovem da cidade e um do campo. Todos parecem iguais e falam sobre as mesmas coisas”. “Televisão”, eu suponho. “Essas malditas novelas!” Seu curto monólogo termina e ele cospe um pouco de grama da boca e passa por nós, pegando uma cesta de palha tecida à mão para alimentar os bois. Nós nos despedimos e andamos por uma estrada asfaltada que atravessa a vila até chegar à praia.

A praia da Gamboa está vazia e se estende convidativa diante de nós. Aproximamo-nos da beira do mar e caminhamos na areia mais compacta. Tiro meu calçado para banhar meus pés na água do mar. Enquanto caminho, milhares de minúsculas tatuíras fazem cócegas nos meus pés. O mar é ensurdecedor, um trovão rugindo constantemente ao meu lado, seguido pelo chiado efervescente de espuma na praia. As ondas deixam formas na areia quando se retiram que me lembram os quadrados das tarrafas dos pescadores. Aqui há formas na areia que me lembram um pedaço de renda de bilro que as mulheres açorianas tecem com as suas almofadas redondas e cavilhas de madeira — a natureza e a cultura parecem se espelhar perfeitamente uma na outra.

Subimos pelas rochas até a praia vizinha, Guarda do Embaú, onde encontramos um homem com uma cesta tecida à mão pronto para raspar mexilhões das rochas.

A Guarda do Embaú tem mais de 15 quilômetros de areia macia e suas dunas se estendem sem fim à nossa direita. Os moradores locais dizem que a praia recebe este nome devido aos tesouros escondidos ao longo desta costa ‘guardado em baú’, mas ‘embaú’ soa Guarani para mim. Me para com a palavra U’mbaú dos tupuguaçus, que quer dizer corpo ou flauta andante. Quando deixamos o pescador nas rochas, não há outro sinal de atividade humana em lugar algum, em qualquer direção para uns 15 quilômetros. É assim que a costa deve ter sido há quinhentos anos: um local perfeito e isolado para esconder tesouros. Parte de mim anseia não por tesouros, mas pelas pequenas baías da caminhada de ontem e pelo alívio dos morrinhos florestados entre as praias. No mar, avisto a Ilha do Coral, onde sei que muita arte rupestre adorna sua costa leste.

Depois de andarmos cinco quilômetros, Tahmid para de caminhar de repente, tira a roupa e corre nu para o mar. Olho em volta na praia vazia, tiro a roupa também e me junto a ele nas ondas que se quebram. Gritamos de alegria ao pular cada onda. O mar está selvagem à nossa volta e sinto sua atração sedutora me embalando cada vez mais. De repente a corrente agarra-se fortemente aos meus pés. Não nado muito bem e sinto pânico. Preciso usar toda minha força para voltar para a areia. Quando finalmente alcanço a espuma do mar, estou sem fôlego e totalmente alerta, meu coração batendo forte. a flauta andante

Deixamos o sol nos secar antes de nos vestirmos e continuamos nossa

caminhada desértica, nossos calçados na mão, totalmente silenciosos agora. Enquanto ando, concentro-me na minha respiração. O ar entra pelas minhas narinas e atinge profundamente minha barriga, relaxando todo o meu corpo. Após alguns quilômetros de respiração consciente, parece que o ar entra pelo topo da minha cabeça, o chacra da coroa. Ele desce e respira pelo espaço entre meus olhos, meu chacra do terceiro olho. Parece que a respiração está limpando estes centros de energia. O ar entra novamente no topo da minha cabeça, desce e expira pelo chacra da garganta, afrouxando, aliviando toda a tensão ali existente. Respiração após respiração, descendo cada vez mais, exalando através do meu chacra do coração, depois pelo meu plexo solar no umbigo, depois pelo meu chacra sacral na pélvis e, finalmente, meu chacra raiz na base da coluna vertebral. Então o ar entra no meu chacra da coroa e expira através de todos os meus outros chacras em uma respiração. Sinto uma leveza, um brilho interior sutil. Sinto como se estivesse sendo respirada, ao invés de respirar. Sinto-me igual a uma flauta andante. Em breve podemos ver pontinhos escuros à nossa frente, provavelmente turistas e pescadores. Chegando mais perto, vejo um pescador na beira do Rio Madre com um barco pronto para transportar pessoas até a colorida vila hippie da Guarda do Embaú, um popular destino turístico desde os anos 1970. Após tomar café e comer pão doce numa padaria, Tahmid e eu continuamos em direção ao destino do dia, a praia da Pinheira, ao norte. Subimos uma trilha na floresta, onde alguém colocou uma placa escrita à mão com a mensagem: “Faça uma caminhada consciente”. Sorrio e trago toda a minha atenção para este momento aqui e agora enquanto caminho.

O chão está coberto de folhas mortas e marrons, se decompondo lentamente no solo. Elas fazem um barulho seco quando passo sobre elas. A floresta é densa e pouca luz chega ao chão. Os galhos das árvores se estendem cada vez mais alto para alcançar o sol. O verde-azul de um beija-flor voa no canto do meu olho, mas quando me viro para olhar, ele já se foi. Borboletas tremulam diante de mim enquanto caminho. Uma grande borboleta azul é capturada por um raio de sol que a ilumina à minha direita. Paro e a vejo bater suas grandes asas lentamente, sentindo o peso delas. Estou rodeada pelo zumbido dos insetos e pelo cheiro das plantas úmidas, até chegar a uma clareira de rochas que nos leva até a pequena praia conhecida como Prainha. Os surfistas pontilham o mar à nossa frente, pegando ondas com gritos de alegria audíveis. Novamente seguimos

a areia até as rochas do outro lado e subimos um morro verde em direção à praia da Pinheira. Encontramos um boi enorme que bloqueia nosso caminho e pego um galho no chão para assustá-lo. Indiferente, decididamente entediado, o boi se afasta lentamente e seguimos em frente. Chegamos ao Vale da Utopia e nos deparamos com um trecho de paraíso com colinas verdes salpicadas de flores silvestres amarelas e roxas e bois brancos, que descem diretamente para um mar azul e cristalino. Entrei numa cena alpina do filme *A Noviça Rebelde*, que caiu por algum erro cósmico na beira do mar.

Seguimos a trilha e chegamos à praia sul da Pinheira, onde um grupo de pescadores está sentado do lado de fora do rancho, rindo. Acenamos para eles enquanto passamos, sem tempo para conversar ou procurar a arte rupestre que li que há no promontório. Há uma abundância de beleza e história neste Caminho de Peabiru para desenterrar, tanto tesouro ainda esperando para ser descoberto.

DESÂNIMO NA MATA ATLÂNTICA

Minha amiga Cida e eu nos juntamos a um grupo da associação local do Caminho de Santiago nesta mesma praia da Pinheira para continuar o Caminho de Peabiru. O grupo é liderado por F, um empreendedor local. Nesses anos vivendo no Brasil, Cida e seus dois filhos se tornaram uma família para mim. Nossa amizade é um encontro de almas, soldadas pelas inexplicáveis sincronicidades da vida. Nós duas estávamos grávidas de nossos terceiros filhos quando nos conhecemos. Nossa amizade foi além do superficial quando seu terceiro filho, Miguel, nascido três meses antes do meu terceiro filho, morreu aos cinco dias de estreptococos. Estreptococos é a mesma bactéria aleatória que matou meu marido Alastair anos antes, quando estávamos de férias com nossos dois filhos pequenos. A vivência aguda da transitoriedade da vida entrou como uma bomba no centro da minha vida e da vida da Cida e lutamos juntas agora para seguir em frente. Cida é madrinha do meu terceiro filho, Eoin, e agora compartilhamos nossas vidas diárias como irmãs. Os quarenta membros da Associação do Caminho de Santiago possuem equipamentos de alta tecnologia, com mochilas de marca e garrafas de água feitas de plástico preto. Eles falam alto e jovialmente. Que maravilhoso poder percorrer parte do Caminho de Peabiru com peregrinos do meu amado Caminho de Santiago. O Caminho de Santiago foi um precursor deste Caminho de Peabiru para mim. No Caminho de Santiago eu buscava orientação na vida, procurando

o que fazer, para onde ir, quem amar. Agora, doze anos depois, no Caminho de Peabiru, finalmente estou olhando para dentro. No Caminho de Santiago, eu estava no eixo horizontal da cruz da vida; no Caminho de Peabiru, estou mergulhando no eixo vertical.

Cida e eu somos as únicas do grupo a tirar os calçados e caminhar na espuma do mar, enquanto andamos pela praia que curva até a Ponta do Papagaio e quase toca a ponta sul da Ilha de Florianópolis. Bolachas-do-mar vivas preenchem a praia e eu pego-as na mão, examinando seus tentáculos vermelhos antes de jogá-las com cuidado de volta ao mar. Inúmeras canoas coloridas de guarapuvu estão estacionadas na areia. Pequenos barracos e ranchos de pescadores se amontoam atrás dos barcos, onde a praia dá lugar às verdes dunas cobertas de restinga. Caminhamos sob uma linha de modernas linhas de pesca, apoiadas por suportes na areia. É como uma guarda de honra nos saudando no Caminho de Peabiru e nos desejando *Oguatã Pora*, a saudação Guarani para desejar uma boa peregrinação.

Acompanhamos nosso guia pela praia e pelas dunas, antes de seguir por uma estrada de terra. Cida e eu nos apressamos em calçar os sapatos e correr atrás do grupo. Ao longo da estrada, dezenas de casas se espalham de forma caótica, típico das áreas residenciais pouco regulamentadas da Grande Florianópolis. Um dos integrantes do grupo, um homem de cinquenta anos, caminha comigo e com Cida e nos oferece um pequeno frasco de líquido escuro. “Banana?”, ele pergunta descaradamente. “Para lembrar do seu marido?” Marido é um assunto complicado para Cida e para mim, mas nós rimos com leveza das palavras dele.

Pego o frasco da mão dele. “O que é isso?”, questiono cautelosamente, antes de beber. “Cachaça com banana, a favorita das mulheres”, ele pisca para mim. Tomo um gole e estremeço. Minha garganta parece pegar fogo. Entrego o frasco pequeno a Cida, que bebe rapidamente e o devolve para o homem, que coloca de volta no cinto, onde há mais três frascos amarrados. “O que é isso?”, pergunto, apontando para seu cinto. “Isto, minha amiga, é o cinto da felicidade. Está presente em todas as minhas caminhadas.” Logo se reúne um pequeno grupo em torno de seu cinto da felicidade e ficamos alguns momentos rindo e nos aquecendo internamente com seus pequenos frascos.

Quando começamos a andar novamente, ele pergunta: “Quem bebe mais: irlandeses ou brasileiros?” Eu rio da pergunta. “Acho que dá empate”, sorrio para

ele com uma piscadela. “Talvez seja por isso que as duas culturas tenham tanto em comum — uma capacidade inata de celebrar a vida e se distrair da dor da vida bebendo muito álcool.” A cachaça do cinto da felicidade une o grupo bem depressa, e estou grata pela maneira rápida de me enturmar com o grupo.

Ainda estou rindo da conversa quando noto que aqueles à nossa frente pararam de falar. Eles estão na cerca do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Estou animada pela oportunidade de caminhar pelo parque, com a chance de ver alguns dos animais silvestres, como tamanduás e gambás, que são abundantes na reserva, bem como a famosa vegetação de bromélias e uma grande variedade de árvores nativas. Diante de nós agora, porém, vejo só um terreno baldio carbonizado. Até onde os olhos alcançam, tocos marrons de bromélias queimadas ardem na terra negra, milhares de tocos de árvores cinzas enchem a paisagem queimada. “Um incêndio?”, questiono, consternada, sentindo um nó na garganta. Não há nenhum movimento ao nosso redor para sugerir que algum animal esteja vivo nos remanescentes deste inferno. O ar está pesado com o silêncio desolado de um cemitério abandonado, ainda em chamas.

Existem vários caminhos, sulcos no chão onde a grama sobreviveu. Nós escolhemos um deles e andamos em fila indiana, silenciosos entre os escombros deste parque nacional. As únicas árvores que parecem ter sobrevivido são os pinheiros, uma espécie invasora aqui importada da Europa que ameaça a sustentabilidade da vegetação local. “É a resina”, explica Cida em voz baixa. “A resina do pinheiro é menos inflamável que a das árvores nativas. É por isso que sobreviveu.” Em um mar de cinzas nativas, o pinheiro invasor e estrangeiro sobrevive. Sinto-me enojada enquanto caminhamos.

Fico aliviada quando chegamos ao centro de visitantes e posso escapar do cheiro de queimado e destruição. No centro, vemos fotos de animais nativos, gatos selvagens e pumas que vivem na reserva; os tamanduás em grande quantidade, gambás, tatus, criaturas sagradas para os Guarani. Somos convidados a entrar num auditório e participar de uma breve apresentação sobre a reserva. O grupo se senta nas cadeiras brancas escolares, alguns dos membros riem enquanto lutam para se encaixar nelas. O jovem apresentador começa mostrando um mapa do Brasil, delineando em verde as áreas de Mata Atlântica do país. Todo o litoral está verde, assim como o interior de alguns estados, principalmente a região sul. “Isso não está certo”, diz um caminhante, confuso. “Sou do estado do Paraná,

ao norte daqui, e há plantações intermináveis de soja e outras culturas, não Mata Atlântica.” O jovem concorda. “Este mapa mostra onde a Mata Atlântica original *costumava estar no Brasil*, mas 90% já foram destruídos. Agora temos apenas de 7% a 12% da Mata Atlântica original.” Ele mostra um novo *slide* com um mapa fracamente pontilhado de verde. “Em nosso estado de Santa Catarina, uma faixa de Mata Atlântica permanece porque fica nas encostas das montanhas, que chegam a 1.200 metros acima do nível do mar. É difícil construir ou plantar nessas montanhas, então o avanço do chamado progresso foi interrompido aqui. A Mata Atlântica foi designada área de proteção pela Unesco. Apesar disso, no último ano, várias regiões foram removidas da área de proteção do parque devido à pressão dos empreendedores locais que querem construir mais no espaço. Já foram aprovados planos de desenvolvimento local para este litoral que violam diretamente as normas de proteção da Mata Atlântica e dos pântanos, que são tão ricos em biodiversidade.” “O que aconteceu com a parte da floresta pela qual atravessamos?”, pergunta Cida, perplexa. O jovem apresentador mostra um mapa da reserva e circula uma área considerável ao sul. “Toda a vegetação que você vê aqui em verde-escuro foi queimada”, conta ele, com voz tensa. “Nas últimas duas semanas houve incêndios que dizimaram a vegetação e os habitats nesta área.” O próximo *slide* é a imagem de um tamanduá correndo para escapar de um incêndio ardente. Chamas de 5 metros de altura se estendem atrás dele, provocando suspiros agudos de todo o grupo.

“Esses incêndios foram criminosos. Embora seja difícil saber quem realmente os iniciou, sabemos que foram atos criminosos e intencionais. Enquanto combatíamos o fogo em uma direção, de repente um outro incêndio começava em outra direção completamente diferente. Provavelmente alguém de moto. A vegetação do pântano era seca e combustível por causa da falta de chuva devido ao efeito La Niña nos últimos meses. Por isso queimou facilmente como se fosse graveto”, informou-nos o apresentador.

“Quem começaria um incêndio em um lugar tão bonito?”, digo incrédula.

“Vamos apenas dizer que os interesses comerciais veem a proteção ambiental como um bloco desnecessário para o progresso”, diz ele, a testa franzida. “Um município local aprovou um plano para a população crescer de 6 mil para 80 mil nos próximos dez anos e outros estão avançando rapidamente com planos de desenvolvimento igualmente agressivos. Esta área que foi queimada é extremamente

atraente para investidores imobiliários. O que eles não entendem ou se preocupam é que esta área não é apenas de grande importância para a biodiversidade e a flora e fauna da reserva, mas também é de interesse histórico. Vocês notaram os sulcos na terra enquanto caminhavam? Vocês andaram por um deles?” Todo o grupo afirma em uníssono. O apresentador aponta novamente para o mapa, para uma parte plana na base das montanhas, onde são visíveis muitos sulcos em forma de semicírculo na terra. Eles se parecem com semicírculos concêntricos.

“Esses sulcos são um fenômeno extremamente raro e interessante. Marcam onde a costa do mar esteve em diferentes momentos ao longo dos últimos 4 mil anos. Enquanto vocês caminhavam aqui hoje, andaram por 4 mil anos de história. É por isso que o sambaqui aqui, ou cemitério indígena, fica tão longe do mar, perto da rodovia BR-101. O sambaqui costumava estar à beira-mar, mas o litoral se moveu consideravelmente ao longo do tempo. Esses sulcos estão sendo estudadas por muitas universidades para entender o movimento do mar nesse período. Elas são um tesouro geológico.”

“A polícia descobriu quem provocou o incêndio? Foram realizadas prisões?”, pergunta um peregrino indignado.

“Não”, responde o jovem apresentador com indignação, balançando a cabeça. “Nem é provável que isso vá acontecer. Para completar, se esta área for tirada do parque e disponibilizada para construções residenciais por causa dos incêndios, será um espaço ambientalmente instável para as pessoas viverem. Esta área está sujeita a inundações e pode virar uma região de desastres naturais no futuro, como está ocorrendo cada vez mais no norte do estado catarinense.”

Há um silêncio entre o grupo. Todos nós vimos as imagens angustiantes de inundações que mataram muitos e deixaram milhares de desabrigados no litoral norte de Santa Catarina em 2011. Quando a apresentação termina, o grupo se dispersa com murmúrios de indignação. Eu já tinha uma ideia da destruição da Mata Atlântica e vi em primeira mão a expansão caótica e descontrolada da Grande Florianópolis, mas caminhar durante uma hora por uma reserva natural deliberadamente queimada torna esta situação visceralmente real e ainda mais repugnante para mim. Sinto náuseas quando saímos do parque.

PRIMEIROS ENCONTROS

Passamos por baixo da BR-101 e caminhamos por uma larga estrada de terra, o que nos afasta do ar opressivo do parque queimado. Adentramos uma paisagem bem rural. Enormes bois brancos pastam solitários em campos intermináveis, pontilhados de flores amarelas, e o ar está perfumado agora pelo doce aroma dos lírios. A cada passo, o som de um rio substitui mais o som dos veículos na rodovia. As árvores estão carregadas de frutas, e goiabas rosas e brancas caídas cobrem a estrada diante de nós. Cida e eu pegamos as que estão em boas condições e as comemos. Passamos por casas precárias, algumas são antigos engenhos sendo reformados e outras são casas de madeira, construídas no alto por causa do aumento dos níveis de água no inverno nesta terra pantanosa. À nossa frente, o grupo para abruptamente diante de uma pilha de escombros junto a uma escavadeira JCB estacionada. Ao lado dos escombros, há uma pequena e simples sala de aula. F, o líder da caminhada, chama alguém de uma casa ao lado da sala de aula. Cida e eu corremos para ficar ao lado dele. Um homem Guarani, por volta dos cinquenta anos, sai do imóvel e se aproxima. De bermuda e camiseta, ele nos alcança e aperta a mão de alguns de nós. Esta é a primeira aldeia Guarani que já visitei, e estou feliz que nosso guia F esteja aqui para nos apresentar. A maioria da informação que tenho sobre os Guarani vem do filme famoso ‘A Missão’ com Jeremy Irons, sobre a redução dos Guarani no século XVII, que deixou uma impressão forte na consciência do meu Eu europeu de 11 anos. Agora, sinto timidez em parar, sem ser convidada, em uma aldeia Guarani, sem saber quão bem-vinda eu seria. Li que a palavra Guarani significa guerreiro, e não tenho ideia se esses guerreiros são pacíficos agora ou não.

F. apresenta o homem Guarani ao grupo. “Este é M., o cacique ou líder de Pirubá, a comunidade indígena de Massiambu.” M. acena com a cabeça em direção à turma, sem dizer uma palavra. F. continua, falando para nós peregrinos. “Aleixo Garcia, o primeiro europeu a seguir o Caminho de Peabiru, provavelmente ficou com a comunidade Guarani nesta área tradicional de Massiambu, que agora foi reassentada por seus descendentes.” Busco no rosto de M. alguma confirmação desta informação, mas ele permanece em silêncio, cabeça abaixada. Quando o português Cabral chegou no Brasil em 1500, havia cerca de 2 milhões de Guarani vivendo ao longo da costa e no interior, nesta região sul e no sudeste. Agora existem pouco mais de 50 mil Guarani no Brasil. Depois de receber a hospitalidade

dos Guarani e aprender com eles como sobreviver e prosperar usando materiais locais, os europeus gradualmente se apossaram deste litoral valioso, empurrando os Guarani que moravam aqui cada vez mais para o interior, em direção ao Paraguai e Bolívia. Somente nos últimos setenta anos os Guarani começaram a voltar para suas terras ancestrais no litoral, e sua reivindicação sobre a terra ainda é controversa e muito disputada.

“Você está construindo?”, pergunta F. para M., apontando para a escavadeira JCB. “O governo está construindo novas casas”, responde M. em voz baixa, quase inaudível, incompatível com o tamanho enorme de seu corpo. Ficamos ali sem jeito por um momento, sem saber o que dizer ou fazer. M. continua olhando para o chão, sem dizer nada. *Jurná*, ou não-indígenas, são encontrados tradicionalmente na periferia da aldeia, como foi feito quinhentos anos atrás. Os primeiros colonos europeus se maravilharam com os Guarani trazendo-lhes comida, interpretando o gesto como sinal da alta estima que os indígenas os tinham. Mal sabiam que era uma tática usada para manter os *jurná* longe da santidade da aldeia.

F. continua puxando conversa com dificuldade. “Quantas famílias vivem na comunidade agora?”, pergunta. M. não olha para cima, mas responde devagar: “Treze famílias”. Ele não elabora, então F. faz outra pergunta: “O que *pirarípa* quer dizer em português?”. “Escama de peixe”, responde M. em voz monótona.

Sem saber o que mais perguntar, nos despedimos do cacique, afastando-nos da conversa constrangedora e monossilábica. Esta é a primeira comunidade indígena que encontro no Caminho de Peabiru e sinto um oceano de distância entre mim e eles. Do filme ‘A Missão’ e durante minha pesquisa em livros nos últimos meses sobre a cultura e a espiritualidade Guarani, tive um sentimento de solidariedade e calor em relação a eles, romantizando-os de alguma forma. Embora eu soubesse que os Guarani não moram mais em casas de barro e palha, nem se vestem de maneira que os distinga de outros brasileiros, li que eles continuam em grande parte na margem da sociedade e mantêm certos elementos de sua cultura. Enquanto me afasto da aldeia em silêncio, admito para mim mesma que esperava um convite para me juntar a eles em torno de sua fogueira comunitária e uma chance de ouvir sua própria versão da história do pioneiro europeu do Caminho de Peabiru, Aleixo García. Imagino Aleixo caminhando diante de mim agora, suas costas largas e nuas, queimadas agora depois de sete anos vivendo sob o sol da América do Sul com os Guarani em sua aldeia aqui. Que alívio deve ter sido para

este marinheiro naufragado, que havia perdido seu mundo inteiro, ser acolhido pelos Guarani. Imagino-o com cabelos longos caindo nas costas, com tatuagens Guarani — desenhos feitos na cor azul-escura da semente de jenipapo. Agora imagino que ele se vira para mim e vejo seu lábio inferior perfurado com um *tembetá*, uma longa faixa de metal que me diz que ele foi iniciado como homem Guarani. Seus olhos brilham, carismáticos. Quase ouço suas palavras na brisa suave: “Eles só me falaram do Candir no ocidente, a origem do seu ouro e da sua prata depois de eu ter provado o meu valor, plantando e caçando com eles durante sete anos e casando com uma mulher Guarani, que deu à luz um filho meu”. Ele parece sussurrar para mim através dos tempos — “e isso foi antes de nós europeus termos passado quinhentos anos tentando aniquilá-los. Seja paciente, *jurúá*. Entre devagar e respeitosa no tempo e na sabedoria Guarani”.

Durante sete anos vivendo no Brasil, notei que a maioria das pessoas locais era tão cega quanto eu em relação aos Guarani. Aqueles que me falaram deles em geral os descartaram como uma raça perdida. “Eles vivem de comida gratuita e de um salário do governo e vivem na imundície”, ouvi repetidas vezes. “Tornaram-se preguiçosos e perderam os seus velhos costumes. Não plantam alimentos mesmo quando têm terra, e suas escolas e casas estão desmoronando. Andam pelos centros das cidades, procurando uma dose grátis de álcool ou para vender seus artesanatos. Eles negligenciam seus próprios filhos, deixando-os fumar desde muito cedo e deixando-os correr ranhosos e com o cabelo desgrenhado.” Quando perguntei a essas pessoas, todos admitiram que nunca visitaram pessoalmente uma aldeia indígena. Depois de passar alguns anos no Brasil e conhecendo melhor as pessoas, algumas admitiram ter sangue indígena. Em geral, foi admitido e não comemorado. Muitos, se não a maioria dos brasileiros, mesmo nesses enclaves fortemente europeus do sul do Brasil, têm algum sangue indígena. As índias eram tomadas principalmente pela força, às vezes até caçadas pelos gaúchos do Brasil colonial. Os brasileiros, aqui no sul em geral, parecem hesitar em discutir suas linhagens indígenas, e a maior parte não as conhece e parece não ter muito interesse. Enquanto isso, todos nós aqui no Brasil, na maioria das vezes sem perceber, usamos palavras Guarani, comemos comida tradicional Guarani e pisamos nas plantas medicinais Guarani e nos locais sagrados indígenas. Depois deste primeiro encontro com o cacique em Massiambu, sinto-me consciente do abismo de ignorância que me separa dos Guarani.

À medida que avançamos pela estrada de terra para chegar de novo à BR101, um dos peregrinos interrompe minhas reflexões internas. “A única vez que houve uma verdadeira parceria entre os Guarani e os europeus foi nas missões jesuíticas”, confidencia.

Aceno com a cabeça para ele com interesse. “Vi o filme famoso ‘A Missão’ quando tinha 11 anos e me chamou para vir para América do Sul. Espero visitar as Missões no sul como parte da minha peregrinação”, lhe informo.

“As missões jesuíticas foram uma grande conquista da humanidade, uma forma de comunismo católico”, continua o peregrino com muito orgulho. “Elas se espalharam pelo sul do Brasil, pela Argentina, Uruguai e Paraguai, e até pela Bolívia. A comida era distribuída de maneira justa e as missões davam acesso universal à escola, igreja e assistência médica.” Eu o escuto, sem questionar sua interpretação. Percebo que ainda sei muito pouco sobre os Guarani.

Sáimos da estrada de terra e chegamos à beira da BR-101, no topo do Morro dos Cavalos. O tráfego intenso pela rodovia quase me derruba. Caminhões passam em alta velocidade, balançando perigosamente. O cheiro de peixe podre penetra o ar. No dia anterior, um caminhão que transportava uma carga de peixe fresco tombou nesta passagem íngreme da montanha, espalhando centenas deles ao longo da estrada. O caminhão foi removido, mas o fedor fica como testemunha do acidente.

A três metros da beira desta parte da rodovia, inundados pelo fedor, as crianças Guarani jogam futebol descalças e assistem às aulas em seu prédio escolar dilapidado. Respiram o ar pútrido do monóxido de carbono enquanto seus risos são abafados pelo barulho dos veículos. Itaty é o nome desta segunda vila Guarani no Caminho de Peabiru. Itaty significa pedra branca. Quinhentos anos de pedras brancas empurraram e encurralaram os Guarani até que tudo o que resta para eles é agarrar-se na beira da rodovia, no Morro dos Cavalos. A terra ancestral desta aldeia foi lentamente recuperada pelos Guarani entre 1930 e 1950, por uma família guiada por sua avó ao longo do Caminho de Peabiru em busca de *Yyy Marã Eyy*, o paraíso Guarani.

Atravessamos a BR-101 pela passarela e entramos na escola indígena, que está cheia de Guarani de todas as idades. A Associação do Caminho de Santiago deixou comida na aldeia no início do dia para a gente comer juntos. Tem um

lanche generoso nos esperando na mesa no pátio da escola. As mulheres e crianças Guarani já estão à mesa, ignorando os *jurúá* ao seu redor e se concentrando apenas em passar manteiga em fatias de pão branco e beber o café oferecido em copos plásticos. Os homens Guarani ficam na periferia, apoiando-se nos muros do pátio e observando com cautela os *jurúá* recém-chegados. Todos os homens vestem jeans e camiseta e as mulheres mais velhas passam silenciosamente em longas saias. As crianças estão descalças e com os rostos sujos. Elas brincam com um cachorrinho vira-lata enquanto comem, passando o cão entre eles, rindo. Sorrio para eles e me sirvo de pão e café também. Sinto uma alegria forte de estar comendo com os Guarani, aqui na escola deles, na entrada de sua aldeia. Aproximo-me das crianças e faço perguntas sobre o cachorro, mas elas se esquivam de mim, voltando ao grupo, rindo histericamente.

Cida e eu conhecemos E., a jovem mulher cacique ou líder da aldeia. Agradecemos a ela por nos receber e a parabenizamos por ser cacique de sua comunidade. Cacique mulher ainda é incomum entre os Guarani, como na maioria das sociedades atuais. “Fui inspirada por Dilma”, ela brinca em voz baixa, se referindo à presidente atual do Brasil. E. fala português fluentemente, virou professora da aldeia aos 24 anos e agora estuda na universidade federal de Florianópolis no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e já completou o Magistério Bilingüe. Ela conta que sua primeira escola quando criança ficava fora da aldeia e que aprendeu a ler e escrever português antes do Guarani. A forma que ela conversa e brinca conosco mostra sua facilidade e abertura em lidar com as *jurúá*. Pergunto se as crianças falam português. “Esses pequeninos falam apenas Guarani”, afirma E., apontando para um grupo de crianças de uns três anos. “Elas aprendem na escola principalmente a língua Guarani nos primeiros anos. As mulheres mais velhas não falam português. Minha mãe e minha avó nunca falaram uma palavra em português. Agora, com a televisão, todas as crianças ouvem português, então aprendem rapidamente.”

“Esta vila está conectada à vila em Massiambu pela qual passamos hoje?”, pergunto.

“Não chamamos de vila”, ela me corrige gentilmente. “Chamamos de *tekoá* um lugar onde estamos, um lugar onde podemos praticar nosso modo de viver, nossa *ñande reko*. Na *tekoá* de Massiambu eles também são Guarani. Estamos conectados a eles, sim. Todos os Guarani se conhecem daqui até os lugares que

vocês chamam de Paraguai e Bolívia, e sabemos onde cada um se encaixa na comunidade. Somos um povo que se muda de *tekoá* para *tekoá*, uma *tapejara*, um povo que caminha. Nasci no extremo oeste do estado, em Chapecó, e vivi na comunidade em Massiambu quando chegamos no litoral, antes de vir morar aqui na aldeia Itaty.”

Ouvindo E. falar com sua voz suave e confiante, sinto uma ponte sendo criada para reduzir a distância que caiu faz pouco tempo entre mim e os Guarani com a conversa desconfortável com o cacique de Massiambu. Olho para E. com muita admiração. Como cacique da *tekoá*, professora indígena, mulher confiante e inteligente, totalmente fluente nas línguas e culturas Guarani e brasileira, E. me dá um vislumbre do Guarani moderno, não acorrentado à minha visão romântica de turista do filme ‘A Missão’, nem ao desprezo pós-colonial que ainda é predominante aqui no sul do Brasil.

Anos mais tarde, reencontro com a E. na *tekoá*. Ela agora usa abertamente com os *jurná* seu nome Guarani Kerexu Yxapyry, que significa gota de orvalho. Depois de ser cacique, ela se envolveu na política como forma de avançar os direitos dos povos indígenas e proteger o meio-ambiente, chegando a ser conhecida nacional e internacionalmente. Ela chegou ao comando da Secretaria de Direitos Territoriais Ambientais indígenas do Ministério Federal dos Povos Indígenas. Enquanto tomamos juntas uma água gelada, ela me conta que desde que assumiu a carreira política, ela virou alvo constante de violência com tentativas de assassinato, ameaças e ataques à *tekoá* e à sua família. Atrás dela, arrumando na cozinha coletiva, está a mãe dela uma mulher baixa, discreta que me oferece a mão para apertar quando a cumprimento. Noto que a manga de sua blusa cai vazia na outra mão. Kerexu me olha com um olhar de coragem forjado no sofrimento profundo. Ela me conta que a mãe perdeu a mão num ataque a facas numa noite que estava voltando para casa na *tekoá*. Os atacantes, ligados aos interesse contra-indígenas, confundiram mãe com filha.

COSTA COLONIAL

Algumas semanas depois, Tahmid e eu seguimos nossa caminhada, começando onde Cida e eu paramos, na entrada da *tekoá* Itaty. Dois adolescentes Guarani estão saindo da *tekoá* quando chegamos para iniciar nossa peregrinação. Eles vestem jeans folgados, camisetas e tênis novos e as pontas dos cabelos estão

pintados de loiro. Ambos fazem parte de uma cultura global da adolescência. Ao pará-los e apertar suas mãos, pergunto-me internamente se esses adolescentes realmente procuram continuar o modo de vida Guarani ou se querem se integrar à sociedade brasileira moderna. Perguntamos para eles se podemos atravessar a *tekoá* indígena para descer até a praia abaixo. Um deles é de outra *tekoá* Guarani, mais para o interior, e afirma que não sabe aonde o caminho que adentra a *tekoá* leva. O outro balança a cabeça no negativo sem falar nada. Despedimo-nos deles e caminhamos ao longo da beira da BR-101, que é um duro despertar num sábado de manhã. Não há acostamento e certamente nenhuma trilha ao longo da rodovia, e o deslocamento de ar dos caminhões passando a mais de 100 quilômetros por hora quase nos derruba. Após 200 metros, a estrada desce misericordiosamente em direção à vila da Enseada de Brito. Há moradias em cada lado da estrada pavimentada, mas nos espaços entre as casas vislumbramos o mar agitado, que está cheio de boias plásticas azuis e brancas para o cultivo de ostras e mexilhões. Além das boias, já é visível a extremidade sul da Ilha de Florianópolis. Esta baía é protegida pela península montanhosa do Morro dos Cavalos à direita, o Morro do Cambirela atrás e a Ilha de Florianópolis à frente. As ostras e mexilhões são menos saborosos nesta região porque a vida fácil e protegida na baía os deixa mais gordos do que musculosos. Parece que condições adversas, dificuldade e risco contribuem para uma vida mais saborosa.

Um vento sul sopra pelas ruas residenciais enquanto caminhamos, esfriando nossos corpos. Os arredores não são particularmente interessantes, já que as casas bloqueiam a vista para o mar na maior parte. Daí começamos a conversar. “Que pena que os meninos Guarani não nos deixaram passar pelo centro da *tekoá*”, lamento para Tahmid. “Na última vez, fomos recebidos na escola na beira da *tekoá* e eu realmente gostaria de conhecer o seu interior.”

“Imagino que os Guarani ainda desconfiam muito dos descendentes europeus”, diz Tahmid. “Os povos indígenas até hoje são duramente julgados e maltratados por muitos brasileiros. Alguns ainda são até mortos enquanto protegem suas terras ancestrais.” Tahmid é brasileiro de terceira geração. Seus bisavós chegaram ao Brasil da Itália e da Espanha.

“Mas isso não acontece há centenas de anos”, respondo. “Não, isso ainda acontece e era uma prática regular na história recente”, ele me informa. “Na época do meu bisavô, cerca de cem anos atrás, minha mãe conta a história de um

grupo de colonos que lutou contra os Guarani no sul deste estado. Os indígenas aparentemente estavam roubando milho e feijão de suas plantações e também provisões da cachaça, então um grupo de colonos se reuniu para lidar com eles. Os colonos permitiram que os Guarani roubassem uma grande quantidade de comida e cachaça e depois esperaram enquanto realizavam as celebrações, o *jeroky*. Quando estavam num sono profundo, ajudados sem dúvida pela cachaça que tem um forte efeito sobre eles, os homens entraram na aldeia Guarani e mataram todos que puderam. Quando os colonos retornavam para suas casas, encontraram uma menina indígena e permitiram que ela fugisse. No entanto, ela alertou outra aldeia, que vingou a morte de seu povo, o que levou a outra luta sangrenta.” “Parece o velho oeste dos filmes”, comento com descrença. “Era assim mesmo”, insiste Tahmid. “E não faz muito tempo. Os últimos bugreiros, ou matadores de índios, estavam ativos nas montanhas deste estado apenas cinquenta anos atrás. Até hoje, homens armados, defensores de grandes empresas, ameaçam e matam os Guarani e outros povos indígenas que tentam recuperar suas terras ancestrais. Imagino que seja difícil para os Guarani perdoarem o que aconteceu e a violência que continua até hoje. Eu realmente entendo que eles não nos convidam para entrar no coração de sua aldeia.”

Penso na Irlanda e nos quatrocentos anos que passamos sob o domínio britânico antes de nos tornarmos uma república em 1949. Quão profundamente senti animosidade em relação ao império britânico quando eu era criança na Irlanda, nas décadas de 1970 e 1980, ouvindo as histórias de repressão de nossa língua e cultura; a Fome da Batata, que matou um terço da população irlandesa, enquanto os britânicos ricos exportavam comida de nossos portos; os mártires irlandeses que foram mortos a tiros ou enforcados em 1798 e 1916; e assassinatos — o mais recente pela força armada britânica, como o massacre do Domingo Sangrento na década de 1970. Quando eu era criança, um tipo de raiva e animosidade impessoal em relação aos britânicos havia penetrado em meu sangue. Quando fui trabalhar em Londres, aos vinte e poucos anos, senti insegurança, sem saber se os ingleses iam me discriminar ou não. Já eram famosas as placas nas portas de bares ingleses com os dizeres: “Aqui não entra cachorro nem irlandês”. Quando conheci meu falecido marido Alastair, nascido na Inglaterra, tive que conscientemente superar minha aversão ao sotaque inglês para me abrir para ele. Meus esforços foram tão bem-sucedidos que me apaixonei e me casei com ele, com sotaque, nacionalidade e tudo.

O próprio Alastair não tinha ideia da animosidade tácita que muitos irlandeses sentiam pelos ingleses. No início de nosso namoro, ele foi para a Irlanda pela primeira vez para conhecer minha família. Saindo do aeroporto, ele pegou um táxi e iniciou uma conversa bem-humorado com o motorista. Percebendo o sotaque inglês de Alastair, o taxista perguntou o que ele estava fazendo na Irlanda. Alastair contou que estava indo visitar a família da sua namorada irlandesa pela primeira vez. Quando ele mencionou meu nome irlandês tradicional e disse que eu tinha sete irmãos com nomes irlandeses igualmente tradicionais, o taxista começou a balançar a cabeça. Quando Alastair disse que todos nós fomos educados na língua e cultura irlandesa, o motorista de táxi sugeriu que meu namorado retornasse ao aeroporto pelo risco de Alastair não ser aceito por minha família. Quando ele chegou à minha casa, eu estava esperando-o no jardim da frente. Alastair me deu um abraço rápido e contou, perplexo, tudo o que o taxista havia dito. “Seus pais se importam de eu ser inglês?”, perguntou, claramente ansioso. “Não se preocupe”, tranquilei-o com um sorriso. “Eu disse a todos que você é escocês.”

Alastair foi recebido de braços abertos por minha família. A história de sua primeira visita rapidamente se tornou uma de suas histórias engraçadas, que ele gostava de contar para provocar risadas de amigos e familiares na Irlanda e na Inglaterra. Porém, como muito humor, ele apontava para uma mágoa ainda existente, uma animosidade impessoal que estava latente mesmo cem anos depois de nós sermos tratados como cidadãos de segunda classe na nossa própria terra.

Agora me pergunto até que ponto os Guarani ainda sentem a história de sua luta e os desafios enfrentados. Eles morreram de doenças trazidas por europeus, foram caçados e mortos em suas florestas. Foram massacrados por bugreiros para os europeus tomarem posse de suas terras e construir trilhos de trem ou estradas para explorar sempre mais sua terra sagrada. Foram relutantemente levados a reservas governamentais e até hoje estão envolvidos em uma luta constante para recuperar suas terras ancestrais. Eles suportaram quinhentos anos de esforços coloniais para separá-los e aliená-los de suas terras, seu modo de vida, sua espiritualidade.

Parece-me que a maioria dos brasileiros — como Alastair, o britânico na Irlanda — desconhece totalmente o vulcão da injustiça que é ainda ignorado sob a união superficial e frágil da bandeira brasileira. Quem dá um golpe, esquece; quem recebe o golpe, lembra. Pergunto-me se a situação dos irlandeses ainda fosse de

povo ignorado, desrespeitado no seu próprio país, se eu convidaria uma mulher britânica, fascinada por minha cultura irlandesa, para entrar em minha casa.

A estrada desce em direção a uma igreja católica colonial, com vista para uma praça desleixada, e, além dela, para o mar. Ao redor da praça vejo muitas casas brancas e azuis em estilo colonial com seus telhados baixos e janelas quadradas. As casas estão caindo aos pedaços, agarrando-se à sua cultura açoriana pelas unhas. Em algumas portas, pombas de barro ou de tecido são penduradas, fazendo lembrete da recente celebração tradicional açoriana do Espírito Santo.

Quando o assentamento desta região começou em 1750 por casais açorianos, a Enseada de Brito foi a terceira vila açoriana a ser estabelecida. Em frente à igreja vejo um mosaico representando as caravelas, com cruzeiros pintadas em suas velas, chegando do leste, com o sol nascente como pano de fundo. A imagem das caravelas me lembra as lanternas da escola dos meus filhos, que chamaram minha atenção no ano passado, e reconheço mais uma vez como meus meninos e eu somos a mais recente onda de europeus na colonização do Brasil.

ACORDANDO

Caminhamos à beira-mar agora, mas a faixa de areia é quase inexistente e o vento forte do sul nos açoita. Voltamos às ruas de paralelepípedos das vilas da praia de Fora e Pontal, mas não estou curtindo andar pelas ruas poeirentas destes locais degradados. O único prazer é olhar para o Morro do Cambirela, atrás das vilas. O verde exuberante das montanhas atrai meu olhar.

Tentando me animar, Tahmid aponta para a montanha. “Você vê algo na montanha?”, pergunta. Olho para cima. Observo o topo da montanha e não vejo nada além de picos irregulares de uma cordilheira. “Não vejo nada”, digo, com desdém. “Olhe de novo”, ele me incentiva. Suspiro e observo novamente, acalmando-me. Desta vez tomo o tempo que preciso. Fecho os olhos e respiro profundamente, trazendo minha atenção para o chacra da coroa enquanto inspiro, sentindo a expiração através dos outros seis chacras, um por um.

Alguns minutos se passam antes de eu abrir os olhos e olhar novamente. De repente, o perfil de uma mulher deitada nas montanhas ganha vida diante de mim. Lá está ela, deitada, reclinada, como se estivesse apenas descansando, aproveitando os raios do sol brilhando sobre ela. Meu coração pula. Percebo a curva delicada de

seu nariz arrebitado, a fenda profunda de seus olhos, os lábios levemente salientes, a inclinação de seu peito e as mãos colocadas sobre ele, e a forma como o corpo desce levemente até seus pés. Sinto um aperto no coração, um amor por ela. Eu a reconheço. Esta sou *eu*, descansando ao sol.

A seus pés, uma enxurrada de humanos, parecendo formigas, construiu casas e lojas ao longo de gerações, mas se ela acordasse e se levantasse, acharia tudo feito pelo ser humano em segundos.

Ando com uma nova luz acesa dentro de mim. *Nbandeey*, como os Guarani chamam a mãe terra, acordou em mim. ponta do tomé

Estamos nos aproximando da periferia da expansão urbana da Grande Florianópolis e o ar ao nosso redor já está mudando. Precisamos andar alguns quilômetros pela BR-101 para chegar à Ponta do Tomé, que seria o fim de nossa caminhada de hoje. Só de pensar em andar na beira da rodovia me enche agora de letargia crescente. A Ponta do Tomé recebeu seu nome de Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil no século XVI. O Caminho de Peabiru era usado pelos europeus desde que Aleixo Garcia o seguiu pela primeira vez, em 1524, mas Tomé de Sousa ordenou que a trilha fosse fechada trinta anos depois, em 1553, sob pena de morte para qualquer português pego utilizando-a. Essa trilha sagrada havia se tornado em trinta anos uma rota comercial informal entre os portugueses na costa brasileira e as colônias espanholas no Paraguai e além. Isso permitiu que o contrabando florescesse e fez com que os cofres dos portugueses no Brasil sofressem. Representou também uma possível entrada de ataque pelos espanhóis em terras portuguesas. Os primeiros trezentos anos de colonização no sul do Brasil foram uma batalha contínua pela posse entre Espanha e Portugal. Os primeiros colonos acreditavam que um Tomé, São Tomé, abriu o Caminho de Peabiru, e no início da colonização foi outro Tomé, Tomé de Sousa, que o fechou.

Chegando a faixa de areia que é Ponta do Tomé, pegamos ônibus para casa. Fico aliviada de escapar as precárias condições de caminhar na beira da BR-101 e decido evitar a barulhenta, agitada BR101 no sul da ilha de Florianópolis e retomar o meu Caminho de Peabiru na própria ilha.

SOLSTÍCIO DE INVERNO EM MEIEMBIPE

A ilha onde está localizada Florianópolis, ou Meieimbipe, como foi chamada pelos Carijós Guarani que moravam aqui em 1500, é uma delícia para os peregrinos do Caminho de Peabiru: uma abundância de praias paradisíacas, trilhas sombreadas na floresta e tesouros indígenas. Na mitologia Guarani, *Yiy Marã Ey* — paraíso — é uma ilha, assim como o paraíso que São Brandão descreveu o paraíso que no século VII. Muitas ilhas ao longo do trecho do Caminho de Peabiru em Santa Catarina têm nomes sugestivos, como Ilha do Coral, Ilha do Papagaio, Ilha das Aranhas, Ilha de Porto Belo, Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche, e a maior parte de arte rupestre milenar que caracteriza este litoral sagrado pode ser encontrada em suas costas orientais. Meu terceiro filho nasceu aqui, em Meieimbipe, dois anos atrás. Como é para os Guarani, Meieimbipe também é um lugar especial para nossa família.

O solstício de inverno de junho está se aproximando. Para os Guarani, cujo ano é separado nas duas estações do tempo antigo e do tempo novo, o solstício de inverno é o ponto máximo do *aru ymã*, o tempo antigo.

O solstício será comemorado em Meieimbipe, na Pedra do Frade, uma pedra enorme que lembra um homem ou padre que olha para o leste no mar, em direção ao paraíso Guarani *Yiy Marã Ey*. Esta pedra está alinhada com o nascer do sol no solstício de inverno. Existem cerca de cinquenta Pedras do Frade no Brasil, algumas das quais são chamadas de Ita Sumé pelos povos indígenas, ou Pedra do Sumé. Poderia ser o Sumé do Caminho de Peabiru imortalizado em formações rochosas?

A Pedra do Frade se encontra num ponto leste da ilha que penetra no Atlântico. Esses pontos são chamados de *iparavapy* pelos Guarani — o ponto final da Terra e o começo do destino. Reanima em mim a memória de Finisterra, no extremo oeste da Galícia, na Espanha, onde fiquei depois de finalizar o Caminho de Santiago, aos vinte e poucos anos. Finisterra também significa o fim da Terra. Imagino os peregrinos Guarani, mil anos atrás, parados no fim de sua terra, olhando esperançosamente para o leste, em direção a *Yiy Marã Ey*, enquanto seus contemporâneos europeus estavam em Finisterra, procurando seu paraíso no oeste, além do horizonte. Os dois, na mesma busca, separados pelo abismo do Oceano Atlântico, como agora estamos separados pelo abismo de quinhentos anos de violência e profunda desconfiança.

Às cinco da manhã do dia do solstício, minha amiga Cida e eu nos dirigimos pela névoa no morro da Lagoa para encontrar um grupo que vai caminhar até a Pedra do Frade para assistir ao nascer do sol sobre o Atlântico. Quando começamos nossa trilha, estamos ainda rodeadas por uma profunda escuridão. Retiramos nossos telefones celulares e os usamos como lanternas fracas para nos ajudar a encontrar a trilha pela densa Mata Atlântica. Consigo ler uma placa com a luz do telefone, que me diz que estamos na ‘Trilha de Oração’. Seguimos a trilha, tropeçando de tempos em tempos nas raízes retorcidas ao longo do caminho. Um farfalhar nos arbustos à minha direita faz meu coração bater mais rápido e tenho que exalar profundamente, antes de continuar andando. Imagino cobras e aranhas em todos os cantos escuros, e a luz fraca do telefone faz pouco para dissipar meus medos. Ando devagar, segurando o telefone na frente do meu rosto, que irradia uma luz fina na trilha. Minha mão erguida também protege meu rosto das teias de aranha noturnas que foram construídas no caminho. A subida é íngreme e nossa respiração se torna cada vez mais barulhenta a cada passo. Uma luz de cor rosa suave está rastejando no céu e está ficando cada vez mais fácil ver a trilha à nossa frente. Um galo canta ao longe, seguido pelo eco de uivos de cachorros.

Sáímos da densa floresta no topo do morro e suspiro de alívio e prazer. A exuberante costa nordeste da Ilha de Florianópolis fica intocada aos nossos pés, lambida pelo Atlântico quebrando sobre suas rochas. Na nossa frente, vemos três rochas sobrepostas no topo do morro, criando um dólmen em miniatura, como temos espalhados pela Irlanda. Uma placa de madeira ao lado das pedras nos informa que chegamos à ‘mesa da oração’. Ajoelhamo-nos e fazemos uma silenciosa oração de agradecimento pela caminhada vigorosa. Quando abro os olhos, posso ver agora um pequeno barco de pesca arrastando-se para o mar, outro pássaro madrugador capturando sua minhoca. Nós nos levantamos e seguimos em frente até chegarmos a uma clareira onde há um círculo de pedras que é uma réplica de um relógio de sol Guarani, como vi no penhasco de Garopaba. Não há mais ninguém no topo do morro. Existem apenas alguns megálitos que pontilham a clareira, grandes rochas alinhadas aos solstícios e equinócios, olhando para o leste. Tentamos descobrir qual pedra é a Pedra do Frade para nos posicionar para o nascer do sol. A cor do céu está mudando de preto para azul-escuro à medida que a luz difunde a noite. Acima de nós, as estrelas ainda criam a imagem de um emu com plumagem escura no leste, enquanto devora ovos-estrelas, proclamando o

inverno Guarani. O Cruzeiro do Sul segura firmemente a cabeça do emu, hesitante em entregar os céus ao amanhecer que se aproxima. Enquanto esperamos, Cida prepara um chimarrão e compartilhamos seu calor amargo entre nós para dissipar o frio neste topo do morro matinal. Sentamo-nos em uma plataforma elevada de madeira com uma vista de 360 graus. Ao norte, praias desertas descansam. Atrás de nós, a oeste, a Lagoa da Conceição está começando a acordar, dissipando as névoas que envolvem seu morro. Ao sul, colinas verdejantes aninham-se ao redor de praias arenosas, e ao leste está o oceano sem-fim, um azul-escuro com ondas brancas quebrando nas rochas escondidas. Na plataforma de madeira são registradas a direção e a distância de grandes monumentos astronômicos em todo o mundo. Stonehenge, no Reino Unido, fica a 10 mil quilômetros de onde nos sentamos; a Pirâmide do Sol, no México, fica a 7.500 quilômetros; e, mais adiante no Caminho de Peabiru, Machu Picchu fica a menos de 3 mil quilômetros a oeste.

Olhando para o sul da ilha vejo o ponto de Gravatá, um afloramento costeiro de rochas. Em algum lugar nas rochas há uma antiga gravura, lentamente corroendo. A ponta se curva como um dragão adormecido aninhado na ilha. Não muito longe do mar há uma pedra grande e redonda, chamada de ‘olho do dragão’. Dentro desta pedra há uma fenda, onde uma pessoa adulta pode deitar, protegida do vento. Nesta manhã do solstício, esta fenda está alinhada com o sol nascente, e, ao sair do mar, o sol banha a pessoa deitada na sua fenda com luz.

De repente, uma bola de chama começa a sair do mar no leste. Caímos em um silêncio reverente e observamos o sol subindo cada vez mais alto no céu entre as pedras. Uma destas pedras deve ser a Pedra do Frade, a Pedra do Sumé. De repente, a luz se espalha rapidamente como um cobertor de luz jogado no céu e o show acaba. Tiro minha flauta para homenagear a manhã mágica.

Cida e eu sentamos juntas, imersas na beleza ininterrupta do oceano e do céu. Depois de uma hora, começamos a descer a trilha. O farfalhar nas árvores não representa nenhuma ameaça agora, e rio dos meus medos anteriores. Como uma inundação de luz muda minha perspectiva! Chegamos ao final da trilha. As casas agora estão acordadas, os cães se esticam e nos observam com um olho atento enquanto passamos.

Andamos em direção ao meu carro que está estacionado ao pé do morro. Chegando ao veículo, vemos outro carro se aproximando do local. Reconheço

Maninho no banco do motorista, que é o proprietário do terreno e é quem mantém a trilha da oração a qual acabamos de percorrer. Dou um alô e ele nos convida a entrar no seu pequeno escritório para tomar uma xícara de chá de marcela antes de voltarmos para casa. Concordamos, alegres pelo convite. Enquanto prepara o chá, ele nos conta sobre seu trabalho. Mais de vinte anos antes ele herdou esse pedaço de terra exuberante. A partir de uma série de pesquisas e sonhos proféticos, descobriu que a terra incluía um observatório astrológico indígena alinhado aos solstícios e equinócios. Maninho criou uma associação chamada IMMA para conscientizar a população local sobre os tesouros arqueológicos que sua terra e a ilha possuem. Ele começou a mapear monumentos líticos indígenas e a copiar e analisar a arte rupestre na Ilha de Florianópolis e nas ilhas vizinhas.

Cida e eu andamos pelo escritório e admiramos as pedras côncavas de oficina lítica e a coleção de cabeças de machado. Maninho nos mostra algumas pedras centrais de relógios de sol indígenas e rochas perfuradas por buracos entre seus tesouros. “Guardo estas coisas aqui para sua proteção”, conta ele. “Perdemos muitos tesouros arqueológicos por causa de pessoas que fizeram fogueiras nas cavidades milenares das rochas, ou que arrancam grandes pedras de monumentos líticos para construir muros ou casas de pedra. Tentei entregar estes artefatos à Prefeitura para que fossem exibidos em algum museu público, mas fui de departamento em departamento e ninguém sabia o que fazer com eles. Em vez de deixá-los desaparecer na gaveta de um armário do governo, eu os guardo aqui até que haja algum lugar para exibi-los.”

Admiro os enormes painéis pendurados na parede, com reproduções da arte rupestre do litoral. Sou atraída pelos inúmeros círculos concêntricos que adornam as várias amostras de arte rupestre. “Fiz cópias de toda a arte rupestre ao longo deste litoral de 140 quilômetros, da praia do Rosa, no sul, até Porto Belo, no norte”, conta ele. Maninho mostra um painel enorme de dois metros de comprimento com inúmeros símbolos: “Este é da Ilha do Arvoredo, que é uma reserva natural agora; então você não pode pisar nela. Tive que ir de canoa à noite para fazer esta cópia. São 19 quilômetros de canoa, e não podia molhar os grandes rolos de pano e as tintas que levava”. “Na verdade, tive que ir duas vezes porque, na primeira vez, o painel não era grande o suficiente”, ele ri. “A arte rupestre é muito mais antiga que a presença Guarani aqui no litoral, certo?”, questiono.

“Sim. A arte rupestre é muito, muito mais antiga. Ela existe milhares de anos

antes da chegada dos Guarani”, confirma Maninho.

“Você considera que a arte rupestre significa alguma coisa?”, pergunto. “Você acha que é um mapa ou uma mensagem de algum tipo, ou você imagina que foi apenas um hobby, um passatempo?”

Ele nos oferece uma xícara de chá e aponta para duas cadeiras para nos sentarmos. “O que você acha?”, pergunta ele.

Nos sentamos e refletimos por um momento.

“Não sei, mas talvez seja uma forma dos povos indígenas da época expressarem o que viram ao seu redor; talvez tinham um tipo de consciência diferente, mais onírico, e a beleza ao seu redor os tenha inspirado a criar arte. Li uma vez que os símbolos que eles usavam — triângulos, linhas onduladas, círculos — são aqueles que podemos ver no momento que fechamos os olhos. Talvez os indígenas estavam num ponto de evolução em que estavam acordando para um estado mais consciente, e é assim que o mundo parecia para eles.”

Maninho respira fundo e me olha com um olhar fixo. “Ando estudando a arte rupestre há mais de vinte anos e vou dizer o que penso. Vocês terão que decidir por si próprias, porém.”

Tomo um gole de chá e sento confortavelmente na cadeira para ouvir. “Acho que a arte rupestre e o Caminho de Peabiru também foram criados por uma civilização muito mais antiga e depois usados pelos Guarani e outros grupos indígenas, como os Jê e os Incas. Na minha opinião, esta arte rupestre foi criada por pessoas de Atlântida há cerca de 12 mil anos, quando a Terra estava chegando ao fim de uma era dourada. Essas pessoas tinham um tipo diferente de consciência sim e podiam ler o céu noturno, com suas constelações e planetas, e entendiam a influência dos movimentos celestes na vida na Terra, por meio de energias eletromagnéticas. Todos nós aceitamos que a lua afeta as marés, que é replicada no ciclo menstrual mensal das mulheres, e muitos acreditam que isso afeta nosso humor, tanto que temos a história dos lobisomens na lua cheia.” Cida e eu assentimos com a cabeça.

“Todos os planetas nos afetam, mas não sabemos como. Acredito que o povo de Atlântida, que viveu aqui milhares de anos atrás, como os Maias, os Druidas de Stonehenge, aqueles que construíram as pirâmides egípcias, dentre

outros, sabiam das linhas de energia da Terra e dos planetas e como aproveitá-las para o bem daqueles na Terra. Eles eram um povo global, alinhando esta faixa de litoral sagrado aqui com locais no oeste da América do Sul, como Tiwanaku na Bolívia, Machu Picchu no Peru ou Ilha de Páscoa no Chile. Você sabia que Machu Picchu está alinhado em um ângulo de 296 graus com Florianópolis e fica a 296 quilômetros de distância? No solstício de verão de 21 de dezembro, se você assistir ao nascer do sol sobre Machu Picchu estará olhando diretamente na direção deste lugar aqui em Florianópolis.”

Arregalo meus olhos de surpresa. “Pretendo ver o sol nascer em Machu Picchu no dia 21 de dezembro deste ano como parte da minha peregrinação no Caminho de Peabiru”, afirmo.

Ele acena com a cabeça. “Parece que a civilização antiga possuía esses diferentes pontos de observação em todo o mundo e parecia estar lendo, aproveitando, equilibrando alguma energia eletromagnética ou outro tipo de energia.”

Há um silêncio na sala, enquanto Maninho toma seu chá.

Ainda digerindo o que ele disse, Cida comenta: “Ouvi falar de Reich e seu uso da energia orgone. Sei que as pessoas estão começando a usar tecnologias que aproveitam energia eletromagnética positiva para curar doenças. Para ser sincera, realmente não entendo muito”. “Nem eu”, admito.

“Essas tecnologias foram conhecidas e melhor compreendidas há milhares de anos. Na Europa, você tem templos antigos construídos para aproveitar essas energias em determinados dias do ano. Reich e outros têm redescoberto o conhecimento antigo. A maioria das pessoas pensa que a história do conhecimento tem sido linear, com a humanidade ficando cada vez mais inteligente ao longo do tempo. No entanto, eu discordo.”

“Celebramos o nascimento do meu filho mais novo Eoin em Newgrange, na Irlanda”, digo a ele. “Newgrange é um templo de 5 mil anos e está decorado com arte abstrata, incluindo círculos, espirais e losangos, parecidos com a arte rupestre aqui na ilha. Ao amanhecer, no solstício de inverno, em dezembro, a passagem e a câmara do tempo estão iluminadas pela luz do sol que entra através de um buraco sobre a entrada.”

“Isso é semelhante ao que acontece aqui, no olho do dragão, no ponto de Gravatá, que você pode ver do topo da trilha de oração acima, embora seja consideravelmente menos elaborado aqui do que na Irlanda”, afirma Maninho, balançando a cabeça. “Espero que seu filho tenha a mesma fortuna na vida que os habitantes da antiga civilização de Atlântida. Era uma civilização em que as pessoas viviam até mil anos. Quando as pessoas comentam sobre a fonte da juventude eterna ou sobre o paraíso como uma terra da juventude eterna ou nenhum mal, estão falando sobre essa civilização antiga, essa era dourada. Essa é a memória ancestral que todos compartilhamos.”

Sorrio para ele: “Na Irlanda, falamos sobre *Tír na nÓg*, a terra da eterna juventude, e os Guarani falam de *Yty Marã Ety*, a terra sem mal. Tanto os Guarani quanto os meus antepassados irlandeses o situavam em algum lugar no Atlântico, onde Platão disse que a Atlântida existia. Nem os irlandeses nem os Guarani parecem ter encontrado esse paraíso. Os europeus chegaram em suas caravelas e acharam o Brasil que é belo, sim, mas muito desafiador, e os Guarani entraram nas caravelas e foram levados como escravos para a Europa”.

Maninho toma um gole de chá e assenta com a cabeça.

“Então, o que você acha que aconteceu com Atlântida? Afundou no oceano no dilúvio que sobrevive nos mitos de tantas culturas diferentes até hoje?”, pergunto.

“Bem, para mim, a Ilha de Florianópolis é um pedaço de Atlântida; então parte da Terra deles sobreviveu, mesmo que a raça avançada tenha morrido”, ele começa, fazendo meus olhos se arregalarem.

“Minha hipótese é que a arte rupestre inclui uma mensagem sobre as mutações no DNA do antigo povo de Atlântida, que talvez ocorreram naturalmente ou através do cruzamento com outros tipos de humanoides, ou ainda pelo distanciamento do Divino. Acredito que essas mutações levaram a problemas de fertilidade e à queda da civilização de Atlântida.”

“Existem vinte e seis amostras de arte rupestre ao longo do litoral, da praia do Rosa, no sul, a Porto Belo, no norte. Acredito que esta arte rupestre fornece informações sobre a gênese do homem, semelhante ao conhecimento antigo codificado na Bíblia. Esses círculos concêntricos repetidos podem representar

o Big Bang, a expansão do universo ou células passando por um processo de desenvolvimento ou mutação. Veja estes símbolos da Ilha do Coral.” Maninho aponta para a parede na entrada de seu escritório, pintada com uma grande reprodução de arte rupestre. “A meu ver, este é um resumo da situação do homem. Observe: esta figura do homem tem o conhecimento eterno dentro de si, representado por estas linhas verticais provenientes do peito, mas ele é limitado pelo tempo, representado por este círculo e pelo espaço, representado por este símbolo de gráfico. Ele enfrenta o desafio de ser uma presença eterna num corpo físico mortal.”

Respiro profundamente, enquanto suas palavras ecoam dentro de mim.

Ele continua: “É por isso que a arte rupestre estava escondida em lugares inacessíveis por todo o litoral, para preservá-la. Está voltada para o leste, porque o leste significa conhecimento. Se você quer saber como será o dia, precisa ver o sol nascer. Isso dirá tudo o que você precisa saber sobre o que está por vir naquele dia”.

“Então você acha que os círculos concêntricos são um símbolo do Big Bang?”, repito.

“Eles poderiam ser. Ou eles podem representar uma célula, como eu disse. Outra possibilidade é que eles sejam o símbolo de Atlântida. Você sabia que quando Platão descreveu Atlântida explicou que a cidade foi construída em círculos concêntricos? Essas pessoas tinham um conhecimento que não possuímos mais”, afirma Maninho, pensativo. “Elas sabiam dos ritmos naturais do mundo, o qual se move em épocas, mas esquecemos tudo sobre elas e vivemos fora de sincronia com elas. Não conseguimos ler os sinais do que está por vir.”

“E o que está por vir?”, pergunto, intrigada.

“Estamos entrando novamente em uma nova era dourada, 2 mil anos de luz. Mas esse paraíso é acessível apenas para quem tem olhos para apreciá-lo. O que deveríamos estar nos perguntando é se estamos prontos para receber essa nova era. Estamos prontos para abraçá-la e vivê-la? Temos uma oportunidade incrível agora. É por isso que você está sentindo o chamado para aprofundar sua espiritualidade, para seguir o Caminho de Peabiru. A maioria das pessoas se preocupa em sobreviver, educar seus filhos ou comprar seu segundo carro. Tão

pouca energia é focada em nossa prontidão espiritual para viver no paraíso. De certa forma, já estamos vivendo no paraíso, mas não abrimos os olhos para vê-lo.”

CELEBRAÇÃO CELTA COM O PEQUENO SANTO

Na costa nordeste da Ilha de Florianópolis há uma praia majestosa chamada Santinho que está arredondada em cada extremidade por dois afloramentos rochosos. Nas rochas do norte há um santuário, um lugar onde o espírito é mais palpável. O santuário é feito de rochas escuras e imponentes, resolutas contra as ondas contínuas do Oceano Atlântico.

A praia recebeu o nome de uma arte rupestre milenar que mostrava um homem de 80 centímetros de altura e com uma auréola. Talvez tenha sido uma representação do próprio Sumé, que chegou andando sobre as águas além do horizonte deste oceano. O santuário era um local de culto para os povos indígenas e, depois deles, os pescadores açorianos que colonizaram a costa prestavam homenagem ao pequeno santo, deixando flores, velas e outras oferendas. Na década de 1970, um padre jesuíta cortou a laje com a arte antiga e a enviou para ser ‘examinada’ pela Igreja Católica. Apesar da indignação da comunidade local, a pedra — a arte milenar — nunca foi recuperada. Talvez se os jesuítas o equiparassem a São Tomé, não teria sofrido um ato de vandalismo tão descarado.

Em ambos os lados da praia do Santinho há arte rupestre. Do lado sul é fácil de ver, pois o enorme hotel cinco estrelas que domina a praia ergueu um abrigo para protegê-la e há vários painéis de informações na área. Isso contrasta fortemente com a falta de interesse ou investimento da Prefeitura em proteger e fornecer acesso seguro a este patrimônio incrível. O hotel foi o primeiro lugar em que fiquei na Ilha de Florianópolis há mais de dez anos, quando visitei a cidade em um fim de semana. Na época eu morava no Rio de Janeiro com meu marido, que era meu namorado na época. A gente tinha saído de Londres e mergulhado com corpo e alma na aventura a dois de morar no Brasil. Desci com ele de Rio de Janeiro para a ilha para acompanhá-lo em uma viagem de trabalho, onde ele estava dando palestra a um grupo de empresários no hotel na Praia do Santinho. Enquanto ele estava trabalhando, eu caminhei pelas pedras e encontrei as inscrições protegidas no lado sul.

Após admirar a arte rupestre, caminhei ao longo da praia até o afloramento

de rochas do outro lado. Foi aqui que a imagem do pequeno santo esteve e onde mais arte rupestre não sinalizada pode ser encontrada. Há dez anos eu não sabia nada sobre esta arte, este santuário, mas foi justamente aqui, nestas rochas, que me sentei em uma explosão de inspiração e escrevi meu diário. Fiz anotações em dois lados de uma folha de papel. A primeira anotação era algo que eu olhava várias vezes após a morte do meu marido. Ele era meu namorado na época e escrevi sobre o quanto eu o amava, como tinha certeza de que queria me casar com ele e como estava empolgada com a nossa vida juntos. Do outro lado da página articulei claramente o que queria fazer da minha vida. Embora estivesse atuando na época em uma ONG nas favelas do Rio de Janeiro, trabalho que eu valorizava e sonhava em fazer desde criança, escrevi em meu diário que minha vida ideal era viver tendo aventuras e escrevendo sobre elas.

Lembro-me agora desta segunda mensagem que escrevi no diário enquanto percorro as dunas até o canto norte da praia do Santinho, num domingo de manhã. No início do ano publiquei meu primeiro livro — *O último presente do amor* — e estou profundamente imersa no Caminho de Peabiru, a aventura descrita neste meu segundo livro. Talvez eu esteja andando por caminhos abertos por Sumé há mais tempo do que imagino.

Fui convidada para participar de uma cerimônia aqui no canto norte da praia do Santinho com um grupo de Druidas Celtas. Mal posso acreditar que há Druidas Celtas aqui na costa leste do Brasil, mas a vida está me ensinando cada vez mais a estar aberta a qualquer possibilidade. Um grupo de dez de nós se encontra nas dunas no início do promontório para celebrar a festa celta de Bealtaine, no santuário do Santinho.

O Druida principal é um septuagenário discretamente vestido e com brilho nos olhos. Dois outros Druidas mais jovens estão vestidos com armaduras leves de metal, já assando no sol da manhã. Um deles carrega uma grande espada cerimonial, enrolada em um cobertor grosso. Sou apresentada ao pequeno grupo e agradeço a eles por me incluir. “Estamos muito satisfeitos por ter uma irlandesa nativa”, saúda o principal Druida I., acolhendo-me com um sorriso. Todos os outros membros do grupo são brasileiros. Enquanto caminhamos em direção ao santuário, I. aponta para uma grande laje de rocha arenito amarela. “Há tipos incomuns de rocha aqui. Esta arenito amarela e as faixas pretas de diabásio são incomuns”, informa ele. “Possivelmente existe algum tipo de linha de energia aqui.

Imagino que, milhares de anos atrás, as pessoas tinham uma consciência que lhes permitia sentir esse tipo de coisa.”

Quando nos aproximamos do santuário, ele se vira para nós e com uma voz suave diz: “Agora vamos deixar as coisas do mundo atrás de nós e entrar neste santuário do espírito”.

Do lado dele, tem uma laje de pedra de diábasio que fica de frente para o leste, em direção ao mar. Gravadas na pedra consigo distinguir duas formas triangulares fracas e desgastadas, uma acima da outra, que se encontram nas pontas finas. Algo no meu coração pula. Surpreendo-me simultaneamente por sua beleza e sua fragilidade. A forma me lembra uma ampulheta, e o tempo, percebo, está se esgotando.

“Este é o portal, a entrada para o santuário”, anuncia I. “Na manhã do solstício de verão, em dezembro, quando o sol nascente atinge esta marca, você consegue ver uma figura semelhante e menor aqui à direita deste símbolo.” Todos nós tocamos a rocha em reverência, uma sensação de mistério emanando dela. “Posso tocar minha flauta?”, pergunto em voz baixa. Ele acena para mim e sorri. Enquanto toco, a música flui sobre as rochas e as gravuras sagradas, misturando-se ao vento e ao mar. Depois da música caminhamos para um pequeno riacho e um dos Druidas de armadura tira um chifre de seu cinto e coloca um pouco de água dentro dele. Ele o entrega a I., que o derrama em uma grande concha do mar. I. segura a concha em direção ao sol, no leste, antes de beber, e nos convida a fazer o mesmo. Tomo um gole de água da concha em silêncio. Um Druida mais jovem distribui pequenos cristais para jogar no riacho em gratidão por nos permitir entrar no santuário. Quando todos jogamos nossos cristais no rio em um silêncio respeitoso, I. acrescenta: “Agora, escolha uma flor para oferecer ao santuário durante a bênção que faremos. Este santuário é feminino, e as mulheres adoram receber presentes bonitos”. Pego uma flor silvestre amarela, girando sua haste entre os dedos enquanto caminhamos. Subimos as pedras e vejo algumas inscrições de quadrados degradados, que parecem ter sido impressas na rocha. Quando chegamos a uma grande abertura nas rochas, I. aponta para uma laje desfigurada onde antes estava a imagem do Santinho. Ao lado vejo várias outras inscrições fracas de losangos e círculos e linhas onduladas. “Nunca notei esta pedra antes”, digo a ele, perplexa. “Apesar de ter visitado este local aqui algumas vezes.” I. ri, lembrando-me: “O mistério se revela pouco a pouco, quando você está pronta.

Seguindo pelas rochas, há ainda mais inscrições, mas é muito perigoso chegar até elas. Há inscrições no formato de cadeia/corrente de diamantes que me lembram cadeias de DNA e triângulos mais unidos”. Olho para outra pedra e conto onze círculos concêntricos, corroendo devagar no tempo. Perguntas me invadem: estes são um símbolo de Atlântida? Ou um símbolo do sol? Por que, imagino, existem onze? Se a imagem do Santinho tirada da rocha fosse uma representação de São Tomé, poderiam estes onze círculos retratar os outros onze discípulos de Cristo? Acalmo as perguntas dentro de mim, respirando profundamente.

I. pede que todos tirem os calçados para caminhar com reverência sobre o solo sagrado deste santuário ao ar livre. Ele coloca um pano no chão, cada canto alinhado a um dos pontos cardeais. No leste ele põe uma pequena adaga; no canto norte, uma faca cerimonial de palha; no oeste, um pedaço de cristal; e, no canto sul, uma pedra. No centro, ele nos convida a colocar as flores que colhemos e qualquer outra coisa que gostaríamos que fosse abençoada durante a cerimônia. O grupo se inclina sobre o pano e, quando recuamos, o centro está cheio de flores, duas flautas, um conjunto de runas celtas, minha cruz-amuleto, um colar e vários pequenos cristais.

I. está com os olhos fechados agora e parece estar meditando. Todos nós ficamos em círculo em volta do pano em silêncio reverente. Ele pega a espada grande do cobertor e aponta para o mar, a leste. “No leste, que haja paz.” Então aponta para o norte: “No norte, que haja paz”. Abençoa cada um dos quatro cantos, antes de pedir paz no mundo inteiro. I. aponta a espada para cima: “Pedimos energia do mundo lá em cima”. Enquanto abaixa a espada diz: “E pedimos energia do mundo intermediário e do mundo lá embaixo. Pedimos energia desses sete espaços sagrados para irradiar uma sensação de paz para nossas próprias vidas e para o mundo ao nosso redor”. I. pega um pouco de agrião que cresce entre as rochas e oferece a cada um de nós para comer.

Engolimos o agrião e fechamos os olhos em silêncio. I. quebra o silêncio após alguns minutos, passando a facilitação do grupo a um dos jovens Druidas de armadura, que, naquele instante, acende um fogo em cada um de dois pequenos potes de barro e os separa a um metro de distância. “Beltaine, é a hora de abençoar novos projetos”, nos dizem os jovens Druidas. “Pedimos a estes fogos que queimem o que não nos serve e passamos entre os fogos em busca da bênção da vitalidade. Ao enfrentar as fogueiras, deixe para trás as coisas ruins e traga consigo

alguns projetos que deseja concretizar no próximo ano. Enquanto você atravessa o fogo, o bardo toca para nós.” Um dos membros do grupo, um jovem brasileiro ruivo de aparência irlandesa, tira uma flauta do pano e começa a tocar.

Sou a primeira a andar entre os dois fogos. “Por favor, queime a minha ignorância de tudo o que está ao meu redor, os Guarani, a natureza Nhandecy, a minha resistência de me abrir para as verdades desconfortáveis da minha vida e do país”, recito internamente. Respiro fundo. “E que Sumé me guie neste Caminho de Peabiru.”

Todos passam entre os fogos, um por vez. Depois da última pessoa passar entre os fogos, o jovem Druida nos convida a agradecer à terra e ao mar por suas bênçãos. Jogamos os pequenos cristais nas rochas atrás de nós e jogamos nossas flores amarelas no mar.

O jovem Druida sinaliza para nos sentarmos em volta do pano. “Agora vou ler as runas celtas de Ogham para saber o que os deuses pensam de nossas ofertas hoje.” Ogham, também chamado de alfabeto da árvore celta, é um alfabeto antigo que foi usado para escrever a língua irlandesa há mais de 1.500 anos. Enquanto aguardo a interpretação das runas, o sol brilha no meu rosto. Curto os raios do sol e me maravilho. Que vida bagatela que me leva a este local sagrado no litoral leste do Brasil com um grupo de Druidas Celtas brasileiros lendo runas irlandesas? Que aventura imprevisível! Aprecio o gosto doce do acaso e rio para mim mesma.

O jovem Druida coloca uma coleção de pequenas tiras de madeira entalhada numa bolsa de couro e a sacode. “Esta primeira runa nos dirá como nossas ofertas foram recebidas hoje.” Ele pega uma tira de madeira. “A macieira é um símbolo de beleza e divindade, o que significa que eles aprovaram nossas ofertas”, diz ele, após examiná-la com cuidado. “A segunda e a terceira runas representam o presente que nos oferecem em troca e como devemos usá-lo.” Ele coloca a mão novamente na bolsa e tira duas runas, o espinheiro preto e a videira. Fica em silêncio por um momento, fechando os olhos. “A videira representa a capacidade de ver a verdade. O espinheiro preto é um símbolo de grandes mudanças. Em troca de nossas ofertas recebemos o dom de ver a verdade do mundo, para podermos ajudar na grande mudança que o mundo está enfrentando.” Todos nós sentamos em silêncio ao seu redor. O jovem olha para nós com sincera alegria. “Estamos em uma época de grandes mudanças no mundo, onde estamos passando da Era

de Peixes, o símbolo do cristianismo, da era da *crença*, para a Era de Aquário, ou do grande caldeirão, o símbolo do druidismo, a era de *saber* através da experiência pessoal direta.”

Ele encerra a cerimônia com um desejo para todos nós: “Que todos possamos nos permitir ver a verdade que o Divino está nos mostrando, para completarmos a missão que nos foi dada neste momento de grande mudança”.

GUIA GUARANI

Há um fogo no litoral leste brasileiro, ao norte da Ilha de Florianópolis, que nunca se apaga. É o fogo sagrado na casa de oração, ou *opy*, da *tekoá* Guarani no município de Biguaçu, no continente brasileiro, ao norte da Ilha de Florianópolis. Esta *tekoá* é composta por cinquenta famílias que, desde os anos 1980, vivem neste local, olhando para o mar ao leste. A *tekoá* atual foi fundada pelo pajé Wherá Tupã e sua família, que são descendentes dos índios Carijós originais que viveram na Ilha de Florianópolis em 1500. Wherá Tupã e sua família realizaram uma peregrinação ao longo do Caminho de Peabiru, do sul do estado do Rio Grande do Sul até este ponto do litoral, recuperando um pedaço de sua terra ancestral na busca contínua pela terra sem mal, *Yvy Marã Ey*.

A partir de 1910 o objetivo do governo brasileiro tem sido integrar os indígenas como membros pobres da sociedade brasileira, transferindo-os para reservas governamentais e os retirando de suas terras ancestrais. Apesar de assinar a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas em 2007, que confirma o direito dos índios à autodeterminação e direitos a terras, territórios e recursos, o governo brasileiro continua falhando miseravelmente aos Guarani na designação de suas terras e proteção dos capangas armados de empresas privadas que os intimidam. O Caminho de Peabiru tem um forte papel na busca dos Guarani por uma designação de terra mais justa e respeitosa, além de capacitar espiritualmente os pajés que lideram seu povo. A proximidade da *tekoá* ao mar é de grande importância, pois o poder de um pajé é maior perto do litoral e, além dele, *Yvy Marã Ey*. O nome deste município, *Biguaçu*, um dos quatro que compõem a Grande Florianópolis, significa *cerca grande* em Guarani. Os primeiros colonos ergueram cercas grandes para delimitar pedaços de terra como propriedade individual, uma prática que surpreendeu e confundiu os Guarani do século XVI. Foi apenas o começo do processo de desapropriação da terra sagrada dos Guarani

e da restrição de seu ato sagrado de caminhar, uma parte intrínseca de seu modo de vida, seu *ñande reko*. A *tekoá* é visível da BR-101. Chama-se *Yynn Moroti W'bera* — água branca brilhante — em homenagem ao Rio São Miguel que corre por suas terras. Os Guarani usam o rio para beber, lavar, pescar e recolher a argila cintilante da beira para fazer seu *petangyua*, o cachimbo sagrado. O rio, porém, é mais do que um recurso para os Guarani, é um parente, um antepassado.

Os meus filhos, Tahmid e eu estacionamos o carro na entrada leste da vila e vamos até um prédio circular de tijolos vermelhos, usado pelos Guarani como loja para vender seu artesanato. A *tekoá* em si está escondida atrás de uma borda verde de árvores altas. Os meninos correm para a loja e pegam arcos e flechas para brincar. Em prateleiras de madeira simples, a loja exhibe brinquedos, além de maracas e colares feitos de sementes brancas, marrons e vermelhas. Todos os tons de cachimbos de barro estão à venda e animais nativos esculpidos em madeira butiá, como tatus e tamanduás. Os nomes desses animais — tatus, tamanduás — e até o butiá usado para fabricá-los são palavras Guarani que agora fazem parte do léxico brasileiro.

Duas jovens estão sentadas casualmente sobre uma mesa, fumando cachimbo e rindo baixinho dos esforços dos meninos com os arcos e as flechas. Percebo que estão falando Guarani em voz baixa. Apesar de mais de quinhentos anos de colonização, massacres e discriminação, acho incrível que os Guarani tenham conseguido manter a língua realmente viva. Na Irlanda, fui educada na língua irlandesa nativa, embora o inglês do colonizador fosse o idioma mais usado em casa e na rua. A maioria da minha família e muitos dos meus amigos falam irlandês fluentemente, mas mesmo assim agora falamos principalmente inglês. Ouvi dizer que, mesmo em algumas áreas tradicionalmente de língua irlandesa, alguns pais não falam mais irlandês como primeira língua com seus filhos. Parece que nós, irlandeses, mantivemos nosso idioma menos vivo que os Guarani, apesar de sermos uma república independente, com o irlandês como nossa primeira língua oficial e como matéria obrigatória em todas as escolas atualmente. Compro arcos e flechas para os meninos e conversamos com as jovens Guarani enquanto pagamos. O português delas é fluente e dão respostas curtas às minhas perguntas em voz baixa. “Você sempre fumam?”, pergunta Tahmid com um sorriso. Elas riem. “Todos os Guarani fumam desde a idade deste garoto”, afirmam, apontando para Liam, de seis anos de idade. “Faz parte da nossa cultura.” Liam faz uma

cara de nojo e todos riem. “Mas nós não inalamos muito”, diz a outra garota em voz baixa. “Você trabalha aqui na loja?”, pergunto. “Você é paga por isso?” Elas riem novamente. “Não, nós apenas cuidamos da loja para a comunidade.” A *tekoá* indígena é um empreendimento comunitário, não uma coleção aleatória de indivíduos, como muitas de nossas vilas ou cidades. Os meninos estão correndo pela loja agora, atirando flechas em miniatura um no outro e gritando. “Meninos”, digo a uma das garotas, levantando os olhos para o céu. “Três meninos!” “Eu também tenho três filhos”, conta ela gentilmente, e sorri. “Mesmo?”, digo surpresa por ela ter três crianças e ser tão jovem, e também pelo fato de ter me oferecido uma informação pessoal. Recebo sua abertura com um grande sorriso e um sentimento de boas-vindas.

“O pajé Wherá Tupã está aqui?”, pergunto, hesitante. “Acho que ele se chama seu Alcindo em português.” Elas apontam para o centro da *tekoá*. “Podemos subir e conversar com ele?”, questiono, prendendo a respiração. Elas acenam casualmente e sorriem.

Pegando os meninos pelas mãos, subimos o caminho íngreme beirando o rio até o centro da *tekoá*. À nossa direita passamos pela tradicional *opy* circular, feita de barro e com telhado de palha. Não tem janelas. Tentamos abrir a porta de madeira, mas ela está bem fechada. Continuamos subindo a trilha e passamos por um bloco incongruente de banheiros modernos à nossa esquerda. A estrada se divide em duas e, à nossa esquerda, vejo grandes pilhas de lixo e algumas casas simples de madeira — em uma delas há um carro 4x4 estacionado do lado de fora. É a primeira vez que entro no centro de uma *tekoá* indígena, e me lembra o aspecto material sujo e desorganizado das muitas favelas nas quais entrei aqui no Brasil como parte do meu trabalho, na área de desenvolvimento social, mas não sinto nenhuma da apreensão que vivenciei nas favelas.

À nossa direita vemos uma casa pequena e baixa com um casal de idosos sentados no meio-fio. “Wherá Tupã?”, pergunto, estendendo a mão. O velho assente de maneira amigável e estende a mão. Wherá Tupã já viu cinco ciclos de bambu em sua vida, o que colocaria sua idade mais perto de cento e cinquenta do que os cento e três anos oficiais. Sua esposa, Poty-Dja, também tem idade avançada. Aperto as mãos do casal também e nos sentamos no meio-fio ao lado deles, diante de uma pilha enorme de madeira velha e lixo, ao lado da qual há uma fogueira. Uma mulher mais jovem sai da casa e se senta junto à fogueira, usando as

brasas para ‘pintar’ manchas no puma de madeira que ela está esculpindo.

Há animais em todo lugar. Uma gata jaz preguiçosamente de costas, enquanto dois gatinhos e um gato maior sugam seu leite. Há alguns cães desajeitados farejando na pilha de lixo e um ganso bate suas asas ao lado deles. O som da televisão sai de dentro da casa — um jogo de futebol. Os meninos mais velhos começam a brincar com os animais e Eoin, de dois anos, se aproxima do fogo. Tahmid se levanta do meio-fio para afastar Eoin do fogo e eu me aproximo do pajé. “Obrigada por nos receber”, digo, sem saber exatamente o que falar. “Vim perguntar sobre o Caminho de Peabiru, que comecei a seguir.”

Wherá Tupã começa a falar em voz baixa e bem-humorada, mas tudo o que consigo entender é ‘Biru, Biru’. Depois ele balança a cabeça. Não consigo entender o que está dizendo e chamo Tahmid para traduzir para mim, sentindo-me frustrada. Tahmid quebra o gelo referindo-se ao jogo de futebol na televisão e comentando sobre uma recente derrota irlandesa. Tahmid aponta para mim: “Ela é irlandesa”, ele ri. Os dois riem juntos e Wherá Tupã parece aquecido agora para conversar. De repente consigo entendê-lo. “Tenho oito filhos”, conta, e aponta para a mulher perto do fogo. “É filha”, ele diz em português competente, mas quebrado. “Dois filhos professores. Todos falam Guarani e português”, comenta com orgulho e bate com o punho no peito. “Esta terra, única terra pertencente aos Guarani neste estado — legal com seu governo. Meu filho estuda sua lei, torna-se advogado e agora é legal”, afirma, apontando ao seu redor. Nós o parabenizamos sorrindo. Seu sorriso é quase sem dente e muito cativante. Enquanto sorri, vejo meu pai nele. Meu pai também é um homem orgulhoso de seus oito filhos. Ele também tem cinco filhas e três filhos, um dos quais é advogado, e ele nos matriculou em escolas de língua irlandesa para garantir que fôssemos bilíngues, assegurando a conexão com nossa herança nativa, sem sacrificar nosso vínculo com a moderna língua global do inglês. Como meu pai, a energia de Wherá Tupã desmente sua idade, seus olhos têm um brilho vivo e ele é acompanhado por sua esposa de muitos anos, Poty-Dja. “Escola, escola Guarani”, diz, balançando a cabeça e apontando para uma trilha à nossa esquerda. Ele olha diretamente para mim e diz com ênfase: “Você vem aqui para a escola Guarani. Nenhuma conversa sobre ‘Biru’ na primeira visita. Precisa vir três vezes, então você aprende”.

Reprimo um suspiro de frustração. Já estou seguindo o Caminho de Peabiru e ele está me dizendo para esperar, para retornar para obter mais informação.

Percebo que esperava que ele me desse um *insight* inigualável sobre o Caminho de Peabiru, que me levasse direto ao cerne da peregrinação. Wherá Tupã continua: “Na escola eles aprendem sobre nossos remédios também, plantas e flores que nos curam. As pessoas pisam em cima deles todos os dias, sem saber que são curas”. “O que você gostaria que trouxéssemos quando viermos na próxima vez?”, pergunto. “Comida é bom”, Tupã assente humildemente. “E tabaco para petyngua, nosso cachimbo sagrado.”

Sentindo que nosso tempo acabou, apertamos as mãos novamente e agradecemos a Wherá Tupã, sua esposa Poty-Dja e sua filha. “Digam adeus”, falo aos meninos, juntando os três. Tom e Liam estendem as mãos para Wherá Tupã. Ele ri e ignora as mãos deles, abraçando-os e lhes dando tapinhas nas costas. Os meninos o abraçam de volta, surpresos e muito alegres com o acolhimento caloroso do primeiro Guarani que conheceram.

NOSSO ACOLHIMENTO GUARANI

É um dia chuvoso quando voltamos para nossa segunda visita à *tekoá* de Biguaçu. Deixamos as crianças cedo na escola e atravessamos a ponte de Florianópolis, seguindo em direção ao norte, até a *tekoá*. Depois de estacionar o carro, caminhamos até a casa de Wherá Tupã. Encontramos sua esposa Poty-

-Dja e a cumprimentamos, oferecendo uma sacola cheia de alimentos. Ela a recebe com um aceno de cabeça, murmurando agradecimentos. Wherá Tupã está sentado em um sofá velho dentro de casa e nos convida a sentar ao lado dele. Afastamos alguns gatos sarnentos e nos sentamos. A sala é um espaço aberto, escassamente mobiliado. No fim da sala há uma pequena lareira e várias pessoas se amontoam em torno dela para dissipar o frio da manhã. “Hoje não há trabalho nas plantações”, conta Wherá Tupã. “Tanta chuva significa que é dia de descanso.”

“Voltamos”, digo hesitantemente a Wherá Tupã, que parece não nos reconhecer. “Você nos disse para retornar e ir para a escola Guarani antes de nos falar sobre o Caminho de Peabiru.” Ele sorri e assente com a cabeça. “Vá para a escola, suba o caminho e vá para a escola”, ordena lentamente. “Antes de irmos, eu queria saber se poderia comprar um cachimbo de argila, um *petangyua*”, diz Tahmid. Wherá Tupã acena com a cabeça e chama Poty-Dja. Ela logo vem com uma cabeça de cachimbo de barro branco com um longo canudo de bambu. Wherá Tupã

esfrega o cachimbo. “Vê brilhante em argila?”, ele questiona enquanto estende a cabeça de cachimbo para nós. Parece haver um leve brilho na argila e eu aceno e sorrio. “Você *jurúá* vai ao rio e procura ouro. Para Guarani, isso é ouro. O barro para fazer este *petangyua* é o nosso ouro. “Podemos ver como é fumado?”, Tahmid quer saber. Wherá Tupã chama sua esposa de novo, que vem com uma pitada de tabaco e um isqueiro. Ele enche o cachimbo, empurrando o tabaco na cabeça do cachimbo com o polegar; prende o canudo de bambu e coloca na boca, enquanto acende o tabaco. A casa está completamente quieta enquanto ele dá sua primeira tragada. “Aaaah!”, exclama contente. “O barro é a *Nbandey*, a mãe terra, o fogo é um raio do pai sol. O tabaco é o nosso primeiro medicamento.”

Ele entrega o cachimbo para Tahmid, que suga o canudo de bambu em silêncio. “O *petangyua*, o cachimbo, é a nossa Bíblia”, afirma Wherá Tupã. “Sua Bíblia é um livro que você não escreve mais, apenas lê. Nossa Bíblia é escrita o tempo todo com o cachimbo. Nossa Bíblia está viva.”

Tahmid entrega o cachimbo para mim. Dou uma tragada e sinto a fumaça escura em minha garganta. Copio o gesto de Wherá Tupã, abanando a fumaça da cabeça do cachimbo em direção ao meu rosto. Pagamos o cachimbo a Wherá Tupã que agradece, apertando nossas mãos.

“Podemos passar para nos despedir depois que estivermos na escola?”, pergunto. “Sim, voltem sempre”, diz Wherá Tupã, sorrindo, enquanto aperto sua mão. Saindo da casa, seguimos a trilha à esquerda e caminhamos até a escola. A parte externa da escola está pintada com murais de imagens de homens e mulheres Guarani em trajes nativos. Há uma pintura de uma Guarani, com uma pena no cabelo, olhando para o sol nascendo sobre o oceano. Há também um pássaro enorme e majestoso e pinturas da *tekoá* e sua mistura de edifícios tradicionais e modernos. Na entrada da escola há um pequeno edifício de barro com um telhado de palha, como uma pequena *opy* — uma casa de reza. Avistamos um adulto não-indígena na escola e nos aproximamos.

“Wherá Tupã nos convidou para vir e conhecer a escola”, anuncio, estendendo a mão. Ele pega minha mão e a aperta com um sorriso amigável. “Sou o diretor da escola aqui”, apresenta-se. “Temos escola matinal para as crianças mais velhas, mas começamos o dia fumando cachimbo na *opy*. Gostaria de se juntar a nós?” Sorrimos e o seguimos para a *opy*. Uma fogueira fraca está acesa no centro

da *opy* e um grupo de adolescentes está sentado em tocos de árvores, fumando cachimbo e conversando em sussurros. O diretor coloca mais lenha no fogo, que ruge de volta à vida. “Vocês precisam manter o fogo aceso”, adverte os meninos, antes de se sentar. “O fogo na *opy* principal fica aceso o tempo todo, vinte e quatro horas por dia. Este é o que nós acendemos de manhã e também no final do dia escolar”, explica o diretor. “Ofereça-lhes o *petangyua*”, diz ele rispidamente para os meninos, e um deles entrega o *petangyua* para Tahmid, que o aceita com um sorriso. “Qual é o seu nome?”, pergunto ao diretor. “Meu nome é Karaí. Este é o meu nome Guarani. Meu nome de nascimento é M.”

“Você mora aqui na *tekoá*?”, pergunto surpresa. “Sim”, ele responde, rindo da minha cara de surpresa. “Moro aqui faz cinco anos. Nasci em uma família judia no sul do Brasil. Alguns membros da minha família não falam mais comigo porque me tornei Guarani.” “O que fez você se tornar Guarani?”, questiono, intrigada.

“Trabalhei no exército brasileiro e sofri um acidente e não conseguia andar. Conheci uma tribo Guarani e eles me curaram, então aqui estou eu. Tenho um padrinho Guarani nesta *tekoá* e ele me patrocinou para me tornar Guarani.”

“Você fala Guarani?”, pergunto. “Um pouco”, responde. “Estou aprendendo. E vocês? Por que estão aqui numa *tekoá* Guarani? Vocês são religiosos ou algo do gênero?”, pergunta Karaí, olhando-nos inquisitivamente. “Depende do que você quer dizer com religioso”, responde Tahmid, rindo. “Estávamos conversando com Wherá Tupã sobre o Caminho de Peabiru, e ele sugeriu que viéssemos à escola para aprender”, explico.

“Ouvi um pouco sobre isso”, afirma Karaí lentamente. “Parece realmente interessante, mas eu não sei muito.”

“Por que você queria saber se somos religiosos?”, questiona Tahmid. “Chegam pessoas religiosas aqui de vez em quando, ainda tentando converter os Guarani”, responde ele, balançando a cabeça. “Até hoje?”, pergunto incrédula.

“Na semana passada tivemos duas testemunhas de Jeová. Eles contaram que queriam trocar ideias sobre espiritualidade. Dissemos ‘tudo bem, entrem aqui e fumem o cachimbo conosco e podemos trocar ideias’. Ah! Olharam para nós como se o próprio diabo os tivesse convidado para o inferno e saíram correndo da *tekoá*.” Tahmid e eu rimos enquanto imaginamos a cena.

“Alguns meses atrás, um ônibus lotado de mórmons parou na loja de artesanato. Eles perguntaram se poderiam fazer uma doação”, conta Karaí, incentivado por nossas risadas. “Dissemos ‘tudo bem. Que tipo de doação?’. Eles queriam doar cem Bíblias para a *tekoá*.”

“Wherá Tupã disse que seu cachimbo é sua Bíblia”, conto, dando uma tragada no cachimbo. “Sim”, afirma Karaí, mais calmo agora. “Wherá Tupã é o pajé, o curandeiro ou xamã desta *tekoá*. Ele usa o cachimbo para ter visões, para conseguir uma clareza espiritual e quando guia os rituais.” “Vocês aprendem sobre plantas medicinais aqui?”, questiona Tahmid aos meninos ao redor. “Sim”, responde um deles, olhos ainda para baixo. “Há uma horta de ervas e plantas medicinais logo atrás da escola, com o nome de cada erva escrito numa placa e uma explicação sobre seu uso.” “Podemos visitar a horta?”, pergunto. “Outro dia”, responde Karaí, desculpando-se. “Agora é hora de iniciar as aulas.” Os meninos começam a se levantar e vão em direção à porta da *opy*. Tahmid e eu nos levantamos e nos despedimos.

Descendo para o centro da *tekoá*, logo chegamos de volta à casa de Wherá Tupã. Sua filha nos informa que o pai está na *opy*. “Podemos nos juntar a ele?”, perguntamos com cautela. Ela assente gentilmente. Seguimos até a *opy* e desta vez a porta está aberta. Empurramos cuidadosamente a porta pesada de madeira e entramos. Lá dentro, o fogo está aceso e Wherá Tupã e Poty-Dja estão agachados sobre tocos de madeira diante dele. Sorriem para nós quando entramos, mas não dizem nada. Fechamos a porta atrás de nós e puxamos dois tocos de madeira para sentar ao lado deles. O calor do fogo me aquece e me acolhe. Os Guarani dizem que o fogo sagrado mantém todas as histórias e canções antigas através dos tempos. É o antídoto mais poderoso para a perda de sua herança cultural e espiritual.

A chuva cai pesadamente no telhado de palha. Fecho os olhos, saboreando o calor espesso do fogo e o som suave da chuva. Sentamo-nos assim ao lado do fogo, ao lado de Wherá Tupã e Poty-Dja, e uma hora se passa num silêncio aconchegante. Concentrando-me na respiração, caio na meditação da flauta andante, sentindo a respiração limpar cada um dos meus sete chacras. Enquanto exalo ao final, por um momento fugaz, sou o coração azul da chama, sou o cacarejo do fogo, sou a chuva que bate no telhado. Fico aí, aquecida pelo brilho dourado do fogo, sentindo um antigo acolhimento ao Caminho de Peabiru.

TEMPO GUARANI

Na terceira vez que visitamos a *tekoá*, a manhã está clara e quente. Chegamos à casa de Wherá Tupã e Poty-Dja com uma sacola de alimentos e tabaco e um coração cheio de expectativas. Este é o dia que Wherá Tupã vai me falar sobre o Caminho de Peabiru. Este é o dia que ele me dará sua bênção e me desejará um *oguatá porã* — uma boa jornada. Duas mulheres jovens e uma criança descalça estão na varanda da casa quando chegamos. “Estamos aqui para ver Wherá Tupã”, anuncia Tahmid para uma das mulheres, enquanto espio dentro da casa. “Ele está trabalhando na lavoura”, informa ela em voz baixa. “Podemos ir vê-lo?”, perguntamos. Ela assente com a cabeça gentilmente. “As plantações estão do outro lado da rodovia, há uma passarela embaixo dela logo abaixo”, diz apontando para o rio.

Nos apressamos no caminho que segue o curso do rio e chegamos à passarela. “Você acha que ele realmente vai me contar sobre o Caminho de Peabiru?”, pergunto a Tahmid, animada. “Vamos encontrá-lo primeiro e ver o que tem a dizer”, ele responde cautelosamente. Chegamos ao outro lado da rodovia e seguimos por uma trilha batida na grama que nos leva por uma floresta até um terreno aberto com vista para o mar, no leste. À nossa frente avistamos bananeiras e fileiras abundantes de feijão, milho e batata. Wherá Tupã, no entanto, não está em lugar algum. Procuramos o pajé por toda a área. Vemos uma casa além da plantação e nos aventuramos até ela. Duas crianças Guarani descalças e de rosto avermelhado nos olham com cautela quando nos aproximamos. “Olá!”, sorrio para elas. “Estamos procurando Wherá Tupã. Ele está aqui?” A criança mais velha, uma menina, balança a cabeça e olha para o chão. Não há nenhum barulho, nenhum movimento vindo da casa; então agradecemos e nos despedimos, frustrados. Damos outra olhada ao redor da pequena plantação e seguimos por outra trilha na floresta por um tempo, mas não encontramos ninguém. “Parece que ele desapareceu no ar”, afirma Tahmid, surpreso. “Talvez ele voltou para casa e não percebemos”, digo, ainda esperançosa. Retornamos pela floresta até a passarela, atravessamos por baixo da rodovia e subimos pelo rio até a *tekoá* mais uma vez. Quando chegamos à casa de Wherá Tupã, as mesmas duas mulheres ainda estão na varanda. “Fomos à plantação, mas não o encontramos”, informamos uma delas. “Wherá Tupã voltou para cá?” Ela balança a cabeça: “Não, ele não voltou. Ele está lá, cuidando da terra, venerando *Nbandey*, como faz todos os dias”. Tahmid e eu

nos entrecolhamos em frustração. “Ele deve ter desaparecido então, porque não o vimos em nenhum lugar perto das plantações”, digo. A mulher encolhe os ombros e entra na casa.

Voltamos para o carro e ficamos sentados, desanimados mas ainda com esperança que ele apareça. Após dez minutos, percebendo que Wherá Tupã não vai aparecer, ligo o carro e suspiro profundamente. “Talvez eu estivesse esperando demais. A escritora Rosana Bond disse que os Guarani só começaram a conversar com ela sobre o Caminho de Peabiru após sete anos de visitas regulares à *tekoá* de Itaty, no Morro dos Cavalos. Até Aleixo Garcia teve que passar sete anos na *tekoá* de Massiambu, antes de os Guarani guiá-lo pelo Caminho de Peabiru, em 1524.”

O carro sai lentamente da *tekoá*. Parece que não há atalhos nesta peregrinação. O tempo Guarani tem seu próprio ritmo distinto. Wherá Tupã não me revela o coração da peregrinação. Terei que descobrir por mim mesma. *ayahuasca*, em busca de espírito

A *ayahuasca* é uma fermentação sagrada feita com a mistura de uma videira e um arbusto nativo da floresta amazônica, que juntos criam um alucinógeno natural usado para experimentar diferentes estados de consciência. Por muitos é visto como uma ferramenta para ajudar as pessoas em seu caminho espiritual. O nome *ayahuasca* vem de duas palavras quíchuas que significam *a corda do espírito*, pois a bebida permite que o espírito transcenda o corpo sem o corpo morrer. A primeira das plantas de *ayahuasca*, a videira, representa o masculino, e o arbusto, o feminino. Quando é hora de colher as plantas, as mulheres coletam e preparam o arbusto, e os homens a videira. Fora das muitas tribos indígenas que usam a *ayahuasca*, incluindo os Guarani, que a chamam de *kaapi*, existem duas principais religiões organizadas cristãs no Brasil que cultivam e fazem uso de *ayahuasca* — a União do Vegetal e o Santo Daime.

Ao norte da *tekoá* Guarani em Biguaçu, onde visitamos Wherá Tupã e sua comunidade, Tahmid e eu experimentamos *ayahuasca* pela primeira vez num centro da União do Vegetal. O centro fica perto da cidade de Nova Trento, que abrigou Santa Paulina, canonizada em 2002 e conhecida por suas obras de caridade com crianças órfãs e ex-escravos. Não me surpreende que um santo tenha sido criado perto deste trecho sagrado brasileiro.

Espero que a *ayahuasca* me ajude a transcender minha consciência cotidiana

e me permita vislumbrar *Yiy Marã Ey*. Desde que Alastair morreu, fui perseguida por um medo visceral da morte, mas também por uma nebulosa esperança de transcendência. Em momentos de profundo sofrimento, tive vislumbres fugazes de uma realidade mais profunda. No corredor do hospital, depois que ele morreu, me vi saindo do meu corpo e sentindo visceralmente a dor dos outros ao meu redor. Senti fisicamente meu coração se expandir e entrar no corpo de outras pessoas. Meses depois, quando eu estava dirigindo por uma estrada ladeada de pinheiros para pegar meu filho mais velho na escola, tomada pela tristeza gerada pela ausência do Alastair, de repente me vi expandindo além do corpo, além do carro, e me encontrei pairando acima das pontas dos pinheiros. Este estado expansivo de graça foi acompanhado por tanta êxtase, tanta leveza, tanta paz gloriosa. Essas experiências inesquecíveis, embora momentâneas, despertaram-me para a realidade palpável de que posso acessar um estado além do meu corpo. O medo da morte física e a esperança por transcendência vivem dentro de mim, lutando por minha alma. Talvez a *ayahuasca* seja um atalho para fortalecer a vivência de que eu sou maior que o corpo, de que meus filhos são maiores que seus corpos. Saímos do litoral de Tijucas e dirigimos por caminhos de terra, no final da tarde de um sábado, e chegamos ao rancho Fazenda da Luz no momento em que o sol está começando a se pôr. A Fazenda da Luz é um centro da União do Vegetal e seu principal ritual envolve o cultivo, a coleta e o consumo de *ayahuasca*. Uns amigos fazem parte da liderança do centro e nos convidaram a participar.

A União do Vegetal foi fundada por José Gabriel, um baiano do nordeste do Brasil que experimentou *ayahuasca* quando foi trabalhar nas seringueiras da Amazônia. Ele teve uma visão enquanto usava a *ayahuasca* que o incentivava a tirar as plantas sagradas da Amazônia e criar uma religião para compartilhá-las com pessoas de outras partes do país e do mundo em um ambiente seguro e estruturado. Em 1962, ele criou a União, uma organização cristã com o ritual quinzenal de beber *ayahuasca*. A União está presente em todos os estados do Brasil e em alguns outros países, como Suíça, Inglaterra, Austrália e Estados Unidos. Em 2011, a União fez um importante avanço no Supremo Tribunal dos Estados Unidos, onde a *ayahuasca* foi oficialmente reconhecida como recurso espiritual que poderia ser legalmente importada do Brasil para fins religiosos, sob orientação da organização cristã.

A União não é uma religião secreta, mas é discreta. Pensei que não conhecia

ninguém que usasse *ayahuasca*, mas com algumas perguntas discretas descobri uma pequena teia dos meus contatos existentes que são participantes regulares da organização cristã. Antes de ser convidada a participar, tomei café com uma amiga para entender mais sobre a União. Ela estava sentada à minha frente no café, e emanava uma intensidade séria. “Quero que você saiba que a União não tem nada a ver com turismo espiritual. O vegetal é uma mistura sagrada de plantas. Não é uma aventura espiritual, mas uma ferramenta de apoio que, juntamente com a orientação da cerimônia e o envolvimento contínuo na religião, pode nos ajudar em nosso crescimento espiritual a longo prazo”, ela explicou.

Balancei a cabeça. “Escuta, estou nesta peregrinação do Caminho de Peabiru”, afirmei com sinceridade. “Gostaria de experimentar a *ayahuasca* como parte disso. Confie em mim, minha intenção é espiritual, e não recreativa.” Ela sorriu para mim, mais relaxada agora. “Diga-me, porém, *ayahuasca* é perigosa?”, perguntei a ela. “De jeito nenhum”, respondeu rapidamente minha amiga. “Tomo o vegetal desde os quinze anos e o tomei durante a gravidez e o parto. Você já sabe que sou uma bioquímica treinada, certo? Pesquisei a fundo e posso garantir que não é perigoso.” “Mas as pessoas não vomitam quando tomam *ayahuasca*?”, perguntei, fazendo uma careta. “Sim”, ela riu, tomando um gole de café. “Isso já aconteceu comigo muitas vezes, mas só quando eu precisava.” “É viciante?”, questionei. “Não”, assegurou-me. “Não é fisicamente viciante. Fiquei sem tomar *ayahuasca* por um ano quando viajei para o exterior e não tinha absolutamente nenhum sintoma de abstinência. Senti falta da União, do elemento social e dos amigos íntimos que tenho lá, mas não senti nenhum sintoma de abstinência física do próprio vegetal.”

Terminei meu café, mais segura e animada.

Agora, Tahmid e eu entramos no simples templo circular da Fazenda da Luz. Cadeiras reclináveis, feitas de fios de plástico verdes, estão organizadas em três filas ao redor de uma mesa comprida. Atrás da mesa há uma grande foto emoldurada do mestre Gabriel, um homem baixo com um rosto sorridente, enrugado, queimado pelo sol. Sob um arco cerimonial há fileiras de pequenos copos. Depois de um rápido lanche comunitário de pão e café, nos sentamos na primeira fila e nos cobrimos com cobertores, esperando em silêncio. As portas do templo estão abertas e a noite leva uma brisa fresca. Faço uma oração enquanto espero, abrindo-me para o que a experiência trará. Faço minha meditação da flauta

andante, respirando profundamente através de cada chakra e entro naquele espaço vazio cada vez mais familiar. Observo enquanto minha mente gradualmente se acalma e meu corpo relaxa mais na cadeira reclinável.

Expando a consciência para a sala toda quando o mestre de cerimônias começa a falar para receber o grupo de uns quarenta participantes. “Bem-vindas especialmente as várias pessoas novas aqui hoje que vieram experimentar o vegetal sagrado pela primeira vez. Peço a todos que respeitem a ordem do ritual e fiquem calados quando mais alguém estiver falando. Servirei o vegetal embaixo do arco e, quando você for chamado, poderá formar uma fila no meu lado esquerdo e se mover sempre no sentido anti-horário, ao redor da mesa. Como o mestre Gabriel era da Bahia, chamamos o vegetal de foguete baiano. Que todos nós possamos crescer com ele”, conclui o mestre de cerimônias com uma voz bem-humorada. Ele chama os membros da União para receber o vegetal primeiro, e metade das pessoas se levanta e faz fila em reverente silêncio. Observo como ele enche os copos pequenos e como cada membro engole rápido a *ayahuasca*, alguns fazendo uma leve careta no momento de engolir. Então ele chama os novatos, e eu me levanto devagar e ando até o fim da fila. Sinto que estou na fila da comunhão na missa católica de minha infância, e não sei o que fazer com minhas mãos. Aperto-as juntas ao meu estômago, no que parece uma posição respeitosa. Tâhmid está na minha frente. O mestre de cerimônias enche um copo para ele, antes de colocar meio copo para mim. Engolindo a bebida amarga, fico feliz por ele ter me dado apenas meio copo. Quando todos são servidos, nos sentamos e aguardamos o início da ‘borracheira’ — ou viagem. O mestre de cerimônias se levanta e nos prepara para o que está por vir. “Você pode se sentir tonto em breve. Permita-se ir com a experiência. Você pode não entender o que as coisas significam agora, mas, nas próximas semanas, começará a entender o que vê e experimenta. Se você estiver com náuseas, abra os olhos e tente se concentrar em qualquer música ou discurso que esteja ocorrendo como parte do ritual. Há um banheiro do lado de fora e tem serragem em baldes perto das portas, que você pode usar se não conseguir chegar ao banheiro.” Uma risadinha coletiva passa pelo grupo, quebrando a tensão. Um jovem sentado à uma mesa começa a ler os documentos legais da organização num português legalista em uma voz monótona. Eu me esforço para entender o que ele está dizendo e o que entendo é muito chato e burocrático. Sem demora, começo a sentir tontura e, quando fecho os olhos, sinto uma fluidez, como se minha cabeça

estivesse no mar e eu subisse e caísse com as ondas. A borracheira — a viagem — começa devagar, suavemente, e depois as cores começam a aparecer. Estou cercada por uma cor de rosa chocante pressionada contra um pano vermelho-sangue; as cores se misturam e vão girando no ar como um turbilhão. Caí num carnaval silencioso. O tempo todo, a voz em português legalista continua em segundo plano e tento voltar minha atenção para ela. Vários rostos aparecem e desaparecem, como *O Grito*, de Munch, os rostos caindo cada vez mais, caindo no chão, e então não há chão, e os rostos caídos se transformam em redemoinhos, torcendo-se para baixo.

O mestre de cerimônias me traz abruptamente de volta à sala, gritando alto: “A borracheira está chegando, a borracheira está chegando”. “*Concentre-se na alma, não nos jogos mentais*”, digo para mim mesma, arrastando-me do carnaval silencioso e retornando à minha respiração. Tento me conectar com o espaço meditativo e vazio dentro de mim. As cores e as imagens fluidas continuam me atraindo de novo e de novo, e sinto uma luta dentro de mim. Sinto náuseas e abro os olhos para me firmar. Tenho que me concentrar em manter minhas pálpebras abertas e respiro profundamente. Olho as pessoas ao meu redor, que têm os olhos fechados e estão fazendo caretas engraçadas. Como todos podem permanecer sentados, quase imóveis, com tanta psicodelia louca explodindo em suas cabeças? Quero rir alto, mas agora estou preocupada em vomitar se abrir a boca. A náusea sobe do estômago até a garganta e a empurro de volta para baixo novamente e respiro pelo nariz. Um som de alguém vomitando e depois um fedor à minha esquerda fazem meu estômago revirar. Abro os olhos e vejo várias pessoas vomitando no chão. De repente, música brega enche o templo e abafa parcialmente o som dos vômitos. Que estranho estas pessoas bem vestidas, sentadas educadamente em fileiras organizadas, estarem vomitando violentamente no chão! Alguém vem e cobre o vômito perto de mim com serragem. O mestre de cerimônias grita acima da música: “Pegue o foguete baiano, deixe-o te levar para cima e explodir nos céus!”. A música está em um crescente sem-fim, mas não consigo segui-la. Estou consumida pelo esforço hercúleo de evitar vomitar. A pessoa à minha esquerda começa a vomitar de novo e é a gota d’água para mim. Levanto-me e quase tropeço, indo em direção ao banheiro lá fora. O ar frio bate em mim e tremo enquanto corro para o cubículo. Caio de joelhos, agarro o vaso sanitário e vomito violentamente. São várias vezes, até não sair mais nada além de bile. Fico

agachada, sentindo-me cinza e esvaziada. Respiro profundamente. Depois de um tempo limpo o vaso sanitário e lentamente me levanto e vou até a pia, onde lavo minhas mãos e a boca. Minha amiga veio verificar se estou bem e me entrega um copo d'água. Sorrio fracamente para ela, bebo a água e lentamente volto ao templo. O desejo de vomitar já passou e a viagem psicodélica também. Chego de volta à minha cadeira e me afundo nela, cobrindo meu corpo trêmulo com meu cobertor. Com os olhos fechados, ouço um chamado para uma próxima rodada, e as pessoas se levantam para tomar uma segunda dose de *ayahuasca*. Não tenho vontade de me juntar a elas. Parece que apenas alguns minutos se passaram, mas quando abro os olhos, já são onze horas no relógio da parede. Relaxo ainda mais na cadeira, decepcionada. Eu mantinha esperanças silenciosas de comunhão em êxtase com Deus: este poderia ter sido meu atalho para a iluminação instantânea. *‘Procura e encontrarás’*. Li uma vez que se você der um passo na direção de Deus, ele dará dois passos na sua direção. Por que então ele me enviou para um carrossel nauseante? Sinto uma dor leve de rejeição.

Enquanto mexo nas minhas feridas, a segunda onda de borracheira passa para o restante do grupo e a cerimônia chega ao fim. Uma a uma, as pessoas começam a comentar suas experiências. “A borracheira estava boa”, afirma um jovem que sorri amplamente, com os olhos ainda fechados. “O foguete decolou”, diz outro com um sorriso. “Havia tanta cor e rostos de pessoas que conheço”, acrescenta uma mulher de meia-idade. Tahmid começa a rir. “Desculpe, não quero ser desrespeitoso, mas abri meus olhos e vi seus rostos, e foi tão engraçado.” “Você fez uma careta muito engraçada”, apontando para o mestre de cerimônias. Ele ri junto com Tahmid, e logo todos estão rindo alto. Começo a me sentir melhor. Quando a cerimônia está por terminar, levanto minha mão para falar sem saber o que vou dizer. “Olha, vomitei muito e estou me sentindo um pouco decepcionada”, início com voz rouca. “Estou fazendo uma peregrinação milenar que se chama o Caminho de Peabiru e como parte disso, eu estou tomando ayahuasca pela primeira vez. Esperava um insight, um sinal. Eu não imaginava que acabaria cara a cara com um vaso sanitário.” Uma risada se move pelo grupo. Suspiro e continuo, enquanto aparece na minha mente uma pequena história zen que capta o que estou vivenciando. Compartilho-a com o grupo. “Conhecem a história sobre um homem educado que foi visitar um mestre zen? O mestre zen o recebeu sinceramente e pediu ao homem que lhe dissesse por que ele estava ali, enquanto

lhe servia chá em uma pequena xícara. O homem contou com detalhes ao mestre zen que queria entender como alcançar a iluminação. O mestre zen continuou servindo chá na xícara, até transbordar. O homem chamou a atenção do mestre zen. ‘Você é como esta xícara’, afirmou gentilmente o mestre zen. “Está cheio até a borda. Você precisa se esvaziar antes de receber qualquer sabedoria de mim’.”

Termino meu pequeno monólogo com um suspiro: “Imagino que a *ayahuasca* estava me esvaziando de tantas coisas internas minhas, todo meu condicionamento europeu — tantos obstáculos que me distanciam do verdadeiro Caminho de Peabiru.”

SAINDO DA CABEÇA

Ao norte de Tijuca e da Fazenda da Luz da União do Vegetal, na cidade de Porto Belo encontramos uma pousada que se chama Pousada Peabiru. Esta é a primeira vez que encontro o uso do nome do Caminho de Peabiru por motivos comerciais tão óbvios e penso em reservar um quarto. A caminhada pelo litoral ao sul de Florianópolis havia sido uma sinfonia tão encorajadora de descobertas, mistérios e nasceres do sol espetaculares, mas ao norte de Florianópolis a viagem é mais desafiante. A rodovia BR-101 abraça grande parte do litoral, obrigando-nos a dirigir em vez de caminhar, e as praias são cheias de prédios altos e pouco inspiradoras. Até a Pousada Peabiru está fechada, pois estamos fora da estação turística.

Tahmid e eu decidimos tentar caminhar, em um dia, ao longo do litoral, ao norte de Florianópolis. Começamos o dia no pequeno vilarejo em Porto Belo. Pegamos um barco pela manhã no trapiche, perto do centro, até a Ilha de Porto Belo. Quando o barco se afasta do continente, olho para a praia de Porto Belo, com suas árvores verdejantes atrás da areia. Um punhado de pescadores já está na areia, olhando para o mar. Os cardumes de tainha estão demorando a aparecer este ano, e percebo uma tensão nas posturas dos pescadores. A baía está pontilhada de pequenos barcos coloridos, prontos para a ação. Viro-me para observar o mar calmo e o céu riscado de rosa e amarelo: apreciando o finalzinho do nascer do sol.

A ilha está quase deserta quando chegamos. Andamos por uma passarela de madeira, olhando pelas ripas com esperança de ver o famoso siri-azul. Abrimos um grande portão e começamos uma trilha pela Mata Atlântica. A ilha de Porto

Belo é de propriedade privada e, felizmente, parece cuidadosamente preservada. O ar é um zumbido de insetos e mosquitos. Somos as primeiras pessoas a percorrer a trilha hoje. Assustamos as borboletas e batemos de frente com as teias de aranha tecidas durante a noite. Um beija-flor cruza meu caminho, vibra energicamente perto de mim e mergulha de volta à vegetação. Uma placa de madeira pede silêncio para não assustar os animais, como lontras e tatus. Caio no silêncio e trago toda a minha atenção para a caminhada pela floresta exuberante. Perto do final da trilha chegamos a uma grande pedra, a Pedra da Cruz, com cerca de 3 metros de altura e meio escondida por árvores ao seu redor. Esta grande pedra abriga a amostra de arte rupestre mais ao norte neste litoral sagrado. Cheguei ao fim de 140 quilômetros de arte milenar que adorna as ilhas e áreas costeiras do litoral — como as outras amostras de arte rupestre que eu já vi, ela fica de frente para o leste, em direção a *Yiy Marã Ey*, o paraíso Guarani no Atlântico. Ao contrário da outra arte rupestre que eu já conheci, porém, a pedra fica mais longe do mar, pelo menos uns 15 metros.

A arte rupestre é bem preservada pelas copas naturais das árvores. Há uma abundância de símbolos, parecidos com a arte que vi em Garopaba no litoral sul e na Praia do Santinho em Florianópolis com alguns símbolos novos. Vejo várias formas quadradas divididas em quatro com um ponto em cada um dos quadrantes. Aqui há outra onde a forma central da cruz é mais proeminente. É a cruz das direções, minha cruz da peregrinação, minha *popyguá*. Assim como fiz com a cruz antiga na Irlanda, perto do Oratório de Gallarus, coloco minha cruz de peregrino nas ranhuras da cruz na pedra, e ela se encaixa perfeitamente. Outro símbolo é como o sinal do infinito ou talvez uma cadeia de DNA. Aqui estão repetidas linhas de onda, imitando talvez o mar, e o que parece um bumerangue em forma de V. Existem tantas formas e símbolos na minha frente que não consigo decifrar. É uma lousa rabiscada com mistérios. Percebendo a frustração interna, paro de tentar entender o que os símbolos significam por um momento e faço minha meditação da flauta andante, convidando minha respiração a limpar e abrir meus chacras, um por um.

Respirando fundo, observo de novo a arte rupestre, mas agora sem tentar entendê-la. Agora simplesmente olho e curto o mistério, o não-saber. Que prazer, que paz! Que belos desenhos, que arte misteriosa e desconhecida que abunda neste litoral sagrado! Eu me entrego para este sentimento delicioso, sentindo-me parte

do mistério, sem a mente tagarela me arrastando incessantemente em busca de explicações racionais. Após alguns minutos, surge uma imagem em minha mente de uma pessoa milhares de anos atrás, com uma pedra afiada na mão, gravando os símbolos na rocha. Através dos tempos, quase consigo tocá-la no ombro. Será que, enquanto trabalhava, ela sentiu minha presença de alguma forma também? (Enquanto escrevo estas palavras quase consigo sentir seus olhos, caro leitor, olhando por cima do meu ombro. Todos nós conectados de alguma forma.)

Ver uma parte quebrada da pedra da cruz tira-me de meus devaneios. Passo a mão na borda irregular e afiada. A rocha foi parcialmente explodida por dinamite por caçadores de tesouros que acreditavam que os jesuítas escondiam um anjo feito de ouro puro sob a rocha, destruindo parte da arte rupestre. Alguns acreditavam que a arte rupestre também era um tipo de mapa de tesouro. Parece um mapa de tesouro para mim — um mapa para uma consciência diferente e mais conectada.

Despedimo-nos da pedra, voltamos ao trapiche e pegamos o barco de volta a Porto Belo. Começamos a caminhar ao longo da praia de Porto Belo até a praia de Perequê. Na praia de Porto Belo encontramos uma pequena oficina lítica, uma pedra solitária com uma cavidade em forma de tigela. Passo meus dedos por ela e sinto mais uma vez os contornos suaves que senti nas pedras de *bullawn* na Irlanda. Onde a praia de Perequê encontra o calçadão cresce uma fila de grandes nogueiras e, de tempos em tempos, uma noz grande cai da árvore aos meus pés, fazendo-me pular um pouco para trás. Passamos por grupos de adolescentes jogando futebol descalços na areia, ao som de música alta. Passamos por pescadores que observam o mar. Sento na areia para preparar o chimarrão e Tahmid se aproxima do pescador. “Os peixes já apareceram?”, pergunta, olhando também em direção ao mar. “Ainda não”, responde o pescador secamente, sem tirar os olhos do mar. “Como você consegue ver um cardume de peixes desta distância?”, questiona Tahmid, forçando os olhos. O pescador estala a língua com desaprovação, antes de responder. “Você não pode simplesmente vir aqui e perguntar como se enxerga os cardumes de peixes. Leva tempo. Seus olhos precisam se acostumar com todas as cores do mar e daí, depois de muito tempo observando o mar, você sentirá a chegada dos peixes. Às vezes, o mar fica até vermelho se eles nadam de lado quando passam.” Tahmid força seus olhos por mais alguns minutos, antes de se sentar ao meu lado na praia para tomar chimarrão. Não há atalho para ninguém neste Caminho de Peabiru. Atravessamos uma ponte para caminhar ao longo da baía curvada de Itapema,

onde a praia é sombreada pelos prédios altos de apartamentos que foram erguidos quase em cima da areia. Esta praia é apenas o começo das praias quase urbanizadas no litoral norte de Santa Catarina.

À medida que avançamos na praia de Itapema, o ar parece ficar cinza. A areia é dura e pedregosa. Gaivotas estão em pé na beira do mar, olhando para o horizonte com a mesma aparência tensa dos pescadores. Passamos por um pinguim morto, com o estômago aberto, dois urubus pulando de animação a uma curta distância. A pobre criatura foi pega na corrente errada no sul do continente e acabou aqui. A caminhada agora é desagradável: os imponentes prédios de apartamentos e calçadas de concreto contrastam fortemente com a serenidade idílica da ilha e da praia de Porto Belo no início da manhã.

Precisamos andar à beira da BR-101 para chegar a um grande afloramento de rochas, no final da praia de Itapema. Barulho, fumaça, tensão me invadem. “Esta é a última caminhada que quero fazer no litoral norte de Santa Catarina,” digo, com firmeza.

Chegando no afloramento de rochas, encontramos um historiador local, I, que nos mostra um dos grandes tesouros do Caminho de Peabiru. I. nos convida a escalar as rochas com ele, e nos aproximamos cada vez mais do violento borrfido do mar. Perto das pedras à beira-mar, ele aponta para uma de formato irregular com um lado quase triangular e nos diz: “Esta pedra faz parte do que vocês vieram ver aqui. Este é o barco de Sumé”. Quando olho mais de perto, realmente a pedra parece com a ponta estreita de um barco, escavada no centro. “Vocês ouviram como Sumé foi bem recebido pelos povos indígenas quando ele lhes deu suas colheitas sagradas de mate, milho e mandioca?” Acenamos com a cabeça. “Depois que Sumé ganhou a confiança deles, iniciou sua fase moral falando contra práticas como sacrifício humano e poligamia. Então as tribos se voltaram contra ele e tentaram matá-lo. Em alguns lugares os indígenas tentaram matá-lo com flechas, outros tentaram queimá-lo, e aqui o amarraram no seu barco à noite para que Sumé não pudesse fugir — com plano de matá-lo na manhã seguinte. No meio da noite, porém, Sumé causou uma grande tempestade e escapou caminhando sobre as rochas e depois na superfície do mar. Este é o barco onde o amarraram, que virou pedra para lembrar a todos que Sumé passou por aqui.” Toco nas bordas lisas da pedra, sem saber no que acreditar. “E as pegadas dele? Ainda resta alguma nas rochas?”, pergunto. “Por aqui”, chama o historiador, levando-nos a outra pedra.

“Esta é a pegada de Sumé, que as pessoas vinham adorar desde muito tempo atrás.” Olho para a rocha e vejo um buraco do tamanho, profundidade e largura de um pé de um homem, mas com apenas uma ligeira indicação dos dedos dos pés. “Mas não tem dedos”, observo desapontada. “Havia dedos, mas as pessoas vieram e rasparam a parte da rocha que os separava, para dissolver em água fervente e fazer chás de cura.”

Lembro-me de nosso avô Guarani, ao sul de Florianópolis, contando a mesma história no Morro do Índio, em nosso primeiro dia de caminhada. Assim como negligência, parece que *muita veneração* pode ser uma coisa ruim.

“Venha, tire o calçado e coloque o pé aqui”, ele convida. Inclino-me em seu braço e tiro meu sapato direito e a meia. Meu pé se encaixa bem no buraco e respiro profundamente para me conectar com este momento, aqui e agora. Será que estou realmente pisando na pegada de Sumé?

Os primeiros relatos sobre as pegadas de Sumé foram anotados em 1515. Um naufrago inglês chamado Knivet e padres jesuítas de alto escalão estavam entre os que escreveram que os povos indígenas lhes mostraram as pegadas sagradas nas rochas como prova de que Sumé, um homem branco como eles, havia passado por suas terras. Há relatos de pegadas em vários lugares do Brasil e também no Paraguai. Os indígenas contaram que as pegadas apareceram no dia seguinte à expulsão de Sumé da tribo, para lembrá-los de sua presença e mensagem.

“Os Incas usavam pegadas como um tipo de flecha de sinalização em seus caminhos”, explica I. “Talvez as setas de sinalização no Caminho de Peabiru tenham também a forma de pés e poderiam até sugerir que os Incas andaram do Pacífico ao Atlântico usando o Caminho de Peabiru. Alguns artefatos andinos foram encontrados aqui no litoral leste, como um machado de cobre encontrado em Cananéia.” Sorrio para ele, surpresa. Fiquei tão envolvida com a ideia dos Guarani usarem o caminho que não havia pensado muito na possibilidade dos Incas usarem para vir do oeste para o leste.

Numa outra rocha vejo a pegada de uma criança, completa, com dedos e tudo. “Olha só!”, aponto para I. “Esta pegada é perfeita, mas é muito pequena.” I. explica: “Alguns dizem que as pegadas de uma criança são frequentemente encontradas próximas às pegadas de Sumé. Elas são atribuídas a seu anjo da guarda, que estava com ele nos momentos de dificuldade com as tribos”. “Há uma

pegada enorme aqui também”, mostra, caminhando até um grande buraco cheio de algas marinhas na rocha, com a forma de uma pegada gigante. “Em outros lugares no Brasil também há pegadas gigantes, sugerindo que havia algum tipo de gigante nessa área há milhares de anos.” Lembro-me do pescador na praia do Ouvidor e das lendas dos gigantes que cruzavam as praias com apenas três passos.

“Quem você acha que Sumé era?”, pergunto para I. Ele me olha diretamente nos olhos e afirma com convicção: “Sumé era São Tomé. Analisei todas as vinte cartas jesuíticas que foram baseadas nas primeiras conversas com os indígenas deste litoral sobre o misterioso Sumé, e tudo aponta para São Tomé. A presença de São Tomé aqui foi abafada pela Igreja para não ofuscar a peregrinação do Caminho de Santiago na Europa. Estou publicando um livro sobre isso no final do ano.” Ele tira seu olhar de mim e olha agora para o horizonte, exalando profundamente. “Há algo muito místico neste litoral. Tive algumas experiências altamente incomuns, especialmente em solstícios e equinócios: imagens aparecendo na minha frente na areia, coincidências estranhas, esse tipo de coisa. Há uma energia muito especial aqui.”

Sinto calafrios por todo o corpo, uma onda de calor subindo pela espinha que me faz tremer. Existem várias teorias sobre quem abriu o Caminho de Peabiru e tão pouca prova conclusiva. Este litoral está me chamando para ir além da mente, do racional, para um nível mais profundo e sutil de entendimento e consciência. Não tenho ideia se Sumé era São Tomé ou São Brandão ou nenhum dos dois, mas me esforço para manter minha mente aberta e não reduzir tudo a um pensamento pequeno o suficiente para satisfazer minha mente racional. Esta peregrinação ao longo do litoral leste do Brasil é um convite de 200 quilômetros para me acordar para o misterioso ao meu redor.

FIM DA LINHA DE CANÇÃO

Alguns meses depois, Tahmid, os meninos e eu percorremos o último trecho litorâneo do Caminho de Peabiru de carro. Fomos para Barra Velha, 60 quilômetros ao norte de Itapema. Barra Velha é um estuário onde o Rio Itapocu, que desce das montanhas no oeste, encontra o mar. O Caminho de Peabiru sai agora do litoral e segue o rio em direção ao interior. Aqui encontramos o fantasma de outro pioneiro europeu do Caminho de Peabiru, que seguiu os passos de Aleixo Garcia e os Guarani: Cabeza de Vaca, um explorador espanhol, partiu de

Florianópolis de barco para o estuário do Rio Itapocu em 1541. A partir daqui, ele e sua comitiva caminharam para o interior, em direção a Assunção, no Paraguai, onde Cabeza de Vaca assumiria sua posição de governador.

Itapocu é uma palavra importante para o Caminho de Peabiru. A escritoria R. contou que há seis locais chamados Itapocu ao longo da peregrinação. Itapocu é originalmente I Tape Poco, que significa ‘a água do longo caminho’. O nome do local foi usado como marcador ao longo do Caminho de Peabiru. Rosana não me disse onde estão os outros Itapocus. Como um mapa misterioso de tesouro, eu adoraria encontrar outros Itapocu na minha jornada.

Ao entrar em Barra Velha avistamos uma réplica da Estátua da Liberdade de 57 metros de altura, na frente de uma grande loja. Esta é a maior estátua do Brasil e supera em muito a estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. A nova religião brasileira do consumismo americano supera o cristianismo dos conquistadores.

Perto da beira-mar de Barra Velha nos surpreendemos com uma estátua de uma índia ajoelhada em uma pequena rotatória em meio ao trânsito, seus seios nus e pendentes chocando com esta cidade moderna. Sempre me pareceu estranho que, neste litoral, as brasileiras usem biquínis fio dental, mas você nunca vê ninguém fazer *topless* nas praias. Exibindo os seios nus da índia mostra a mesma ousadia das mulheres Guarani, que me encantaram com seu canto na *opy* na *tekoá* em Biguaçu. Esta estátua é a primeira de uma pessoa indígena que eu vi nos 200 quilômetros do Caminho de Peabiru, ao longo do *songline* litoral de Sumé. Paro diante da estátua e inclino a cabeça em reverência. A índia representa Maní, da mitologia Guarani. Ela era meia-deusa, meia-humana, que se sacrificou para criar a mandioca. Quando morreu, foi enterrada fora de sua casa — ou oca —, e no mesmo lugar cresceu o primeiro pé de mandioca. Mandioca vem das palavras Maní e oca, a casa de Maní. Outro mito conta que foi Sumé, ou São Tomé, que deu aos Guarani a mandioca e os ensinou a cultivá-la.

Do outro lado da estrada, perto da estátua, paramos para observar uma Ossada. Rosqueadas por uma barra de ferro espessa, há quinze espinhas dorsais de baleia, que parecem enormes nós de pedra. Uma placa turística, rara ao longo deste litoral, refere-se à Armação do Itapocorói, uma antiga armação baleeira que havia nesta região. Esta Ossada ao lado da estrada é um pequeno cemitério de baleias francas exibindo a história bárbara do homem contra elas. As baleias

francas sobem do Polo Sul todo ano, entre julho e novembro, para reproduzir nestas águas. Todos os anos observamos as enormes e cativantes curvas cinzas que se deslocam no mar. Os meninos adoram quando estes mamíferos sacodem suas caudas grandes para fora da água, parecendo acenar para nós, antes de mergulhar novamente na água. Vimos filhotes recém-nascidos, que pairam na superfície da água, nunca longe da proteção do enorme corpo de sua mãe. Avistá-los é sempre emocionante.

Este é um bom ano para a observação de baleias. Quase duzentos mamíferos diferentes foram avistados. A espécie baleia franca está ameaçada devido à extensa caça que se iniciou nesta região no século XVII. A caça aos cetáceos só terminou em 1973, e agora há um esforço comunitário para protegê-los e ajudá-los a se recuperarem da iminente extinção. Me ocorre que o songline do litoral acompanhou as antigas armações baleeiras, de Imbituba onde comecei, passando por Garopaba, a Ilha de Florianópolis, Biguaçu e agora aqui em Barra Velha.

Pensando melhor, me ocorre que nossa peregrinação seguiu a faixa do litoral usada pelas baleias francas para amamentar seus filhotes. Um lugar abençoado. Os baleeiros conseguiram caçar os mamíferos porque atacavam seu ponto mais fraco — seus bebês recém-nascidos. Arpavam o filhote e, quando a mãe angustiada chegava para socorrer, montavam-na e a matavam com arpões e lanças compridas. Depois, arrastavam a mãe baleia para a terra, para ser cortada em cubos e transformada em óleo para as luminárias de postes nas ruas.

Abraço meus filhos enquanto explico o que são os ossos e sinto um alívio de mãe pelo fato da caça às baleias não acontecer mais por aqui. Lentamente, as baleias francas e seus bebês estão aumentando em número e desfrutando mais uma vez deste litoral sagrado, que também atraiu os povos indígenas milenares como um lugar especial para criar sua arte rupestre e colocar enormes pedras de Sumé e observatórios astrológicos.

Caminhamos até o estuário do Rio Itapocu, onde encontramos uma faixa de areia entre o Oceano Atlântico e o rio largo e sinuoso. É fim de tarde e o sol já está descendo, iluminando um caminho de ouro cintilante nas águas do rio, que está ladeado por manguezais verde-escuros. Os raios de sol caem em um pequeno barco de pesca vermelho bem no momento que o pescador joga sua tarrafá no rio. A rede paira momentaneamente no ar, iluminada pelo sol vermelho, antes de

cair audivelmente na água. Meus três filhos correm na beira do mar, desafiando a maré a pegá-los e rindo enquanto as ondas se aproximam cada vez mais. As muitas conchas perfeitas chamam a atenção dos meninos agora: conchas brancas, creme e cinzas são intercaladas com longas conchas cor-de-rosa que lembram o pôr do sol perfeito.

Suspiro com satisfação. Agora completo a etapa oriental do Caminho de Peabiru, o trecho de 200 quilômetros ao longo do litoral sagrado, da Barra de Ibraquera até a Barra Velha, o *songline* de Sumé. Esta caminhada costeira abriu meus olhos para a história do lugar em que moro. No total, moro no litoral brasileiro há sete anos, os três primeiros no Rio de Janeiro e mais quatro agora em Florianópolis. Levei sete anos, um número místico nas tradições Celta e Guarani, para me abrir para as maravilhas incríveis que o litoral brasileiro oferece. Uma estrofe de um poema que aprendi na infância me inunda:

O que é esta vida se cheia de preocupações, Estamos sem tempo para repousos e contemplações?

Que maravilha que a vida me proporcionou esta oportunidade de parar e olhar! E eu a agarrei. Tenho a sensação de que estou despertando, saindo de um estado sonâmbulo da vida cotidiana de criar filhos, trabalhar, lavar pratos sem fim e preencher momentos de folga com as distrações da vida moderna. Passei esses sete anos com a cabeça muito ocupada, principalmente trabalhando com organizações não-governamentais e criando os filhos. Estava tão ocupada fugindo do passado e perseguindo metas para o futuro que não consegui enxergar o presente ao meu redor. Sinto que estou me tornando mais consciente da terra na qual estou pisando, mais consciente da beleza e da história deste litoral que virou lar para mim. Sinto um pulso mais próximo da natureza abundante ao meu redor e dos Guarani, que, lentamente e com dificuldade, estão recuperando seu lar sagrado. Talvez se passaram sete anos para o litoral se abrir para mim e exibir seus tesouros indígenas, desde os sambaquis, os últimos vestígios da exuberante Mata Atlântica, a misteriosa arte rupestre, os antigos observatórios astronômicos, até a pesca artesanal e a visão das baleias francas acenando ao longo do litoral. Este mergulho no Caminho de Peabiru me trouxe mais consciência da cultura portuguesa açoriana, que ainda é visível aqui e adotou muitos aspetos do estilo de vida Guarani.

Muitos vivem neste litoral e desconhecem muitos de seus tesouros, assim como eu, por sete anos. Muitos neste Brasil jovem ignoram o passado e perseguem metas do futuro ou se distraem interminavelmente. Os Guarani são essencialmente invisíveis para quase todos os *juruá*. Quando as pessoas se referem aos nativos daqui, em geral estão se referindo aos portugueses açorianos. A maioria das pessoas não sabe o significado dos nomes dos lugares onde nasceram que ainda levam nomes Guarani — Itapema, Ibiraquera, Garopaba, Biguaçu. Tampouco lembram que os Guarani ensinaram seus antepassados a pescar neste litoral, a tecer cestas com plantas nativas, a preparar os diferentes tipos de mandioca para sua farofa tradicional ou a beber chá mate e curar suas doenças com plantas nativas. A maioria das pessoas não se preocupa com o passado, ignorando os desafios que os Guarani ainda enfrentam, e despreza seu modo de vida e o tesouro espiritual que ainda pulsa em suas *tekoás*. Estão perdendo muito!

Afasto-me do movimento perpétuo das crianças à beira-mar e olho para o oeste, para o silencioso Rio Itapocu. O Caminho de Peabiru agora vai me levar para esta direção, para o oeste, para longe do litoral atlântico paradisíaco, sobre a Serra do Mar, em direção ao estado brasileiro do Paraná, que nunca visitei, antes de me levar para o Paraguai, Bolívia e Peru. É dito que Sumé caminhou para o oeste nas terras que agora se chamam Brasil e Paraguai, e que um ser parecido chamado Tunupa ou Viracocha passou por Bolívia e Peru e foi embora, caminhando sobre as águas do Pacífico, assim como Sumé chegou ao Atlântico.

Os primeiros colonizadores europeus viajavam principalmente ao longo do Caminho de Peabiru, a oeste do Atlântico, em busca do Eldorado, a cidade de ouro e prata. Aleixo Garcia foi só o primeiro a ir em direção ao oeste, em 1524, nessa busca.

Imagino agora Cabeza de Vaca e sua comitiva seguindo este mesmo caminho épico em 1541, quando ele foi assumir o cargo de governador na capital do Paraguai, Assunção. Diferente de como imagino Aleixo Garcia, vejo Cabeza de Vaca diante de mim suando sob incongruentes vestimentas coloniais europeias — camisas com babados e calças impraticáveis. Cabeza de Vaca navegou de Florianópolis para este ponto em Barra Velha e desembarcou com vinte e seis cavalos, duzentos e cinquenta europeus, dois franciscanos e alguns guias Guarani antes de iniciar a longa caminhada para o oeste, ao longo do rio. Ele seguia um caminho alternativo a maioria dos europeus na época, que chegavam a Assunção

subiando de barco pelo Rio Paraguai a partir do Mar del Plata, na Argentina.

Sem dúvida, a Serra do Mar, coberta de verdejante Mata Atlântica, representava mais perigo para esses homens intrépidos do que para mim agora. Desde a viagem pioneira de Cabeza de Vaca, a paisagem foi domada e as tribos indígenas espancadas na maior parte, até a submissão ou morte. Eu também sou europeia e também vou em direção ao oeste. O tesouro que procuro, porém, é espiritual, e não material.

Estou deixando este litoral sagrado, o conforto e a segurança do meu lar aqui e a capacidade de realizar a peregrinação em trechos de um ou dois dias. Sinto uma leve apreensão, pois minhas viagens agora terão que ser mais longas, e estou entrando numa parte do Brasil que conheço pouco. No entanto, também sinto uma emoção palpável, uma sensação que está ausente na minha vida desde a morte de Alastair, cinco anos atrás. Fugindo da sombra da morte, preenchi esses anos com tantas tarefas, mudanças, distrações — uma lista sem fim de afazeres. Percebo que o Caminho de Peabiru está reacendendo meu senso inato de aventura na vida.



Caminho para a Praia do Ouvidor, Sul do Brasil, maio de 2012.



Morro do Índio, Praia da Ferrugem, Sul do Brasil, maio de 2012.



Praia da Guarda do Embaú, Sul do Brasil, maio de 2012.



Enseada do Brito, Sul do Brasil, maio de 2012.



Praia do Santinho, Florianópolis, Sul do Brasil, junho de 2012.



Pegada de São Tomé, Itapema, Sul do Brasil, junho de 2012.



Ossos de Baleia, Itapocu, Sul do Brasil, julho de 2012.



Estátua de Mani, Itapocu, Sul do Brasil, julho de 2012.

GUARDIÃO DO CAMINHO DE PEABIRU

Um antigo caminho revestido de pedra, com mais de um metro de largura, serpenteia pelo Monte Crista da Serra do Mar, passando pela Mata Atlântica, em direção a um enorme guardião de pedra no cume. O caminho, que se prolonga por vários quilômetros, parece não combinar com a floresta selvagem ao redor. Alguns pesquisadores sugerem que é um vestígio do antigo Caminho de Peabiru, outros que é uma trilha inca, provando uma presença inca na costa leste do Brasil. Outros refutam esta hipótese e sustentam que ela foi construída no século XIX, fornecendo como prova um recibo em um registro oficial da época de um trabalho realizado em uma estrada de pedra nessa área.

Vou caminhar pelo Monte Crista com meus dois filhos mais velhos, Tom e Liam, que agora estão, respetivamente, com nove e sete anos. Monte Crista é um dos picos da Serra do Mar que se estende por 1.500 quilômetros do sul do estado de Santa Catarina ao estado do Espírito Santo, ao norte. O Caminho de Peabiru, ao longo da costa, segue paralela à Serra do Mar, mas agora precisamos atravessá-la para ir em direção ao oeste, ao coração do continente sul-americano. Em Guarani, a cordilheira é chamada *Paray Jocoá*, que significa *a montanha que retinha o mar*, e os Guarani a reverenciam como um local sagrado. Dizem que foi aqui que seus ancestrais, milhares de anos atrás, foram salvos de uma grande enchente ao subirem no cume.

Começamos por uma trilha de terra, completamente sombreada pelas enormes árvores nativas que se erguem acima de nós e que deixam passar pouca luz do sol do dia. Altas árvores de guarapuvu e palmeiras de todos os tipos nos cercam. De tempos em tempos, passamos por um tronco de árvore vermelho, a canela-fogo, que atrai os olhos no meio de tantos tons de verde. O ar está úmido e cheio de vida. O caminho sobe e desce diante de nós e apoiamos nossos pés nas raízes salientes das árvores.

Passamos por trechos de lama avermelhada, uma argila grossa que agarra os nossos pés. Depois andamos sobre pedras escuras, compactadas na terra, pisando nos passos de centenas, se não milhares, de anos de usuários. O caminho de pedras me surpreende com sua incongruência. Parece que foi jogado aqui no meio da floresta por engano, um vestígio esquecido de um tempo mais antigo.

Quando chegamos a uma curva no rio, encontramos nosso primeiro grupo de caminhantes do dia que estão enchendo suas garrafas de água. Cada um carrega uma mochila grande, preparado para dormir no topo da montanha. Eles se maravilham com Tom e Liam, que pulam que nem lebres pelo caminho até chegar ao rio. Tom e Liam avistam uma cobra videira na água, gritando de emoção enquanto a observam nadar e deslizar para longe da multidão.

Estamos caminhando com J, um guia de cinquenta e poucos anos que vive nesta área há vinte anos. Enquanto andamos sobre as pedras, pergunto a ele se acredita que o percurso faz parte do antigo Caminho de Peabiru ou se é uma criação mais moderna.

Ele me responde por cima do ombro: “Ande pelo caminho, observe-o por um tempo e depois vou te contar o que acredito”. Fico em silêncio atrás dele e me concentro nas pedras abaixo dos meus pés. Há algo misterioso no caminho, uma manifestação da vontade do ser humano num lugar dominado completamente pela natureza. O caminho me lembra a trilha inca até Machu Picchu que realizei com vinte e poucos anos. J para e aponta para a trilha. “Veja aqui”, diz ele, apontando com um pau. “As pedras chegam até aqui, com cerca de 1,5 metro de largura, embora mais da metade esteja coberta por vegetação agora. Lembre-se de que os jesuítas que descreveram o Caminho de Peabiru contaram que tinha 1,4 metro de largura.” A largura da trilha parece mudar à medida que avançamos, dependendo do espaço disponível. Às vezes percebo que é tão largo quanto o Caminho de Peabiru, mas outras vezes é mais estreito. Em um canto, onde o caminho se estreita visivelmente para seguir o contorno da montanha, J para novamente. “Veja como é estreito aqui, devido aos impedimentos naturais”, ressalta. “Você nunca seria capaz de subir de carruagem por este caminho. Há dois lugares onde simplesmente não passaria. É por isso que acho improvável que isso tenha sido construído no século XIX. Por que eles pavimentariam a trilha se não seria usada por carruagens?”

Mais adiante, ele aponta para uma pedra grande, mais clara, no meio do caminho, que tem um funil esculpido no meio dela. “Olha aqui”, ressalta. “Este funil é para dinamite. Esta pedra e algumas outras que você verá enquanto caminhamos são de uma época em que a dinamite era utilizada. Encontram-se nas partes mais usadas da trilha. Esse recibo do século XIX provavelmente indica um reparo do caminho antigo, não sua construção. Eles substituíram as pedras que

estavam corroídas, mas o caminho estava aqui muito, muito antes disso.”

“Então você acredita que foi construído pelos Guarani ou pelos Incas?”, questiono. “Nenhum dos dois”, responde ele com firmeza. “Creio que este caminho antecede as duas tribos. Tenho a sensação de que tem cerca de 12 mil anos, que foi construído por uma civilização mais antiga da qual sabemos pouco.”

“Se eles foram avançados o suficiente para construir caminhos como este, por que não deixaram nenhum registro escrito?”, pergunto. “Não sei”, responde

J. “Talvez eles não escreveram nada mesmo, ou talvez escreveram ou desenharam coisas em madeira, e tudo já se decompôs.”

“Você acha que está ligado à arte rupestre ao longo do litoral?”, questiono. “Ah, aí que eu não sei”, ele ri. “Apenas sei que há algo muito especial neste

lugar. Uma vez pensei em me mudar daqui para conhecer outros lugares, mas tive um sonho vívido que me dizia que tudo o que preciso aprender eu posso aprender aqui. Então, fiquei vinte anos aqui e estou aprendendo ainda.”

“Li que os Guarani dizem que a Serra do Mar é um bom lugar para se preparar para a ascensão ao paraíso, *Yty Marã Ey*”, afirmo.

J. ri de novo: “Aí está”.

Enquanto caminhamos, ele continua falando. “Você sabe, quando eu estava no final da adolescência, eu era evangélico e andava por aí falando às pessoas sobre a Bíblia e Jesus, e pensei que mudaria o mundo. Em vez de mudar o mundo, o mundo me mudou. Agora tenho cinquenta e um anos e a vida me mostrou que pregar sobre a Bíblia não é o meu caminho. A vida me mostrou que Deus está dentro de mim, não em alguma bíblia ou ensino. A vida parece estar me dizendo cada vez mais para parar, simplificar e parar. Isso é difícil para mim. Tenho tanta vontade de estar ocupado, produtivo, mas anos aqui nesta montanha fizeram eu mudar.”

Escuto atentamente as palavras dele enquanto meus olhos navegam pelas pedras sob meus pés. Os meninos correm na frente, pulando e gritando de alegria quando veem um beija-flor no mato.

“De que maneira você acha que este lugar é especial?”, pergunto.

J. começa a falar num tom mais baixo. “Uma vez na floresta deparei-me com uma laje de pedra e tive a sensação de que era uma velha mesa de sacrifício”, conta. “Deitei-me nela e me entreguei a ela. Depois de um tempo comecei a ver imagens, e me ocorreu que a última pessoa a ser sacrificada nesta pedra ainda estava presente. Veio à minha mente que no último minuto, pouco antes de sua morte, os homens sagrados perceberam que ela não era a escolhida para ser sacrificada, mas a mataram mesmo assim. Alguns dias depois trouxe um curandeiro comigo para liberar a energia que estava presa ali. Na vez seguinte que voltei, uma parte da montanha havia corroído e caído sobre a mesa, desequilibrando-a e fazendo-a cair mais baixo. Entendi que isso significava que a energia havia sido liberada. Plantei flores naquele dia e, ao fazê-lo, ouvi três gritos distintos. Sinto que foram gritos de libertação.”

Fico quieta diante de sua narração. Sua sinceridade é palpável. Há uma inocência na maneira como ele fala, sem qualquer desejo de convencer ou impressionar. Lembro que li que os Guarani do século XV estavam muito ansiosos para presenciar o retorno de Sumé. De acordo com alguns escritos europeus daquela época, estavam tão ansiosos por seu regresso que sacrificavam mensageiros humanos em ritual, como J. havia descrito, a fim de intuir o momento e as circunstâncias de seu retorno.

J. e eu andamos em silêncio e ele respira profundamente antes de continuar explanando. “O que quero dizer é simplesmente que este lugar é especial. A energia nesta montanha é especial. É mais do que o projeto de algum governador do século XIX de construir um caminho aleatório no meio da Mata Atlântica.”

Chegamos a uma clareira na floresta, onde os meninos estão sentados num tronco descansando. “Você demorou *uma eternidade*”, diz Tom para mim. “Já estamos aqui há séculos.” Eu rio e me sento ao lado deles. Na clareira há um grupo de jovens e o local está cheio de lixo. J. vai para o centro da clareira e, em voz alta, chama a atenção das pessoas: “Escutem, não estou apontando o dedo para ninguém, mas vamos lembrar que precisamos levar nosso lixo conosco. Nem sempre há alguém pronto para levar embora o lixo, não há empregadas nem mães para arrumar nossa bagunça”. Há um silêncio desconfortável na clareira. Alguns jovens se mexem para a periferia, fumando e olhando para J. silenciosamente. O guia começa a juntar o lixo e fazer uma pilha. Tom, Liam e eu começamos a ajudá-lo. “Podemos pegar na descida”, diz J., deixando o lixo empilhado do lado do tronco de uma árvore.

Os meninos tomam um gole de água da garrafa na minha mochila e depois pulam novamente pela trilha, apesar da subida íngreme à nossa frente. Começando a caminhar atrás deles, J. me diz sem uma pitada de amargura: “Muitos que sobem aqui têm mães ou empregadas os servindo o tempo todo. Eles realmente não entendem que quando jogam algo ‘fora’, que não existe um lugar que se chama ‘fora’”. “Isso te incomoda?”, pergunto, enquanto passamos por algumas bitucas de cigarro descartadas recentemente. J. se ajoelha, pega as bitucas e as coloca no bolso externo da mochila. “Antes me incomodava”, responde. “Agora, cada vez mais, apenas me concentro em fazer o que posso: lembrando as pessoas a serem mais conscientes e juntando o máximo de lixo que puderem. Parei de gastar energia julgando os outros e sentindo raiva deles.” Ele respira fundo e segue em frente, atrás dos meninos.

Após duas horas de subida íngreme, emergimos do dossel das árvores e avistamos um céu todo nublado. Há um grupo de caminhantes ofegantes espalhados em algumas pedras. Eles riem de sua própria exaustão, enquanto observam a energia e resistência de Tom e Liam. Os meninos estão alimentados pela adrenalina da caminhada e rapidamente correm pelas últimas centenas de metros até as pedras no topo do Monte Crista. Enquanto eles brincam nas pedras, cercados por uma pesada névoa branca, J. e eu nos sentamos na grama e preparamos um piquenique. Tom vem até nós, tira minha flauta do bolso da mochila e toca a música “Oboé de Gabriel”. Assim, anuncia nossa chegada ao topo da montanha. Sorrio com prazer para Tom tocando esta música especial para nós. Parece que não sou a única flauta andante da família.

Após um piquenique regado a sanduíches de queijo e maçãs, o ar frio do topo da montanha começa a nos refrescar. Reunimos nossas coisas e caminhamos até a beira da montanha. “Quando não há neblina você tem excelente vista daqui de cima”, afirma J., apontando para as nuvens. “Lá no leste está o mar, e no sul você pode ver a cidade de Joinville.” Só conseguimos enxergar a névoa branca diante de nós. Os pajés dos Guarani frequentemente viviam sozinhos no topo das montanhas, principalmente onde podiam ver o mar. Isso proporcionava a eles uma melhor visão, tanto espiritual quanto física. Aqui estamos agora no topo da montanha e nossa visão é totalmente limitada. Estamos em uma bolha de visibilidade cercada por névoa, e tudo o que podemos ver são as rochas no chão à nossa frente. J. diz que estamos sentados numa rocha, que está à beira de um abismo

— que agora é invisível para nós. Não consigo ver os perigos que nos cercam nem quão pequenos somos realmente nesta paisagem. Talvez ainda não seja minha hora de ter a visão do pajé. Talvez seja o suficiente para eu me concentrar no chão em que meus pés estão pisando agora. “Mãe, acho que estamos *dentro das nuvens*”, declara Liam, animado. Chamo os dois garotos rapidamente para perto de mim e nos mudamos para um terreno mais seguro juntos. Eu os abraço, aquecendo-os.

“Aqui, olhando para o oeste, você pode ver o restante da Serra do Mar que leva ao estado do Paraná”, aponta J. “O Caminho de Peabiru continua nessa direção sobre os campos de Quiriri.” Ele nos leva ao outro lado do topo da montanha. Uma pedra enorme se destaca entre as nuvens. “O Guardião!”, susurro baixinho, enquanto me aproximo. A pedra tem 10 metros de altura e seu perfil parece um homem sentado. Ele tem cabeça e corpo e parece estar sentado. Não sei dizer se é uma formação natural ou de alguma forma criada ou colocada pelo ser humano. “Acho que o corpo era um bloco de pedra”, diz J., parado ao meu lado. “Mas rachou em certos lugares, que dá a impressão de estar sentado. Talvez a cabeça tenha sido colocada ali ou tenha caído ali por acaso.” Os meninos e eu vamos até a enorme pedra e andamos três vezes ao redor dela. Faço uma oração silenciosa quando terminamos. Há um pequeno espaço entre as pedras e me agacho lá dentro, aninhada no meio do Guardião. Com a flauta na mão, toco algumas músicas para ele.

Quando saio da proteção da pedra, os meninos já tinham começado uma luta de espadas com seus paus de bambu, e vejo lágrimas pela frente. Este é meu sinal para começar nossa descida. Inclino-me na base do Guardião e olho na mesma direção que ele está olhando. Tudo o que vejo é névoa diante de nós. “Ele está mirando para o oeste, certo?”, comento com J., animada. Nosso guia acena com a cabeça em concordância. “As pedras de Sumé e a arte rupestre no litoral olham sempre para o leste, em direção ao paraíso, em direção a *Yiy Marã Ey*.” “Mas este Guardião está olhando para o oeste, na direção que o Caminho de Peabiru está nos levando.” J. sorri e diz: “Parece que ele estará olhando para vocês, sendo Guardião de vocês, no seu caminho”, dando voz à minha sensação. Dito isso, ele se vira para descer a montanha. Chamo os meninos e nós três seguimos em frente na névoa. Não consigo enxergar o que está à minha frente, porém me sinto silenciosamente guiada e protegida.



Serra do Mar, Sul do Brasil, julho de 2012.

UMA PRAGA PARA A NATUREZA

O Caminho de Peabiru me leva ao interior do estado do Paraná e em direção ao Paraguai. Quinhentos anos atrás, quando Cabeza de Vaca e seus duzentos e cinquenta homens percorreram o Caminho de Peabiru, esta área era um emaranhado de densa Mata Atlântica. Eles foram guiados pelos Guarani da Ilha de Florianópolis até este ponto, e depois entraram no território de outras tribos. Seu ritmo era lento e cauteloso, levando dezenove dias para percorrer 200 quilômetros do estuário do Rio Itapocu, no litoral, até a região onde hoje se situa a cidade colonial da Lapa, no Paraná. No início de sua vida adulta, Cabeza de Vaca foi tomado prisioneiro por uma tribo americana, perto da moderna Flórida, e foi mantido em cativeiro durante oito anos, antes de conseguir ganhar a confiança da tribo e garantir sua própria liberdade. A experiência havia sido transformadora para ele, fazendo do jovem conquistador ganancioso um homem mais humano, mais sábio e respeitoso. Seu ritmo e sua sobrevivência ao longo do Caminho de Peabiru em 1541 atestam isso.

A Mata Atlântica foi dizimada nesta região desde que ele passou por aqui. Enquanto viajo de ônibus pelos 100 quilômetros de plantações monoculturais do pé da Serra do Mar até a cidade colonial da Lapa, o único remanescente da antiga glória verdejante da área são as poucas araucárias nativas que pontilham a paisagem. Da janela do ônibus observo as últimas árvores de araucárias, altas, resistentes, com seus galhos brotando 10 metros acima de nossas cabeças, estendidos como camadas e camadas de braços nus apontando para o céu, num gesto de entrega extasiante. Como essa postura no mundo material de hoje, a araucária está em perigo de extinção.

Para a europeia em mim, as cidades deste estado são muito novas. Algumas tem apenas setenta ou oitenta anos de existência. Outras, como a cidade da Lapa que visito, foram criadas no século XVIII como pontos de descanso para os tropeiros que juntavam o gado selvagem abandonado pelas missões jesuíticas, no extremo sul do país, e o levavam para o norte, em direção à metrópole de São Paulo. A trilha dos tropeiros pode muito bem ter sido construída em alguns lugares ao longo do Caminho de Peabiru.

Enquanto o litoral do Caminho de Peabiru foi colonizado principalmente pelos portugueses, o interior do Paraná foi colonizado nos séculos XVIII e XIX

por outras nacionalidades, principalmente alemãs, italianas, holandesas, polonesas e japonesas.

No centro histórico da Lapa chego a uma praça bem cuidada, com bustos de bronze de importantes líderes coloniais. Almoço no pátio de um antigo edifício colonial e visito o museu municipal. Neste museu, o silêncio gritante dos povos indígenas me abala. Esta terra foi habitada por grupos indígenas por cerca de 12 mil anos antes da chegada dos europeus, enquanto a Lapa foi criada há menos de trezentos anos. No entanto, o museu está repleto de informações e artefatos da história colonial da cidade, mas os índios são relegados a uma gaveta esquecida de mínimo interesse arqueológico, com uma caixa de vidro apático exibindo uma seleção insignificante de cabeças de lança de pedra, almofarizes e pilões.

Há um vazio demográfico na história pré-colonial do Paraná. A história oficial do estado é um pontinho de orgulho colonial cego, precedido por um silêncio ensurdecedor.

Volto para o ônibus e sigo em direção ao oeste, mergulhando cada vez mais fundo na paisagem da agricultura industrializada do Paraná. Estou indo em direção a Campo Mourão, vizinho do município Peabiru, nomeado sessenta anos atrás numa homenagem inédita ao caminho dos Guarani. A terra sobe e desce sobre centenas de quilômetros de colinas. O ônibus serpenteia por uma faixa interminável de campos cultivados, com aglomerados de floresta verde amontoados em torno das fontes de rio. A maioria dos aglomerados verdes parece ser floresta secundária, em vez da Mata Atlântica original de araucárias, figueiras, cedros e pau-brasil. Linhas de plantações de eucalipto, importadas da Austrália, mantêm uniformidade militar por quilômetros e quilômetros. Estas são as florestas mortas, onde nenhum pássaro constrói seu ninho, nenhuma vegetação rasteira sobrevive à sede gananciosa desses colonizadores verdes. Desço do ônibus em Campo Mourão, uma das muitas cidades novas do Paraná. Combinei peregrinar por dois dias com um guia que promove o Caminho de Peabiru na região. Encontro meu guia na estação de ônibus. Ele é um homem jovem, de ascendência africana e europeia, e me cativa rapidamente com uma inteligência e sabedoria que desmentem sua juventude.

Parece que assim que saí do litoral sagrado do Caminho de Peabiru o tempo também mudou. Meu guia dirige até uma pequena reserva florestal, onde uma

estátua da Virgem Maria foi colocada no oco de uma grande árvore, ao lado de uma grande pedra pintada em 2004 para marcar o início do Caminho de Peabiru guiado nesta área. Enquanto chove, compartilhamos um chimarrão no veículo e nos conhecemos. Quando a chuva clareia, andamos pela pequena reserva, que é uma mistura de floresta original e secundária. O ar cheira a alho das abundantes árvores de madeira de alho. O cheiro me leva de volta ao Caminho do Santo, na Irlanda, onde as delicadas flores brancas de alho selvagem purificavam nossa trilha. Percebo um silêncio estranho na reserva. Não ouço pássaros nem insetos. “Esta reserva é de propriedade privada”, informa o guia. “Por lei, os proprietários têm que manter parte da terra como reserva.”

“Como isso funciona? É uma certa porcentagem de suas terras?”, questiono. “Sim, mas o governo está prestes a reformular uma lei que define o equilíbrio entre florestas e plantações”, ele explica. “A lei atual está em vigor desde o início dos anos 1960. A lei estipula a distância dos rios que você pode plantar e impõe restrições ao corte de árvores.”

“Então você crê que mais terras serão liberadas para plantio ou preservadas para florestas com a nova lei?”, pergunto.

“Não sei”, responde ele com sinceridade. “Parece que há muitas vozes nas negociações, desde agricultores e latifundiários até ambientalistas exigentes. Parece haver algum interesse genuíno no governo em fornecer incentivos para manter a floresta original que ainda existe e vincular reservas florestais a corredores verdes, para que a fauna ameaçada de extinção tenha alguma chance de sobrevivência.”

“Bem, é bom que esteja sendo discutido, que exista alguma esperança de preservação”, afirmo, enquanto meus pés afundam no solo úmido e lamacento. “A última esperança da natureza aqui”, diz meu guia em voz baixa. “Em toda a região do Paraná se cortava, vendia e exportava madeira, mas agora a Mata Atlântica original está quase toda destruída. Restam apenas cerca de 10%. Os proprietários plantam árvores agora, mas principalmente espécies estrangeiras, como pinheiro e eucalipto, que crescem rapidamente e podem ser colhidas em oito a dez anos.”

“A madeira ainda é a principal colheita?”, pergunto.

“Não. Quando a floresta original foi destruída, o frenesi das monoculturas começou na década de 1970. Os proprietários plantam principalmente café, soja,

cana-de-açúcar, trigo, milho, mate, grandes áreas de monoculturas em geral.”

“Existem reservas protegidas pelo governo?”, questiono.

“Sim. Mas são poucas. Apenas 2% da Mata Atlântica está protegida. Um exemplo é a reserva nas Cataratas do Iguaçu, no oeste, mas os fazendeiros plantam até o limite das reservas. Eles até plantam no espaço entre a cerca da reserva das Cataratas do Iguaçu e a estrada, para conseguir a cobertura máxima da plantação.”

A reserva florestal privada chega a um fim abrupto e andamos agora pelos caminhos de terra ao longo de intermináveis plantações. Esta paisagem foi esculpida para tratores e picapes, não para peregrinos, e nossos pés afundam na lama vermelha ocre e engolimos a poeira dos veículos 4x4 que passam em alta velocidade.

Um pequeno trecho me lembra a Irlanda, com suas colinas onduladas, e do nada a lembrança me enche de uma nostalgia aguda. Até o frio me lembra a Irlanda, embora seja final de setembro e as temperaturas devam ser mais altas, mesmo na altitude deste altiplano do Paraná. A maior parte das plantações de trigo, milho e soja já foi colhida, e muitas das plantações de cana-de-açúcar foram reduzidas a uma devastação carbonizada. A fumaça é visível no horizonte à medida que mais plantações de cana-de-

-açúcar são queimadas. Apenas as plantas baixas de café com suas frutas amarelas parecem estar ainda em crescimento. Toda a paisagem foi cortada, cada campo raspado e impresso com a cor de sua colheita. A terra jaz estuprada na minha frente. Sua alma parece ter sido espancada até quase morrer.

“Por que eles queimam os campos de cana-de-açúcar?”, pergunto enquanto caminhamos.

“Fica mais fácil para os trabalhadores cortá-lo”, conta ele. “O fogo queima todas as folhas supérfluas ao redor da cana-de-açúcar e, em seguida, os trabalhadores são trazidos de ônibus da cidade para cortar o restante da planta.”

“É bom que eles tenham algum trabalho”, sugiro.

“Não tenho tanta certeza. É um trabalho difícil. Há rumores de que alguns trabalhadores usam crack para aguentar o trabalho. Cortar a cana manualmente será ilegal nos próximos dois anos, e a cana terá que ser colhida mecanicamente. Uma

vez colhida é transformada em álcool para abastecer carros aqui ou exportado para a Europa e Ásia, para ser misturado ao asfalto utilizado para pavimentar estradas. A exportação de cana-de-açúcar vem acontecendo há centenas de anos, é claro. Foi uma das principais culturas cultivadas no Brasil, no início da colonização, e mais de 4 milhões de africanos foram trazidos para servir de escravos nas plantações.”

“Não há como negar que existem alguns benefícios para a tecnologia”, concluo. “É melhor uma máquina cortar cana-de-açúcar do que explorar seres humanos ou levá-los a consumir cocaína.” Meu guia assente com a cabeça em concordância. “Há enormes benefícios para a tecnologia quando aplicada de maneira a melhorar o bem-estar de todas as pessoas envolvidas, não apenas enriquecer os bolsos de poucos que a controlam. Hoje em dia, a minha vida e a sua, imagino, são muito mais fáceis e mais livres devido ao avanço tecnológico.”

Passamos por um trator num campo cheio de ervas daninhas e flores silvestres amarelas. O motorista do trator está usando uma máscara na boca e acena para nós de maneira amigável quando passamos.

“Por que ele está usando máscara?”, pergunto, surpresa. “Ele está prestes a pulverizar o solo com inseticida para prepará-lo para replantar a soja. O grão é pulverizado sete ou nove vezes antes de ser colhido”, responde meu guia.

“Não é perigoso que ele borrife enquanto estamos andando?”, questiono, alarmada.

Meu guia encolhe os ombros. “Você precisa estar em contato direto com o inseticida para que te mate rapidamente. Mata tudo o que passa por ela: ervas daninhas, insetos, porcos selvagens, ratos e roedores maiores, como capivaras, e gambás. Não deve nos prejudicar se não andarmos pelo campo.” “Não é um bom sinal que o motorista esteja com uma máscara no rosto”, retruco, e prendo a respiração quando passamos pelo trator.

“Nunca bebo ou como nada que contém soja”, confia meu guia. “Sei o quanto de veneno é usado para produzi-la. Sempre estudo o rótulo dos ingredientes de qualquer bebida que compro, por exemplo, até ter certeza de que não contém soja.”

Aceno para ele enquanto comenta, ainda prendendo a respiração.

Caminhamos em direção a um cemitério indígena, que fica num terreno particular. Ao longo do percurso, o grupo local que promove o Caminho de Peabiru colocou duas estações de peregrinação para marcar o percurso. Subimos uma colina com vista para o vale, onde encontramos a primeira estação da peregrinação: uma velha estátua de São Tomé nos abençoando quando passamos. O pequeno santuário é uma estranha mistura católico-pagã, com uma pirâmide de concreto aos pés do santo e as espadas-de-são-jorge nas proximidades, para afastar os maus espíritos. Do topo da colina olhamos para a vasta extensão de plantações colhidas abaixo de nós.

A segunda estação da peregrinação é a cabeça esquelética de uma vaca com um chifre, presa a uma estaca de madeira para lembrar a passagem do intrépido Cabeza de Vaca por esta região. Logo chegamos ao cemitério indígena. Lá, tudo o que vejo são restos não identificados de urnas de argila na base de uma mangueira e uma pedra comemorativa, cuja inscrição foi completamente desgastada. Neste Caminho de Peabiru em Campo Mourão, dois homens brancos associados ao Caminho são lembrados, enquanto tudo o que resta para lembrar dos milhares de Guarani que seguiram a trilha sagrada é o pouco que resta deste cemitério. Olhando os cacos de argila no pé da mangueira, meu guia diz com um suspiro: “É difícil conseguir financiamento para manter a rota do Caminho de Peabiru nesta região, e nossas caminhadas anuais estão acabando”.

“Por quê?”, pergunto.

“Uma nova aldeia Guarani foi criada nos arredores da cidade há um ano e eles afirmaram que não queriam que o Caminho de Peabiru fosse comercializado, que é sagrado para os indígenas. Alguns do grupo local acham que não devemos mais organizar passeios pagos e guiados ao longo do Caminho de Peabiru. A energia saiu dos esforços para promovê-lo por aqui. Também houve alguns casos de vandalismo nas caminhadas organizadas. No mês passado, durante um passeio guiado para observar a arte rupestre em Pitanga, alguém escreveu seu nome em cima de símbolos jesuítas gravados nas rochas.”

“Está brincando comigo?”

Ele balança a cabeça com uma tristeza silenciosa.

Continuamos andando e reflito sobre o que ele me contou. Até agora não

me ocorreu que os Guarani pudessem se opor ao *jurua* seguindo o Caminho de Peabiru. A prática de peregrinações organizadas ao longo do Caminho de Peabiru é mais forte aqui em Campo Mourão do que no litoral porque a universidade local pesquisou bastante sobre o Caminho. Acordo para o fato de que, neste percurso, há monumentos criados para homenagear São Tomé e Cabeza de Vaca, dois dos primeiros *jurua* que se diz seguiram o caminho. Pouco resta para homenagear as gerações de milhares de Guarani que o seguiram. Meu guia F, no litoral, que me levou com o grupo de Amigos do Caminho de Santiago, também está tentando promover passeios guiados por lá, mas com sucesso limitado.

Me lembro agora como F nos levou para a *tekoá* de Massiambu, e seu interesse — e o meu também — era principalmente saber sobre Aleixo Garcia, que morou lá antes de seguir para o oeste pelo Caminho de Peabiru. Mais uma vez focamos na experiência dos *jurua* no Caminho de Peabiru. Li alguns artigos de jornal e propostas municipais sobre a oportunidade para o comércio local que o Caminho de Peabiru ou o Caminho de São Tomé oferece. Percebo que nós, *jurua*, estamos em perigo de repetir o que sempre fizemos com os Guarani: nos apropriar de um tesouro Guarani principalmente para nossos próprios interesses.

De repente, enquanto ando, percebo pela primeira vez que não pedi permissão ou bênção explícita aos Guarani para seguir o Caminho de Peabiru. Identifiquei-me com a peregrinação como um primo latino-americano do Caminho de Santiago, que foi uma experiência tão transformadora para mim quando tinha vinte e poucos anos. Penso com desconforto sobre as minhas interações com as três *tekoás* no litoral. No primeiro, o cacique M. mostrou desinteresse pelo que estávamos fazendo e houve relutância em falar conosco. No segundo, a cacique

E. conversou conosco e a comunidade recebeu nossa oferta de almoço para que pudéssemos comer juntos. No entanto, ela não falou diretamente sobre o Caminho de Peabiru. Na terceira *tekoá*, lembro-me agora com vergonha como informei a Wherá Tupã que já estava fazendo o Caminho de Peabiru e como ele balançou a cabeça e disse somente ‘Biru, Biru’. Percebo que não perguntei a nenhum representante Guarani como eles se sentiam em relação ao fato de eu estar realizando a peregrinação, pois apenas eu havia os informado o que eu estava fazendo. Mesmo assim, fui gentilmente recebida para me sentar junto ao fogo sagrado na casa de oração, na *opy* da *tekoá* de Biguaçu. Devo ter parecido uma idiota insensível e ingênua para os Guarani, e eles gentilmente me acolheram e

me incluíram. Não conversaram comigo sobre o Caminho de Peabiru, mas me deixaram sentar com eles em silêncio diante do fogo e fumar o cachimbo. Sinto-me mais humilde, mais grata ainda em relação ao jeito bonito que me acolheram. Um forte desejo surge em mim de usar este livro para contribuir para a situação atual dos Guarani, para diminuir de alguma maneira a distância entre eu e meus leitores e os Guarani.

“Olha aqui”, chama-me o guia, tirando-me dos meus pensamentos. Ele aponta para um recuo num campo de grama alta à nossa esquerda. “Provavelmente são os restos de uma estrada antiga, provavelmente o Caminho de Peabiru”, diz. “O problema com o caminho aqui é que a maior parte da terra e dos sítios arqueológicos foi destruída pela agricultura intensiva, e o governo pouco faz em termos de preservação. As trilhas foram transformadas em estradas e é difícil saber exatamente onde o Caminho de Peabiru passou. Como a floresta e a fauna aqui, a história indígena está à beira da extinção.”

Seguimos em frente, no nosso Caminho de Peabiru simbólico. Um pouco antes de chegar de volta ao carro, encontramos um fazendeiro local de chapéu azul de feltro, camisa amarela desabotoada e calção azul rasgado. Está carregando feno, e dois cães pequenos estalam nos seus tornozelos enquanto ele se move.

“Quando chegamos aqui, há trinta anos, tudo isso era floresta”, conta ele nostalgicamente, apontando ao seu redor. “Aqui caçávamos todos os tipos de animais — veados, javalis e até onças. Agora não há mais nenhum por aqui. Mesmo se tivéssemos permissão, não havia mais nada para caçar.”

“A Mata Atlântica abriga 60% das espécies ameaçadas de extinção no Brasil”, afirma meu guia após nos despedirmos do fazendeiro. “Há muitos primatas e pássaros que simplesmente não existem em nenhum outro lugar e estão à beira da extinção.”

“Os agricultores se dão bem aqui?”, pergunto, um pouco chocada com a aparência desgredada do agricultor.

“A maioria dos agricultores faz parte da cooperativa Coamo, que é a maior cooperativa agrícola da América Latina. Dessa forma, o agricultor recebe um preço justo por sua colheita. Os trabalhadores agrícolas estão se tornando mais escassos, e todo o processo está sendo maquinizado.”

“As mesmas mudanças ocorreram na Europa”, comento. “Mas aqui parece tão rápido e tão recente. Parece que em apenas trinta anos tudo era tão diferente.” Ele acena com a cabeça lentamente com melancolia.

Dirigimo-nos até uma fazenda para almoçar. A fazenda é um eco hotel rural e foi criada por um sueco na década de 1960. A metade da terra foi protegida como floresta primária ou secundária. Embora o sueco tenha falecido há oito anos, sua esposa octogenária, seu filho e sua família continuam administrando a fazenda e o hotel. Sentamos para almoçar arroz e feijão com a proprietária. Eu a parabeno por sua preocupação com o meio ambiente, e ela ri para mim. “Quando chegamos aqui nos anos 1960, meu marido colocou uma placa dizendo: *‘Aqui protegemos a flora e a fauna. Não é permitido caçar ou pescar’*. Ninguém entendeu o que ele quis dizer. Os fazendeiros locais o consideravam um estrangeiro louco.”

Após o almoço, caminhamos pela floresta com o filho do proprietário, que tem uns quarenta anos. Uma abundância de borboletas zumbe ao nosso redor enquanto os raios do sol do início da tarde cobrem a floresta com uma luz mágica. “O que você planta no resto da terra?”, pergunto a ele enquanto passamos por um riacho pitoresco. “Costumávamos plantar café e soja”, conta ele. “Agora nos concentramos na cana-de-açúcar e no eucalipto.” Fecho meus olhos momentaneamente, enquanto um raio de sol aquece meu rosto. “O eucalipto não é ruim para o solo?”, pergunto inocentemente, meus olhos ainda fechados. O filho da proprietária para abruptamente e sua voz endurece. “Bem...”, ele começa defensivamente. “A soja causa muito mais dano do que o eucalipto. Quando plantávamos soja, até 1994, costumávamos pulverizá-la quatro ou cinco vezes com inseticida; agora o grão é pulverizado sete ou até nove vezes. Isso danifica o solo muito mais do que plantar eucalipto. É verdade que os eucaliptos não deixam outra vegetação crescer nem encorajam a vida selvagem, mas uma vez cortados a terra se regenera rapidamente.”

Seu tom defensivo me tira do meu humor relaxado pós-almoço. “E quanto à agricultura orgânica?”, pergunto reativamente. “É uma opção para uma fazenda como esta?” “Não conheço nenhum exemplo de fazenda orgânica por aqui”, diz secamente. Com isso, ele começa a andar na minha frente, num ritmo mais rápido, e corro atrás dele. O feitiço da floresta foi quebrado agora. Parece que toquei um nervo.

Quando chegamos ao final da trilha da floresta ele aperta minha mão para se despedir, acrescentando em um tom triste: “A verdade é que o homem é uma praga para a natureza. Seja como for, o homem é uma praga”.

Meu guia e eu saímos da fazenda e começamos a trilhar novamente pelo Caminho de Peabiru simbólico. As palavras do fazendeiro ecoam na minha mente: “O homem é uma praga para a natureza. O homem é uma praga para a natureza”. Somos uma praga mesmo? Minha experiência no Paraná me leva a concordar com este agricultor defensivo, tentando manter seus negócios e sua família no ambiente competitivo do mundo agrícola de hoje, além de honrar os esforços pioneiros de seu pai para preservar a natureza.

A colonização do Brasil parece ter sido uma praga para a natureza. E os Guarani? Quando viviam da maneira tradicional, com uma população muito menor, eram uma praga? Na história de origem Guarani, a mãe terra diz ao homem, tupã mirim, que ele tem o poder de criar. O homem é um cocriador da Terra, e o que ele pensa e diz se torna matéria. Li que “*o homem desceu da montanha com os talentos da terra e os do céu. Ele experimentou seu poder dizendo ‘arara’, e o primeiro papagaio foi criado. Aí ele falou ‘turkurea’, e a primeira coruja apareceu. (...) E foi assim que aconteceu com todos os peixes, plantas e animais*”.

Para os Guarani, o homem não recebeu o direito divino de usar a natureza, mas a responsabilidade e a oportunidade divinas de criá-la. Nós colonizadores e seus descendentes de raça mista no Brasil, em geral, tratamos a natureza com superioridade arrogante como um bem útil e explorável, como aconteceu no resto do mundo industrializado. A maneira Guarani de ver o mundo, por outro lado, parece sugerir uma cocriação amorosa. O que criamos faz parte de nós, e fazemos parte dele.

No século XVI, os Guarani eram uma tribo semi-nomade que vivia em pequenas comunidades de família extensa. Costumavam se mudar de um lugar para outro a cada seis ou sete anos, depois de esgotarem os recursos locais. Plantavam sementes de árvores e outras espécies antes de partir, e depois iam morar em terras diferentes, permitindo que a natureza se recuperasse. Quando retornavam à terra anterior, haveria árvores e vida selvagem abundantes para alimentar a população da *tekoá*. Alguns escritores acreditam que a constante busca dos Guarani por *Yty Marã Ey* pelo Caminho de Peabiru é uma referência a suas constantes andanças e

migrações em direção a terras novas, intocadas e férteis.

Gostaria de saber se existe alguma maneira de nosso mundo de 7 bilhões de pessoas voltar a algum tipo de ritmo natural com a Terra novamente. Ouvi falar do promissor trabalho de Ernst Götsch, no nordeste do Brasil, com sua agricultura sintrópica, onde ele cocria com a natureza, gerando solo saudável, além de colher uma abundância de alimentos e fornecendo uma alternativa sustentável à agricultura. Também existe o movimento da agricultura biodinâmica que promete mais equilíbrio, mais integração e sustentabilidade para o ser humano e o restante da natureza. A agricultura sintrópica e a biodinâmica, no entanto, parecem tão distantes das práticas agrícolas destrutivas que estou testemunhando neste altiplano do Paraná.

Enquanto caminho, pergunto-me se há alguma maneira de *eu* voltar a algum tipo de ritmo saudável com a natureza. Sou uma praga por excelência para a natureza do século XXI. Em trinta e seis anos, voei cerca de cem vezes em aviões, muitos dos quais foram voos transatlânticos. Na primeira metade da minha vida, meus pais me levaram para a escola, para as atividades, de férias, e nos últimos nove anos tenho dirigido meus três filhos de lá para cá de uma maneira ainda mais frenética. Quantas toneladas de lixo eu produzi? Pergunto-me tristemente se a enorme pilha de fraldas não biodegradáveis dos meus filhos será o legado mais duradouro que deixo nesta terra.

Caminho por mais quatro quilômetros com meu guia por uma estrada de terra, acordando visceralmente para meu próprio tratamento arrogante e inconsciente da natureza, enquanto o céu indica chuva novamente. Algumas motoristas passam por nós ao longo do percurso e param para nos oferecer carona. Eles ficam incrédulos quando afirmamos que preferimos andar. Aqui no Paraná, em vez de calçadas ou trilhas para caminhar, há estradas de lama com cheiro de inseticidas, e as pessoas parecem simplesmente não andar mais por prazer. Ao longo da estrada avermelhada chegamos a uma pequena floresta cercada por arame farpado. Meu guia abre os arames e cria um espaço para eu entrar na área. Tecemos nosso caminho laboriosamente pelo pequeno oásis florestal denso e selvagem. Ramos se prendem aos meus cabelos e raízes acima do solo agarram meus tornozelos. Chegamos a uma pequena clareira no meio das árvores e meu guia se agacha e aponta para uma grande pedra no chão.

Agacho-me ao lado dele. Ao olhar a pedra atentamente, vejo que foram gravados três círculos concêntricos, um dentro do outro. Suspiro fundo ao vê-los, surpresa. A pedra parece tão antiga e tão perdida neste bosque, uma mensagem esquecida de um passado esquecido. Passo a mão sobre a superfície úmida da pedra. Parece que ninguém estudou esta pedra. Ninguém sinalizou sua existência. Sinto a sensação de intimidade: esta pedra é apenas compartilhada entre mim, o meu guia e aquele que a esculpiu — nós três agachados juntos aqui no mato, tocando a pedra, traçando seus círculos concêntricos com os dedos.

A arte nesta pedra é um eco da espiral encontrada em 2011 numa pedra ao longo da peregrinação de São Brandão, na Irlanda, e um eco dos círculos concêntricos que vi no litoral. Estou inundada de uma sensação de privilégio e sorrio com gratidão para meu guia.

O universo está brincando de esconde-esconde comigo. Aqui estou, no extremo oeste do Paraná, contorcendo-me com a cobiça e a cegueira autodestrutivas do ser humano, e a vida me apresenta uma pedra misteriosa com o símbolo sagrado dos círculos concêntricos. Nos livros do sábio Guarani Kaká Werá li que, para os Guarani, esses círculos concêntricos são as emanções do começo central, o Grande Mistério. Há três círculos aqui na pedra, e o deus Guarani Tupã e esta época atual são conhecidos como a terceira emanção. Tupã é o deus do trovão, deus do oeste. Ele soprou uma bênção no ouvido esquerdo do homem que se tornou inteligência e soprou uma bênção no ouvido direito do homem que se tornou sabedoria. Tupã fez sua pintura na cabeça do homem, chamada pensamento, que cria e destrói. Esta época atual da terceira emanção é o ciclo mais difícil para a mãe terra, porque a humanidade quase se leva à extinção com o uso incorreto do poder de criar. Devido às más sementes que se acumularam em seu sangue — medo, ilusão, escravidão, esquecimento de sua verdadeira natureza — os seres humanos criaram uma era de possessividade, disputa, apegos e um sentimento de onipotência que põe em perigo a própria terra na qual caminham.

Agachada aqui entre as árvores, lembro de Tupã e desta era da terceira emanção. Faço uma prece silenciosa e ardente para que ele sopra mais forte no meu ouvido direito, no ouvido direito de todo ser humano, para que possamos ser mais sábios na nossa relação uns com os outros e com a terra.

A CONQUISTA ESPIRITUAL DOS GUARANI

Há uma figueira parasita no Brasil que mata lentamente sua árvore hospedeira. Ela cresce em cima da árvore hospedeira, usando-a como base para estender suas enormes raízes famintas pela área próxima, e suga toda a água e minerais da terra. A árvore hospedeira desaparece lentamente, deixando oco o núcleo da figueira.

A 60 quilômetros de Campo Mourão, entro no coração oco de uma figueira, nas ruínas de uma antiga cidade colonial espanhola, nos arredores de um município chamado Fênix, e um calafrio percorre minha espinha.

A cidade recebeu o nome Fênix porque surgiu das cinzas de uma vila anterior, a Villarrica del Espíritu Santo, criada no final do século XVI a fim de garantir esta região chamada Guaíra na época para a coroa espanhola. O fato desta área agora fazer parte do estado brasileiro do Paraná e ser de língua portuguesa destaca o fracasso do esforço original da Espanha. Os portugueses empurraram as fronteiras com a colônia espanhola para o oeste e a cidade colonial de Villarrica só se estabeleceu finalmente a 600 quilômetros de distância em sua localização atual, no Paraguai.

Para chegar à cidade de Fênix, meu guia me leva de carro por 60 quilômetros de campos cultivados sem fim com pequenos amontoados aleatórios de árvores ao redor dos rios. Acho difícil muita vida selvagem sobreviver nesses amontoados pequenos e separados de floresta. Certamente a maioria dos animais precisa de mais espaço para caçar e prosperar. Dirigimos por vilazinhas sem placa, muitas com grandes estátuas de Jesus ou grutas de Nossa Senhora na entrada. Este Brasil do interior ainda é um país católico ferrenho, com igrejas evangélicas apenas começando a chegar nas vilas. Dirigimos até uma pequena reserva natural que abriga as ruínas de quatrocentos e cinquenta anos da vila colonial de Villarrica del Espíritu Santo, estrategicamente localizada onde o Rio Ivaí encontra o Rio Corumbataí. Enquanto atravessamos o portão e acenamos para os guardas sonolentos, a floresta está exuberante em torno de nós. A reserva é um oásis refrescante após a infinita uniformidade das plantações industrializadas. Respiro mais livremente e aprecio a sombra que as árvores generosamente oferecem. Quando Villarrica foi criada, a área era habitada pelas tribos Guarani e Jê, e a área toda deveria ter sido como este oásis de floresta viva.

Paramos o carro e entramos num pequeno museu. Uma maquete da vila original mostra a praça, com uma igreja e uma cruz no centro, cercada por fileiras de casas de barro com telhados de palha — religião e colonização de mãos dadas. Ao longo dos séculos, as casas de barro se desintegraram e formaram pequenos amontoados, recuperados agora pela Mata Atlântica.

Sáímos do museu e caminhamos por uma trilha graciosamente atapetada de folhas marrons e verdes, atravessando a floresta até o rio. Os galhos das árvores robustas ao nosso redor se abraçam acima de nossas cabeças, protegendo-nos enquanto caminhamos. Raios de sol atravessam o dossel para destacar pássaros e troncos caídos. A floresta está cheia de vida e me parabenejo por reconhecer o pássaro guaxe de dorso vermelho e o bem-te-vi de barriga amarela. Um lagarto, com meio metro de comprimento, sai em disparada da folhagem e cambaleia imperturbável pelo caminho. Esta trilha era a estrada principal da vila, que sobrevivia principalmente das plantações de mate. “Esta foi uma missão jesuítica?”, pergunto ao meu guia enquanto caminhamos.

“Não”, responde ele, pensativo. “Esta cidade antecede um pouco as missões jesuíticas.”

“Mesmo? Cabeza de Vaca não conheceu um índio catequizado na região no Caminho de Peabiru em 1541 e o empregou como guia?”, questiono.

“Outras ordens religiosas estavam ativas, franciscanos e dominicanos por exemplo, mas os jesuítas chegaram depois de Cabeza de Vaca percorrer o Caminho de Peabiru. Você é irlandesa, certo? Você sabia que um dos primeiros dois jesuítas que se estabeleceram aqui em 1588 foi um irlandês chamado Thomas Fields? Ele era de um lugar chamado Limerick.”

Paro de andar e rio alto. Como a vida é bizarra! Aqui estou eu, uma irlandesa aleatória, seguindo o Caminho de Peabiru, um possível Caminho de São Tomé, e descubro que um dos primeiros jesuítas catequizadores a usar estes mesmos caminhos há mais de quatrocentos anos é um irlandês chamado Thomas, que se traduz como Tomé em português. Ele até vem do mesmo condado da Irlanda de meu pai. Quando a surpresa passa, percebo que também mostra como meus próprios ancestrais irlandeses tiveram parte na colonização e na catequese dos Guarani. Apenas um pequeno número de irlandeses chegou à América do Sul, mas talvez, desde que São Brandão encontrou o paraíso aqui no século VII,

estivéssemos envolvidos no trabalho missionário no Brasil, como demonstrado pela atuação pioneira do jesuíta Thomas Fields. Vim para a América do Sul numa missão secular, mais voltada para dar apoio material e psicológico do que espiritual, talvez algo que foi inconscientemente inculcado em mim como uma jovem católica numa Irlanda fortemente missionária.

Meu guia continua falando sobre os jesuítas: “No começo, os jesuítas eram evangelistas ambulantes, movendo-se entre as aldeias indígenas com suas cruzes e livros de imagens bíblicas, mas em 1610 começaram a criar missões, lugares onde colocaram os índios para morar, limitando sua liberdade. O principal sacerdote jesuíta aqui, Montoya, justificou as missões como uma maneira de facilitar a conquista espiritual, que foi impedida pelo fato de os índios viverem dispersos na selva, nas montanhas e nos vales. Nas missões estabelecidas, os jesuítas podiam assegurar que os índios vivessem de maneira civilizada, garantindo que usassem algodão para cobrir sua nudez tradicional, por exemplo”.

“Montoya foi uma das primeiras pessoas a escrever sobre o Caminho de Peabiru, certo?”, digo.

“Sim”, meu guia acena com a cabeça. “Ele escreveu sobre uma trilha ampla e extensa, que deve ter sido usada sem parar para realizar o trabalho de catequese dos jesuítas. Também escreveu sobre São Tomé como a verdadeira identidade de Sumé dos Guarani. Ele até registrou que possuía um pedaço de madeira da cruz de São Tomé.”

Ele para por um momento antes de continuar. “Embora Villarrica não fosse uma missão, mais tarde quinze missões foram construídas nesta região, permitindo aos jesuítas conquistarem as almas de milhares de índios para compensar a grande perda de seguidores na Europa devido à Reforma Protestante.”

“Sim”, afirmo. “Essas mesmas batalhas religiosas continuam no Brasil hoje, com os evangélicos protestantes fazendo grandes avanços na conquista de comunidades tradicionalmente católicas. Mas por que os Guarani se juntaram às missões? Deve ter sido um inferno para essas almas seminômades ficarem presas em um só lugar.”

“Os Guarani se uniram às missões jesuíticas para sobreviver”, explica meu guia. “Suas formas tradicionais de viver da terra, através da pesca, caça e agricultura

seminômade de subsistência, não eram mais viáveis desde a rude chegada dos europeus. As opções dos Guarani eram ou ser tratados como escravos no sistema de *encomienda* espanhola ou ser caçados pelos bandeirantes portugueses, que invadiram as florestas para capturá-los como escravos para as plantações em São Paulo. Centenas de milhares, se não milhões, de índios foram mortos, torturados e escravizados pelos bandeirantes.”

“Mas os bandeirantes são considerados heróis aqui no Brasil. Vi estátuas de bronze de vários deles na entrada das cidades por que passei de ônibus pelo Paraná”, protesto. “Eles são heróis de certa forma para o Brasil”, continua o guia. “Aos bandeirantes é creditada a triplicação do território do Brasil, à medida que empurravam os espanhóis cada vez mais para o oeste e para o sul, e descobriram muita riqueza mineral. Ao mesmo tempo, eles capturaram os índios e os venderam como escravos.”

“Como eles poderiam justificar o que estavam fazendo? Eram cristãos, certo? Parte de toda a justificativa para a colonização era levar o cristianismo aos índios”, analiso.

“Este era um território do velho oeste”, lembra ele. “A religião costumava ser apenas uma fachada superficial, inconscientemente e às vezes conscientemente, fornecendo um senso de justiça aos atos mais hediondos. Um padre do século XVI, Frei Ortiz, afirmou que o deus que os colonizadores estavam pregando aos índios era ‘Dá-me ouro, dá-me ouro’. Esses bandeirantes tinham a ousadia de justificar seu tratamento aos índios como seu dever divino, citando o chamado do antigo testamento para combater nações pagãs. Sempre havia alguns sacerdotes com eles em suas expedições para ungir os mortos e acalmar sua consciência.”

“Então os bandeirantes eram os portugueses brancos pagos pelo governo?”, pergunto, tentando entender.

“Não, não. Os bandeirantes eram hordas privadas de homens aventureiros e desesperados de todo o estado de São Paulo, mas suas atividades eram apoiadas — ou pelo menos não restringidas — pelo governo português. Os bandeirantes eram liderados por um pequeno número de portugueses brancos, aqueles cujas estátuas ainda pontilham o país, mas os bandeirantes eram compostos principalmente por caboclos indígenas ou aqueles com sangue misturado de português e indígena. Muitos desses caboclos eram filhos de pais bandeirantes que tinham hordas de

filhos com diferentes mulheres indígenas. Eles até falaram sobre uma mistura de português e Tupi-Guarani chamado *Nhangatu* — ou a *língua geral*, como também era chamado. Era o idioma principal usado no Brasil na época, até ser proibido em meados do século XVIII. Esses bandeirantes tiveram um efeito devastador sobre os povos indígenas do país. Estima-se que havia 4 milhões de indígenas no Brasil em 1500, e duzentos anos depois havia apenas 300 mil. Eles morreram em massa de doenças trazidas pelos colonizadores, e muitos milhares de indígenas foram escravizados ou mortos pelos bandeirantes.”

Caminho em silêncio, tentando digerir esta informação dolorosa. “Existe alguma ruína missionária nas proximidades que possamos visitar?”, pergunto finalmente. Meu guia acena com a cabeça. “As missões foram construídas principalmente de barro aqui e literalmente se desintegraram de volta à paisagem. Elas foram atacadas em meados do século XVII pelos bandeirantes portugueses, liderados por Raposo Tavares, levando 60 mil índios como escravos. Os índios provavelmente usaram o Caminho de Peabiru para tentar escapar dos bandeirantes, que seguiam pela mesma trilha. Os jesuítas fugiram desta região com os 12 mil índios sobreviventes. Eles foram para o sul para estabelecer missões mais distantes de São Paulo, ao longo do Rio Uruguai. Existem ruínas de pedra espalhadas por todo o sudoeste do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Acho que também há alguns na Bolívia.”

Meu humor é sombrio quando voltamos para o carro e deixamos a reserva. Meu sentimento inicial de paz e alegria ao caminhar por uma natureza tão exuberante foi substituído por um desânimo repugnante ao aprender novamente sobre a brutalidade usada contra os povos indígenas e como o Deus católico de minha criação foi usado como justificativa. Isso tudo foi há muito tempo, mas permanece no ar de alguma forma, não resolvido.

Dirigimo-nos a uma vila vizinha para almoçar. Ao passarmos pela igreja católica, uma grande pintura acima da entrada principal chama minha atenção. A pintura mostra o Rio Ivaí passando por uma floresta verdejante. Quando olho mais de perto, vejo uma praia de areia no lado direito da pintura. Lá na areia, várias figuras indígenas seminuas estão reunidas, esperando enquanto um padre de túnica marrom batiza um índio no rio.

Fico observando esta pintura e os minutos passam. É muito grande,

monopolizando a frente da igreja e datada de 1974. A Igreja Católica ainda está tão orgulhosa da catequização dos indígenas, muitas dos quais morreram logo depois, devido ao contato com os europeus? Eu me pergunto até que ponto a Igreja Católica questiona seu papel na justificação da brutal colonização e massacre dos povos indígenas do Brasil. Em quinhentos anos é possível que a Igreja Católica não tenha apreciado a espiritualidade natural dos Guarani? É possível que não percebem o fracasso gritante em aproximar os conquistadores ou os indígenas de Deus?

A pintura fica comigo enquanto andamos pelas trilhas empoeiradas em direção a nossa hospedagem. À medida que caminhamos para o sul, a paisagem parece uma névoa de vermelho ocre e verde-escuro, pressionada contra o preto azulado do céu do fim da tarde. À minha esquerda, uma pálida lua branca, quase cheia, já é visível no céu. À minha direita, o sol está se pondo sobre as colinas em uma sinfonia de amarelo e rosa, com redemoinhos de fumaça negra subindo ainda da cana queimada. Caminhamos em silêncio pela estrada vermelha e empoeirada, ladeada pela lua e pelo sol. O astro-rei vai descansar, Vênus toma seu lugar no oeste e uma capa de escuridão estrelada nos envolve.

CÓ IVI OGUEREKÓ YARA — ESTA TERRA TEM DONO

Acordo no dia seguinte com saudades de casa. Bem cedo, pego um ônibus de volta para meu lar, no litoral. Comecei neste Caminho de Peabiru para encontrar uma sensação de paz, seguir em direção a alguma *Yvy Marã Ey* Guarani, e tudo o que encontro aqui no Paraná é um excesso pútrido de destruição e crueldade inconsciente. A história trágica dos povos indígenas no Brasil, o comportamento desprezível de muitos colonizadores e seus bandeirantes, e o conluio da Igreja Católica me enchem de um desejo de enterrar a cabeça na areia, como os avestruzes selvagens que vejo de vez em quando da janela do ônibus. Só quero estar perto dos meus filhos e me aconchegar com eles em uma bola protetora. Quero fechar meus olhos e meu coração à realidade da história deste continente e retornar à minha bolha de classe média e vida familiar. Este mundo maligno de ganância e decadência não tem nada a me oferecer. Certamente preciso me afastar dela, não me imergir nela, para alcançar um pouco de calma interior. No litoral, esse sentimento de despertar para meu lar adotivo trouxe principalmente um sentimento de admiração e maior intimidade com os Guarani e com a natureza.

No interior, o lado sombrio deste despertar para a natureza e a história da terra me assustam.

Por que que o Brasil é tão grande e minha viagem de volta para o litoral vai levar quinze horas? Para evitar mais atrasos, decido não parar no município paranaense de Pitanga, para ver as gravuras jesuíticas que foram encontradas perto das cachoeiras do Gamelão. São as mesmas gravuras históricas que foram vandalizadas por alguém em uma recente peregrinação organizada pelo grupo local do Caminho de Peabiru; outro fato que faz meu estômago revirar.

Tenho que fazer uma parada de duas horas em Guarapuava, ainda no Paraná, antes de pegar meu ônibus final de volta para Florianópolis. Guarapuava significa ‘lobo zangado’, referindo-se aos lobos selvagens outrora abundantes que os primeiros colonos encontraram nesta área. Estes animais estão extintos atualmente. O ar está muito frio quando desço do ônibus em Guarapuava e fecho minha jaqueta. O inverno decidiu ficar para a primavera, parece. É o clima que está doido, como todo mundo diz, ou nós que somos doidos por causar sua irregularidade? Guarapuava fica na estrada principal entre o litoral do Brasil e o Paraguai, possivelmente ao longo do antigo Caminho de Peabiru. Esta estrada é uma rota conhecida de tráfico de drogas, e sou cautelosa ao sair da rodoviária. Entro logo num táxi. Sei que há uma estátua de bronze de um guerreiro indígena em algum lugar da cidade e estou determinada a vê-la. Talvez nós europeus não ignoramos completamente a história dos povos indígenas. Talvez ainda exista algum respeito pelos povos mais antigos desta terra.

O táxi me leva pelas ruas largas de Guarapuava. A cidade é maior do que eu pensava e logo estou desorientada. Passamos por uma estátua grande e sólida de bronze de um militar montado em um cavalo no meio de uma rotatória. “Quem é?”, pergunto ao taxista.

“É Diogo Portugal”, diz ele sem rodeios. “Foi encarregado de construir o primeiro forte aqui no século XVIII ou XIX para garantir as terras para Portugal e proteger os primeiros habitantes brancos dos índios.”

“Havia índios Guarani aqui antes dos europeus?”, questiono.

“Acho que não”, responde o taxista. “Havia três outras tribos, mas não me lembro dos nomes delas.”

“Eles têm uma reserva por perto?”, pergunto, esperançosa.

“Não”, ele ri de bom humor. “Essas tribos foram massacradas. Não existem mais. Mas acho que há uma reserva de índios Kaingang e Guaraní não muito longe que se estabeleceram mais recentemente.”

Chegamos a outra estátua em uma rotatória e peço ao motorista para parar o carro, para eu tirar uma foto. Esta estátua, com 2 metros de altura, é muito menor que a anterior de Diogo Portugal. A estátua em si é ofuscada por sua base de 5 metros, que é preenchida com os nomes dos associados do Rotary e Lions Clubs que a financiaram e a ergueram em 1978. A estátua é feita de bronze e mostra um indígena de aparência orgulhosa, olhando desafiadoramente para cima, vestindo um pano na cintura, um amuleto de miçangas e um enfeite de cabeça emplumado, segurando arco e flecha. Ao seu lado um lobo, um daqueles historicamente abundantes nesta região, uiva para o céu. A estátua presta homenagem ao grande líder indígena ou cacique Guairacá, que significa ‘o lobo dos campos e das águas’. Logo abaixo na estátua há uma inscrição com as palavras *Cô ivi oguerékô yara*. Este foi o grito de guerra de Guairacá contra os espanhóis no século XVI e significa ‘esta terra tem dono’.

É refrescante que a força dos indígenas seja celebrada, um povo que deve ter demonstrado coragem e astúcia inimagináveis quando se encontrou em guerra contra as armas e cânones dos europeus. O cínico em mim observa, no entanto, que o líder indígena celebrado aqui lutou contra os espanhóis, e não contra os portugueses que chegaram depois. Desta forma, ele pode ser comemorado como se fosse um dos primeiros bandeirantes, protegendo o que seria a terra portuguesa ou brasileira dos espanhóis.

Volto para o táxi que me leva ao museu municipal, um bonito edifício colonial de teto baixo, com vista para a praça central original de Guarapuava. O museu está cheio de objetos da época colonial, um fluxo interminável de camas velhas, mesas e retratos. Posso ver apenas duas referências aos indígenas em todo o museu. Uma delas é uma pintura que descreve ou talvez comemora o massacre de índios pelos portugueses de seu forte no século XVIII. A segunda é um livro dourado com caixa de vidro, que nomeia todos aqueles que contribuíram financeiramente para a construção da estátua de Guairacá em 1978. Como os ataques bandeirantes, a estátua indígena era financiada pelo dinheiro privado, e não público. Não encontro

nenhum registro de financiadores da estátua de Diogo Portugal, que foi construída ainda mais recentemente.

O governo brasileiro ainda não percebeu como é cruel celebrar uma história tão repugnante para os povos indígenas? Na Irlanda, quando conseguimos nossa independência da colonização britânica, um dos primeiros atos foi retirar as estátuas de nossos opressores.

Na cidade de São Paulo há um enorme monumento construído em homenagem aos bandeirantes que se chama Monumento às Bandeiras. Um grupo de mais de 4 mil indígenas e simpatizantes jogou tinta vermelha nela como um ato de protesto. Os jornais ficaram indignados com o que consideraram vandalismo. Um dos líderes indígenas, Marcos Tupã, enviou uma carta à imprensa para explicar melhor o protesto. O que se segue é um extrato desta carta:

“Marchamos em direção a essa estátua de pedra, chamada Monumento às Bandeiras, que homenageia aqueles que nos massacraram no passado. Amarramos um pano vermelho à estátua, que representava o sangue de nossos antepassados derramado pelos bandeirantes, dos quais os brancos parecem estar tão orgulhosos. Alguns apoiadores não indígenas entenderam a força desse ato simbólico e pintaram a estátua com tinta vermelha. Para nós, povos indígenas, a pintura não é um ato de agressão ao corpo, mas uma forma de transformação. Embora alguns critiquem esse ato, eles nos ajudaram a transformar o corpo dessa estátua por pelo menos um dia. Parou de ser pedra e sangrou. Deixou de ser um monumento em homenagem aos genocídios que dizimaram nosso povo e foi transformado em um monumento de nossa resistência. Ocupado por nossos guerreiros, por nossas mulheres e crianças, esse novo monumento transformou nossa longa história em algo vivo e bonito, gritando a todos que podiam ouvir: ‘Pare de uma vez por todas o derramamento de sangue indígena neste país’. Como uma estátua pode ser considerada patrimônio brasileiro se homenageia o genocídio daqueles que se dizem fazer parte da sociedade brasileira? Que tipo de sociedade presta homenagem aos genocídios diante dos olhos de seus sobreviventes? Somente as sociedades que continuam praticando genocídio nos dias atuais. Este monumento para nós representa a morte. Para nós, arte é algo diferente. É algo que transforma corpos e espíritos. Para nós, a arte é o corpo transformado em vida e liberdade, e esse ato de protesto era arte.

Obrigado, aguyjevete, por todos aqueles que lutam!”

Em profunda reflexão, deixo o museu e atravesso a praça para visitar a catedral católica que domina a praça. Os portugueses chamaram o assentamento de Nossa Senhora de Belém, assim como a catedral. Quem tomou posse foram Portugal e a Igreja Católica, com o ato de posse solenizado pela primeira missa realizada lá, em 1771. Um sacerdote, Padre Chagas, foi decisivo na determinação da localização do assentamento, pois argumentou que essa terra era a melhor localização para a igreja. Depois que a catedral foi construída, a cidade de Guarapuava cresceu ao redor dela.

Abro as pesadas portas de madeira da catedral e quase fico cega pela decoração elaborada do interior. Todas as paredes e o teto são pintados de maneira complexa em ouro. Querubins abundam com mensagens em latim, as estações da cruz são retratadas, estátuas intermináveis se alinham nas naves laterais. A menina católica bem treinada em mim se inclina e dobra o joelho, antes de caminhar, de cabeça para baixo, pelo corredor até o banco da frente. Meu coração está batendo com incerteza, como se alguém sentisse minhas críticas à Igreja Católica e me expulsasse da catedral como blasfemadora. Acalmo-me enquanto me ajoelho e me concentro no rosto de Jesus na cruz. É sua mensagem e seu exemplo, não a política da igreja, que interessam.

O altar diante de mim é requintado e anjos de pedra flanqueiam cada lado do altar. Atrás, uma enorme pintura joga uma pesada sombra em mim. Não me atrevo a tirar fotografias, mas noto que na pintura há dois índios em trajes tradicionais de um lado, olhando para Jesus na cruz, no céu. Do lado direito há duas palmeiras vibrantes e altas que representam o cristianismo. Do lado esquerdo vejo uma árvore morta com uma serpente enrolada ao redor, que representa suas crenças indígenas. As palmeiras são tão sagradas para os Guaraní! Elas são os cinco pilares do seu mundo Pindorama. Diz-se que o próprio Sumé sobreviveu a uma enchente segurando uma palmeira. Mas aqui as palmeiras foram distorcidas e cooptadas como parte da evangelização sincrética dos indígenas. Levanto-me para sair, perplexa.

Lá fora, respiro o ar fresco e suspiro profundamente. Meu coração pesa com um sentimento de tristeza. Sentimentos de raiva aumentam e diminuem, mas essa tristeza profunda é a emoção mais forte. Ando dois quarteirões morro acima até

o meu destino final, a Lagoa das Lágrimas, antes de ter que pegar um táxi de volta à rodoviária. O dia está nublado. A lagoa parece desolada e sem brilho, com cerca de meio quilômetro de circunferência, cercada por caminhos de concreto, estradas e prédios de escritórios, com um pouco de vegetação sobrevivendo ao redor. Há dois barcos a remo enferrujados amarrados à beira da lagoa. Fico do lado deles e olho desanimada para a lagoa.

Diz a lenda que a lagoa foi formada pelas lágrimas de Irassáí, esposa de Guairacá. Quando Guairacá partiu para liderar as tribos contra os espanhóis, Irassáí teve a premonição de que ele ia morrer. Suas lágrimas foram derramadas por seu marido, por sua tribo, por seu modo de vida. A lagoa me parece pequena demais para representar tanta perda. Fico lá e me sinto tão enjoada, tão impotente, tão sozinha. Isso deve ser apenas uma sombra do que os povos indígenas sentem ao aprender sua história. Não tenho muito tempo antes de meu ônibus sair, mas decido dar uma volta ao redor da lagoa, para pedir desculpas minuciosamente pela maneira como nós, europeus e católicos, o tratamos. Com minha bolsa pesando nas costas, começo a andar. A cada passo bato no caminho concreto e digo '*sinto muito*' em voz alta. Quando estou na metade do caminho, a imagem de uma Irassáí chorando aparece diante de mim. Ela está de joelhos, curvada no chão, chorando desoladamente. De repente reconheço sua dor. Agora somos simplesmente duas jovens viúvas. Sinto dentro de mim algo que reprimo de novo e de novo há cinco anos o peso esmagador de perceber que nunca mais serei abraçada por meu marido, que ele nunca mais sorrirá para mim, que nossos filhos crescerão sem o pai, que toda a segurança e certeza se foram do mundo.

Além da dor da perda, como seria sentir também o desespero insuportável de saber que o futuro dos meus filhos, de toda a minha família, de toda a minha cultura e da terra sagrada que sempre foi meu lar estava sendo destruído?

As sensações que tenho sentido ao longo desta viagem no Paraná se movem da cabeça para o coração, e desmorono em um choro forte. Também tenho que me ajoelhar na beira da lagoa para expressar a dor que brota dentro de mim e meus lágrimas se misturam com as lágrimas da Irassáí.

O que aconteceu com os povos indígenas do Brasil não é uma página empoeirada e agora irrelevante em algum livro de história. É um verdadeiro sofrimento, uma dor real e palpável para os povos indígenas e uma mancha

sangrenta na história deste país e da Europa. A situação não foi reconhecida, quanto menos resolvida. Como o Brasil moderno pode esperar incluir todas as pessoas se não reconhece abertamente as atrocidades que perpetuou? Como o Brasil pode ir para frente e florescer se os povos indígenas continuam sendo tratados como párias indesejados em seu próprio solo?

Limpo meu rosto na manga antes de correr o restante do percurso ao redor da lagoa e chamo um táxi que está passando. O bom humor do motorista contrasta com minha tristeza. Depois das minhas primeiras respostas monossilábicas às suas perguntas, ele pergunta: “O que uma irlandesa está fazendo visitando Guarapuava?”.

Respondo rapidamente, recompondo-me: “Vim ver a estátua de Guairacá, o museu e a catedral, e agora dei uma volta pela Lagoa das Lágrimas. Estou interessada em história e lenda indígena”.

“Você ouviu falar da cobra?”, ele pergunta, olhando meu rosto molhado de lágrimas através do espelho retrovisor. Balanço a cabeça no negativo.

“Há uma lenda de que uma criança foi jogada na lagoa e se tornou uma enorme serpente, deslizou para fora da água e foi para o local onde hoje está a catedral. A igreja estaria construída em cima da cobra, e dizem que será um dia terrível se o animal se libertar.”

A história do taxista ocupa meus pensamentos enquanto rumamos para a rodoviária. Há uma cobra na história de origem Guarani, mas é muito diferente do símbolo da cobra que conhecemos no cristianismo. O primeiro ser humano vai a uma montanha no leste para aprender a viver na Terra e vê uma caverna com uma luz saindo dela. Quando entra na caverna, ele observa que a luz vem de uma cobra de prata. A cobra o enchia com uma sensação de serenidade, não de medo. O homem pergunta: “Você pode me ensinar a viver na Terra?” O animal responde: “É claro! Eu sou o espírito da terra”.

Enquanto o ônibus para Florianópolis perpassa pelas intermináveis plantações de soja e milho transgênicos, uma grande tristeza toma conta de mim. Penso em como o espírito da terra foi enterrado e pisoteado neste estado do Paraná. Quão pouca esperança que estará liberado um dia. Até o próprio Caminho de Peabiru foi coberto de asfalto ou abandonado.

Quão diferente da Estrada do Santo, na Irlanda, ou do Caminho de Santiago, na Espanha! No Caminho de Santiago, a trilha tem sido geralmente mantida desde que a peregrinação cristã começou, há mais de mil anos. Você pode seguir o Caminho por mais de 800 quilômetros na Espanha, a pé, de bicicleta ou a cavalo, se preferir. O estado de presença que experimentei no Caminho de Santiago veio de semanas percorrendo trilhas, principalmente imersas na natureza e seguindo claras setas amarelas. Havia outros peregrinos, moradores locais generosos e muitos albergues, restaurantes e fontes de água para me apoiar ao longo da peregrinação. Havia pouca necessidade de exercitar meu cérebro hiperativa, e eu poderia relaxar naturalmente e facilmente para um estado mais intuitivo e pacífico. A combinação de caminhar centenas de quilômetros rodeada pela natureza me levou organicamente a um delicioso estado de presença ou o *agyyje* Guarani. No Caminho de Peabiru, no entanto, a trilha se dissolveu na paisagem ou foi coberta com asfalto por cinco séculos de atividade e distração febril. Muitas das principais rodovias do sul do Brasil são construídas ao longo do Caminho de Peabiru. Mesmo onde a trilha ainda passa por um ambiente rural, ela não foi mantida ou marcada. Neste Caminho de Peabiru, meu cérebro está constantemente ocupado, reconstruindo a trilha de diferentes fontes, aprendendo sua história, procurando guias e locais associados ao Caminho. No Caminho de Santiago, eu estava segurada externamente, para ir mais fundo internamente. No Caminho de Peabiru tenho que ficar muito atenta para navegar meus passos. Estou tão ocupada *fazendo*, que não consigo simplesmente *ser*. Ao longo da caminhada pelo litoral houve momentos de sublime beleza e introspecção, vislumbres também da presença ao redor do fogo Guarani e sentada ao lado da arte rupestre. Mas aqui no interior estou mais imersa no passado violento desta região e em seu presente destrutivo. O sentimento de desgosto e consternação que sinto pela violência e injustiça em relação aos indígenas e à própria terra só está se intensificando nesta peregrinação. Estou me conscientizando do passado do país, das injustiças que continuam, mas desejo escapar de tudo isso. Desejo me derreter na natureza selvagem e intocada, largar todas as preocupações, entoar uma canção de presença.

Os Guarani em geral seguem o Caminho de Peabiru como uma peregrinação do oeste ao leste, seguindo em direção à costa sagrada no leste, na direção de *Yty Marã Ety*. Suas origens anteriores estão no oeste, na Amazônia, depois no centro do Paraguai, e migraram para o leste. Do século VI ao X, parece que eles seguiram os

caminhos do leste para o oeste, mas seus objetivos nessas viagens parecem ter sido mais belicosos — ou pelo menos comerciais — e não espirituais.

Após um tempo vivendo de forma relativamente pacífica com os colonos açorianos no século XVIII, eles também escaparam por esses caminhos para o oeste, mas em uma tentativa de sobrevivência desesperada diante da violência e da opressão dos *jurua*. Os primeiros conquistadores europeus, como Aleixo Garcia e Cabeza de Vaca, também seguiram do leste para o oeste, na direção do poder e da riqueza. Parece que, como *peregrina* no Caminho de Peabiru espiritual, estou indo na direção errada.

Enquanto o ônibus continua pela paisagem estuprada, faço a minha meditação da Flauta Andante, respirando por cada chakra e observando os pensamentos e emoções que surgem e o apertem meu coração e estomago. As horas passam. Vislumbro, talvez pela primeira vez, como resisto o que é desconfortável, desagradável, desafiante na história e no presente do Brasil. Percebo que queria abrir para a riqueza do Caminho de Peabiru, dos Guarani e da natureza Nhandecy, mas resisto me abrir para a sombra, para o difícil.

Vislumbro também como resisto o que é desconfortável na vida pessoal também. Foi criada numa família que se viu otimista, positiva, olhando sempre o lado bom das coisas e não entrando no difícil. Uma vez falei para meu pai na mesa do jantar que ele tinha que admitir que como família, não somos boa em lidar com conflito. A resposta dele? ‘Qual conflito?’. Este olhar otimista tem suas vantagens grandes. Quando fiquei viúva, podia olhar com agradecimento o amor que tinha vivenciado. Vim para o Brasil para montar um projeto em homenagem ao meu marido para crianças com doenças crônicas. Queria enfatizar, aumentar o bom que veio com a morte dele. Tive mais um filho — um presente de Deus que só podia vir por causa da morte do meu marido. O título que dei para o livro que escrevi sobre o processo de luto era ‘O Último Presente do Amor’, vendo a morte dele como um presente, uma abertura espiritual, um acordar que ele me deu. Foi dado limões e fiz limonada. Agora vejo minha resistência a encarar o difícil, o amargo de ficar viúva com medo de me perder nisso. Vejo que quero esquecer, me distrair, me afastar de tudo que é sombra — da minha história pessoal, da história coletiva do lugar onde moro.

Nestas horas no ônibus, sem distrações, sem escape, vislumbro pela primeira

vez que ignorando a sombra não me livrou dela. em busca da redenção — as missões jesuíticas

As missões jesuíticas são a única experiência que oferece qualquer indício de redenção para a história do colonizador europeu em relação aos povos indígenas do Brasil. Quando os jesuítas e os 12 mil Guarani fugiram dos bandeirantes no atual Paraná, em 1628, provavelmente usaram algum ramo do Caminho de Peabiru para escapar. Eles chegaram ao Rio Paraná, nas Sete Quedas, dezenove cachoeiras jorrando em sete grupos. Estas Sete Quedas era o cenário natural do filme *A Missão* de 1986 que tanto me inspirou a vir para América do Sul. Como muitas tribos nativas do Paraná, essas cachoeiras não existem mais. Foram inundadas há trinta anos para criar a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os jesuítas em fuga tentaram contornar as cataratas, mas, sentindo o hálito rançoso dos bandeirantes em seus pescoços, decidiram acelerar a velocidade da caminhada, lançando suas novecentas canoas nas cataratas, na esperança de alcançá-las rio abaixo. Novecentas canoas de madeira foram lançadas como oferenda às Sete Quedas, onde se quebraram em milhões de pedaços. O grupo desesperado continuou na trilha, carregando consigo os ossos dos jesuítas mortos, que haviam desenterrado dos cemitérios da missão anterior, e as estátuas barrocas dos santos importados da Europa. Dois padres jesuítas morreram na perigosa jornada para o sul. Dos 12 mil Guarani, apenas 4 mil chegaram à região mais ao sul que agora se chama Tapes. Muitos morreram de doenças, fome, ataques de animais selvagens e de comerciantes de escravos, e imagino que muitos Guarani conseguiram fugir também para a floresta nativa. *Tape* significa ‘caminho’ em Guarani e esta região hoje faz parte do estado mais sulino do Brasil, o Rio Grande do Sul. É por um *tape*, o Caminho de Peabiru, que os Guarani chegaram a esta região. Aqui, um punhado de jesuítas e milhares de Guarani construíram sete missões do lado brasileiro do Rio Uruguai, longe de São Paulo, dos bandeirantes e dos interesses comerciais da cana-de-açúcar ao norte. Neste canto isolado do novo mundo, eles criaram sete comunidades que somaram até 7 mil habitantes, nas quais os Guarani trabalhavam na terra, criavam gado e aprendiam profissões como fabricação de violinos. O tempo todo os Guarani eram catequizados, suas almas pagãs supostamente salvas do diabo e dos fogos do inferno.



Paraná, Sul do Brasil, setembro de 2012.



Lapa, Paraná, Sul do Brasil, julho de 2012.



Caminho de Peabiru, Paraná, Sul do Brasil, setembro de 2012.



Paraná, Sul do Brasil, setembro de 2012.



Paraná, Sul do Brasil, setembro de 2012.



Guairacá



Fênix, Paraná, setembro de 2012.



Lagoa de Lágrimas, Paraná, setembro de 2012.

VIAGEM ÀS MISSÕES

Viajo de carro para o sudoeste para visitar as ruínas das missões jesuíticas com meus filhos Tom e Liam, minha amiga Cida e seus dois filhos, Francisco e Pedro. Nós enfrentamos onze horas e meia de carro com os quatro garotos na parte traseira do Fiat Uno. Durante a viagem, vemos apenas uma *tekoá* Guarani, composta por algumas casas de barro e barracas, perigosamente perto da estrada movimentada, com roupas penduradas em varais por toda a parte. Noto uma igreja evangélica, incongruente e conspícua entre as casas de barro. Quando chegamos à área das sete missões, o clima no carro está lotado de energia reprimida dos quatro meninos. Dirigimos os últimos 20 quilômetros diretamente em direção ao sol poente. A paisagem monótona de intermináveis plantações está vivificada por um intenso tom de vermelho carmim.

Quando finalmente chegamos à cidade de São Miguel das Missões, o céu já escureceu. Paramos para comer pizza num restaurante de esquina chamado Aldeia Grill. Com estômagos cheios e birras evitadas, abrimos as janelas do carro enquanto passamos a uma curta distância das ruínas sombrias da Missão de São Miguel e vemos clandestinamente o show de luzes e sons oferecido aos turistas no local. Passando as ruínas, chegamos exaustos à nossa pousada. O local tem como tema os Guarani e está repleto de informações sobre o modo de vida dos Guarani, sua *ñande reko* e sua cosmologia. Cada quarto tem o nome de um elemento da cultura Guarani e a área de recepção está cheia de artes e ofícios indígenas. Exausta, adormeço, aliviada por finalmente estar num lugar que celebra os Guarani.

Na manhã seguinte caminhamos 300 metros até as ruínas da Missão de São Miguel Arcanjo e pagamos nossa taxa de entrada a um grupo de guardas uniformizados e pouco interessados em nós turistas. As nuvens cinzentas escuras estão baixas no céu, indicando chuva. Andamos por um campo aberto e vazio, que na época das missões estava cheio de fileiras de simples casinhas de barro com telhados de palha. Os Guarani moravam nessas casas, organizados em famílias nucleares. Imagino que estranharam essa limitação ao seu senso mais amplo de família. Paro no meio do campo e tento imaginar as casas de barro e sua simetria perfeita que promete uniformidade e ordem incongruentes com a cultura Guarani. Cada casinha de barro possuía um pequeno lote de terra para cultivo próprio de

subsistência. A estrada principal entre as casinhas levava diretamente até a praça com sua igreja imponente, o coração pulsante da missão.

Os meninos correm pelo campo cheio de flores silvestres roxas e amarelas, passando por uma cruz de 2 metros de altura. A cruz é diferente da cruz cristã tradicional, pois tem duas linhas horizontais, em vez de uma: a fé dobrada. Ao final do campo, chegamos à enorme ruína marrom avermelhada diante de nós — o que sobrou da grande igreja da Missão de São Miguel Arcanjo.

Uma melancolia me invade quando olho para a ruína. Começa a chover e tentamos nos abrigar, mas não resta telhado. Pequenas brechas na pedra nos oferecem alguma proteção da chuva. Toco a flauta para marcar nossa chegada. Ao som de “Oboé de Gabriel”, o tema musical do filme *A Missão*, olhamos os muros encharcados e quebrados, sendo lentamente recolonizados por figueiras, por tufos de grama e por flores silvestres. Uma forte melancolia me invade. Grandes aspirações jesuíticas e infinitos esforços e sacrifícios Guarani — tudo se transformou em ruínas.

Tento convocar diante de mim a imagem de crianças indígenas em filas angelicais num coral, ou uma imagem dos homens esculpindo os violinos com um domínio surpreendente nas oficinas próximas à igreja. Mas tudo o que posso ver são os muros arruinados e os olhares decepcionados nos rostos dos meus filhos enquanto a forte chuva cai. Da ruína da igreja olho para onde antes havia a praça e tento imaginar as mulheres, seus lindos corpos desajeitadamente cobertos em panos brancos grossos. Mas tudo o que posso ver é a grama irregular que se estende desolada diante de mim. Todo o esforço humano evapora como uma nuvem nas mãos impiedosas do tempo, da ganância e da política? Por que realizar qualquer coisa neste mundo se tudo o que podemos fazer é tão pequeno, transitório e inconsequente? Como tantos de nossos ideais são cegos e perigosos!

Embaixo da entrada arqueada da igreja, Cida e eu despejamos água quente na cuia para beber mate. O mate me aquece e me tira dos pensamentos sombrios. Esta tradição de chimarrão é desta região, uma prática dos gaúchos, que por sua vez aprenderam com os Guarani. Mate — *caá* — é uma planta sagrada para os Guarani. A princípio, os jesuítas o proibiram nas primeiras missões como “a erva do diabo”, mas logo estavam incentivando seu uso como um meio de reduzir o alcoolismo que havia tomado conta dos Guarani. As missões começaram a

produzir mate em grande quantidade em suas terras comunitárias e logo se tornou um dos seus fundamentos econômicos. Como os Guarani devem ter se sentido em relação à comercialização de sua planta sagrada? Os Guarani sempre viveram numa forma de subsistência, e conceitos de dinheiro, lucro, armazenamento e venda de alimentos devem ter sido estranhos para eles.

Andamos por detrás da igreja, onde os jesuítas tinham suas vidas particulares, separados dos Guarani. A área agora está coberta de mato, com figueiras enormes e ocas. Os jesuítas experimentavam aqui cultivos da Europa antes de mandar os Guarani plantá-los em grande quantidade. Embora os jesuítas e os Guarani morassem nas mesmas missões, eles não viviam juntos da mesma maneira. O pequeno número de jesuítas liderava as missões, ditando todos os aspectos da vida cotidiana dos Guarani. No entanto, concederam alguma voz aos caciques Guarani e algumas das tradições foram respeitadas. Dado que os jesuítas eram tão poucos em número, em comparação com os estimados 300 mil Guarani que foram ‘reduzidos’ no continente, é muito revelador que as missões até hoje são conhecidas principalmente como missões *jesuíticas*, ao invés de missões *Guarani*. Deve ter sido um comunismo católico, em que alguns eram mais iguais que outros.

As missões devem, no entanto, ter sido uma alternativa atrativa para muitos Guarani — pior seria acabar na pseudo-escravidão do sistema de *encomienda* dos espanhóis ou nas mãos dos bandeirantes. O antigo modo de vida dos Guarani na floresta tinha acabado e sua sobrevivência para muitos parecia estar dentro dos limites das missões, que podem ter atendido às suas necessidades materiais por um tempo. Mas quão doloroso deve ter sido para os indígenas desistirem de seu modo de vida, comercializarem seu *caá* sagrado e serem confinados e negados seus perpétuos movimentos e peregrinações para *Yiy Marã Ey*. Que dor para tapejara! Talvez essa dor seja o preço que tiveram que pagar para continuar existindo. Embora muitas outras tribos no Brasil tenham desaparecido, os Guarani compõem quase 10% da comunidade indígena do Brasil. Eles persistem na pobreza material de suas *tekoás* à beira da estrada, no sangue e nas características faciais de muitos sul-americanos e nas tradições e idiomas do Paraguai e do Brasil. Em algumas *tekoás* os Guarani mantêm a herança ancestral e até a compartilham com os *jurua* ao seu redor. Os indígenas acreditam que a Terra foi criada para eles viverem da maneira tradicional, como um caminho para o paraíso. Eles vivem a vida física, sua *nãnde reko*, com um objetivo espiritual. Acreditam que, se todos os 225 mil

Guarani na América do Sul perecerem, o mesmo aconteceria com a terra, em detrimento do resto de nós também. Eles sobrevivem não apenas para si mesmos, mas também para a terra e para todos nós.

Nossos filhos correm pelo campo aberto, dando as costas para as ruínas da igreja. Cida e eu andamos lentamente atrás deles. Passamos por uma árvore da minha altura, com o tronco torcido. Suas folhas ovais verde-escuras e verde-claras escondem sua pequena fruta roxa e preta.

“Que árvore é esta?”, pergunto a Cida. “É uma erva-mate.” “Mas isso não é uma erva, é uma árvore!”, exclamo, perplexa. “Você é tão gringa”, ela ri de mim. “A erva-mate é chamada apenas de erva, mas na verdade é uma árvore.” Rio com ela. Faz alguns anos que tomo maté mas não fazia ideia que vem de uma árvore, e não de uma planta baixa. “Aparentemente, mate ou *caá* foi mais um presente que Sumé deu para os Guarani”, afirmo com confiança, tentando em vão me reafirmar como a guia qualificada da viagem.

Logo os meninos estão nos chamando para nos juntarmos a eles no pequeno museu, e Cida e eu caminhamos até eles. O museu abriga muitas estátuas de Jesus, Maria e os santos, intrincadamente esculpidas em madeira. Elas são tão delicadas que me fazem querer passar a mão nas bochechas e tocar a curva descendente do nariz. A tosse de um dos seguranças me faz colocar minha mão de volta ao meu lado. No meio da sala vejo algumas grandes estátuas imponentes de madeira, mais altas do que eu. A parte de trás das estátuas foi escavada. Se os seguranças não estivessem por perto, eu seria capaz de entrar na parte de trás delas. A mentalidade de caçador de tesouros sugere que elas foram deixadas vazias para que o ouro e a prata dos jesuítas pudessem ser escondidos dentro delas. Outros dizem que os jesuítas ficavam dentro das estátuas e conversavam com os Guarani, enganando-os, levando-os a acreditar que os santos cristãos podiam falar e mandar ordens divinas por meio de suas estátuas.

Na varanda atrás do museu encontramos um pequeno grupo de Guarani vendendo silenciosamente seus produtos: uma seleção de facas artesanais de madeira, arcos e flechas, pequenas onças e corujas entalhadas. Compramos um presente para cada um dos meninos. Liam e P. escolhem facas e F. e Tom escolhem um arco e flecha. Tom amarra o arco impacientemente e grita alto enquanto a flecha voa pelo ar. Duas crianças indígenas de pés descalços estão sentadas perto

na varanda. Estão meio escondidas atrás de um pilar, olhando silenciosamente para as barulhentas crianças *jurua*. Os Guarani estão de costas para as ruínas e completamente separados do grupo de seguranças uniformizados que também estão amontoados na varanda para se proteger da chuva.

As missões jesuíticas duraram cento e cinquenta anos, embora tenham se mudado várias vezes para escapar dos apetites bárbaros dos bandeirantes. Entre alguns sucessos consideráveis, as missões sofreram secas e má administração, epidemias de doenças europeias que quase exterminaram missões inteiras e ataques sem fim dos bandeirantes. Talvez fosse conveniente para os bandeirantes que os jesuítas reunissem os Guarani num só lugar, em vez de ter que caçá-los em suas florestas nativas.

No século XVIII, quando a Espanha entregou a região das sete missões a Portugal, os espanhóis uniram forças com os portugueses para expulsar os Guarani desta terra missionária. Todos os jesuítas, exceto dois, já haviam fugido, poupando os seus pescoços e a presença da ordem dos jesuítas na América do Sul por um tempo. O filme *A Missão* retrata muito bem estes acontecimentos.

A guerra entre essas forças europeias e os indígenas das missões se chama “A Guerra Guarani”. As missões pertenciam aos jesuítas. A guerra, aos Guarani. A Igreja que os atraiu das florestas abandonou-os a um destino de morte e guerra.

O herói Guarani, o missionário Sepé Tiaraju, que liderou os Guarani por anos em um esforço para proteger as missões, é famoso localmente por gritar ao exército de colonizadores: “Esta terra já tem um dono, e nos foi dada por Deus e por São Miguel”, antes de ser esfaqueado por um soldado espanhol e baleado por um capitão português.

Como Guairacá antes dele, cuja estátua vi em Guarapuava, Tiaraju simboliza a resistência indígena às potências europeias. Ambos perderam a vida por isso. A educação de Tiaraju nas mãos dos jesuítas não atenuou sua indignação com a brutal colonização, e talvez a tenha alimentado ainda mais com a compreensão da justiça de defesa aos olhos do próprio deus dos brancos. Há uma estátua de Tiaraju na entrada do município de São Miguel das Missões, em frente a uma estátua de um jesuíta. As feições indígenas e cabelos longos de Tiaraju me lembram a estátua de Guairacá, mas, ao contrário da tanga usada por Guairacá, Tiaraju está usando as roupas restritivas de um soldado europeu do século XVIII. Os Guarani aceitaram

as vestimentas do colono, na ingênua esperança de que as roupas e a consciência cristã dos *jurua* os salvassem.

Sepé Tiaraju é conhecido como um santo popular no sul do país por ter defendido as missões católicas durante anos contra as forças aliadas da Espanha e Portugal. Um município vizinho é chamado de São Sepé. A Igreja Católica, no entanto, até hoje não fez nenhum movimento para beatificá-lo ou canonizá-lo. Em 2009, Sepé Tiaraju foi nomeado herói nacional no Brasil. Será que até o estado brasileiro é mais rápido em reconhecer e atenuar seus fracassos e omissões do que a Igreja Católica?

Sumé, nosso criador do Caminho de Peabiru, era famoso por ensinar os Guarani a fazer clareiras e plantar seus cultivos sagrados — *caá*, maté, *awati*, milho, e *mandioca* — e a moer o trigo para fazer farinha. Em algumas versões da lenda, ele os ensinou sobre um deus verdadeiro, carregava uma cruz e proibia a poligamia e a antropomorfia. Os jesuítas devem ter se visto seguindo os passos de São Tomé, o Sumé cristianizado. Imagino que alguns desses primeiros jesuítas eram homens verdadeiramente bonitos, inocentes e bem-intencionados. Inflamados pelo zelo missionário e com pelo menos alguma competência, eles “reduziram” cerca de 300 mil Guarani, ensinando-os a plantar vários cultivos comercialmente e seguir os mandamentos cristãos. Conseguiram, em larga escala, o que Sumé/ São Tomé havia simplesmente pregado como profeta ambulante. No entanto, é Sumé, e não um padre jesuíta, que é reverenciado até hoje pelos Guarani.

VOZES GUARANI

Deixando as sombras da Missão de São Miguel, dirigimos 30 quilômetros até a *tekoá* Guarani mais próxima. Uma representante da agência pública de turismo perto da Missão nos adverte antes de partirmos para a *tekoá*: “Eles tentarão cobrar mais, mas não paguem mais que R\$ 50 pela visita”.

Na estrada nos perdemos um pouco e paramos para pedir informações a um Guarani que encontramos. Ele responde em espanhol e nos indica a direção certa. Logo depois, chegamos à escola da *tekoá*, onde várias crianças estão saindo da sala de aula equilibrando pratos de comida. Uma professora branca fala em Guarani em voz alta com eles. Um jovem se aproxima de nós e sem muito entusiasmo se oferece para ser nosso guia. Entrego R\$ 50 e ele aceita sem dizer uma palavra.

Caminhamos até um edifício de barro com telhado de palha que funciona como centro comunitário. Olho para dentro e vejo quatro adolescentes Guarani vestidos de forma moderna na frente de um computador Mac, junto a dois jovens *jurua*. Um dos *jurua* faz um gesto para eu entrar. “Oi, estamos ajudando estes jovens a fazer um documentário sobre a vida nas aldeias”, conta ele com entusiasmo. “Trabalhamos em várias outras aldeias Guarani ao redor do Brasil.” “Como está indo?”, pergunto a um dos adolescentes Guarani. Ele sorri e acena com a cabeça. Nosso guia já está nos chamando para conhecer o próximo prédio, o centro de saúde, então dou adeus ao pequeno grupo na casa de barro. O guia nos informa que a enfermeira vem uma vez por semana. “As pessoas vão ao pajé antes de recorrer à enfermeira”, ele nos explica com uma voz desafiadora. “Vocês têm uma *opy* na vila, uma casa de oração?”, pergunta Cida. “A gente tinha, mas não temos mais”, ele responde. “Vocês fazem os rituais diários de acolher o sol e celebrar o pôr do sol?”, questiono. “Costumávamos quando tínhamos uma *opy*”, o guia responde. “A partir das 5h30 cantávamos e dançávamos juntos. Agora, as pessoas fazem isso em seus próprios lares.” “Há cristãos aqui?”, pergunto, pensando nos esforços dos jesuítas na conquista espiritual. Ele ri com desprezo e diz com força: “Não há cristãos aqui e não deixamos nenhuma igreja cristã se instalar em nossa *tekoá*”.

As casas da *tekoá* são feitas de madeira, mas nosso guia nos leva até uma casa baixa e tradicional de barro. Ao lado dela um homem fuma, sentado perto de uma fogueira. Quando nos vê, entra na casa sem dizer uma palavra e volta com uma seleção de pequenos animais esculpidos em madeira e um monte de CDs de crianças Guarani cantando suas canções tradicionais. Compro um CD e agradeço. Ele pega o dinheiro, não diz nada e volta a se sentar junto ao fogo.

Muitas perguntas estão explodindo dentro de mim, mas o guia está olhando indiferente para o chão lamacento, ansioso por terminar nossa visita o mais rápido possível. Procuo algo para preencher a lacuna entre nós. “Conversamos com um Guarani na entrada da *tekoá* e ele falou em espanhol conosco”, conto ao guia. “Vocês têm muitas pessoas da Argentina ou do Paraguai aqui?” Ele responde causticamente: “Não reconhecemos suas fronteiras nem seus países. Ele é Guarani como nós”.

Penso que não tenho nada a perder e faço uma pergunta que realmente quero fazer ao guia. “Acabamos de visitar a ruína da Missão de São Miguel. O que

“você pensa sobre isso, o que pensa sobre o passado dos Guarani?”

Ele encolhe os ombros, os olhos ainda fitando o chão lamacento. Depois de um momento, afirma em voz baixa e monótona: “Quando penso nisso, sinto raiva. Mas para nós, agora, esta *tekoá* é boa. A terra é boa e há muito espaço. Temos uma fonte natural de água e uma pequena floresta”.

“Muitos outros Guarani vivem sem suas próprias terras, à beira das estradas”, digo. “Sim, algumas *tekoás* são muito pobres”, ele concorda calmamente. A situação de negligência e crueldade em relação aos Guaranis não é novidade para ele, vem ocorrendo sob diferentes formas há quinhentos anos.

Sentindo a atmosfera tensa, agradecemos ao guia rapidamente e vamos em direção ao carro. Nosso guia sai na outra direção, sem se despedir.

No carro, coloco o CD para tocar e deixamos a *tekoá* ao som das vozes angelicais e tranquilas das crianças entoando as canções ancestrais Guarani. Estas canções, o *Porã-Hei*, narram a história oral e os mitos do povo Guarani, que acredita que a entonação das palavras tem poder curativo. Enquanto Cida dirige, relaxo nas palavras desconhecidas e a batida regular da música, abrindo-me às vozes das crianças Guarani para curar minha fútil raiva e tristeza por eles.

Ouvindo as músicas, sinto minha visão sobre os Guarani se expandir. Sinto que ela se expande para incluir os quinhentos anos em que os indígenas viveram no sudeste do Brasil, antes da chegada dos portugueses. Imagens idealizadas dos Guarani aparecem caminhando de *tekoá* para *tekoá* em direção a *Yry Marã Eý*, cultivando sua leveza de ser, sua *aguyje* e suas culturas sagradas, e vivendo em feliz comunhão um com o outro e com a natureza. Minha visão se estende ainda mais para incluir a chegada dos Guarani em sua lenta migração, saindo da Amazônia e indo em direção ao sudeste. Na Amazônia, a tribo é conhecida como Tupi, mas aqueles que vieram para o sul e se apossaram das terras mais distantes são os Guarani, que significa ‘guerreiros’. Pela primeira vez, imagino os Guarani usando sua força de guerreiro para substituir as pequenas comunidades da tribo Humaitá que a antecederam no litoral. Também vejo esses guerreiros viajando para o oeste, belicosos e amplamente temidos por seus adversários. Reconheço pela primeira vez o lado guerreiro dos Guarani e os vejo mais plenamente. Começo a reconhecer a beleza e a feiura humana que todos compartilhamos. Como eu, eles são colonizados e colonizadores. Sinto um afrouxamento palpável nos meus

sentimentos de pena e reverência idealizada em relação aos Guarani. Com pena e reverência, mantenho distância. Sou mais ou menos que eles. Com o afrouxamento desses sentimentos, surge em mim uma sensação de intimidade com os Guarani e sinto mais autenticamente nossa humanidade comum. Sinto um respeito a esta comunidade que mantém sua língua e cultura oral vivas a pesar de 500 anos de opressão. Talvez os Guarani não sejam vítimas. Talvez sejam guerreiros culturais, cantando sua plenitude ao redor das suas fogueiras sagradas.

CERIMÔNIA DE CAÁ

O céu está chorando numa chuva torrencial quando chegamos a um pequeno museu Guarani, de volta à cidade de São Miguel. Saímos correndo do carro e gritamos alto ao nos molhar no curto trajeto até o museu. Na entrada do pequeno museu há uma grande estátua de São Miguel subjugando o dragão. Quebramos a paz do pequeno prédio mal-iluminado com nossa gritaria, e somos recebidos por S., que nos cumprimenta com entusiasmo.

“Montei esta casa da memória para compartilhar alguns dos objetos Guarani que tenho em minha posse”, ele nos conta com um sorriso. “Minha avó era Guarani e, embora eu não tenha sido criado da maneira tradicional Guarani, o *ñande reko*, vejo-me como Guarani também. Muitas pessoas por aqui têm sangue Guarani. Algumas têm vergonha disso, mas eu não. Considero um privilégio.”

S. nos mostra uma coleção de vasos e urnas de cerâmica, decorados com a cruz Guarani e tinta natural vermelha. “Este é o resultado de um projeto que fiz com a *tekoá* Guarani local”, conta ele. “Uma avó Guarani ensinou a dez indígenas adolescentes a confeccionar vasos no estilo tradicional, e produzimos quase cinquenta peças.” Admiramos os vasos, alguns dos quais ainda inacabados. “Apenas dois dos dez adolescentes participaram dos quatro meses inteiros do projeto”, lamenta S. “Muitos jovens Guarani estão se afastando de sua herança.”

“O que é isso?”, pergunta Tom, apontando para um pedestal de pedra com uma tigela cheia de folhas verdes. “Isso é sagrado”, diz o homem. “Além de ser um museu, esta casa também é uma pequena *opy*, ou casa de oração. Realizo um ritual Guarani, chamado ritual de *caá*, ou ritual do mate.”

“Podemos participar?”, pergunto intrigada. Ele olha para mim e sorri. “Claro que pode.”

Todos nós o seguimos até a tigela de pedra, e ele pega um colar nas mãos, entregando-o para Cida. “Por favor, coloque isso no meu pescoço para começar a cerimônia”, pede ele em voz baixa e respeitosa. Cida atende ao pedido. Os meninos estão em silêncio respeitoso, observando. S. fica ao lado da tigela de pedra e fecha os olhos. Ele respira profundamente por um momento, antes de reabrir os olhos. “O *caá*, o mate, é muito sagrado para os Guarani, assim como o *awati*, ou milho, que também usaremos nesta cerimônia. Realizarei o ritual e então vocês também o farão, um por um, depois de mim. Ficarei com vocês para ajudá-los a lembrar os diferentes estágios.”

S. pega um bastão de bambu com a mão direita e um punhado de *caá* da tigela com a mão esquerda. Ele anda em círculos ao redor da tigela de pedra no sentido anti-horário até um canto da sala, onde há uma pequena tigela com brasas em chamas no chão. “Quando coloco o mate no fogo, bato o bastão de bambu no chão três vezes e penso em todas as coisas negativas que quero deixar para trás.” A fumaça sobe da tigela quando ele joga o mate e bate alto no chão três vezes. Devagar, com calma, S. volta para perto da tigela de pedra e toma outro punhado de *caá*. Caminha em círculo para o outro canto, onde joga o mate em uma segunda tigela de brasas, batendo novamente o bastão de bambu três vezes no chão. “Desta vez penso em todas as coisas positivas que peço a Deus, especialmente que quero estar mais perto dEle.” S. faz um terceiro círculo ao redor da tigela de pedra e vai até uma tigela com milho e água. Pega um punhado de milho, joga um pouco de água na sua cabeça três vezes e diz: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, antes de bater o bambu três vezes no chão. O espaço ritual está cheio de fumaça e do cheiro de mate queimado. Ele se vira para nós e afirma: “A fumaça é mais poderosa que a meditação para nos aproximar de Deus. É por isso que os Guarani sempre usam o cachimbo, lançando a fumaça sobre si mesmos. A fumaça os purifica”.

Terminado o ritual, S. acena para seguirmos seus passos. Um por um, Cida, os meninos e eu realizamos o ritual do *caá*. Vou primeiro. Silenciosamente faço minha oração jogando o primeiro punhado de *caá*. “*Por favor, ajude-me a não mais fugir da história cruel da conquista do Brasil, a fugir do passado doloroso.*”

Quando jogo o segundo punhado de *caá*, também recito uma prece: “*Porém, peço para avançar neste Caminho de Peabiru sem ser esmagado por este passado.*”

Entrego o bastão para Tom e ele passa depois para os outros. Observo como os quatro meninos completam o ritual respeitosamente e silenciosamente. Eles estão totalmente presentes na cerimônia. Parecem estar conscientes da sacralidade deste simples ritual. Sinto muito amor por estes meninos, que estão no seu próprio caminho de crescimento e descobertas. Que alegria poder compartilhar esta sensação do sagrado com eles! Cida é a última a realizar o ritual e, ao terminar, nós duas abraçamos S. em agradecimento. A chuva diminuiu e saímos para ver os poucos itens que ele tem ao ar livre antes de partirmos. Chegamos vinte minutos antes em uma explosão frenética de ruído interno e externo, escapando da chuva, e agora estamos saindo mais silenciosos e tranquilos e até a chuva tem parado.

Do lado de fora do museu, ao lado da estátua de São Miguel e seu dragão, pergunto a S.: “O que você acha que os Guarani pensam das missões?”. Ele faz uma pausa para refletir antes de responder gentilmente: “Sinto uma tristeza no Guarani quando fala da época das missões”. E acrescenta: “No ano passado participei de um ritual com os Guarani no terreno da Missão de São Miguel Arcaño. Durante o ritual eles colocaram as mãos em forma de concha para pegar a fumaça do fogo sagrado e depois fizeram o mesmo gesto ao lado da cruz da Missão. Era como se reconhecessem que, como seu fogo, há também o espírito sagrado no cerne da cruz da Missão”.

Algo me toca profundamente no coração. Que belo gesto! Que gesto sábio! É um gesto que mostra a grandeza de espírito do Guarani.



São Miguel das Missões, Aldeia Guarani, setembro de 2012.



São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, setembro de 2012.



São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, setembro de 2012.



São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, setembro de 2012.



ZÊNITE – PARAGUAI



Foz do Iguaçu, na fronteira do Brasil e Paraguai, setembro de 2012.

VISLUMBRES NAS CATARATAS DO IGUAÇU

Vou sozinha até a fronteira brasileira entre o Paraná e o Paraguai, onde se encontram as famosas Cataratas do Iguazu. Cabeza de Vaca foi o primeiro europeu a encontrar as cataratas em 1542, enquanto seguia o Caminho de Peabiru em direção a Assunção, capital do Paraguai. Há uma placa de bronze marcando este acontecimento do lado argentino das cataratas. Acordo antes do amanhecer e abro a janela do meu quarto no hotel, localizado dentro da reserva natural do Iguazu. Um ipê florido faz uma reverência para mim abaixo da minha janela, caindo numa cascata amarela na escuridão estrelada. Visto uma jaqueta e saio do hotel silenciosamente. Caminho por detrás do hotel, passando pelos quartos dos funcionários adormecidos e por uma trilha deserta e cheia de matos. Estou completamente sozinha aqui. Logo chego às margens do Rio Iguazu. Sento-me em um degrau de madeira, bem no momento que o sol começa a nascer sobre o rio. É um nascer do sol suave, quase tímido, só para mim. O disco dourado sobe atrás de uma névoa cor-de-rosa e parece se refletir no vasto rio que flui rapidamente diante de mim. Agora existem dois sóis, um subindo no céu e o outro se estendendo por sobre a água e vindo em minha direção.

Cabeza de Vaca e seus homens subiram este Rio Iguazu em canoas que haviam comprado de uma tribo a mais de 100 quilômetros de distância. Como eu agora, eles podiam ouvir o rugido das cataratas que, para eles, se aproximava cada vez mais. *Iguazu* quer dizer ‘água grande’ em Guarani, e as cataratas fazem jus ao nome.

Quando ainda tem uma pitada de vermelho no céu, deixo a margem do rio e volto em direção ao hotel. Ainda é muito cedo. O parque natural abre para turistas entre as 9h e 17h, mas os hóspedes do hotel podem visitar as cataratas a qualquer horário. Aproveito para conhecê-las sem a multidão de turistas. Passo o hotel e deço em direção às cataratas, que estão ainda acordando, a música contínua de sua jorrada ganhando força com o nascer do dia. Corro pelas passarelas de madeira que dão acesso às águas, espalhando borboletas e lagartos enquanto passo. A passarela é ladeada por rochas no lado esquerdo e espessa folhagem verde no lado direito. De vez em quando a vista através da folhagem à minha direita me faz parar e ficar boquiaberta. Há muitas cachoeiras encontrando fendas naturais nas rochas duras para permitir que a água flua e salte para piscinas circulares abaixo.

Há camadas de cachoeiras. Uma delas cai em uma piscina, que cai novamente em outra cachoeira em outra piscina, antes de cair pela terceira vez no Rio Paraná, abaixo. Que fluxo imparável! As cataratas parecem tão femininas com suas longas e elegantes cascatas de cabelos cristalinos.

A primeira mulher Guarani emergiu de uma cachoeira. Na história de origem, o primeiro homem, Tupã Mirim, viu seu reflexo pela primeira vez quando foi a uma cachoeira de água pura e cristalina que caiu em uma poça de água limpa, espelhando sua imagem. “Mazutzinim!”, exclamou, que significa “Que coisa maravilhosa!”. E a primeira mulher emergiu da água e foi chamada de Mazutzinim. Eles caminharam juntos na terra e, como ela tinha acabado de chegar, ele queria mostrar tudo a ela. “Com os talentos que me foram dados, criei tudo”, ele afirmou. Ela respondeu: “Existem apenas criaturas cinzentas, e não criaturas coloridas”. Então ela disse a palavra *panamby* — que significa borboleta —, e a primeira borboleta apareceu. Dessa forma, a mulher proferiu o nome de todas as criações coloridas e bonitas. Pronunciou também os nomes das frutas saborosas e das flores perfumadas e, assim, participou da criação do mundo.

Todas essas coisas bonitas, criadas pela primeira mulher Guarani, abundam ao meu redor agora. Vários papagaios verdes, de costas para mim, assistem à chegada do dia. Pássaros de barriga amarela saltam de galho em galho, rindo de mim. Um beija-flor voa entre as árvores à minha volta e depois voa à minha frente, pairando por um momento acima do caminho, incentivando-me a seguir em frente. E, agora, um tucano com seu bico enorme e suas cores surreais me olha inquisitivamente de um galho alto.

E os arcos-íris! Arcos-íris aparecem e desaparecem nos prismas criados pelas cachoeiras em um elaborado e incessante espetáculo de luzes. Não há mais ninguém na passarela, ninguém mais apreciando as cachoeiras ou os arcos-íris. Toda a natureza está se exibindo apenas para mim. Meu coração está batendo enquanto corro e sinto que pode explodir de alegria. De repente, uma cutia caminha indiferente à minha frente e me traz de volta à terra com um baque. Ela me olha com desdém e fareja o chão com seu focinho longo, antes de sair lentamente do caminho. Começo a andar novamente em direção às cataratas, meu ritmo mais lento agora, meus olhos mais alertas para a abundante vida selvagem. A tribo Kaingang é a tribo principal desta região. Sua lenda conta que as cataratas foram criadas quando Naipu, que era noiva do deus M’Boy, fugiu com seu amante,

o jovem guerreiro Tarobá. M'Boy os perseguiu enquanto o casal escapava rio abaixo. Ele estava com tanta raiva que bateu com o punho no chão, fazendo com que o chão se abrisse para criar as quedas. M'Boy alcançou Tarobá e Naipu, transformando a noiva fujona em uma pedra. Ele a jogou embaixo das cataratas, num lugar que se chama Garganta do Diabo, para ser batida pela água eternamente por sua traição. Tarobá foi transformado em uma palmeira na beira das cataratas, obrigado a testemunhar o sofrimento de sua amada Naipu, incapaz de ajudá-la. Penso nas vinte e quatro horas que fiquei no hospital com meu marido Alastair, enquanto ele passava pelas dores do seu processo de morte inesperada, como um dos meus partos em revés. Que cruel esse deus M'Boy. Quanto sofrimento para Tarobá e Naipu!

O barulho das cataratas é como um trovão agora. Vejo uma larga folha amarelada cair de uma cachoeira sobre as rochas, abaixo. Sinto um lampejo de empatia por Naipu enquanto observo as rochas abaixo enfrentarem a força infinita da água. A vegetação nas rochas está levantada pelo vento criado pelas cataratas e mantida em pé como cabelos eriçados.

Sigo a passarela de madeira até o cerne das cataratas. Água cai num spray em mim de todos os ângulos, mas eu a enfrento que nem Naipu, rindo enquanto minhas roupas molham e grudam no meu corpo e gotas de água escorrem pelo meu rosto. Estou bem no coração das cataratas agora, com a Garganta do Diabo à minha frente. Um arco-íris se forma na água abaixo de mim, tons brilhantes de rosa e azul aparecem na sua espuma branca. Centenas de delicadas andorinhas negras dançam e mergulham suas asas na água de novo e de novo. Seus chilros agudos competem com o trovão da água. Estas andorinhas estão num frenesi, em êxtase. O arco-íris abaixo de mim se expande para criar um círculo completo de cores na água e parece que estou dentro do círculo. Euforia enche meu coração. Expando. Sou tudo isso.

Eu rio em voz alta, tiro minha flauta do bolso e toco, adicionando o meu som à cacofonia a minha volta. Como sou abençoada! Não só consigo sentir a natureza por dentro como também estou ciente de sua beleza e posso comunicá-la. Posso expressar tudo o que a água está sentindo enquanto corre e cai, posso expressar tudo o que a luz está sentindo quando irrompe em um arco-íris. As andorinhas com seu chilro ensurdecedor e os pássaros de barriga amarela com suas gargalhadas celebram comigo. Minhas alegres lágrimas se tornam parte do

jorro de água, caindo com gratidão no Rio Paraná. oásis da natureza

Uma antiga trilha indígena serpenteia pela floresta da reserva natural das Cataratas do Iguaçu. Quando Cabeza de Vaca ouviu o trovão das cataratas, sabiamente decidiu levar as canoas por esta floresta e atravessar o rio embaixo das quedas d'água. Não deve ter sido uma tarefa fácil caminhar com duzentos e cinquenta homens, suprimentos e canoas pela Mata Atlântica. Dizem que Cabeza de Vaca ficou hipnotizado pelas cataratas quando as encontrou e as chamou de Cataratas de Santa Maria. Pergunto-me, porém, se os espanhóis cansados também não amaldiçoaram as cataratas por dificultar sua viagem intrépida. No entanto, poderia ter sido muito pior para eles. Onze anos antes, em 1531, todos os participantes de uma expedição portuguesa liderada por Pero Lobo ao longo do Caminho de Peabiru foram massacrados por índios próximos às Cataratas do Iguaçu.

A trilha pela reserva é uma joia. Quantas pessoas conhecem as cataratas e nunca tomam tempo para caminhar lentamente pela Mata Atlântica exuberante que as rodeia. A floresta subtropical pulsa audivelmente com vida. Enquanto espero a formação do grupo que fará a trilha guiada, observo uma nuvem de borboletas coloridas que brincam num raio no chão. Parecem pontos tremulantes de azul, vermelho e amarelo iluminados pelo sol. Há trezentas espécies de borboletas na reserva, e todas parecem estar dançando na minha frente.

Caminhamos pela trilha, ladeada por árvores altas que fornecem um dossel para nos proteger do sol. Debaixo da folhagem das árvores altas, palmeiras e inúmeras outras espécies florescem. O guia aponta para um fungo vermelho na casca de algumas das árvores. “É uma doença?”, pergunta um caminhante, preocupado. “Não”, responde o guia. “Este fungo apenas floresce onde o ar está puro. Quanto mais você vê, mais puro está o ar.” Respiro fundo, saboreando o ar delicioso e puro. O guia aponta para as árvores que passamos: “Esta é a árvore angico-vermelho. É usada para fabricar excelentes móveis. Demora cento e cinquenta anos para atingir 30 metros. A maioria das árvores angico do Paraná foi cortada para plantar milho e outras monoculturas”.

“Esta aqui é uma árvore timbaúva, utilizada pelos índios para fazer canoas. Seu fruto é chamado de orelha-de-macaco e é usado pelos índios para fazer sabão”, ele nos informa. Mais adiante, aponta para outra árvore. “Esta é uma uvaia, como

uma goiabeira, que dá um fruto amarelo redondo. No entanto, não há muita fruta nesta floresta, principalmente sementes, por isso há muitos roedores que vivem das sementes.”

Aponto para uma árvore familiar e digo presunçosamente: “Esta eu conheço. Se nos perdermos, pelo menos teremos bananas para comer”. O guia sorri para mim. “Você está quase certa”, ele diz. “É uma helicônia. Tem as mesmas folhas que a bananeira, mas não dá banana. A árvore que dá banana não é nativa do Brasil. Foi importada do leste da Ásia.”

“O quê?”, pergunto, chocada. “As bananas não são nativas do Brasil? Moro no Brasil há sete anos e nunca ouvi isso!” O guia ri de bom humor. Internamente, penso na espécie de banana que se chama banana São Tomé e me pergunto se foi Sumé quem introduziu primeiro a banana no Brasil.

Continuamos, e outro caminhante diz com cautela: “Ouvi dizer que há onças-pintadas aqui na reserva”. O guia assente com a cabeça. “Estamos rastreando dezesseis onças. Também temos mais de quarenta tipos de cobras; portanto, fiquem de olho.” Treme com uma profunda aversão cultural às cobras, grata por não ter conhecido os perigos quando fiz meu passeio solitário para ver o sol nascer. Não há cobras na Irlanda. Um mito diz que São Patrício, o santo padroeiro do país, as baniou do pico de Croagh Patrick, uma montanha na costa oeste. A ciência, porém, aponta para o clima frio como explicação. Quando era criança, jurei que nunca moraria num país com cobras. No entanto, cá estou eu.

O guia nos sinaliza para ficarmos quietos. Ouvimos o som de um pica-pau bicando uma árvore. “Escutem! Estão conversando um com o outro”, ele sussurra. De uma outra direção ouvimos um pica-pau diferente bicar em outra árvore. Seguimos a ‘conversa’ por alguns momentos antes de continuar.

Passamos por uma sanga, um pequeno rio com água avermelhada do solo. “Este solo do estado do Paraná é o quarto mais rico do mundo”, informa o guia. “É por isso que é tão intensamente cultivado. Apenas as montanhas e as escassas reservas governamentais mantêm a Mata Atlântica viva aqui.”

Chegamos a uma área pantanosa, onde subimos uma torre de madeira para observar os jacarés-de-papo-amarelo na água, embaixo. Eles ficam imóveis, apenas seus olhos visíveis acima da água. Uma nuvem de borboletas enxameia em torno

de cada jacaré, banquetando-se com os minerais deixados em suas costas quando a água evapora. Em um tronco caído, um carcará está de olho no rio, procurando ovos de jacaré. Entre os juncos, um gracioso pássaro branco, o anhinga, equilibra-se sobre uma perna rosa. Observo este mundo novo, hipnotizada.

Naquela noite pareço um *anhinga*, equilibrando-me sobre um pé, com o outro pé montado numa grade, enquanto observo o pôr do sol sobre as cataratas da torre de vigia do hotel. Ali, no oeste, fica o Paraguai e a continuação do Caminho de Peabiru. Inclino-me na barreira da torre, assistindo à intensa luz vermelha se dissipar no azul-escuro da noite. A lua, quase cheia, toma conta do céu enquanto desço a torre e sigo para fazer minha última visita às margens das Cataratas do Iguaçu. O som estrondoso é mais intenso no escuro e exige um silêncio externo e interno. As estrelas começam a aparecer com perfeição coreografada acima de mim, anunciando o início do verão Guarani, *ara pyau*, o tempo novo. Ando devagar, atenta a cada passo, me acalmando e me esvaziando, derretendo em uma sensação de vazio e presença. Quando meus pés alcançam a beira das cataratas sinto-me expandir mais uma vez na paisagem, coroada agora pelo presente de um arco-íris lunar.

LEGADO GUARANI

Paraguai é o zênite do Caminho de Peabiru. Atravesso a ponte que faz fronteira entre as Cataratas do Iguaçu e a paraguaia Ciudad del Este: uma cacofonia de carros, vans e caminhões apitando e tentando se ultrapassar. Os veículos que retornam para o Brasil estão cheios de produtos plásticos baratos, importados da China a tarifas baixas. Filas de caminhões que exportam soja buzina agressivamente, enquanto trocam de pista na ponte com suas cargas pesadas. Esta também é uma das principais rotas de drogas da América do Sul — um caos.

Alejo Garcia, como nosso pioneiro europeu do Caminho de Peabiru é chamado aqui no Paraguai, é oficialmente considerado o ‘descobridor’ do país, quando seguiu o Caminho de Peabiru em direção à Bolívia, no início do século

XVI. Tenho certeza de que milhares de anos de povos indígenas do Paraguai iam discordar deste título. Cabeza de Vaca e seu bando caminharam das Cataratas do Iguaçu até a capital paraguaia de Assunção no verão de 1542.

Em Ciudad del Este procuro informação sobre El Sabio, de nome Moisés

Bertoni, um botânico suíço excêntrico que viveu no Paraguai há cem anos. Bertoni passou décadas estudando as tradições Guarani e descobriu e classificou muitas novas espécies de plantas, incluindo a catalogação da erva-mate e da grama curta e resistente que foi plantada ao longo do Caminho de Peabiru original. Os Guarani foram a fonte de informações da maior parte do trabalho que lhe emprestou fama nacional e internacional. Quando Bertoni morreu, deixou parte de sua propriedade para os Guarani que moravam perto dele, e eu me pergunto se os descendentes deles ainda moram no local.

Um motorista de táxi paraguaio, com um rosário pendurado no espelho retrovisor, tira-me com segurança do caos frenético que sinto nas ruas de Ciudad del Este. Olhando pela janela do táxi vejo placas indicando o percurso para o Aeroporto Alejo Garcia e muitos cartazes de campanhas políticas e comércio desesperado — um ruído visual desagradável. Fico aliviada quando saímos da cidade fronteiriça e respiro profundamente para liberar os restos de apreensão.

Quando contei para meus amigos no Brasil que estava indo para o Paraguai, a reação típica foi de preocupação. Há relatos frequentes de violência nas áreas fronteiras, onde multidões de brasileiros vão para comprar produtos eletrônicos chineses de baixo custo. Ninguém que conheço viajou para o Paraguai além da fronteira, e sinto uma antipatia e desinteresse palpável em geral por este país vizinho.

O motorista paraguaio e eu começamos uma conversa enquanto ele me leva sobre o Rio Monday e dirige por alguns quilômetros de estrada asfaltada. “O problema com os paraguaios é que muitos querem ter uma boa vida sem trabalhar muito. Está no nosso sangue, vem do sangue indígena que corre por todas as nossas veias aqui. Até os espanhóis que vieram para o novo mundo procuravam uma vida mais fácil”, conta ele. A estrada vira uma estrada de chão batido e vejo uma placa inclinada e meio oculta sinalizando ‘Museu Moisés Bertoni – 16 km’. Uma nuvem de poeira avermelhada se ergue quando passamos pelas estradas secas. Entramos em um labirinto de plantações de soja na altura dos joelhos, o verde-escuro das plantas contrastando com a cor ocre do solo, suavizado apenas pelo azul pálido do céu que se expande sem nuvens diante de nós. Rapidamente nos perdemos neste labirinto de monocultura. Não vejo nada da famosa biodiversidade das terras tradicionais Guarani. Muitos dos medicamentos do mundo se originaram das plantas das florestas dos Guarani. A língua Guarani é uma das mais utilizadas

no mundo em classificações botânicas. Demos outra volta errada e retornamos para um turbilhão de poeira vermelha, antes de seguir outra estrada idêntica no coração do labirinto. Forço os olhos para ver alguma placa que indique o museu de Bertoni. “Aqui!”, digo aliviada, espiando uma placa quebrada, quase escondida por um arbusto. “Precisamos virar bem aqui.”

Passamos por uma pequena plantação de milho, como um exército de homens magros agrupados sem ordem clara. Entre o milho podemos ver alguns barracos de madeira, pequenos montes de lixo e alguns Guarani do lado de fora de uma casa de madeira, seus filhos seminus no calor. “Olha”, murmura o taxista com desdém. “Pouco trabalho.” Passamos por um prédio antigo, abandonado e sem vida — uma escola. Ao lado há uma choupana feita de quatro troncos de árvores segurando um telhado de palha. As cadeiras da escola estão colocadas num círculo embaixo do telhado de palha. As cadeiras estão vazias, exceto uma, onde um galo se senta orgulhosamente.

Mais adiante, chegamos à entrada do Museu Moisés Bertoni, e o motorista estaciona o carro. Uma grande placa oficial nos informa que o museu está fechado e em reforma. Sinto uma decepção aguda. Peço ao motorista que me espere e vou até a pequena cabine de recepção para ver se há alguém por perto, mas a cabine está abandonada e rodeada de lixo. Nenhuma reforma parece estar em andamento; parece mais uma política de negligência concentrada. Passo pela cabine e entro num bosque que me oferece uma sombra gostosa. Caminho pela trilha abandonada à minha frente, viro uma esquina e quase dou de cara com um garoto Guarani. Ele olha para mim assustado e pula no mato.

Continuo caminhando. A vegetação deve ser bem rica, repleta de ervas e plantas nativas dos Guarani, mas sou completamente analfabeta na língua botânica deles, incapaz de identificar suas plantas. Chego a um centro de informações que tem a porta aberta. As janelas estão quebradas e o centro está vazio. Não há vestígios de móveis ou equipamentos. Continuo ao longo do caminho que agora está ladeado de lâmpadas de rua de ferro forjado. Observo que todas as lâmpadas estão quebradas, e cacos de vidro estão espalhados pelo chão. Num silêncio palpável, mais o silêncio do abandono do que da paz, chego a uma residência à beira do Rio Paraná. A porta está fechada agora e as persianas da janela estão trancadas. Impedida de entrar, fico na varanda e olho para o jardim desarrumado diante de mim, que corre morro abaixo até o rio. Um pequeno caminho até o rio

está quase invisível na grama agora. A natureza está gradualmente recuperando sua terra. No Paraguai, o Caminho de Peabiru é conhecido como *Tapé Avirú*, que quer dizer ‘a trilha bem usada’. Bertoni escreveu sobre a maneira engenhosa que os Guarani mantinham suas trilhas na floresta. Eles abriram um caminho e rapidamente plantaram dois ou três tipos de grama, que cresciam rapidamente, para impedir que a floresta fechasse a passagem. Os indígenas escolheram plantas particularmente pegajosas para que as pessoas que percorressem o caminho levassem a grama nas solas dos pés, plantando sementes dessa maneira ao longo da trilha por longas distâncias.

Desço pelo caminho para o rio, onde o cheiro de jasmim perfuma o ar e os sons de grilos e insetos desconhecidos formam uma canção. O rio se arrasta letargicamente diante de mim. Fico na pequena faixa de areia, onde há uma placa informando que aqui os Guarani entoam canções de gratidão ao sol poente todos os dias.

Sento-me na areia e olho para o lodo marrom do rio. Pego minha flauta e toco uma música melancólica para Bertoni e sua casa decadente. Ele está enterrado aqui no jardim, em algum lugar, sob as grandes árvores.

Um movimento à minha esquerda me faz virar e vejo um homem retirando algumas ervas daninhas. Ele mantém os olhos no chão até eu chegar ao seu lado. “Você trabalha aqui?”, pergunto. Ele balança afirmativamente a cabeça, olhando para mim timidamente. “Há quanto tempo o museu está fechado?” “Há cerca de um ano”, ele responde, e volta a retirar as ervas daninhas.

Começo a caminhar por outra parte da floresta e vejo uma passarela suspensa sobre minha cabeça. Encontro a escada para subir, mas está toda quebrada. De repente, algo começa a morder minha perna. Eu me contorço, batendo com as mãos na minha perna, e então sinto mordidas na outra perna, e agora na minha coxa. Pulo atrás de uma grande árvore e tiro a calça, gemendo. Uma colônia inteira de formigas decidiu me infestar. Esmago as formigas, até que finalmente as mordidas param. Viro minhas calças do avesso e bato com força contra a árvore antes de pegar as formigas restantes das pernas da calça, uma por uma. Mais calma, visto as calças de novo, rindo de mim mesma. Quando saio de trás da árvore, noto outro zelador, sentado em uma varanda, bebendo chimarrão e me olhando silenciosamente.

Tremo, um pouco envergonhada e exposta, e me apresso para longe da casa e do rio. Passo por uma clareira na floresta — um cemitério com pequenas cruces de ferro e bonecas simples de pano amarradas às cruces. Talvez seja um cemitério Guarani. Os indígenas tradicionalmente queimam os mortos dentro de suas casas e constroem uma nova para o restante da família nas proximidades. Em algum momento há tantas casas queimadas na *tekoá* que eles mudam a *tekoá* para um lugar a uma curta distância, para que os mortos continuem em suas moradias e perto da comunidade. A linha entre vida e morte parece mais tênue aqui. Os Guarani acreditam que quando morremos nos misturamos com tudo ao nosso redor, tornando-nos uma coisa só. A água sagrada do nosso corpo se torna a água de outros seres humanos e outras formas de vida. Fico em silêncio por um momento entre os túmulos, antes de continuar minha caminhada. Logo avisto sete pedestais de madeira que um dia devem ter carregado algum tipo de estátua. Agora não há estátuas, mas quando esfrego as plaquinhas de bronze nos pedestais consigo distinguir os nomes de alguns dos monstros mitológicos Guarani: Kurupi, Ao Ao, Teju Jagua.

A poucos passos do cemitério encontro uma *tekoá*. São várias casas de barro, algumas cobertas não com a palha tradicional, mas com ferro ondulado. Deve ser a *tekoá* dos descendentes dos Guarani que ensinaram a Bertoni muito sobre suas plantas e seu *ñande reko*, seu modo de vida. Vejo alguns adultos Guarani carregando sacos brancos sobre os ombros, mas nenhum deles olha para mim. Passo por uma casa onde três crianças pequenas estão sentadas no chão, brincando na terra. Uma menina de vestido sujo sorri para mim e vejo que está faltando um dos dentes da frente. Ela deve ter a mesma idade do meu filho Liam. Um menino menor, da idade de Eoin, está nu e coberto de terra. Ele olha curioso para mim quando eu passo. Um irmão mais velho, com uns doze ou treze anos, está saindo da casa e para quando me vê. “Você tem alguma arte ou artesanato para vender?”, pergunto rapidamente em espanhol. Ele sorri e entra na casa, antes de sair de novo com um pano grande. O garoto coloca o pano no chão, arrumando vários colares feitos de sementes. Agacho-me junto ao pano, curtindo a proximidade das crianças que me olham com olhos arregalados. Não sei quem está mais intrigado com quem. Compro alguns colares com cruces de palha e agradeço ao menino em Guarani: “*Agyjjetete*”. Ele sorri, mostrando seus dentes muito brancos e fortes. Despeço-me deles e saio da *tekoá*, retornando ao táxi. Esta área parece pertencer muito mais

à natureza e aos Guarani do que a Bertoni e seus visitantes. Algo me diz que ele preferiria que fosse assim mesmo.

QUAL A IMPORTÂNCIA DE UM NOME?

Viajo de ônibus pela rodovia que atravessa o Paraguai, da Ciudad del Este até a capital de Assunção, que foi construída na beira do Caminho de Peabiru. A rodovia se ergue na minha frente, reta e interminável. O ônibus treme durante o trajeto e é ultrapassado por outros ônibus que balançam precariamente em alta velocidade e por jovens motoqueiros sem capacete. O ônibus está imundo e eu chuto um pedaço de lixo questionável debaixo do meu assento para escondê-lo de vista. Está fazendo uns 35 graus e o ar-condicionado vibra de forma barulhenta e pouco útil. Todo mundo ao meu redor parece estar no celular, e um fluxo de sons nasais me rodeia. Só reconheço uma palavra ou outra em espanhol nas conversas. Todos estão falando Guarani ou jopara, uma mistura de Guarani e espanhol. Tento relaxar mais no assento, com a cabeça recostada, e tento não pensar no que está passando do encosto para o meu cabelo enquanto viajo. Pela janela vejo campos baldios com vacas solitárias, casas simples e grupos aleatórios de palmeiras. Ao longo da rodovia há pequenos santuários católicos à sua beira. Paraguai é um país altamente católico. Em 2007, em reconhecimento ao fervor religioso do Paraguai, o Papa proferiu a mensagem de Natal em Guarani, além de mais outras sessenta e uma línguas. Até o recém-deposto presidente Fernando Lugo foi bispo.

O ônibus para na cidade de Caaguazú, e na frente da parada há muitas barracas improvisadas com enormes melancias verdes, melões amarelos, laranjas descascadas, ervas medicinais e uma variedade interminável de bugigangas à venda. Todos tentam ganhar a vida na beira da estrada. Nas barracas, os vendedores estão com cuia na mão tomando tereré, o mate paraguaio que é bebido frio. Anúncios de celular chamam atenção de todos os lados. O Paraguai se uniu à rede móvel pré-paga com entusiasmo. O nome da cidade significa ‘Grande Pé de Erva-Mate’. Parabenizo-me por reconhecer algumas palavras básicas agora em Guarani. Mate era a planta principal do Paraguai durante a colonização, tornando o país periférico aos interesses da coroa espanhola, gananciosa por explorar colheitas e recursos naturais mais lucrativos. Talvez essa falta de interesse colonial seja uma das razões pelas quais a língua Guarani ainda está viva aqui. O ônibus começa a andar de novo e procuro, pela janela, qualquer sinal de pés de erva-mate, mas só

enxergo campos com arbustos fracos e algumas plantações de soja. O nome da cidade, como tantos outros, parece não combinar mais com a paisagem. A noite está caindo quando o ônibus chega a Villarrica, no estado paraguaio de Guairá. Passamos por uma praça pouco iluminada e fico feliz em ver a placa ‘Praça León Cadogan’, reconhecendo o nome.

Esta cidade é a localização final da vila de Villarrica del Espíritu Santo, que foi fundada originalmente no século XVI, perto do município de Fênix, o qual visitei no Paraná, no interior do Brasil. O lugar é conhecido como El Andarilho, pois se mudou sete vezes, até se estabelecer aqui, a 600 quilômetros de distância, dentro das terras protegidas da colônia espanhola. Esta é verdadeiramente uma cidade peregrina.

Combinei de encontrar minha amiga brasileira Cida aqui na rodoviária de Villarrica para explorar o Paraguai juntas por alguns dias. Ela chegou do Brasil faz algumas horas. Quando saio do ônibus, uma onda de calor sufocante me inunda e estou rodeada por taxistas. Alguém grita meu nome e, com alívio, vejo Cida acenando para mim. Ela me tira do meio dos taxistas e me abraça. Que bom vê-la.

Perto da rodoviária espiamos uma placa simples sinalizando o Hotel San Miguel. “Pode ser um bom sinal”, digo para Cida. Miguel é o nome do filho dela que morreu com apenas cinco dias de vida da mesma bactéria que matou meu marido. Um anjo que nos acompanha nas nossas aventuras. Seguimos em direção ao hotel, passando por ruas escuras com pouca iluminação. Chegamos ao Hotel San Miguel no final de um beco escuro e sujo. Do portão percebemos que a porta de um quarto está aberta, mostrando as silhuetas de homens descansando em camas na escuridão. Um ventilador barulhento ronca do quarto. Quando tocamos a campainha, vejo uma barata grande mordiscando um pedaço de pão perto do portão. O dono do hotel se aproxima lentamente. É um homem baixo, com a barba por fazer, sem camiseta e mostrando uma barriga redonda. Antes que venha até nós, Cida e eu nos olhamos, fazemos um rápido gesto de despedida a ele e nos afastamos do hotel.

Logo estamos em uma rua principal com boa iluminação, e rimos juntas, aliviadas. “Bom, hoje o Miguel está de folga”, Cida sorri. Que maravilhoso estar com uma amiga, não estar sozinha nesses pequenos perrengues. Na rua principal encontramos um hotel chamado Ybytyruzú, que nos tranquiliza com recepção

limpa e bem iluminada. “Bem onde queremos estar”, afirmo, encantada com a denominação do hotel, que é o nome da cordilheira que pretendemos escalar na manhã seguinte. Entramos e caímos em nossas camas com um suspiro contente, ligando o ar-condicionado e curtindo o ar fresco que ameniza o calor da noite.

Após tomar banho, caminhamos até a Plaza de Armas, uma típica praça colonial espanhola, embora grande parte de sua beleza arquitetônica esteja atualmente escondida atrás das placas coloridas dos restaurantes. O calor da noite está mais suportável agora e nos sentamos a uma mesa ao ar livre na praça. A melodia suave de uma harpa paraguaia enche o ar. A harpa foi trazida pelos jesuítas e agora é um símbolo do Paraguai, como também é da Irlanda. Pedimos pizza e cerveja gelada para marcar nossa primeira noite em solo paraguaio, o zênite do Caminho de Peabiru. Enquanto serve nossa pizza o garçom inicia uma conversa amigável, perguntando de onde somos e nossos nomes. “Sou do Brasil”, responde minha amiga com um sorriso. “Meu nome é Cida.” O garçom engasga com uma reação brusca. “Que nome feio”, diz, antes de resmungar um pedido de desculpas e se afastar. Cida e eu nos olhamos e rimos alto. “Eu disse que seu nome ia te dar problemas aqui”, comento com uma piscadela. “Cida pode ser um nome comum no Brasil, mas nos países de língua espanhola e francesa soa como SIDA, a AIDS. Imagine se você perguntasse o nome de alguém e ela lhe dissesse que se chama AIDS, como você reagiria?”

Cida acena com a cabeça. “Está bem, você estava certa”, admite. “Eu não tinha ideia de que a reação seria tão forte. Aqui no Paraguai, daqui em diante, serei Maria. Que importância tem um nome afinal?”

“Saúde, *Maria!*”, exclamo em voz alta, levantando meu copo de cerveja. Brindamos e tomamos uma bebida longa e fresca antes de começar a devorar a pizza. Ficamos um tempo em silêncio enquanto comemos. “Sabe o quê?”, diz Cida, refletindo. “Talvez não seja uma ideia ruim mudar meu nome mesmo. Maria Aparecida é meu nome original, mas todo mundo me chama de Cida desde que me lembro. Estou sentindo agora que talvez esteja na hora de mudar.”

“Só porque os paraguaios não apreciam?”, pergunto rindo.

“Não”, ela responde chacoalhando a cabeça. “Pode ter a ver com minha idade. Já vivi quarenta anos como Cida e estou me sentindo diferente. Mas sinto que tem a ver com Miguel também e como toda a minha vida mudou após sua

morte. Não só a minha separação do pai dele e minha saída do nosso lar, mas internamente muito mudou: minha apreciação para a vida, para sua transitoriedade, para o espiritual em mim e ao meu redor. Algo de mim morreu, mas algo novo renasceu. Talvez uma mudança de nome honraria esse processo.”

Sorrio para minha irmã brasileira. Que bênção ter alguém com quem compartilhar não só a peregrinação externa, mas a peregrinação interna também.

Pego mais uma fatia de pizza. Entre bocados, começo a falar: “Você sabe que para o Guarani o nome de uma pessoa é realmente importante. Nome quer dizer ‘palavra de alma’. Hoje eu estava lendo no ônibus um texto de León Cadogan sobre a cerimônia de nomeação dos Guarani, o *nimongarai*. Aparentemente, a mãe leva a criança ao pajé para a cerimônia em janeiro e pergunta a ele qual será o nome da criança. O pajé então se comunica com os deuses, acende o cachimbo e sopra fumaça na cabeça da criança. Cada nome vem de uma das quatro direções principais, é um som que vem do mundo espiritual e se move pela natureza para fazer uma nota musical individual para cada criança. O nome, ou ñe’ê em Guarani, é uma substância divina que manterá a criança no caminho certo para toda a vida. Se ela for chamada por seu nome divino, seguirá o caminho certo. Se ela ficar doente ou tiver problemas psicológicos ou espirituais, a tribo canta para conectá-la novamente à sua palavra de alma, ao seu nome divino”.

“Que lindo!”, exclama Cida. “É bem isso que estamos vivenciando, não é? O pajé que diz minha palavra de alma é um garçom paraguaio e a própria vida.” Rimos juntas numa intimidade deliciosa.

“Quem é esse León que você estava lendo hoje?”, pergunta Cida.

“Ah, León Cadogan era um homem bem interessante”, respondo com entusiasmo. “Foi um etnólogo paraguaio criado aqui em Villarrica. Ele era de descendência australiana e antes disso irlandesa. Quase meu primo”, pisco para ela, brincando.

“Passei de ônibus por uma praça dedicada a ele esta noite. Fiquei tão feliz que está sendo homenageado”, continuo. “Ele trabalhou com os Guarani desta região de Guairá durante quarenta anos, antes de morrer na década de 1970. Junto aos indígenas, compilou por escrita o livro que eles chamam de *Apyu Rapyta*, cheio de mitos e a tradição espiritual dos Guarani. León até foi iniciado como Guarani, e

recebeu a palavra de alma *Tupa Kuchubi Veve*, que significa ‘homem que voa como um redemoinho’.”

“Isso é um bocado”, Cida ri, e eu também. “Ele manteve seu nome espiritual em segredo até sua morte, seguindo a tradição esotérica do Guarani na qual foi iniciado. Todos os Guarani que conheci no Brasil têm dois nomes: um tipicamente português e um Guarani. Eles usam o nome Guarani na intimidade de sua comunidade e o nome europeu ao lidar conosco, os *jurua*.”

“Faz sentido usar um nome que ajude você a se encaixar em uma comunidade. Isso permite intimidade”, analisa Cida, pensativa. “Isso faz sentido”, concordo. “Mas, para os Guarani, acho que eles usam nomes europeus como escudos para se proteger mais do que uma forma de integração. Uma palavra para o Guarani pode ser como uma flecha de um arco ou um escudo — pode destruir ou defender. Talvez seus nomes europeus sejam amuletos para protegê-los no mundo dos *jurua*.”

“Não é de admirar que os Guarani falem tão pouco”, diz Cida, entendendo. “Se as palavras são tão poderosas, acho que devem ser usadas com moderação e sabedoria.”

“Absolutamente”, concordo. “Os Guarani cultivam o silêncio. Quando um menino Guarani vira homem, a pele dos seus lábios é furada e inserido um *tembetá*, um metal. Um dos objetivos é impedir a fala mesmo. O *tembetá* é um símbolo da importância do silêncio externo e interno na idade adulta.”

Neste momento, uma moradora de rua idosa, perdida em seu próprio mundo solitário, chega à nossa mesa e começa a murmurar uma história incoerente de aflição. Silenciadas, oferecemos a ela nossa última fatia de pizza e partimos para o refúgio do nosso quarto de hotel.

DRAGÃO ADORMECIDO

O ar é sufocante de calor quando encontramos nosso guia L. no hotel, na manhã seguinte. Ele é um homem de traços europeus com uns trinta e poucos anos. Sem demora, entramos em um táxi contratado para nos levar ao início da caminhada do dia. L. fala Guarani com o motorista para explicar que nos leve ao pé da cordilheira de Ybytyruzú, a uns 20 quilômetros da cidade. “Todo mundo

fala Guarani no Paraguai?”, pergunto intrigada. “Quase todo mundo sim”, afirma L. “Sou de uma família de descendência espanhola, e não falamos Guarani em casa, mas muitas pessoas têm sangue Guarani e falam Guarani como sua primeira língua.” “Como você aprendeu Guarani? Na escola?”, questiono. “Não, não. Aprendi na rua. Na escola falávamos só espanhol.” “Parece que a maioria das pessoas no ônibus que viajei falava Guarani também. Eu não conseguia entender quase nada do que eles estavam dizendo em seus telefones celulares.”

L. ri. “Acho que a tendência do Paraguai de se isolar preservou a língua até certo ponto. Até dez anos atrás, as pessoas tinham vergonha de falar Guarani em público nas grandes cidades ou em certas profissões ou círculos, mas agora a língua Guarani é vista como algo positivo. Atualmente, até nosso governo promove o país com a lema ‘O mundo Guarani?’”

“Que bom ter orgulho de suas origens”, sorrio para ele. “No Brasil, a maioria das pessoas parece inconsciente da influência do Guarani na sua língua e cultura, embora muitas palavras Guarani façam parte do português brasileiro e o idioma seja muito mais nasal, como o Guarani, em comparação com o português de Portugal.”

“Aqui a cultura e língua Guarani também se misturam com influências europeias”, conta L. “A língua e as tradições Guarani se infiltraram no modo de vida de todos aqui. A maioria das pessoas tem sangue Guarani; no entanto, não é tão fácil encontrar alguém que vive ainda do modo de vida tradicional do Guarani.” “Mas é maravilhoso que a língua esteja viva!”, sorrio. “Parte da perspectiva Guarani deve estar imbuída na língua. Na Irlanda, quase perdemos a nossa língua nativa por causa da colonização britânica. Atualmente, quase todos falam inglês como primeira língua. Fui educada na escola em irlandês, num esforço para manter a língua nativa, e percebo quanta riqueza cultural e de perspectiva de vida está presente na língua irlandesa. Agradeço aos meus pais, que foram educados totalmente em inglês, por tomar essa decisão consciente de resgatar a língua nativa em nós.”

Sáímos da cidade com as janelas do carro abertas para deixar algum ar entrar e seguimos em direção à cordilheira de Ybytyruzú, que sobe dramaticamente diante de nós. A paisagem ao nosso redor é plana e a cordilheira contrasta fortemente no horizonte — rochas azul-escuras com o azul-claro do céu.

“O Paraguai é um país bastante plano”, explica L. “As três montanhas mais altas do país estão nesses 40 quilômetros de cordilheira de Ybytyruzú, que quer dizer ‘serra grande’. Não é tão grande assim, comparada com serras em outros países. Os três picos mais altos estão entre 640 e 850 metros de altura. Por isso que esta cordilheira foi um importante ponto de referência para o Caminho de Peabiru. Destacou-se claramente na paisagem. Vamos escalar a terceira montanha mais alta, Acati. Olhem os três picos à nossa frente! Tres Kandú é o mais alto, e o segundo mais alto se chama Amor — leva este nome porque está grudado a Tres Kandú. Olha lá! O pico tem uma rocha grande perto do topo com listras brancas. Aquele é o Acati, que significa ‘cabelos brancos’. Este é o que vamos escalar hoje.”

O calor é sufocante quando saímos do carro. As nuvens cinzentas criam o efeito estufa, não deixando o calor escapar na atmosfera, tornando o mormaço quase insuportável. Começamos a subir Acati, seguindo uma trilha entre uma floresta densa, acrescentando mais umidade e calor à experiência. O chão está seco e poeirento, após três meses sem chuva. Percebo algumas marcas azuis e brancas nas árvores. “O que é isso, L.?”, pergunto. “São marcadores de trilha que pintamos”, explica nosso guia. “A tinta é orgânica, é a tinta que os Guarani usam para pintura facial.” Ando na frente e me enrosco na teia de aranha entre árvores no caminho. Tiro a teia do meu rosto e cabelos, esperando que a aranha não tenha se hospedado nas minhas longas madeixas. “Olha esta teia”, diz L., tirando um fragmento do meu cabelo. Observando de perto, a teia é dourada, aparentemente feita de fios de ouro. Até as aranhas criam tesouros no coração do mundo Guarani! Borboletas voam pela trilha enquanto caminhamos. Uma grande borboleta de cor azul-rosa voa à minha frente, guiando-nos. As folhas pontiagudas de amambá abundam e L. aponta o lapacho alto e reto que floresce numa cascata cor-de-rosa entre agosto e setembro para anunciar o fim do clima frio. Estamos em novembro, e já não tem mais flores, e qualquer tempo frio é uma lembrança distante. A trilha pelas árvores é íngreme e logo todos estamos suando profusamente, parando frequentemente para respirar fundo.

“Que calor!”, exala Cida, exasperada.

“Não chove há meses, então é especialmente quente, mas, em geral, sim, o Paraguai é incrivelmente quente no verão”, concorda L. “Ano passado, junto com alguns amigos, fritei um ovo no asfalto de minha rua, em Assunção. Levou mais tempo para fritar do que em uma frigideira — cerca de trinta minutos —, mas funcionou.”

“Ah, o Paraguai é realmente o zênite de Peabiru. Certamente parece que o sol está bem no meio do céu, no ponto mais quente”, admiro. Continuamos caminhando, de rostos vermelhos, caindo no silêncio.

“Pelo amor de Deus! Como Cabeza de Vaca conseguiu fazer esta caminhada?”, questiono eventualmente, quebrando o silêncio. “Ele caminhou por aqui no verão de 1542.”

“Você deve se lembrar que o Paraguai estava coberto de floresta na época”, comenta L. “Agora a maior parte da floresta foi destruída, reduzindo as sombras e as chuvas. Apenas cerca de 2% da Mata Atlântica permanece no Paraguai. Acredite, seria muito mais quente caminhar agora daqui para Assunção do que em 1542.” “Não estou sentindo muita sombra refrescante das árvores ao nosso redor”, reclama Cida. “Elas parecem estar impedindo que o calor escape.”

“Estamos quase lá”, assegura nosso guia. Logo saímos da floresta e seguimos por uma trilha larga que leva morro acima. Chegamos a um lugar que tem uma estação de antenas de televisão de um lado e um grande portão do outro. “Há uma bela vista do topo de Acati, mas é uma terra particular, então temos que pagar 10 mil guaranis, a moeda local, para aproveitá-la”, informa L., quase se desculpando. Ele chama alto e um vigia vem devagar para destrancar o portão e receber o dinheiro. Uma trilha curta em meio a árvores esparsas nos leva a um platô aberto no topo de Acati.

Diante de nós, fritando no calor, está o Paraguai, o coração do Caminho de Peabiru. É uma colcha de retalhos de campos que se estende à nossa frente antes de se tornar uma névoa no horizonte. Os campos parecem principalmente terrenos desmatados, com algumas pequenas plantações ordenadas. Desta altura, os campos parecem serenos e sonolentos. Os grilos soam alto, expressando meu contentamento. Na beira do platô há um azulejo com a imagem da Virgem Maria e do Menino Jesus. Atrás do pequeno santuário há um solitário cedro, árvore usada para fazer barcos voadores, os *apikás*, para levar os Guarani à *Yiy Marã Eiy*, a terra sem mal. Além do cedro e uma queda brusca, os campos dourados e ocres tremem no calor do meio-dia.

“Há vinte anos tudo era verde-escuro, era floresta. Agora você pode achar uma floresta milenar num dia”, diz L. melancolicamente.

Tiro minha flauta e toco uma melodia que se estende pelas planícies, lamentando as florestas perdidas do Paraguai e cantando a beleza desta área de Ybytyruzú. “O que você estudou na faculdade?”, pergunto a nosso guia enquanto nós três nos sentamos na grama para almoçar. “Agrofloresta”, ele responde. “Estudei por seis anos na Universidade de São Paulo, no Brasil, antes de voltar para cá.” “E por que você voltou?”, questiono, mordendo um sanduíche. “Quero ajudar a preservar a parte da Mata Atlântica que sobreviveu neste país. O Paraguai está sendo invadido por grupos do Canadá, do Brasil e de outros países, que vêm derrubar a floresta e plantar colheitas sem fim, como soja e cana-de-açúcar, muitos transgênicos. Quero dar minha contribuição para um desenvolvimento mais sustentável e consciente. Isso inclui turismo sustentável também. É por isso que estou guiando vocês no Caminho de Peabiru.”

“Está funcionando? Sente que está conseguindo dar avanços?”, pergunto. Ele passa a mão na grama, com os olhos no chão. “Mesmo pequenas gotas de água acabam corroendo pedras grandes, certo?”

Quando terminamos o almoço, L. caminha até a beira do platô. “Esta montanha Acati era um sinalizador natural do Caminho de Peabiru. Sinalizou de longe que na sua base existe um ponto sagrado, Ita Letra, uma grande rocha com gravuras antigas. É para onde vamos agora.” Cida e eu ficamos em pé e nos preparamos para continuar.

“Ita Letra está alinhada com aquela grande pedra lá embaixo, chamada de pedra do dragão. Por sua vez, a pedra do dragão está alinhada com as colinas de Ybytyruzú com a pegada e caverna do São Tomé/Tumé e com a colina Lambaré, em Assunção. As montanhas são uma série de sinalizações naturais mostrando o trajeto do Caminho de Peabiru.”

Refrescados pelo almoço e pela sombra suave das árvores esparsas, pegamos nossas mochilas e descemos Acati. Na base da montanha entramos novamente em terra particular, pagando mais 10 mil guaranis a duas crianças pequenas que se aproximam silenciosamente quando entramos pelo portão. Passamos por uma enorme mangueira carregada de frutas, antes de chegar a rochas enormes que parecem ter caído por engano no campo. A face das rochas está desenhada com símbolos — aqui há uma cruz com uma longa linha vertical e uma curta linha horizontal, e uma imagem como um sol simples com seus raios emanantes. Uma

linha ondulada se torna uma sequência de ‘enes’ minúsculos. L. aponta para a gravura. “Acreditamos que este símbolo representa *Ybytyruçú* e que a cadeia de montanhas e colinas aqui no Paraguai sinalizam o Caminho de Peabiru.” Numa rocha adjacente há uma linha que serpenteia pela pedra e parece o contorno de uma trilha. “Algumas pessoas pensam que estes símbolos são um tipo de mapa, talvez do Caminho de Peabiru ou do mundo Guarani pelo qual passa”, informa L. “Neste lado das rochas as imagens são mais abstratas, provavelmente mais recentes do que as gravuras do outro lado. Também existe mais arte rupestre no norte do país, em Jasuká Renda, o centro sagrado do mundo Guarani.” A face de uma rocha se abre no meio criando um túnel que nos permite passar para o outro lado. Há mais sombra aqui e nos sentamos no chão, enquanto olhamos para as imagens na pedra rabiscada do outro lado. Aqui há estrelas-sóis, uma série de linhas cortadas profundamente na pedra e uma espiral perfeita. Traço meu dedo pela forma da espiral, ligando-a à espiral na Estrada do Santo, na Irlanda. Existem várias linhas longas, verticais e horizontais, e linhas menores. “Estas linhas menores parecem celtas”, digo, surpresa. “Parecem um tipo de Ogham, a primeira escrita da língua irlandesa.”

Brinco internamente com a possibilidade de que São Brandão e seus monges passaram por aqui no século VI e criaram esta arte rupestre, usando o Ogham e copiando a arte rupestre que adorna tantos locais sagrados na Irlanda.

“Há um mito circulando de que estas são uma forma de runas escandinavas”, informa L. “Alguns contam que os vikings passaram por aqui, séculos antes da chegada dos espanhóis ou portugueses, e fizeram estas inscrições. Esta área é chamada de *Totorõ* — alguns dizem que vem do nome do deus escandinavo Thor. Também circula um mito de que os nativos que moravam aqui até algumas décadas atrás, os *Guayakis*, eram de origem *viking*. Outros sugerem que este foi o túmulo de um Inca, morto durante um esforço para expandir o império inca, o *tabuantinsuyo*, mais para o leste.”

“Alguma pesquisa acadêmica foi feita?”, pergunto curiosa.

“Aqui no Paraguai somos rápidos em supor que até mesmo a arte rupestre pré-histórica vem de uma outra cultura, em vez de vê-la como Guarani ou nativa do Paraguai. No ano passado, alguns pesquisadores, financiados por uma agência espanhola, estimaram que a arte rupestre é nativa e tem até 7 mil anos de idade”,

informa L. “Mas quem sabe? Há outra lenda que conta que Sumé ensinou os Guarani a escrever, e alguns pesquisadores pensam que os Guarani estavam à beira de desenvolver seu próprio sistema de alfabeto e escrita, quando os europeus aqui chegaram. Alguns chamam esses símbolos de runas Guarani.” “Quando eu estava em Ciudad del Este visitei a casa antiga de Moisés Bertoni”, conto a L., que acena com a cabeça em reconhecimento ao nome. “Bertoni escreveu sobre a rede de caminhos Guarani, utilizada para um sistema postal engenhoso, por onde eram enviadas pequenas sacolas de couro cheias de itens simbólicos — sementes, conchas, galhos, artesanato, cada elemento com seu próprio significado preciso que foi entendido por todos os Guarani nas quatro direções. Isso me lembrou os sacos de ossos dos Druidas na Irlanda, há milhares de anos. Bertoni viu uma vez a chegada de uma sacola desse tipo, com mais de cem itens, onde a mensagem foi traduzida e comunicada com rapidez e confiança ao restante da *tekoá*. Parece que se o Guarani não desenvolveu uma escrita, pelo menos já havia desenvolvido um sistema simbólico para se comunicar.”

L. acena com a cabeça com interesse.

“Li também que Guarani é uma linguagem oral e há controvérsias sobre se deveria ou não ser escrita”, comento, em dúvida.

“Sim, a palavra falada é de grande importância para os Guarani”, afirma L., balançando a cabeça. “Eles acreditam que a língua foi criada antes do mundo ou do ser humano. No começo houve o grande primeiro som. O som ou a palavra falada é como a essência de Deus. Suas canções, o *porã-bei*, são uma maneira de lembrar e transmitir suas origens, mitos e regras sociais, mas também a entonação das próprias palavras traz cura. Curas são sonoras para os Guarani. Não sei ao certo como isso funciona depois que a língua é escrita. Talvez se torne uma coleção abstrata de símbolos, perdendo seu poder de cura.”

“Para o bem ou para o mal”, continua L. “Os jesuítas logo escreveram a língua Guarani quando desembarcaram no continente. O Padre Montoya publicou em 1639 um livro chamado O Tesouro da Língua Guarani, e afirmou que era uma língua tão completa e elegante quanto qualquer outra língua do mundo.”

“Estou aprendendo nesta aventura do Caminho de Peabiru que muitas das palavras que uso são Guarani, e eu nem sabia”, conta Cida. “Por exemplo, nomes de animais, como tatu e arara, e nomes de árvores e plantas, como goiaba, araçá, jabuticaba, urucum, macela.”

“Você sabe que mesmo em inglês temos palavras ou influências Guarani, como *jaguar*, *guava* e *pirana*?”, acrescento. “Na botânica em geral é uma língua muito importante. Guarani é uma língua fortíssima e poucos parecem saber disso, pelo menos no Brasil. É um tipo de segredo aberto.”

Cida acena com a cabeça, dizendo com um sorriso: “Ouvi dizer que nas missões jesuíticas no sul do Brasil é possível que *che*, a palavra que os argentinos e alguns do sul do Brasil usam para dizer ‘cara’, provenha da palavra Guarani, que significa ‘eu’ ou ‘meu’. Talvez Che Guevara se sentiu atraído em lutar pela libertação por causa da palavra Guarani em seu nome. Ele passou os primeiros quatro anos morando na região missionária da Argentina.”

“Pode ser”, eu ri. “Mas a avó de Che Guevara era irlandesa com o sobrenome Lynch. Então suponho que seu espírito rebelde venha do sangue dos rebeldes irlandeses, que corria em suas veias.”

Cida me dá um soco no braço de brincadeira: “Vocês irlandeses são tão nacionalistas. Um país tão pequeno e um ego tão grande”.

Enquanto rimos juntos, meus olhos caem em algumas partes quebradas e irregulares na face das rochas. “As rochas estão corroídas?”, pergunto. “Não é isso”, responde L. “As pessoas vieram e arrancaram pedaços das inscrições. O local não está protegido. Algumas pessoas acreditam que existe algum tipo de tesouro escondido aqui, por isso também houve danos nas rochas.”

Fico triste pelas rochas vandalizadas, como também vi no Brasil. “Por que não há proteção para esta arte rupestre?”, questiono, frustrada. “O governo não entende que não é possível refazer arte rupestre antiga? Se perdemos esses tesouros, perdemos para sempre valiosas pistas de outra época.”

“Não há interesse suficiente no governo paraguaio ou entre o povo paraguaio para investir nisso”, lamenta nosso guia. “Mas os paraguaios que conheci no Brasil sempre me pareceram tão orgulhosos de seu país”, diz Cida. “Você está certa”, concorda L. “Há um forte senso de orgulho nacional, porém em geral é mais uma postura do que um desejo de aprender sobre isso ou investir em nossa herança. Há tão pouco investimento em sítios arqueológicos neste país. É uma vergonha.” L. se levanta e se afasta da arte rupestre. “Vamos continuar. Quero mostrar para vocês a Pedra do Dragão”, ele nos convida.

Dou uma última olhada na espiral e no sol na superfície da rocha e vou atrás dele. Passo por baixo da mangueira, onde um bando de papagaios verdes grita na copa. Olho para cima e vejo um beija-flor voando também ao meu redor. “Um beija-flor!”, suspiro de alegria. L. olha para trás, sua voz está mais leve agora. “Você deve vir para Villarrica no alto verão. O lugar está cheio de beija-flores.” A estrada de barro que leva até a Pedra do Dragão é vermelha e muito seca.

Aqui no pé do morro há pouca sombra. Estamos numa área de campos limpos para pastagem e pequenas plantações. Caminhamos letargicamente, bebendo o restante de nossa água. Após quarenta minutos nos arrastando pelo calor, L. quebra o silêncio. “Veja aquele tufo de grama ali”, diz, apontando. “Este é o olho do dragão. A pedra também é chamada de *tebu*, que em Guarani significa verme.” “*Tebu* é uma palavra usada em São Paulo”, comenta Cida, tornando-se mais consciente do legado Guarani em sua língua nativa. Consigo ver o olho do dragão e o perfil dele em repouso na minha frente. “Na China, eles chamam a força magnética subterrânea de corrente do dragão”, penso. “Eles acreditam que certos lugares têm intensa energia espiritual por causa dessas linhas magnéticas. No litoral do Brasil também há um olho do dragão que está alinhado com o solstício de inverno. Na Irlanda e na Inglaterra, muitos lugares sagrados antigos, geralmente picos de montanhas ou áreas costeiras, estão conectados com lendas de dragões e matadores de dragões cristãos, como São Miguel e São Jorge. Quem sabe este dragão esteja guardando Ita Letra, este lugar sagrado da sabedoria pré-histórica”, comento, respirando audivelmente no calor.

“Então é melhor ele parar de descansar”, retruca L. com uma risada amarga. “E se levantar para proteger Ita Letra antes que caçadores de tesouros e agricultores de soja o eliminem completamente.”

ÚTERO DA MÃE

Felizmente, o dia seguinte nasce mais frio. Chuvas torrenciais durante a noite reduziram o calor. Pegamos ônibus público de Villarrica num dia do feliz acaso em busca da arte rupestre em Jasuká Renda, o centro do mundo Guarani nas colinas sagradas da região de Amambay.

Nosso primeiro ônibus tem uma foto de Jesus colada na frente e nos leva à estação central de Coronel Oviedo, onde precisamos esperar outro ônibus que

nos leve para o norte. Ninguém em Villarrica ou aqui na rodoviária central poderia nos dar qualquer informação de como chegar a Jasuká Renda, então faço uma busca na internet irregular com meu celular. Só consigo encontrar uma referência à arte rupestre na área da reserva natural Cerro Corá, na região de Amambay, onde L. diz que Jasuká Renda está localizada. Jasuká Renda é o coração dos Guarani, equivalente a vale sagrado em torno de Cusco para os Incas. Esperamos algumas horas na estação de ônibus em Coronel Oviedo. Cida e eu comemos em uma das cantinas modestas e andamos pelas pequenas barracas para passar o tempo. As barracas de tereré são pequenas mesas cheias de amontoadinhos de diferentes ervas medicinais. O profundo conhecimento das ervas medicinais dos Guarani é evidente nas barracas em todas as estações de trem e ônibus do Paraguai. Cida e eu pedimos um tereré e o vendedor enche nossa cuia e jorra água fria em nossa garrafa térmica. Respondendo a nossas perguntas, o vendedor aponta para as ervas medicinais que são adicionadas ao tereré para combater a indigestão, problemas de circulação, câibras e muitos outros males. No Paraguai, a dieta é rica em carne e pobre em vegetais, e o estilo de vida no calor opressivo é amplamente sedentário, levando a muitos problemas com indigestão e úlceras estomacais. As ervas adicionadas ao tereré parecem oferecer algum alívio. Provo tereré frio, mas faz meu estômago revirar. Nesta temperatura é refrescante, mas para mim tem gosto de chá frio e amargo. Morei muito tempo na Irlanda — a terra das canecas quentes de chá ou café para aquecer as mãos — para aguentar um chá frio. Cida bebe o tereré sozinha, balançando a cabeça para a amiga gringa. Logo, Cida e eu precisamos ir ao banheiro e pagamos os habituais 1 mil guaranis ao homem na porta, recebendo em troca uma dobra de papel higiênico. Tentamos lavar as mãos nas pias sujas, mas não há água. Quando tento abrir a torneira, que está solta, noto duas criancinhas indígenas embaixo da pia. Uma delas deve ter cerca de cinco anos e a outra apenas dois, certamente não é mais velha que meu filho caçula, Eoin. Elas estão imóveis embaixo da pia, olhando para nós, com os olhos arregalados. Suas roupas estão rasgadas e seus rostos sujos, mas elas sorriem de volta para nós com um charme tímido. Quando pergunto o nome delas, a menina mais velha sussurra “Angélica e Maria”, nomes perfeitos de proteção em espanhol para estes dois anjinhos. Cida oferece a elas alguns sanduíches e frutas da mochila, enquanto tiro minha flauta e toco para elas. As duas crianças começam a rir e escondem o rosto nos joelhos. Sinto um amor por elas e um peso no coração por sua pobreza material, sobrevivendo de migalhas em sua própria terra ancestral.

Finalmente nosso ônibus chega. Já está cheio, mas conseguimos encontrar dois assentos de corredor, um em frente ao outro. Os assentos são imundos, esfarrapados e desconfortáveis, e o ônibus oscila de um lado para o outro enquanto passa pelas intermináveis cruzeiros e alcovas que marcam as frequentes mortes ao longo da estrada. Cida e eu fazemos careta uma para a outra e caímos em uma névoa silenciosa de calor e desconforto. Atravessamos campos de matagal intermináveis com vendedores sentados apáticos sob mangueiras carregadas, vendendo suas melancias verdes e listradas. A cada parada num amontoado de casas precárias, que são as vilas, faz o calor aumentar ainda mais. Um bando de meninas entra no ônibus vendendo pedaços de carne moída, pão chipa tradicional e refrigerantes. O cheiro de carne exposta ao sol faz meu estômago revirar. O catolicismo está estampado com força em todas as vilas. As lojas e barracas em geral possuem o nome de algum santo católico — San Blas, San Bernardino, San Cristóbal, San Ramón. Telas grandes de pano, com letras escritas à mão, são penduradas nas árvores, em frente às casas, de tempos em tempos, todas com a mesma mensagem: *Obrigado, Santo Expedito, pelo favor recebido.*

Depois de três horas no ônibus, uma menina na minha frente, que comeu carne moída e tomou refrigerantes, começa a vomitar bem entre os assentos onde Cida e eu estamos sentadas. A mãe dela tem um bebê recém-nascido nos braços, e eu rapidamente me ofereço para segurar a criança enquanto a mulher se levanta, repreende e limpa a filha mais velha. Quando o bebê começa a chorar, silenciosamente o entrego de volta e elas sentam à minha frente novamente. Sinto uma pontada de simpatia pela menina, que é rapidamente varrida devido ao cheiro do vômito. Cida e eu trocamos olhares e erguemos as sobrancelhas uma para a outra. O vômito desliza entre nós, ameaçando cobrir nossos calçados. Minha amiga joga um lenço de papel sobre o vômito, que rapidamente desaparece na água marrom. Na parada seguinte, uma menina vendedora vê o vômito e, sem cerimônia, tira um pouco de areia do bolso do avental e joga sobre a sujeira, antes de nos oferecer pão chipa de sua cesta.

A estrada bifurca-se em um local chamado Yby Yau, e nosso ônibus segue na direção de Pedro Juan Caballero, na fronteira com o Brasil. Agora, pequenas colinas verdes se destacam na paisagem e palmeiras se perdem em campos abertos. Cerro Corá, nosso destino do dia, significa um círculo de montanhas e, do ônibus, vislumbro o círculo de onze montanhas que se formam a distância.

As colinas são como uma Stonehenge natural. Cerro Corá é um enorme círculo de pedras naturais. O motorista do ônibus sinaliza para nos informar que chegamos à nossa parada. Cida e eu agarramos com gratidão nossas mochilas, passamos por cima do vômito coberto de areia e saltamos.

Ao descer, percebemos que somos as únicas a descer do ônibus e, olhando ao redor, percebemos que estamos no meio do nada. O ônibus já está desaparecendo em uma névoa de poeira, e não há mais nenhum carro na estrada. Ao redor só há vegetação, uma placa com os dizeres “Reserva Natural de Cerro Corá” e uma estrada de terra que leva até um bosque de árvores.

“Onde, por Deus, estamos?” pergunta Cida, pegando uma garrafa de água e engolindo. Rio nervosamente. “Acho que seguimos esta estrada de terra”, respondo, começando a caminhar. “Pelo menos estamos fora daquele ônibus fedorento.” “Você tem sorte que sou eu que você está arrastando nesta aventura pelo Caminho de Peabiru”, retruca minha amiga, meio brincando, meio séria. “Nem todo mundo toleraria isso.” “Mas eu não convidaria qualquer uma”, afirmo, sorrindo. “Apenas pessoas *muito* especiais podem compartilhar uma peregrinação.” Andamos pela estrada de terra, pulando de um lado para outro para aproveitar a sombra das árvores enquanto a estrada se curva. Caminhamos cerca de um quilômetro antes de chegar a um prédio baixo, a administração do parque. O edifício está sem vida, completamente imóvel no calor opressivo. Tentamos as maçanetas das portas e andamos pelos quatro cantos do pequeno complexo, mas não vemos ninguém. Cida e eu nos sentamos, comemos nossos sanduíches e bebemos um pouco de água na varanda do prédio de administração. Chegamos ao fim do mundo e está fechado.

Após comer, encontro um número de telefone colado numa placa e ligo. Chama, chama, até que finalmente alguém atende. “Estamos aqui na administração do parque”, explico em espanhol básico. “A que horas o parque abre à tarde?” “Não abre hoje”, responde a voz.

“Chegamos hoje de Villarrica e não temos ideia de quando haverá um ônibus de volta. De fato, viemos do Brasil e, antes disso, vim da Irlanda para ver o parque e a arte rupestre daqui”, afirmo rapidamente, com uma pitada de desespero. Há uma pausa do outro lado do telefone. “Verei o que posso fazer”, diz a voz desencarnada antes de desligar.

Cida e eu esperamos na varanda, sem saber bem o que fazer. Após quinze minutos, um guarda florestal de olhos azuis aparece do nada e se aproxima de nós. “Meu supervisor ligou e pediu para eu abrir o museu para vocês, mas não posso levá-las até a arte rupestre. A amostra mais próxima de arte rupestre está a 15 quilômetros de distância, e não tenho gasolina suficiente no caminhão do parque para conduzir vocês.” Nós acenamos em aceitação. O guarda nos leva em direção ao pequeno museu. “Quem de vocês é irlandesa?”, pergunta ele. Levanto minha mão. “O museu vai ser bem interessante para você”, informa ele com um sorriso. Eu o sigo intrigada.

Entramos no museu, o guarda liga o ar-condicionado e mergulhamos no mundo de Cerro Corá. Eu vim aqui procurando arte rupestre e para prestar homenagem ao centro do mundo Guarani, mas acho algo muito diferente. Fico cara a cara com uma outra irlandesa.

Sem nosso conhecimento, Cerro Corá foi o local da batalha final da Grande Guerra, conhecida no Brasil como a Guerra da Tríplice Aliança. Na década de 1860, o Paraguai se isolou de seus países vizinhos, em um esforço para alcançar um crescimento econômico autossuficiente sob o comando do presidente Carlos López. Seu filho Francisco Solano López assumiu o controle e as tensões aumentaram entre o Paraguai e seus vizinhos latino-americanos. Os sussurros locais sugerem que os investidores ingleses também ajudaram a agitar as tensões. Francisco López declarou guerra contra o Brasil em 1864, que estava interferindo nos assuntos uruguaios e possivelmente colocava em risco o acesso vital do Paraguai ao mar. Logo Argentina e Uruguai entraram na batalha no lado brasileiro. Cinco anos de guerra sangrenta se seguiram, e os dois últimos anos foram um massacre das forças paraguaias. Durante a guerra mais de 60% da população do Paraguai morreu, tornando-a proporcionalmente o conflito mais destrutivo dos tempos modernos. Havia quatro mulheres para cada homem no Paraguai no final da batalha.

O museu conta a história da última batalha daquela guerra, que aconteceu aqui em 1º de março de 1870. López estava com um grupo estimado em duzentos soldados e um grupo de mulheres apoiadoras ou residentes, lideradas por sua amante Elisa Lynch. Irlandesa, Elisa conheceu Francisco López em Londres e lhe deu cinco filhos, seguindo-o para as trincheiras, junto com seus filhos. O mais velho deles, Pancho, tinha quinze anos na época e já era coronel do exército

paraguaio. Neste local, as forças brasileiras encontraram López ferido num rio e lhe ofereceram a chance de se render, garantindo sua vida. López respondeu avançando com a espada levantada, gritando “Muero con mi pátria!”. Quando as forças aliadas se depararam com Pancho e o mandaram se render, ele respondeu com fervor igual ao do pai: “Um coronel paraguaio nunca se rende!”. Nisso, Pancho também foi morto a tiros. Elisa Lynch correu para junto do corpo do filho, pegou-o em seus braços e gritou para as forças inimigas: “Não ousem tocar em mim! Eu sou uma mulher inglesa!”, antes de enterrar o filho e o amante na frente deles com as próprias mãos.

Estou muito tocada e chocada quando chego ao final da exposição. Assino meu nome no livro de visitantes e saio do museu para sentar num banco que olha para as árvores. Estou muito emocionada com esta história inesperada de uma irlandesa neste canto paraguaio, no meio do nada. No momento da batalha, Elisa tinha a mesma idade que tenho agora. Assim como eu, ela havia deixado a Irlanda e Londres para as aventuras da América Latina. Assim como eu, ela amava apaixonadamente e perdeu sua alma gêmea. Assim como eu, ela era mãe, tentando proteger seus filhos. Sou um eco moderado dela, cento e quarenta anos depois. Quando olho para a densa floresta à minha frente, quase a vejo agachada, cavando com as mãos, enterrando seu amante e seu filho; cavando sua dor no próprio solo em que meus pés repousam.

Pesquise o nome de Elisa Lynch no meu celular e uma página da Wikipédia aparece: *Elisa Lynch (3 de junho de 1835 – 27 de julho de 1886) era amante de Francisco Solano López, presidente do Paraguai. Ela nasceu Elisa Alicia Lynch em Charleville, Condado de Cork, Irlanda.* Solto um grito de surpresa. Esta mulher que encontrou de surpresa ao longo do Caminho de Peabiru, no centro do mundo Guarani, não é apenas irlandesa como também de Charleville, a mesma pequena cidade no sul da Irlanda onde minha mãe nasceu; e Elisa faleceu no dia do aniversário de minha mãe, 27 de julho. Esta peregrinação do Caminho de Peabiru está feita sob medida para mim.

O guarda do parque se aproxima de mim no banco. Comovido pela visão desta mulher estrangeira empoeirada, com lágrimas nos olhos, ele diz em voz baixa: “Se você pagar pela gasolina, eu a levarei à arte rupestre”. Limpo meu rosto na manga e sorrio. “Eu adoraria isso”, digo timidamente. “Obrigada!” Chamo Cida, que ainda estava no museu, e nós duas pulamos no caminhão oficial dilapidado do guarda. Ele dirige devagar pela estrada de terra até a entrada do parque, e depois

pega a estrada de asfalto e percorre mais 15 quilômetros, voltando na direção que chegamos.

“Há muitos locais com arte rupestre por aqui?”, pergunto, mais calma agora. “Sim”, ele responde. “Há muitos locais, principalmente em pequenas cavernas. No ano passado foram realizadas algumas pesquisas financiadas por uma agência espanhola e a idade da arte rupestre foi estimada em 7 mil anos.”

“Há Guarani morando por aqui agora?”, questiono, não vendo sinal de nada ou de alguém ao longo da estrada de asfalto.

“Sim, há várias aldeias. Vou levá-las à arte rupestre mais próxima e vocês podem ficar lá até a hora de voltar à estrada, às 17h, para pegar o ônibus de volta para Yvy Yau.”

O guarda do parque sai da estrada de asfalto para entrar em um terreno com uma pequena casa de madeira e de telhado de palha. Ele buzina e uma menina Guarani sai da casa. Vendo o guarda, ela abre o portão, olhos para baixo, sem dizer uma palavra. Seguimos, passando pela moradia e em direção a uma floresta. Dois adolescentes Guarani de moto passam por nós e seguem em direção às colinas. Aceno e eles sorriem de volta, sem reduzir a velocidade.

“Observem”, aponta ele para o horizonte. Olhamos através de um espaço entre uma linha de palmeiras. “É nestas colinas que fica Jasuká Renda, também conhecido como Cerro Guazú, a grande montanha. É o centro do mundo Guarani. Os indígenas aqui se chamam *Pai Tanyterã*, que significa ‘pessoas sagradas que vivem no centro da Terra’. Eles são um povo muito espiritual e se consideram guardiões de Jasuká Renda, o local espiritual mais importante dos Guarani.” Ao longe, conseguimos ver uma grande rocha que se ergue como um castelo de pedra no meio das planícies verdes que a rodeiam. Os tons de verde da grama e das palmeiras brilham intensamente no calor da tarde. A exuberante paisagem virgem diante de mim parece ser de uma época muito antiga. Parece que nada mudou desde que os ancestrais Guarani decoraram estas rochas 7 mil anos atrás. Andamos por um curto caminho na floresta e chegamos à entrada de uma caverna rasa na rocha. O guarda nos deixa na entrada da caverna. Apertamos sua mão, damos 20 mil guaranis pela gasolina e agradecemos sua ajuda.

Entramos na caverna, onde as paredes de pedra estão rabiscadas com

símbolos e formas. Há muitas linhas retas e pequenos orifícios redondos escavados na rocha sólida. Formas ovais repetidas, do tamanho de uma mão, abundam em tamanhos diferentes. Talvez seja o desenho da pegada de algum tipo de gato grande. Observamos uma série de setas para baixo, ou talvez sejam pegadas de pássaros. Na base da rocha há uma forma semelhante à que vimos nas rochas de Ita Letra, uma sequência de ‘enes’ minúsculos que podem significar cadeias de montanhas. A terra original do Pai Tavyterã era delimitada por estas onze colinas. Será que o símbolo está comemorando as montanhas e colinas sagradas de Jasuká Renda, seu círculo natural de pedras sagradas? Os Guarani Pai Tavyterã acreditam que as colinas são seres espirituais e os celebram e os guardam com suas orações e cânticos, ao ritmo de seus chocalhos *mbaraka*.

Embora esta arte rupestre seja provavelmente anterior à presença Guarani aqui, eles ainda a protegem e comemoram. Os Guarani migraram historicamente da Amazônia, mas o centro de seu mundo, seu lugar mais sagrado, é aqui no Paraguai. Para eles é onde o universo foi criado. Jasuká Renda significa o lugar da deusa Jasuká. Este lugar sagrado é feminino. Jasuká era frequentemente retratada como a esposa de Kuarai, o sol, cujo caminho eu sigo de leste a oeste. Ele é uma face de *Nhandecy*, mãe terra. Cheguei ao zênite do Caminho de Peabiru, cercada por arte rupestre pré-histórica, em uma caverna sombreada no centro sagrado do mundo Guarani.

Jasuká também é conhecida como a avó do universo, de cujos seios o criador foi nutrido. Um Guarani disse a León Cadogan que *“o lugar onde nossa avó originalmente morava é chamado de lugar das águas. Esse lugar é o centro da Terra, o verdadeiro centro da Terra.”* Debaixo da terra em que estamos há de fato um imenso aquífero subterrâneo, o segundo maior do mundo, que os Guarani conhecem há centenas, se não milhares de anos. É chamado de Aquífero Guarani em homenagem à tribo que vive há mais de 2.500 anos, bebendo e protegendo suas águas. Com a futura ameaça de escassez de água, pergunto-me quanto tempo levará para que o Aquífero Guarani seja transformado em propriedade particular, como o restante de sua terra sagrada. Até aqui nas colinas de Amambay, este canto aparentemente intocado, a agricultura de corte e queima do Paraguai está invadindo a região. Se você colocar seu ouvido na terra poderá escutar o som de intermináveis rebanhos de gado se aproximando.

Na fronteira com o Brasil, este mesmo povo, o Pai Tavyterã ou Guarani-

Kaiowá, como são conhecidos no país brasileiro, luta em vão para permanecer nesta terra sagrada. Espremidos pelas grandes empresas, eles escreveram recentemente uma carta aberta à Justiça Federal:

“Nós (cinquenta homens, cinquenta mulheres, setenta crianças) comunidades originais Guarani-Kaiowá da aldeia indígena Pyelito Kue/Mbarakay escrevemos esta carta para apresentar nossa situação histórica e decisão definitiva diante de nossa expulsão ordenada pela Justiça Federal de Naviraí (MS).

Recebemos a informação de que nossas comunidades serão atacadas em breve, violadas e expulsas das margens do rio pela própria Justiça Federal. Portanto, é evidente para nós que a ação da própria Justiça Federal cria e alimenta a violência contra nossas vidas, ignorando nossos direitos de sobreviver nesta margem do rio, perto de nosso território tradicional de Pyelito Kue/Mbarakay.

Entendemos claramente que esta decisão faz parte de um ato histórico de genocídio contra os povos nativos de Mato Grosso do Sul. Queremos esclarecer ao governo e à Justiça Federal que finalmente perdemos a esperança de sobreviver com dignidade e sem violência em nosso território ancestral e não acreditamos mais no sistema de Justiça brasileiro. A quem podemos denunciar a violência praticada contra nossas vidas? A que Justiça brasileira podemos recorrer? Se a própria Justiça Federal está criando e alimentando violência contra nós? Avaliamos a situação e concluímos que todos vamos morrer em um curto espaço de tempo, não temos nenhuma chance de uma vida digna ou justa, nem aqui na margem do rio nem muito longe daqui. Estamos acampados a 50 metros do Rio Hovy, onde já ocorreram quatro mortes, duas por suicídio, duas por espancamentos e torturas nas mãos de capangas armados das fazendas. Vivemos na margem do Rio Hovy por um ano sem nenhum apoio, isolados, cercados por capangas armados, e estamos resistindo até hoje. Nós comemos uma vez por dia. Tudo isso sofremos dia após dia para recuperar nosso antigo território de Pyelito Kue/Mbarakay.

Sabemos muito bem que, no centro deste antigo território, muitos de nossos avôs e avós, bisavôs e bisavós estão enterrados e que aqui estão os cemitérios de todos os nossos antepassados. Conhecendo este fato histórico, queremos ser mortos e enterrados junto com nossos ancestrais aqui onde estamos hoje. Portanto, solicitamos que o governo e a Justiça Federal não decretem uma ordem para nossa expulsão, mas solicitamos que você decrete nossa morte coletiva e que nos enterre

aqui. Pedimos, de uma vez por todas, que você decrete nossa total dizimação e também envie alguns tratores para cavar um grande buraco para enterrar nossos corpos. Este é o nosso pedido aos juizes federais.”

Penso nesses Guarani desesperados enquanto estou sentada nesta caverna ornamentada, no centro do mundo deles. Encostada numa árvore na boca da caverna, me maravilho com as gravuras antigas que sussurram de um tempo diferente. Pego minha flauta e toco música para todos aqueles que enfeitaram as pedras aqui milhares de anos atrás e para todos aqueles que lutam para proteger esta terra sagrada até hoje. Em algum lugar nas notas da música nos encontramos. Cida e eu colocamos nossas toalhas no chão empoeirado e nos deitamos para fazer uma *siesta* na caverna, distinguindo formas de estrelas entre as inscrições. Adormeço rapidamente, aninhada nesta caverna no sagrado círculo de colinas de Amambay. Estou de volta ao útero da mãe terra *Nbandecy*.

MOMENTOS DOURADOS

“Você apenas protege o que ama.” “Você apenas ama aquilo que conhece.”
“Conheça a natureza.”

Leio estas mensagens escritas em placas de madeira no quintal de uma igreja franciscana, no vilarejo de Yaguarón, 48 quilômetros a leste de Assunção, a capital paraguaia. Chegamos aqui de madrugada, após passarmos uma noite agitada num ônibus noturno de Yby Yau, e precisamos desesperadamente de um mate para acordarmos. A cidade de Yaguarón foi uma missão onde os franciscanos tentaram catequizar os Guarani. Imagino que São Francisco de Assis se sentiria à vontade com os indígenas. Lendo as placas no quintal da igreja franciscana, parece que os Guarani converteram os missionários franciscanos, e não o contrário. “A natureza não nos pertence, pertencemos à natureza.” Leio em outra placa, antes de tentar abrir a porta da igreja. Está trancada, então andamos pela varanda, onde encontramos uma porta lateral aberta. Emoldurados pela velha porta de madeira, vemos uma faxineira de bata azul, inclinada sobre um balde, esfregando o chão da igreja. Entramos na igreja e a cumprimentamos, ainda sonolentas, antes de nos sentarmos no primeiro banco ao lado do altar. Após a simplicidade discreta do exterior da igreja, a intrincada ornamentação do interior fere os olhos. Cada superfície é coberta com brocado azul, dourado e prateado. Estamos dentro de um cálice ornado e mofado. As igrejas franciscanas são simples por fora e ornamentadas

por dentro, como era o próprio Francisco de Assis. Como o cristianismo celta na Irlanda, vejo o movimento franciscano como um dos momentos dourados do cristianismo, onde eles veneravam um deus imerso na natureza e um ser humano em harmonia com ela.

Esperamos dentro da igreja, mais descansando do que rezando, até as 7h, quando o prédio municipal do outro lado da rua abre. Ao sair da igreja, vejo uma última placa com uma citação de São Francisco que encontra um recanto para descansar profundamente dentro de mim: “O que você está procurando, é O que está procurando”.

Há um gramado pequeno e bem conservado na frente do prédio municipal, que nos convida a entrar no local. Tendo pesquisado na internet, perguntamos ao zelador se o guia de turismo municipal está disponível. O zelador nos convida a sentar em um banco de madeira na área de recepção e esperar por ele. No canto da sala há um dispensador de água que oferece água quente e fria. Cida prepara o chimarrão enquanto encho a garrafa térmica com água quente. Sorrimos uma para a outra enquanto passamos a cuia entre nós, registrando nossa boa sorte em encontrar um oásis público tão acolhedor e bem organizado. Lentamente, o mate nos acorda.

Um homem alto e magro, com olhos sorridentes e uma forte dose de sangue Guarani, chega e se apresenta como G. “Estamos seguindo o Caminho de Peabiru ou o Caminho de São Tomé”, explico. “Queremos ver se você está livre para nos guiar na subida da colina Yaguarón, onde São Tomé teria vivido.”

“Por sorte estou guiando um pesquisador e escritor argentino que quer conhecer Yaguarón às 8h. Vocês podem se juntar a nós, se quiserem”, informa ele com um sorriso. “Podemos começar com um café da manhã?”, pergunta Cida, interrompendo em espanhol. “É claro!”, diz ele gentilmente, e nos leva a um café confortável na estrada principal. Enquanto tomamos café preto forte, contamos a G. sobre o Caminho de Peabiru. Ele não conhece bem a peregrinação, mas tem muitas informações sobre os mistérios que cercam sua cidade natal. O guia é amigável e engraçado e sua conversa é inteligente e perspicaz. Ele não tem dificuldade em entender nossa mistura de português e espanhol, apesar de ter sido criado falando Guarani em casa. Contamos a G. nossas experiências no Paraguai, terminando com nossas experiências de arte rupestre em Amambay.

“Foi tão bonita, tão mágica, mas uma pena tão grande que a arte rupestre não é mais conhecida, apreciada, nem protegida”, concluiu. Ele ri baixinho, sem ficar defensivo. “Para nós, paraguaios, se você questionar se nossa história é rica ou não, diremos com veemência e paixão que é. Será um ponto de grande honra. Mas não somos tão ativos em aprender sobre ela ou preservá-la; em geral somos sedentários e gostamos de comer. Sem dúvida, você viu nossas barrigas redondas, nossa velocidade de falar e lentidão em agir?” Cida e eu rimos gentilmente, cativadas por seu jeito alegre e autodepreciativo.

Logo o pesquisador argentino aparece e senta ao nosso lado no café. É um homem baixo e musculoso, com cerca de sessenta anos, com uma risada rápida e olhos inteligentes e pontudos. A. é escritor e editor de livros e atualmente está escrevendo sobre a cidade de Yaguarón. Assim que terminamos o café da manhã surgiu uma atmosfera bem amigável e partimos juntos para explorar a cidade como velhos amigos.

No centro da praça, G. nos leva a uma série de murais pintados à mão, criados por artistas locais. “Estes murais contam a história do Tumé dos Guarani. No começo dos tempos, Deus criou a Terra, o homem e a mulher. Três homens foram criados, entre eles Tumé e Marangatu, e muitas mulheres. O mau espírito Tau estuprou a filha de Marangatu, Kerana, e para punir o ato Kerana deu à luz sete monstros, todos gestando apenas sete meses. Cada monstro era uma mistura de dois animais. O primeiro a nascer foi Teju-Jagua, um cachorro-iguana com sete cabeças que vivia em uma caverna aqui na colina de Yaguarón.”

“Quando visitei a *tekoá* Guarani, ao lado do Museu Bertoni, perto de Ciudad del Este, vi sete pedestais para estátuas desses sete monstros com nomes como Ao ao e Kurupi”, menciono.

G. assente. “Sim. Esses sete monstros são centrais para os mitos Guarani até hoje, cada monstro associado a um tipo específico de lugar, como cemitérios ou cavernas, e a certos comportamentos diabólicos”, explica ele, levando-nos ao próximo mural.

“O sábio Tumé reuniu os Guarani e os alertou para serem unidos e pacíficos, para se amarem, pois assim resolveriam a maldição dos sete monstros. Tumé conversou com sua irmã Porasy, que concordou em seduzir o monstro chamado Monai, convencendo-o a casar com ela, tendo presentes ao casamento seus seis

irmãos monstros. Monai reuniu seus irmãos na caverna em Yaguarón e, quando todos estavam lá, Tumé e os Guarani bloquearam a entrada da caverna com madeira e pedras e atearam fogo no local durante sete dias e sete noites, matando os sete monstros e Porasy. A irmã de Tumé se tornou a estrela da manhã e os sete monstros se tornaram a constelação das Plêiades, que os Guarani chamam de *Eichu*, que significa ‘favo de mel’. A mãe dos monstros, Kerana, ficou tão aflita com a morte dos sete filhos que morreu e se transformou em uma nascente de água no topo da montanha.”

“Muitos povos indígenas têm mitos sobre a criação das Plêiades”, diz A., pensativo.

“Sim”, concordo. “Para os celtas da Irlanda, as Plêiades estão associadas ao luto e à morte, não muito diferente do destino de Kerana e de seus sete filhos monstros.”

“É Tumé?”, pergunto a G., apontando para um mural que mostra Tumé como um profeta loiro, alto e belo. Olho para o mural em silêncio e inspiro outra representação de Tumé ou Sumé neste Caminho de Peabiru.

“Então Tumé foi transformado em São Tomé?”, questiona Cida.

“Creio que este é um lugar onde o mito Guarani e a versão cristianizada se encontram”, responde G. “A colina de Yaguarón foi onde Tumé se livrou dos sete monstros e, na mesma colina, há uma caverna onde consta que São Tomé viveu.” “Parece que foi um caso de cristãos se apropriarem do mito Guarani na tentativa de conquistar almas”, diz o argentino com uma voz amarga.

“Vamos subir a colina”, sugere G., sentindo o clima. Caminhamos em direção à colina próxima, que parece de longe uma onça em repouso. Foi assim que ganhou o nome de Yaguarón. A cidade é construída à sombra da colina, por isso não demora muito para chegar à base.

Enquanto caminhamos, observo: “Parece que sete é um número importante para os Guarani, como na tradição celta”.

“Também na Bíblia o mundo foi feito em sete dias e tudo mais”, acrescenta A.

“Sim”, digo levemente. “Sou a sétima filha da minha família, o que faz de mim uma bruxa.”

Todos riem gentilmente, e G. continua brincando: “Você planeja ter sete filhos?”. “Não é provável”, respondo, simulando pânico no rosto. “Agora tenho 36 anos e três filhos. Eu teria que acelerar o ritmo.” “Engraçado...”, diz G. com um sorriso, “Eu também tenho 36 anos e também tenho três filhos.” “Quando é seu aniversário?”, pergunto. “Dez de fevereiro”, ele responde. “Ah!”, eu rio. “Falando da magia do número sete, sou exatamente sete dias mais velha que você!” “E você faz aniversário no mesmo dia que o meu filho mais velho”, afirma Cida. Nós rimos das coincidências.

Caminhamos por uma rua de paralelepípedos antes de chegar às rochas no fundo da colina de Yaguarón. Passamos por duas estações da cruz à medida que avançamos. “Todo domingo de Páscoa uma procissão começa na igreja franciscana e segue as estações da cruz até o topo”, informa G. “Isso me lembra a Irlanda”, conto. “A primeira colina que subi no meu Caminho de Peabiru foi Mount Brandon, e também tinha as estações da cruz ao longo da subida.”

“A Igreja se apropriou de todos os locais sagrados”, afirma A. “As tradições Guarani, como sem dúvida as tradições celtas, foram integradas ao cristianismo para melhor catequizar os habitantes locais.” Ele respira e diz: “Sem dúvida isso ajudou na conquista dos índios e garantiu uma população obediente e o pagamento mensal do dízimo”.

“Qual é a sua religião?”, G. pergunta a nós enquanto caminhamos. “Nenhuma”, diz A. com firmeza. “Fui criada como católica, mas não me identifico mais com a Igreja Católica”, responde Cida.

“Você também é católica?”, G. pergunta para mim.

“Você sabe”, respondo. “Casei na Igreja Católica, numa cerimônia cheia de significado, administrada por um padre de alma muito bonita, e batizei meus dois primeiros filhos. Mas cinco anos atrás meu marido morreu de repente e a partir dali descobri que não me encaixava mais na Igreja Católica. Era como se eu simplesmente não pudesse mais seguir em frente com crenças herdadas, e tivesse que descobrir por mim mesma quem ou o que é Deus. Desde então, junto com a criação dos meus filhos, essa jornada espiritual se tornou a coisa mais importante da minha vida. Esta é uma das razões pelas quais estou aqui, seguindo o Caminho de Peabiru.”

“O que você está procurando?”, pergunta G.

Reflico por um momento antes de responder. “Sinto que Deus está dentro de mim e é aí que eu posso encontrá-Lo. Nenhuma igreja ou padre tem que interpretar algo para mim ou agir como uma ponte entre mim e Deus. E sinto que a Igreja me deu regras — seja uma boa menina, tenha compaixão, faça o que dissermos e você estará segura. Porém, seguir as regras não manteve meu coração seguro, e, o mais importante, não me deu ferramentas para realmente despertar Deus em mim. Estou buscando esse despertar, uma transcendência desta montanha-russa material chamada vida.”

Caímos em silêncio enquanto caminhamos.

Quebrando o silêncio após alguns minutos, começo a falar: “Há uma história sobre uma vila que não havia descoberto o fogo. Um dia, um estranho apareceu e fez fogo no centro da vila. Todos ficaram maravilhados e pediram para mostrar como se fazia aquilo. O estranho demonstrou ao povo como reunir gravetos, escolher as pedras perfeitas e como bater uma pedra na outra para criar faíscas e atear fogo. Os moradores da vila logo aprenderam aquela “mágica”. No escuro da noite, sem esperar nenhum agradecimento, o estranho foi embora, indo para outra aldeia que ainda não havia descoberto o fogo. Na vila seguinte, ele procedeu da mesma maneira e também as pessoas ficaram maravilhadas. Porém, os padres e os líderes ficaram com inveja da popularidade do homem, que foi preso e morto. Os moradores da vila ficaram indignados e se colocaram contra os líderes. Os padres e os líderes eram muito inteligentes: pegaram o graveto e as pedras — os instrumentos para fazer fogo — e os colocaram em uma caixa de vidro. Construíram um templo enorme ao redor da caixa de vidro, e todos os moradores vieram adorá-los. Os líderes não foram usurpados. Ninguém mais da vila fez fogo”.

Há um silêncio entre nós quando termino a história.

Logo chegamos ao topo da colina. A cidade de Yaguarón se estende aos nossos pés. Ficamos ali, ainda em silêncio, olhando para outras colinas baixas ao redor. “A colina ali se chama Colina de São Tomé”, informa G., apontando. “Há um tipo de gravura curvada numa rocha ali, que seria o cinturão de São Tomé, e há mais uma de suas pegadas. Também há uma caverna, onde teria sido encontrada uma imagem de São Tomé, esculpida numa pedra. A imagem foi levada para a

catedral de Paraguari, e no dia seguinte havia retornado à caverna, como ninguém sabe contar. São Tomé é agora o santo padroeiro da cidade. A mesma cidade também abriga a Fundação Avaré Sumé, que promove a música e a dança tradicionais locais, e também um festival anual de Avaré Sumé, em homenagem ao profeta Guarani Sumé. As lendas Guarani e cristãs se misturam ali também.” Seguimos G. até uma pedra alta. Quando chegamos ao topo da rocha, ele aponta para um longo buraco raso na superfície. “Este buraco é conhecido como a pegada de São Tomé.” Tiro o sapato e coloco o pé direito na pegada. “Cabe como uma luva”, eu rio enquanto coloco meus dedos nos sulcos dos dedos. A pegada é muito parecida com a que vi em Itapema, no litoral brasileiro, não perfeita, mas do tamanho certo para uma pegada humana, embora bastante desgastada com o tempo. Enquanto os outros colocam seus pés na pegada, ando até onde G. está parado. “Como esta pegada foi encontrada?”, questiono. “Quando os franciscanos chegaram a Yaguarón, os Guarani os trouxeram para este local e contaram que era sagrado, porque foi aqui que Tumé levou a tribo Guarani unida para matar os sete monstros. Eles igualaram Tumé a São Tomé. Olha, aqui a uns dez passos tem a nascente atribuída a Kerana, mãe dos sete monstros, que morreu de desespero quando todos foram mortos.”

Caminhamos até um pequeno poço perfeitamente redondo nas rochas. A água reflete nossos rostos olhando para o poço e o céu azul atrás de nós. “Quando os Guarani estudam as estrelas, em vez de olhar para cima, observam o reflexo do céu noturno em poços e pequenos lagos. Desta forma os céus são trazidos à terra”, conta G. Cida se junta a nós, abaixa-se, molha os dedos e joga um pouco de água de brincadeira em nós, e todos rimos.

G. nos guia pelas rochas e ao longo de um precipício estreito até chegarmos a uma caverna natural, com cerca de 2 metros de profundidade. “Esta é a caverna onde São Tomé viveu”, mostra nosso guia. Começo a entrar na caverna e G. me puxa de volta abruptamente. “Cuidado com as abelhas”, diz. Olhando para cima, vejo várias colmeias com abelhas grandes voando ao seu redor. “Que engraçado”, digo, pensativa. “Você não disse que os sete monstros foram transformados na constelação de Plêiades, que os Guarani chamam de favo de mel?” “Sim”, responde G. com um sorriso. “Você está certa, a constelação é chamada Eichu, o que realmente significa favo de mel.” “Estou aprendendo nesta peregrinação que tudo o que está no céu também está aqui na terra. Esta peregrinação é um reflexo

do céu”, afirmo rindo, entrando na caverna, mas me sentando longe da entrada para evitar as picadas dos sete monstros Guarani.

Cida se senta ao meu lado e os dois homens estão à nossa frente, espiando cautelosamente dentro da caverna. Atrás deles posso ver a cidade e as colinas distantes. Bebemos água de nossas garrafas, saboreando a vista.

Tiro minha flauta e toco mais uma vez minha melodia favorita, “Oboé de Gabriel”, do filme *A Missão*. As notas escapam da flauta, ecoando na caverna de São Tomé e voando em direção à cidade sonolenta, mais abaixo. Quando termino, um silêncio cai entre o grupo até a voz de G., rouca e sensível, diz: “Obrigado por tocar esta música. É tão bonita e tão especial para mim. Obrigado”.

Olho para ele, comovida. “Por quê?”, pergunto gentilmente.

Ele se recompõe antes de continuar. “Quando eu estava na universidade, fizemos uma performance baseada nesta música. Quando a música começou, estávamos todos enrolados como sementes e, depois que a melodia ganhou impulso, começamos a nos abrir. Éramos sementes que saíam de nós mesmos e cresciam em brotos verdes, e depois se desenvolviam como caules, finalmente expandindo para o nosso potencial como árvores enormes e fortes.” Enquanto desenvolve a narrativa, G. demonstra uma versão restrita dos movimentos com seu corpo comprimido. “Depois eu assisti ao filme *A Missão* que tem esta música como tema principal. O filme realmente me emocionou. Eu assisti como parte de uma aula de turismo histórico e me contaram que era muito fiel à vida e baseada em excelentes pesquisas. Isso me fez ver meu próprio país e sua história sob uma nova luz.” Ele respira fundo antes de continuar: “Num dia, uns meses atrás, minha filha mais velha, que tem nove anos, me fez sentar no sofá e disse que tinha uma surpresa para mim. Ela pegou o violino e tocou esta música para mim como uma surpresa”. A voz de G. corta e ele começa a chorar de emoção. Todos nós respiramos fundo, comovidos por ele, comovidos com ele. Após um breve momento, pego minha flauta novamente e toco a música mais uma vez, enquanto G. se recompõe. “Esta música é muito, muito especial para mim”, afirma nosso guia suavemente.

Cida tem lágrimas nos olhos e A. coloca a mão brevemente no braço de G. Começo a falar “Sabe, aprendi a tocar esta música na flauta porque é muito especial para mim também. Eu a ouvi pela primeira vez na adolescência na Irlanda, quando assisti ao mesmo filme *A Missão*. O filme me inspirou tanto que fortaleceu

um sonho de infância que eu tinha de vir para a América Latina e fazer trabalho social. Fiquei tocada pela história do povo Guarani. Quando finalmente cheguei no Peru, aos vinte e dois anos, para trabalhar por seis meses como voluntária numa clínica ortopédica, certo dia fui a um pequeno vilarejo com minha família anfitriã. Estávamos passando por uma igreja simples no meio do nada, em uma tarde nublada, quando de repente esta música começou a soar no alto-falante da igreja. Era como se Deus estivesse me dizendo que eu estava no lugar certo e que minha determinação em vir para a América Latina havia valido a pena. Quando me casei na Irlanda, em 2002, escolhi esta música para me acompanhar no momento de entrar na igreja e começar minha nova vida com meu marido.” Minha voz quebra um pouco agora também: “E menos de cinco anos depois, quando meu marido morreu de repente, toquei esta mesma música como a última música em seu ritual de cremação”.

Todos nos sentamos em silêncio, o momento repleto de compaixão e intimidade. Aqui estamos nós, um grupo de estrangeiros, compartilhando um momento de suave união.

DESCENDO A MONTANHA DE SÃO TOMÉ

Gradualmente, sorrimos timidamente e começamos a nos mexer novamente, descendo a montanha com leveza. Caminho ao lado de G. enquanto descemos. “Fiquei interessado no que você disse sobre sua busca espiritual”, comenta ele. “Você já ouviu falar em espiritualidade gnóstica?”

Concordo afirmativamente com a cabeça. “Já ouvi falar. O Testamento de São Tomé é um documento gnóstico, uma compilação dos ditados de Jesus. Estou lendo o Testamento enquanto faço o Caminho de Peabiru, e ressoa profundamente comigo.”

“Estou aprendendo mais sobre o gnosticismo no momento”, conta G. “Muitos acreditam que a gnose foi a mensagem verdadeira de Jesus e dos primeiros cristãos. Eles dizem que a vida de Jesus representa a jornada espiritual em que todos nós podemos embarcar. Os gnósticos falam da jornada como um caminho de olhar para dentro, para despertar do sonho que estamos vivendo como indivíduos separados e nos tornarmos quem somos na essência novamente, conscientes de nossa natureza espiritual e nossa unidade com todos e tudo ao

nosso redor.” Suspiro profundamente, inalando suas palavras. Respondo em voz baixa: “Isso é exatamente a visão que vislumbrei depois que meu marido morreu. Na minha vulnerabilidade e abertura após sua morte, fui assaltada com a vivência de que ainda estava ligada a ele, mesmo após sua partida. Tive alguns sonhos muito vívidos que pareciam mais visitas do que sonhos. Num deles, meu marido disse para eu ir morar no Brasil, e foi por isso que voltei para América do Sul com nossos dois filhos pequenos. Com o tempo, a conexão com Alastair tornou-se mais constante e mais sutil. Sua presença gentil se estabeleceu dentro de mim de alguma forma. Estou começando a perceber que essa conexão que tenho com ele não é pessoal. O que me une ao meu marido falecido, me une a você, às árvores ao nosso redor, a essas rochas. No testamento gnóstico de São Tomé, Jesus disse: *‘Ao dividir um pedaço de madeira, aí eu estou. Levante a pedra e você me encontrará lá’*. É uma das razões pelas quais estou nesta peregrinação, para ter uma ideia de como viver daquela consciência que une tudo, em vez de viver de um estado de separação assustador e inseguro. O sentimento de estar separada e vulnerável, de ser mortal e transitória, de meus filhos serem vulneráveis, ainda me assusta”.

“Como está indo a peregrinação?”, ele pergunta, depois de alguns instantes. Caio em silêncio, enquanto espero uma resposta genuína surgir. “Estou aprendendo que o mundo ao meu redor está inundado de mistério e lugares sagrados que inspiram esta sensação de conexão com outras pessoas, com nossos ancestrais e com a natureza. Estou acordando para a paisagem viva e sentindo visceralmente que faço parte dela. Acho que o animismo celta e Guarani me encharcou. Estou mais atenta aos nasceres e pores do sol. Percebo mais as fases da lua. Sinto como o céu também está dentro de mim, seus ritmos, suas fases, seu mistério.”

Respiro profundamente antes de continuar.

“Estou também ciente de que o nível de desconexão que sentimos um com o outro e com a natureza leva a crimes horrendos, como o massacre e os maus-tratos continuados dos Guarani e outros povos indígenas, a Guerra da Tríplice Aliança que dizimou o Paraguai e a destruição contínua da Mata Atlântica. É tão avassalador, me machuca. Esses crimes doem fisicamente. A vivência desta dor e deste sofrimento me inspira a procurar uma maneira muito mais profunda de existir.

A paz só pode ser encontrada expandindo-me de alguma forma, além da minha perspectiva limitada.”

“Enquanto aprendo mais sobre os Guarani, estou cada vez mais impressionada com o seu *ñande reko*, o modo de viver que eles mantiveram vivos até hoje. É semelhante ao modo de vida dos cristãos celtas, pagãos celtas e pré-celtas na Irlanda. Estão me fazendo olhar para o meu próprio modo de vida como nunca antes. Minha vida cotidiana é uma corrida contínua para longe do silêncio e do divino. Enquanto aprendo sobre os Guarani, começo a me perguntar se não consigo trazer mais consciência para a minha vida cotidiana, celebrar a natureza e as mudanças das estações e das luas, sentar ao redor do fogo, comungar com Deus através da dança, música e meditação, concentrar-me menos na vida material e levar o espiritual à minha experiência cotidiana. Parece que os Guarani conseguem viver suas vidas como uma constante peregrinação, cultivando esse vínculo com a sua natureza espiritual em harmonia com a natureza externa. Um vínculo que nós, no mundo material moderno, perdemos totalmente. Eles me parecem guardiões de uma sabedoria antiga, apesar de todo tipo de atrocidade que foi praticado contra eles.”

“Mas o mundo está mudado para sempre”, diz G. “Não podemos voltar a uma maneira antiga de estar no mundo que não existe mais para nós.”

Balanço a cabeça e continuo. “Está claro para mim que estou olhando para trás para ir para frente. Não se trata de eu me tornar Guarani, mesmo que outros *jurunú* tenham sido convidados a seguir esse caminho. Para mim, estou aprendendo as preciosas qualidades que os Guarani preservaram e quero trazer essas qualidades para minha vida. Dessa forma, posso tornar minha vida mais suportável, mais alegre, posso trazer mais beleza genuína ao mundo e, quem sabe, talvez posso, de alguma forma, realmente experimentar cada vez mais que minha essência, a essência dos meus filhos, é eterna. As qualidades que ajudam os Guarani parecem ser uma perspectiva mais ampla e espiritual da vida, um profundo relacionamento com a natureza, um sentimento de que fazem parte da natureza. Eles vivem principalmente com um objetivo espiritual e em um ritmo mais lento, honrando a comunidade e ouvindo a intuição. E eles caminham, é claro. Eles são *tapejara*, um povo que caminha. Todas essas qualidades me inspiram e quero cultivá-las mais na minha vida. Talvez isso me ajude a fortalecer a consciência crescente de como minha essência é verdadeiramente maior que o corpo e me auxilie a reduzir em igual medida o medo da morte e da perda dos entes queridos que ainda me acompanha.”

Ele acena com a cabeça em compreensão e seguimos em silêncio, andando naturalmente num mesmo ritmo. Quase chegando à cidade, G. confia em mim que pratica viagens astrais durante a noite. Ele me oferece uma imagem bonita que fortalece a chama silenciosa dentro de mim.

“Para mim, estar no corpo é como estar em uma pequena sala. Se acredito que não há nada além da sala, sinto-me oprimido, claustrofóbico, mas também desesperado para ficar para sempre na sala e manter todos os meus entes queridos lá comigo. Quando percebo profundamente em meu âmago que sou maior que o corpo, experimentando regularmente que as janelas e portas da pequena sala estão totalmente abertas, sinto uma sensação de paz. Posso ir e vir de livre escolha. Outras pessoas podem sair da pequena sala, mas não deixam de existir. Na maior parte de minha vida, ainda tenho a sensação de estar na sala, mas a experiência é totalmente transformada. Agora posso observar todos os cantos e conteúdos da sala, explorá-los, apreciá-los, mas sem apego ou medo de sair ou deixar os outros partirem.”

G. e eu conversamos, com as almas abertas e unidas até chegar à cidade. Nos quatro nos abraçamos e nos despedimos com um afeto muito sincero. Enquanto Cida e eu nos afastamos de G. e A., percebo que nosso pequeno grupo aleatório representa as mesmas nações que foram representadas na batalha de Cerro Corá, sobre a qual aprendi ontem. Em Cerro Corá, as tropas paraguaias e seu líder López, sua amante irlandesa Elisa Lynch e as forças aliadas do Brasil, Argentina e Uruguai entraram em uma batalha de morte e desespero. Hoje, com G. do Paraguai, Cida do Brasil, A. da Argentina e eu da Irlanda, apenas o Uruguai estava ausente do nosso pequeno grupo.

Por breve que seja o momento que compartilhamos no topo da colina de Yaguarón, mais de cento e quarenta anos após a batalha de Cerro Corá, me encha de uma onda de esperança de que uma tribo mais pacífica, mais consciente esteja começando a surgir. Olhar para cima ou para baixo?

Cerro Lambaré, nos arredores da capital paraguaia, Assunção, é outra colina que se eleva acima das planícies, marcando o Caminho de Peabiru. Está alinhado com Cerro Akati e a Pedra do Dragão que vimos em Guairá, e sinaliza o ponto em que a peregrinação vira para o norte, em direção à Bolívia. Em um mundo antes do GPS, nomes de estradas e edifícios sem fim, a paisagem natural era um grande

mapa vivo. Suas inclinações e contornos foram sentidos nas pernas do Guarani e usados como sinalizações ao longo do Caminho de Peabiru.

Uma estrada larga foi escavada na floresta nativa de lapacho e sobe a colina até a estátua de Lambaré, um cacique Guarani que lutou por essas terras quando os conquistadores espanhóis aqui chegaram, no século XVI. O calor é sufocante enquanto Cida e eu subimos lentamente a colina, passando por uma cruz em homenagem a San Roque, o primeiro santo paraguaio que foi canonizado em 1988, mais de trezentos anos após sua morte nas mãos de povos indígenas, que resistiram a seus esforços de catequização e redução.

No topo da colina, a estátua de um cacique fica imobilizada, petrificada até a submissão, olhando para as terras que antes abrigavam sua família e seus ancestrais. Por milênios, os pajés ou xamãs nativos chegavam ao topo desta colina para olhar para o alto e se comunicar com seus deuses. Agora, porém, a colina é uma atração turística, e nosso olhar é atraído para baixo, hipnotizadas pela vista da cidade de Assunção e pelas curvas largas e serpenteantes do Rio Paraguai.

SINALIZAÇÃO PARA YVY MARÃ EY

Cida e eu andamos, carregando nossas mochilas, pelas ruas coloniais sujas de Assunção. Caminhamos pela Rua Alejo García e vemos um prédio dilapidado numa esquina que foi o lar de Elisa Lynch. Quando olho para a casa, entre os sons ensurdecedores de carros e vendedores ambulantes, vislumbro sua antiga glória e quase consigo ver Madame Elisa inclinada na janela. Seus longos cabelos loiros descem pelas costas e um sorriso sedutor brilha em seus lábios enquanto ela espera a chegada do amado.

Passamos pelo panteão de heróis mortos e pela obsoleta estação de trem ainda comemorada no Paraguai como a primeira linha de trem da América Latina. Toda a capital exala um lamento de glória anterior e decadência atual. Caminhamos até a catedral, que tem um mural na entrada de um conquistador europeu, orgulhoso, com um plano do templo na mão, e um homem indígena em posição subserviente. Da catedral podemos ver o inchado Rio Paraguai. Há placas anunciando uma passarela que está sendo construída ao longo do rio, mas quando começamos a caminhar em direção a ela encontramos casas precárias feitas de

ripas de madeira entre um mar de lixo. A distância, vemos dois homens agachados fumando crack. Voltamos rapidamente.

Assunção era o destino de Cabeza de Vaca quando seguiu o Caminho de Peabiru. Acompanhando os passos de Aleixo Garcia, chegou aqui e assumiu o papel de governador do Paraguai, substituindo o governador provisório Domingo Martínez de Irala, que ele mandou para o oeste, seguindo mais longe os passos de Garcia em busca de ouro e prata. Cabeza de Vaca tentou conquistar a área pela bondade e não pela violência, esforçando-se para tornar ilegal a escravidão dos indígenas e pacificar a área ao redor de Assunção. Suas experiências anteriores na América do Norte, onde foi tomado como escravo e depois virou curador de várias tribos indígenas, amadureceram o conquistador selvagem nele. Conseguiu alcançar a paz a curto prazo com sua abordagem pacífica, mas suas políticas o tornaram um inimigo mortal dos colonos europeus, liderados por Domingo de Irala. Em 1544, Cabeza de Vaca foi preso em Assunção por um ano e depois enviado de volta à Espanha para enfrentar acusações espúrias de crimes contra a coroa da Espanha. Após sua expulsão, uma guerra feroz se iniciou na região e perdurou por três anos entre os colonos espanhóis e as tribos indígenas. Os colonos europeus não estavam prontos na época para realmente ver o povo indígena e chegar a uma convivência respeitosa. Será que ainda não estamos? O próprio Cabeza de Vaca morreu sem dinheiro em Sevilha, quinze anos depois. Como Sumé, Cabeza de Vaca tentou ajudar o povo indígena e sofreu as consequências, esta vez às mãos dos colonos.

Nossa última parada em Assunção é o mercado de artesanato na Praça da Liberdade. Em uma barraca, uma mulher com fortes traços Guarani está vende artesanato e acena para nós chegarmos mais perto. Ela cria colares simples com pequenas pedras gravadas com runas ou símbolos Guarani baseados na arte rupestre de Ita Letra e Amambay. Quando dizemos a ela que estamos no Tape Aviru, como o Caminho de Peabiru é chamado aqui no Paraguai, ela solenemente coloca um colar com um sinal de Tape, o Caminho, no meu pescoço. “Nós Guarani estamos sempre seguindo o Caminho, procurando *Yiy Marã Ey*, a terra sem mal”, afirma, olhando nos meus olhos. “Lembre-se: *Yiy Marã Ey* está dentro de nós, não fora”.

Compro o colar e me despeço da mulher, ponderando suas palavras. Até que ponto *Yiy Marã Ey* está fora de nós ou dentro de nós? Os Guarani em geral

afirmam que é um local físico e externo. Eles andam em massa por centenas ou até milhares de quilômetros ao longo do Caminho de Peabiru em direção ao litoral e esperam que os *apikás* os levem mais longe, para chegarem à sua terra sem mal. Os indígenas contam que alguns Guarani mais velhos ou mais sábios foram para lá, corpo e tudo, e nunca mais voltaram. No século XVI, alguns Guarani enviaram de bom grado seus filhos em navios europeus para serem transportados para *Yiy Marã Ey*. Nós, europeus, não somos diferentes. Também procuramos um paraíso fora de nós. A lenda diz que São Brandão chegou às Américas procurando a terra da eterna juventude, *Tír na nÓg*, ou Hy-Brasil, a ilha paradisíaca, que foi incluída em mapas por séculos. O próprio Colombo pensou que havia chegado ao Jardim do Éden. Também estou aqui, tendo viajado do outro lado do Atlântico, guiada por um sonho com meu falecido marido. Todos nós colocando a paz e o paraíso a uma distância de nós, tanto no espaço quanto no tempo. Alguém de nós realmente achou o que procura?

Nos anos 1960, a pajé Tatatin Rua Retée liderou uma peregrinação em massa do Rio Grande do Sul até o estado litorâneo do Espírito Santo, guiando sua comunidade ao longo do Caminho de Peabiru. Em Santa Cruz, num lugar que se chama Aracruz, encontraram sua *Yiy Marã Ey* e pacificamente começaram a recuperar suas terras ancestrais, apesar de violentas represálias. Tatatin foi muito reverenciada. Um artigo de jornal se referiu a ela como equivalente ao papa entre os Guarani. Sua missão singular na vida era levar sua comunidade a *Yiy Marã Ey*. No leito de morte, aos cento e quatro anos, Tatatin percebeu que estava enganada sobre a localização exata de *Yiy Marã Ey*, e não tinha mais certeza de que Aracruz realmente era o seu destino. Ela deu ao neto Tupã a missão de ir ao Deus da Montanha para pedir que ele os redirecionasse à verdadeira *Yiy Marã Ey*. Tupã construiu uma *opy* — uma casa de oração — em um dos pontos mais altos da Serra do Caparaó, e vem buscando redirecionamentos desde então. Alguma vez ele vai encontrar? É possível encontrar o paraíso fora de nós mesmos?

Conheço o poder que lugares físicos têm. Nesta peregrinação, alguns locais evocaram em mim uma experiência de expansão e de unidade com tudo a meu redor: lugares como o litoral sagrado brasileiro, o fogo na *opy* Guarani, nas Cataratas do Iguaçu e em uma caverna em Amambay. Outros locais me encheram de sentimentos de desespero e uma sensação de separação e contração: lugares como um trecho deliberadamente queimado de Mata Atlântica, campos sem fim

de soja e milho transgênicos no Paraná ou o litoral cheio de prédios altos ao longo do BR101 ao norte de Florianópolis.

Um lugar propício pode permitir uma abertura, o *agnije*, ou leveza de ser Guarani, mas ao meu ver nada externo, nem o lugar mais belo e pacífico imaginável pode preencher um buraco interno, uma insatisfação existencial. Levo a mão ao colar no meu pescoço e permito que as palavras da vendedora Guarani penetrem em mim.

KURUSU GARCIA

O Rio Paraguai é a espessa veia central da América do Sul que serpenteia por seu caminho inchado e azul esverdeado sobre as planícies ao redor de Assunção. Muitos exploradores espanhóis do século XVI tentaram segui-lo para descobrir as riquezas de ouro e prata que se dizia estar no ocidente. Sete anos antes de Francisco Pizarro vencer o império inca, o Rio Paraguai levou Aleixo Garcia em direção à Bolívia, onde lutou contra os Incas perto de Potosí. O Rio Paraguai também foi a rota de fuga de Aleixo Garcia, quando ele escapou das batalhas com o exército inca e iniciou a viagem de volta para seu lar litorâneo de Massiambu. Após enviar alguns de seus conáufragos europeus de volta ao litoral com uma amostra do ouro e da prata saqueados, ele montou acampamento a 10 quilômetros da margem do Rio Paraguai, a 330 quilômetros ao norte de Assunção. O local é conhecido hoje como San Pedro del Ycuamandijú.

Cida e eu chegamos de ônibus a San Pedro em busca de qualquer vestígio de Aleixo Garcia. Quando nos aproximamos da cidade, o veículo, com ar condicionado adequado pela primeira vez, segue diretamente ao encontro do pôr do sol vermelho-dourado.

Na entrada de San Pedro vemos uma chave de madeira de 3 metros de comprimento, pintada de prata — a chave de São Pedro para o paraíso. A prata que estou procurando nesta peregrinação é esta chave, não as riquezas que viraram a cabeça de Aleixo Garcia e a de tantos conquistadores e caçadores de tesouros depois dele. Talvez tenha sido essa ganância que levou ao destino de Aleixo neste local distante. Logo depois da chave de prata descemos do ônibus em uma área arborizada.

Em uma clareira entre as árvores encontramos uma grande cruz de madeira

que leva as palavras Kurusu Garcia a cruz de Garcia marcando o local onde Aleixo foi morto enquanto acampava, após fugir do território inca. Cida e eu paramos um momento na frente da cruz, sentindo os raios vermelhos do sol em nossos rostos. Faço uma oração silenciosa por este pioneiro europeu do Caminho de Peabiru, o qual seguimos por mais de 1.500 quilômetros desde o litoral brasileiro. Tiro minha flauta e toco uma melodia melancólica em sua homenagem.

O local da morte de Aleixo Garcia foi descoberto quatrocentos anos após o ocorrido, quando uma criança chamada López, que mais tarde se tornou professora da língua Guarani, encontrou uma cruz feita de madeira lapacho nativa tomada por trepadeiras entre as árvores, em uma parte densa da floresta. Um velho indígena afirmou que era o lugar onde Garcia foi morto.

A cruz que toco agora foi erguida em 2005, uma réplica de uma réplica, mas os historiadores concordam que este foi o local da morte de Garcia. Caminhamos até um mural próximo que mostra um Aleixo Garcia que choca fortemente com a minha imagem interna dele. No mural, ele está vestido com trajes coloniais e um Guarani com uma touca emplumada está lhe entregando um tesouro. Chamo a minha própria imagem interna de Aleixo Garcia e o vejo de novo vestido como um Guarani, de peito nu, tatuado e orgulhosamente usando o *tembetá* que perfura o lábio inferior.

Não se sabe quem matou Aleixo Garcia. Talvez tenham sido os Paiaguás, uma tribo bélica que governava grande parte do Rio Paraguai na época. Outros suspeitam que foram seus companheiros Guarani que o mataram, talvez decepcionados por ele ter usado o Caminho de Peabiru para encontrar riquezas materiais. Relatos de homens Guarani usando seu nome por todo o Paraguai sugere outro motivo para sua morte. Na tradição Guarani, profetas e grandes líderes às vezes eram mortos e depois os Guarani comiam sua carne como uma maneira de alcançar o mesmo estado de graça. Alguns sugerem que seja a maior honra que pode ser dada a outro ser humano. Eles não seriam o primeiro grupo a matar seu próprio profeta e comer seu corpo em ritual.

Cida e eu andamos pela trilha encharcada da floresta, guiadas pelos últimos raios de luz do sol poente, antes de seguir por quatro quarteirões para o oeste, em direção à pitoresca praça da cidade. Está cercada por prédios baixos do governo e um pequeno edifício colonial pintado de branco, orgulhosamente chamado Museu

de Alejo Garcia. O museu está fechado como a maioria dos prédios ao redor da praça. Rumamos para o Hotel Santa Ana na escuridão da noite. De repente me dou conta de como me sinto segura. Os avisos de meus amigos brasileiros sobre nossa segurança no Paraguai não combinam com a nossa experiência no país. A pior coisa que me aconteceu aqui no Paraguai foi um surto de pulgas de uma das viagens de ônibus — nada que um banho quente e uma boa lavagem das minhas roupas não pudessem consertar.

Na manhã seguinte Cida e eu voltamos à praça e entramos no pequeno Museu Alejo Garcia. Encontramos um depósito empoeirado de história colonial esquecida e o habitual silêncio de milhares de anos de história indígena. O ar está mofado com a decomposição dos objetos, do piano às fotos de várias famílias antigas da vila. O único item que possivelmente se refere à época de Aleixo Garcia e dos Guarani que o acompanhavam é uma urna funerária Guarani quebrada no meio das bugigangas coloniais. Será que era a urna usada para enterrar Aleixo Garcia no modo Guarani?

Antes de pegar o ônibus fazemos uma rápida visita à igreja franciscana na praça que está em processo de restauração. Passamos pelos andaimes e entramos por uma entrada lateral. A igreja é arejada, o que nos alivia, depois do museu mofado. O altar é feito de um único pedaço de madeira entalhada. Ao me ajoelhar diante do altar identifico o contorno de uma caravela entre os detalhes requintados. Quando Aleixo Garcia entrou na sua caravela na Europa para ir para o Brasil não imaginava tudo o que vivenciaria: naufragar, ser resgatado e acolhido pela tribo Guarani, abraçar um novo clima, nova língua e nova cultura, casar, virar pai, embarcar numa aventura pelo Caminho de Peabiru para encontrar Eldorado e morrer aqui, na beira do Rio Paraguai. No total, ficou sete anos no Brasil, vivendo e morrendo intensamente.

Eu também saí da Europa e vivi até agora sete anos no Brasil. Quando pisei no avião para ir para o Brasil pela primeira vez, indo ao encontro de meu namorado na época, também não poderia ter imaginado tudo o que vivenciaria: montar uma casa com um companheiro pela primeira vez, ganhar no Carnaval do Rio de Janeiro, trabalhar em favelas, abraçar um novo clima, nova língua e nova cultura, casar, virar mãe, voltar ao Brasil como viúva, montar uma ONG para crianças doentes, ter um terceiro filho, escrever e publicar um livro e embarcar numa aventura pelo Caminho de Peabiru para encontrar *Yty Marã Ety*, o paraíso,

dentro de mim. Neste continente, parece que a vida é mais intensa, o ritmo acelera.

Ajoelhada na frente do altar agora, penso na viagem que agora vou seguir sozinha, sem a companhia da Cida. Vou viajar para o norte. Como fizeram Aleixo Garcia e os Guarani na sua jornada para o oeste, sigo por terra as curvas serpenteantes do Rio Paraguai até Concepción, uma cidade a 85 quilômetros ao norte de San Pedro. Pretendo acordar cedo no dia seguinte e ir de ônibus para Vallemi, para pegar um barco que viaja dois dias pelo Rio Paraguai, através da área do Chaco até Bahia Negra. De lá, espero pegar um táxi-barco para passar a fronteira boliviana até Puerto Busch, seguindo de ônibus ou de balsa para Puerto Suárez, na Bolívia, próximo à fronteira brasileira.

Percebo uma ansiedade, um medo enquanto penso na viagem na minha frente. Ajoelhada, rezo para ter confiança, para deixar morrer aqui na beira do Rio Paraguai o medo da vida, da morte que está em mim.

CONFIRMAÇÃO

Me despeço da Cida e sigo sozinha, com a minha cópia do livro *Tao Te Ching* como meu único companheiro. Enquanto o ônibus segue para o norte não consigo distrair minha mente da lembrança de minha viagem de cinco dias numa embarcação pelo Rio Amazonas, quinze anos atrás. Só de pensar nisso me deixa enjoada. O barco estava sobrecarregado com gado e um enorme trator. Quando a embarcação finalmente se afastou do porto e iniciou a viagem no vasto Rio Amazonas, a água começou a entrar no barco. Em pânico, peguei um colete salva-vidas, assim como as outras pessoas fizeram. Foi então que percebi que havia apenas vinte coletes salva-vidas para mais de cem pessoas. O barco se estabilizou e continuou, mas meus nervos não conseguiram se estabilizar novamente durante toda a viagem. A comida era desagradável e meu suprimento de água limitado. Eu não conseguia dormir na minha rede, pois havia uma família de peruanos deitada abaixo de mim. Havia pessoas e animais em todas as fendas do barco. Eu costumava sentar no ‘telhado’ da embarcação para escapar das multidões e passava o tempo olhando para a agitação interminável da água marrom e inchada do Rio Amazonas, cercado de floresta verde e monótona. No ‘telhado’ havia centenas de pintinhos amarelos enjaulados. No início da viagem o som deles era ensurdecedor. No final da viagem todos estavam mortos. A lembrança do som e do cheiro de suas mortes lentas no calor opressivo volta para mim agora e eu a afasto com desgosto.

Engulo minha hesitação, firme na minha intenção de seguir todo o Caminho de Peabiru do Atlântico ao Pacífico. Chego a Concepción no início da noite, atravessando uma ponte sobre o extenso Rio Paraguai antes de entrar na cidade. A palavra *Paraguai* em Guaraní significa ‘água que corre para o mar’. O rio desce até Assunção, antes de entrar no Rio Paraná e depois no Rio da Prata, até finalmente derramar no Oceano Atlântico. Este é o único acesso do mar que o Paraguai tem. Para as áreas do Paraguai ao norte de Concepción, o rio é uma salvação. Uma grande embarcação semanal, o Aquidaban, navega no rio de Concepción até Bahía Negra, perto da fronteira com a Bolívia, vendendo e comprando mercadorias das comunidades agrícolas nas margens do rio. As estradas além de Concepción variam de precárias a inexistentes, e viajar de barco é a rota mais segura. A tribo feroz dos Paiaguás dominava esta região na época do Aleixo Garcia, e possivelmente o mataram. A tribo está extinta agora há muito tempo mas a viagem ainda me enche de apreensão.

Desço do ônibus, saindo do ar-condicionado para o calor da noite, visceralmente consciente na escuridão da pequena rodoviária do fato de que estou sozinha agora. Olho ao redor para localizar P, o guia turístico e agricultor orgânico alemão que vai me hospedar hoje. Só consigo distinguir as sombras de alguns homens grandes paraguaios no ponto de ônibus que me olham, confiantes, na escuridão.

Há uma carroça puxada a cavalo na minha frente, mas nenhum sinal de um alemão. Caminho hesitantemente até o bar mais próximo e olho para dentro. Lá está ele, bebendo cerveja e fumando um charuto grosso. Sorrio para ele e beijo sua bochecha em saudação. “Você dá dois beijos no Paraguai”, ele me censura bruscamente. Sorrindo, beijo sua outra bochecha. Ele é um homem musculoso, com uns quarenta anos, alto e magro, com pele enrugada e desgastada depois de vinte anos sob o sol paraguaio. Tudo nele é brusco enquanto bebe seu copo de cerveja e pega sua garrafa meio vazia. “Você está uma hora atrasada”, ele reclama. “Mas isso é quase chegar a tempo por aqui. Vamos indo, já está escuro.” Eu o sigo até sua caminhonete. “Esteja preparada para qualquer coisa quando você entrar neste veículo”, diz ele por cima do ombro. Eu engulo audivelmente e subo na caminhonete. Um barulho alto me cumprimenta e eu pulo para trás. No banco de trás há um pássaro grande batendo as asas e protestando contra a captura. “Entre rápido e feche a porta”, grita P. “Este pássaro foi encontrado hoje na rua

em Concepción e, é claro, sempre que encontram um animal selvagem, ferido ou perdido, me chamam para cuidar. É um pássaro shahá, muito perigoso se ele te apunhalar com a asa. Mas é um lindo espécime. Pela manhã ele te lembra ao nascer do sol com um chamado de *sha-bá, sha-bá, sha-bá.*” Entro no caminhão no assento da frente, distanciando-me ao máximo das asas do pássaro. Enquanto dirige, P. toma um gole da garrafa de cerveja que segura entre as coxas. “Você me deve 50 dólares”, ele rosna. “Reservei uma cabine para você no Aquidaban. Se você quiser chegar a Bahia Negra terá que pegar o barco de Vallemi amanhã. Isso significa um ônibus coletivo às 6 da manhã de amanhã. Deus! Você está namorando o Paraguai muito rapidamente. Você nem verá Concepción à luz do dia!” “Eu sempre posso voltar”, digo a ele com uma risada forçada. “Moro no Brasil, então não é muito longe. Mas por enquanto só tenho até sábado, antes de ter que voltar para os meus filhos.” Ele fica quieto por um tempo enquanto toma outro gole de cerveja. “Pode ser que consiga”, diz ele. “De Vallemi você pega o Aquidaban por dois dias. Depois, há um cara chamado Don A. que te ajudará a atravessar a fronteira em outro barco para Puerto Busch, na Bolívia, por 200 dólares. De lá você poderá chegar a Puerto Suárez, perto da cidade brasileira de Corumbá. Não sei quanto tempo leva, mas deve custar de táxi entre 150 e 200 dólares.”

“Você conhece esse cara, o Don A.?” pergunto, em dúvida. “Não pessoalmente”, responde P., sem tirar os olhos da estrada. “Mas enviei vários mochileiros para atravessar a fronteira com ele e nenhum deles voltou. Então imagino que eles conseguiram atravessar a fronteira.”

“E o visto para sair do Paraguai?” questiono. “Você está com sorte”, informa P., tomando outro gole de cerveja. “Em nenhuma outra cidade do Paraguai um funcionário da alfândega voltaria ao escritório às 8 da noite. Mas prometi a ela que você daria uma propina, uma gorjeta, para que ela voltasse especialmente para isso.” O alemão pega um celular do bolso da camisa e grita alto e rude em espanhol, avisando que estamos a caminho.

Estacionamos na frente do prédio da alfândega e, cinco minutos depois, uma jovem atraente aparece de motocicleta. Sua calça jeans está esticada à pele e seus movimentos são lentos e deliberados enquanto ela estaciona a moto e balança a perna para desmontar. Quando ela tira o capacete, seus longos cabelos escuros caem provocativamente. P. engole audivelmente atrás de mim enquanto a seguimos para dentro do prédio.

A jovem me dá um sorriso cauteloso enquanto entrego meu passaporte, antes de ligar o computador e inserir meus dados. “Você vai sair na sexta-feira, não é?”, ela pergunta friamente. Afirmo que sim com a cabeça. Quando recebo meu passaporte carimbado, agradeço a ela, entregando-lhe 50 mil guaranis. Ela sorri largamente para mim agora e me lança um *buen viaje*.

P. e eu subimos de volta em seu veículo com o pássaro shahá. Dirigimos por meia hora pelas estradas de Concepción, tentando evitar tanto a lama escura quando os ubíquos buracos fundos. Durante a maior parte do tempo P. dirige do lado errado da estrada. Eu me agarro firmemente à janela aberta, tentando parecer relaxada. Ele consegue dirigir, beber cerveja, fumar e atender o telefone enquanto mantém uma conversa comigo.

“O que você é?”, pergunta. “Esposa de um embaixador, algo assim?” “Não”, respondo com firmeza. “Não sou mulher de ninguém. Sou viúva.” P. balança a cabeça, momentaneamente silenciado.

“Como você acabou morando no Paraguai?”, pergunto. Ele toma um gole de cerveja e segura a bebida contra o volante enquanto dirige. “Nasci em Berlim do Leste e sempre estava desesperado para me mudar para a América Latina. Aos onze anos eu tinha um sapo cubano. E sempre fui louco por natureza. Meu pai foi enviado para Cuba e eu fiquei muito animado, mas não havia escola para mim lá, então eu teria que ficar num internato na Alemanha e depois visitaria minha família durante três meses por ano. Eu estava feliz o suficiente com isso, mas minha mãe decidiu não me deixar. A mãe dela a deixou quando era criança para ir morar na Alemanha do Oeste, e ela disse que não podia fazer a mesma coisa comigo.” Ele ri: “Eu estava morrendo de vontade que me abandonasse, mas ela não quis”.

Rio com ele. “Quando eu tinha mais ou menos onze anos, crescendo na Irlanda, meu pai conseguiu um emprego em Burma. Toda a família ia se mudar para lá e eu estava muito animada. Mas o emprego nunca se materializou por causa dos problemas políticos lá. Eu queria tanto ir para o exterior e conhecer novos lugares e pessoas. Fiquei muito frustrada.”

“Talvez isso explique por que estamos aqui procurando aventura no outro lado do mundo”, afirma P. em voz baixa. “As coisas que não acontecem às vezes são mais importantes do que as que acontecem.”

Chegamos à casa dele na escuridão total. Mal consigo ver a estrutura de madeira da casa à nossa frente. Dois meninos correm até o carro, me ignoram e tiram com alegria o pássaro shahá do banco de trás. Enquanto saio do veículo insetos pulsam ao meu redor no ar quente. P. ajuda os meninos a levar o shahá para uma grande gaiola. Do lado há uma gaiola com uma cobra anaconda cega. Na gaiola seguinte, um macaco espia desconfiado de sua pequena casa na árvore. “Não gosto de manter os animais enjaulados”, afirma P. na escuridão. “Sempre que possível os libertamos assim que ficam bem de novo.” Ele sinaliza para um de seus filhos, que relutantemente mostra a minha pequena cabana de madeira com um quarto e banheiro. O menino acende uma luz fraca na varanda que coloca holofote nas nuvens de insetos ao redor. Eles tentam me seguir quando entro no quarto, mas por pouco consigo mantê-los do lado de fora. O quarto é espaçoso e básico, com uma cama de casal acolhedora. O banheiro é o lar de uma família de sapinhos que pulam em todas as direções quando eu acendo a luz. Ligo o chuveiro e coloco minha mão na água para testar a temperatura. Minha mão relaxa enquanto a água esquenta.

Depois de tomar banho caminho até a casa principal, onde P. e eu jantamos em sua cozinha improvisada, enquanto seus filhos assistem televisão em uma sala adjacente. Os sons da televisão são incongruentes com o som ensurdecedor da natureza que nos cerca. A esposa de P. tem a minha idade, e responde às minhas perguntas sobre os filhos com uma notável cautela. Ela nos serve um delicioso peixe tilápia do rio ao lado da fazenda e vai para a sala para assistir televisão com seus filhos.

Devoro a comida com gratidão e à medida que a minha fome diminui, pergunto a P. sobre sua fazenda orgânica, e ele responde que mal consegue viver disso. “Há mais fazendas orgânicas por aqui?”, questiono. Ele dá uma gargalhada. “Não conheço e estou aqui há vinte anos. Por aqui o grande negócio é a criação de gado. No sul do país é soja e algodão. É um país pequeno e é o maior produtor de soja e o segundo maior em gado do mundo. Não existe agricultura orgânica. O Paraguai destrói a natureza, ao invés de preservá-la. É o atual campeão mundial em derrubar florestas. Mesmo no Chaco aqui. Mesmo nas reservas naturais.”

“Fiz uma caminhada em Ybytyruzú e vi do alto da montanha Agatí como a floresta foi derrubada lá”, comento. “Havia apenas algumas árvores ao redor dos rios.”

“Você foi a Ybytyruzú?”, ele pergunta, surpreso. “Bem, por aí, nos parques naturais, há muita madeira sendo cortada. Fui à polícia uma vez, lá em Ybytyruzú, e contei sobre alguns madeireiros perto de uma cachoeira. Você sabe qual foi a resposta?” Balanço a cabeça. “Eles disseram que não tinham combustível para ir prendê-los”, P. balança a cabeça e termina de comer. “Sem combustível eles são inúteis. Neste país você precisa resolver o assunto por conta própria”, resmunga.

“Como?”, questiono, enquanto corto meu peixe.

“Existem maneiras de sabotar pelo menos parte do corte ilegal de árvores que está ocorrendo”, afirma ele evasivamente. “Conheço todas as árvores ao longo deste rio e estou preparado para proteger cada uma delas.”

“Se você está tão frustrado não pensa em voltar para a Alemanha?”, pergunto, terminando meu suco de frutas.

“Ah...”, ele diz desanimado. “Provavelmente ficaria frustrado por lá também. Tudo na Alemanha está organizado por regras e regulamentos. Se você não concordar com algo, basta preencher um formulário. Aqui pelo menos eu posso ser um idiota brutal.”

Sorriso para P. Há algo muito cativante neste ‘idiota brutal’ que, a seu modo, protege e cuida da natureza ao seu redor.

“Eles estão realmente destruindo o Chaco?”, pergunto. “Sim”, afirma ele. “Mesmo nas reservas, onde é estritamente proibido porque há uma tribo chamada Ayareo com pouco ou nenhum contato com o homem não-indígena.” “Pensei que havia apenas tribos isoladas na Amazônia”, respondo. “Não, aqui também, no Chaco. Há várias tribos muito diferentes aqui. Até eu posso diferenciar muitos deles, porque têm origens distintas. Há uma tribo Guarani chamada Chiriguano, mas não apenas eles. O Chaco é tão inóspito e difícil de penetrar que se tornou o lugar para onde todos os perdedores em batalha escaparam. Aposto que a tribo que estava no Peru antes dos Incas foi para o Chaco.”

“Como os menonitas?”, pergunto. “Ouvi que não é incomum estar no Rio Paraguai ou num ônibus no Chaco e ficar cara a cara com um grupo de homens altos, de cabelos loiros e olhos azuis, de macacão jeans e chapéu de abas largas.” “Sim, acho que você poderia dizer que os menonitas são outra tribo que veio ao Chaco para fugir da perseguição, mas eles foram realmente bem-sucedidos aqui.

São o segundo maior grupo da região do Chaco Central agora, perdendo apenas para os grupos nativos. Eles até conseguem tornar produtivo o Chaco inóspito. Os menonitas vieram para cá para escapar dos maus-tratos na Europa e viver de acordo com seus próprios costumes, e até agora foi o que fizeram. Eles ainda falam alemão e vivem sem muita tecnologia.” A voz de P. está bastante defensiva agora e eu me pergunto se está envolvido com eles de alguma forma. “Os estrangeiros criticam os menonitas, mas eles foram perseguidos porque acreditavam que os adultos deveriam fazer uma escolha consciente de serem batizados para seguir Jesus, não apenas serem batizados quando bebês. A Igreja odiou isso porque tudo o que a Igreja quer é ter ovelhas como seguidores, e não pessoas de pensamento livre escolhendo sua religião.”

A esposa de P. sai da sala da televisão e a ajudo a limpar a mesa em silêncio. P. sai da mesa e avisa, “Eu te chamo às 5 da manhã. É bom dormir logo. Você tem um longo dia pela frente amanhã.”

De volta ao meu quarto caio na cama e passo uma noite de sono irregular. O calor é misericordiosamente difundido pela chuva torrencial durante a noite. A casa principal está em silêncio quando acordo na manhã seguinte. Até os insetos parecem estar dormindo. Depois de um tempo, P., meio adormecido, aparece com um tereré nas mãos. Sem dizer uma palavra, ele coloca a mesa com um pouco de pão e queijo e um frasco de café. Enquanto espero que ele me chame para a mesa, observo o grande mapa do norte do Paraguai na parede. Traço meu dedo ao longo do Rio Paraguai, onde o barco Aquidaban me levará. À minha esquerda está o Chaco e à minha direita o Pantanal brasileiro. No mapa, ao norte de Concepción, encontro um porto e meu coração pula. O porto se chama Puerto Itapocu. R., a pesquisadora do Caminho de Peabiru, havia me dito que itapocu vem das palavras *I Tape Poco*, ‘a água da longa estrada’, e que existem vários itapocus ao longo do Caminho de Peabiru dos Guarani mas não me contou onde estavam. Agora, do nada, encontrei um itapocu. Os nomes de rios, portos e lugares são como placas sutis sinalizando o Caminho, sobrevivendo à devastação do tempo e da colonização. Eu estava no estuário do Rio Itapocu no início do ano, onde deságua no Atlântico, no litoral do Brasil. Tomo café com um coração feliz. Encontrar Puerto Itapocu é uma confirmação de que o longo caminho dos Guarani passou mesmo por aqui, confirmação de que estou seguindo o sagrado Caminho de Peabiru. Confirmação de que estou onde deveria estar.

O BOM VIAJANTE

P. pega uma fatia de pão na mão e começa a sair da casa. “Vamos lá! Quero te mostrar nossa anta antes de partirmos”, ele diz. Tomo um café rápido e o sigio. O primeiro fio de luz está no céu enquanto caminhamos 100 metros até um pequeno recinto perto de um lago lamacento. Uma anta marrom-amarela corre até P, que derrama um pouco de comida em uma tigela e a acarícia como a um cachorro grande e peludo. “Esta anta estava magricela quando a encontramos”, conta P. “Tivemos que alimentá-la com mamadeiras no início. A grande emoção de nossa família no momento é nadar com a anta no lago. São criaturas muito amigáveis e amorosas.” Aproximo-me da anta com cuidado e a acaricio levemente, encantada com o toque eriçado de seus pelos alaranjados. Neste Caminho de Peabiru, guiado pela Vía Láctea ou pelo “Caminho da Anta”, como é chamado em Guarani, encontrei uma anta viva, mansa e adorável. Mais uma vez, uma parte dos céus está aparecendo aqui na Terra diante de mim.

“Vamos lá!”, chama P. asperamente. “Vamos nos atrasar.”

Pego minha mochila e pulamos na caminhonete, que esbarra pelas estradas da fazenda de P. O sol está vermelho com os primeiros raios da manhã. “O sol estava assim quando cheguei a Concepción ontem à noite, e agora quando vou embora”, comento satisfeita.

P. balança a cabeça para mim. “Temos que parar para dar carona a uma família que trabalha para mim. Nunca deixei ninguém na cidade tão cedo para pegar este ônibus, mas hoje, por acaso, vou deixar você e a família.”

Paramos na frente de uma casa simples à beira de uma estrada, onde um jovem casal com uma criança pequena estão sentados no chão, ao lado de três sacos de batata, onde estão guardadas todas suas roupas e pertences. O jovem joga as sacolas na parte de trás do veículo e, em seguida, sua família entra no banco de trás, onde o pássaro shahá chiou na noite anterior. “Vocês também vão para Vallemi?”, pergunto, enquanto P. põe a caminhonete em movimento. “Não”, responde o homem em voz baixa. “Vamos trabalhar em uma fazenda a caminho de Vallemi, mas agora não vamos de ônibus. Seremos buscados por um caminhão, que nos levará direto para a fazenda. O motorista nos encontrará na estação de ônibus.” Sorrio para ele e volto a olhar a estrada empoeirada à minha frente.

Chegamos atrasados a Concepción, pouco depois das 6 horas, e a tensão de P. é palpável. Ele digita números no telefone enquanto dirige e grita. Após alguns minutos desliga o telefone e suspira. “Este é o pior caso para você”, diz ele, colocando o telefone de volta no bolso. “Por causa da chuva da noite passada o ônibus da manhã foi cancelado; então não há como chegar a Vallemi a tempo para pegar o barco.” “Não há outra maneira de chegar lá?”, pergunto, desapontada. Paramos na entrada da rodoviária e o jovem descarrega os pertences de sua família. P. fala com ele do outro lado do veículo e então o jovem faz uma ligação. Ele sorri ao desligar. “Você pode ir conosco”, afirma o jovem. “O caminhão a deixará em uma cidade, onde você poderá pegar um mototáxi que a levará a Vallemi. Os carros não passam na estrada quando chove, mas uma motocicleta sim.”

Sorrio para P. e pago o dinheiro que lhe devo. “Tudo está bem quando acaba bem”, afirmo de bom humor. Ele não parece convencido. “É uma pena que este país é tão bagunçado. É um problema doloroso para alguém como eu, que vive do turismo. Em janeiro, uma emissora de televisão alemã virá para cá e está programando cada minuto de suas três semanas de estadia comigo. Estou tremendo só de pensar nisso.” Ele dá dois beijo de despedida nas minhas bochechas antes de pular de volta na caminhonete e partir em uma nuvem de poeira.

Sento-me com a pequena família em cadeiras de plástico na beira da rodoviária e conversamos um pouco, enquanto dividimos o tereré deles. Internamente, ainda estou brilhando com a descoberta do ‘Puerto Itapocu’. Parabenizo-me pela sincronicidade do caminhão da família como alternativa ao ônibus cancelado. À medida que o sol resplandece mais alto no céu, tenho que mover minha cadeira várias vezes para seguir a sombra. E ainda espero. Após três horas não há sinal do caminhão, e estou literalmente pulando na cadeira, frustrada. “Você pode ligar para o motorista mais uma vez para saber quanto tempo vai demorar?”, pergunto novamente. O jovem, relutantemente, pega o telefone e fala baixinho. “Logo”, responde. “Em breve.” Estou surpresa com a paciência com que o casal espera e com a forma que mantêm a filha de um ano quieta com o mínimo esforço. Meus filhos estariam causando estragos a esta altura.

Finalmente, quatro horas atrasado, o caminhão chega. O jovem coloca as sacolas na parte de trás do veículo e os três entram na parte da frente, onde a esposa do motorista também está sentada. Não há mais espaço. O jovem fala com o motorista. “Agora é muito tarde para você chegar a Vallemi a tempo de pegar

o barco”, informa ele calmamente, sem me olhar nos olhos. “O quê?”, pergunto, incrédula. A esposa do motorista dá uma gargalhada: “Se você quisesse ir a Vallemi hoje, deveria ter saído mais cedo”. Posso sentir as lágrimas nos olhos e respiro fundo para me acalmar. O caminhão parte e me deixa para trás em uma nuvem de poeira e fumaça. Sento-me na beira da estrada. Sem saber o que fazer, pego o livro *Tao Te Ching*. Abro aleatoriamente numa página: “*O bom viajante não tem planos fixos e não tem intenção de chegar*”. No entanto, eu tinha planos muito fixos e uma intenção clara de chegar.

Lágrimas bulbosas caem nas páginas do meu livro. Estendo minha mão para parar um táxi que está passando. “O ônibus para Vallemi foi cancelado. Você poderia me levar até lá?”, pergunto. “Se a estrada está ruim demais para o ônibus, então é ruim para mim”, responde o taxista, balançando a cabeça. Eu me viro e fico ao lado da estrada, derrotada. Entro na rodoviária e pergunto nos diferentes quiosques de passagens se há outro ônibus para Vallemi. “Você poderia ter pego um que passa pelo Brasil”, informa um homem de rosto gentil. “Saiu às 8 horas, e deveria chegar a Vallemi em uma ou duas horas.” Lágrimas escorrem pela minha bochecha e faço caretas para impedi-las de cair em uma torrente. “Tenho algo que vai animá-la”, afirma o homem, enquanto me guia até sua pequena bilheteria. Ele vai até um armário de metal e pega uma flauta bege. Senta em sua cadeira e começa a tocar uma música simples e feliz para mim. Acho que ele pode ter inventado a música, só para me animar. Rio alto por entre as lágrimas. Não acredito que encontrei outro flautista no meu caminho, alguém que toca flauta em momentos incomuns, como faço com a minha flauta. Esta é realmente a peregrinação da flauta andante.

Quando ele termina bato palmas com entusiasmo antes de tirar minha flauta e tocar para ele em gratidão. Enquanto a música gira em torno de nós, provocando olhares confusos nas pessoas ao nosso redor, sinto um alívio dentro de mim. Alívio por não precisar percorrer o Rio Paraguai de barco. Alívio por não ter que atravessar sozinha a fronteira com a Bolívia à noite com desconhecidos. Alívio por poder voltar mais cedo para casa e para meus três filhos.

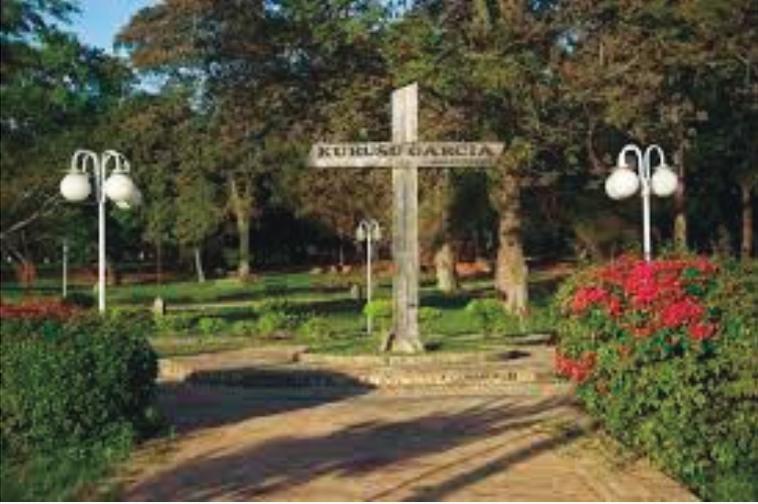
Talvez o importante seja que me disponibilizei, que fiz tudo ao meu alcance para seguir minha peregrinação da melhor maneira possível. O que parece ser um obstáculo pode realmente ser um presente. Talvez seja proteção divina.



Paraguai, outubro de 2012.



Aldeia Guarani, Ciudad del Este, outubro de 2012.



Kurusu Garcia, Paraguai, outubro de 2012.

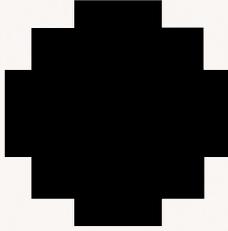


Concepción, outubro de 2012.



Rio Paraguai, outubro de 2012.

A FLAUTA ANDANTE



OESTE



Samaipata, Bolívia, dezembro de 2012.

O TREM DA MORTE

“O trem da morte?”, pergunta Liam, meu filho do meio, com olhos arregalados. Levo meus filhos para a Bolívia para andar no trem da morte. De certa forma, estou viajando inconscientemente no trem da morte com eles há cinco anos. Quando o pai deles faleceu repentinamente, percebi visceralmente que a morte não é apenas minha companheira constante, mas também a companheira constante de meus filhos. Não tenho garantia de que eles crescerão e seguirão seu próprio caminho na vida, que buscarão o significado da vida, se apaixonarão, terão profissões, envelhecerão ou terão seus próprios filhos. Portanto, agradecemos a cada dia. No nosso dia-a-dia, nós sempre nos mexemos como um turbilhão barulhento para sair de casa antes das 7 horas da manhã, mas quando sentamos no carro, não importa o quanto estamos atrasados ou quais temperamentos explodiram durante o café da manhã, todos nos damos as mãos e dizemos: “Obrigado, vida, por mais um dia de viver e amar”. Crio meus filhos como se tivessem um futuro, mas não posso mais ignorar que estamos todos no trem rumo à morte, sem garantias de que vamos viver mais um dia, mês ou ano.

O trem da morte nos levará por dezesseis horas de Puerto Quijarro, na fronteira entre a Bolívia e o Brasil, até a cidade industrial boliviana de Santa Cruz de la Sierra. É a segunda semana de dezembro, e a escola dos meninos fechou para as férias alguns dias antes. Aqui estamos prontos para seguir juntos à estação oeste do Caminho de Peabiru. Os dois meninos mais velhos e eu vamos viajar pela Bolívia e depois nos encontraremos com Tahmid e meu filho mais novo em Cusco, para o solstício de verão e o Natal, antes de seguirmos juntos no Caminho de Peabiru até seu final, no Oceano Pacífico.

Tom, Liam e eu sobrevivemos três horas de espera em um calor de 40 graus para atravessar a fronteira boliviana, onde apresento a certidão de óbito do meu falecido marido, como sempre sou obrigada a fazer quando saio do Brasil com os meninos. Até o governo brasileiro conspira ao me lembrar de nossa mortalidade. Entrando na Bolívia, caminhamos no calor até a estação de trem nas proximidades.

O trem da morte é assim chamado por causa dos muitos trabalhadores que morreram de cólera quando os trilhos foram construídos, ao longo de um antigo caminho indígena. Essa trilha poderia muito bem ter sido o Caminho de Peabiru dos Guarani. Ficamos na fila por meia hora na estação, antes de subir no trem

quente. Nossos assentos são reclináveis, mas estão sujos. Estamos ao lado de um banheiro que não tem papel higiênico ou toalhas de papel. Há um velho aparelho de televisão pendurado no teto, quatro assentos à frente. A realidade do trem está exatamente meio caminho entre a propaganda na internet e meus piores medos, e eu o inspeciono criticamente antes de me sentar. Quão mais exigente sou como viajante quando estou com meus filhos! E mais ciente dos desconfortos e riscos físicos. O ar assobia através das rachaduras nas janelas, enquanto o trem ganha velocidade. Percorremos o Chaco, o grande bioma semiárido de solo salgado, onde abundam os rumores de degradação ambiental e mão de obra exploradora dos Guarani nas mãos de grandes latifundiários. Tudo o que consigo ver é uma terra seca e despenteada, pontilhada de palmeiras e vislumbres ocasionais de casas e vilas entre as árvores.

Compramos um jantar de arroz e feijão embrulhado em papel alumínio no trem e comemos com garfos de plástico. A velha televisão é ligada e começa a exibir filmes em inglês com legendas em espanhol e, para nossa alegria, os meninos conseguem ouvir o que está sendo dito a pesar do barulho e do trem que passa pelo leste da Bolívia. O brilho vermelho-alaranjado do pôr do sol à nossa frente entra pelas janelas e eu curto seus raios por um momento até que Tom reclama que a luz está batendo na tela da televisão. Puxo as cortinas precárias da janela, escurecendo nossos assentos. Logo o céu está escuro e os meninos estão dormindo. Consigo cochilar em um meio sono confortável, mantendo um pouco de consciência dos movimentos dos meninos e da segurança das malas.

A noite passa com paradas e apitos em estações sem nome, seguidos pelo bater das portas e conversas abafadas de novos passageiros. Passamos pela área de San José de Chiquitos, com seu circuito de ruínas de missões jesuíticas, e continuamos em direção a Santa Cruz de la Sierra. Embora Paraguai seja o zênite do mundo Guarani, atualmente há mais Guarani vivendo na Bolívia do que em qualquer outro país. Dos 240 mil Guarani estimados, um terço vive agora no leste da Bolívia. Alguns estiveram aqui há mais de mil anos; outros provavelmente vieram com Aleixo Garcia ao longo do Caminho de Peabiru em 1524 e aqui permaneceram.

Ao amanhecer, um enxame de crianças invade o trem. Todas carregam frascos e um pacote de copos descartáveis de plástico e vendem café, rindo e de olhos brilhantes. Meus meninos os assistem silenciosamente enquanto compro

café. “Ela só tem a minha idade”, sussurra Tom, espantado, depois que a garota vai ao encontro do próximo cliente.

ENCRUZILHADA

À medida que nos aproximamos da cidade de Santa Cruz de la Sierra, a área ao redor se torna mais povoada e os arbustos e bananeiras dão lugar a plantações mais ordenadas.

Santa Cruz de la Sierra está construída, como a capital da Atlântida de Platão, em círculos concêntricos. A cidade foi fundada por Ñuflo de Chávez no século XVI, que chegou a Assunção com Cabeza de Vaca em 1542, percorrendo o Caminho de Peabiru junto com ele. Pegamos um táxi da rodoviária para nos levar, por 120 quilômetros, até nosso próximo destino na peregrinação, Samaipata, na base dos Andes. Samaipata é um lugar muito central no Caminho de Peabiru. É a encruzilhada cultural do caminho, o lugar onde o mundo Guarani se encontra com o mundo inca. Saindo da cidade, passamos por uma rotatória com uma estátua grande de um homem indígena intitulada El Chiriguano. Aponto para a estátua animadamente para os meninos. Os Guarani aqui na Bolívia são chamados pelo nome quíchua Chiriguano, recebido quando atacaram as forças incas nas proximidades de Samaipata. Os Guarani mataram os importantes capitães Incas Guancani e Condori, fazendo com que o imperador Inca em Cusco enviasse uma força militar maior para lançar um terrível ataque contra eles. Estima-se que quinhentos Guarani foram mortos e duzentos presos. Sem piedade, o imperador Inca ordenou que os prisioneiros fossem abandonados nus no topo de uma montanha nevada dos Andes, onde todos morreram. Ao ouvir sobre suas mortes, o imperador Inca exclamou alegremente: “*Allallan! Chiripiganachiri!*”, ou “Brrr, brrr! Eles foram punidos pelo frio”. Depois disso, os sobreviventes Guarani e o povo Chané que se integraram à tribo ficaram conhecidos como Chiriguanos. Eles próprios se denominam Guarani ou *awa*, que quer dizer pessoa. Embora considerado um termo pejorativo pelo próprio povo Guarani, continuam sendo chamados de Chiriguanos na Bolívia.

A estátua na rotatória é de um Guarani musculoso, com os cabelos ao vento e uma mão segurando um grande arco. Com a outra mão ele segura duas flechas grandes. O indígena parece incorporar o significado da palavra Guarani — guerreiro. Os Guarani no leste me parecem guerreiros mais do interior do que do

exterior. No oeste, os Guarani são conhecidos como belicosos que defenderam esta região contra os Incas, contra os espanhóis e até lutaram contra a Bolívia independente, sendo subjulgados somente em 1892. Os meninos e eu viramos a cabeça para observar a estátua através do para-brisa traseiro do táxi, acenando e nos despedindo dele, enquanto nos movemos para a região mais ocidental do mundo Guarani.

Dirigimos por uma paisagem exuberante, subindo por estradas estreitas na base dos Andes. Quedas de rocha bloqueiam nosso caminho, e nosso motorista se aproxima da beira do precipício para evitá-las. Burros ociosos nos olham com indiferença dos campos pelos quais passamos. Estamos deixando agora as terras mais planas do leste do continente e subindo para as terras altas andinas no oeste, em direção ao mundo inca.

Esta estrada foi provavelmente construída sobre o Caminho de Peabiru original. No meio do caminho paramos para pagar pedágio na pequena vila de Angostura. Mulheres quichuas sorridentes de aventais azuis, com longas tranças escuras e chapéus de abas largas, sentam-se ao lado de barracas de frutas, onde melancias verdes se chocam com o laranja das mangas e tangerinas. Crianças pequenas se aproximam da janela do carro vendendo mocoichinchi — pêssegos desidratados num saco de água — e tamales massa à base de milho com recheio envoltos em folhas de bananeira. Meus meninos sorriem timidamente para eles, recuando da comida desconhecida.

À medida que nos afastamos de Angostura, o Caminho de Peabiru criado e mantido pelos Guarani termina. A partir daqui, para chegar ao oeste, os Guarani usavam o mais avançado Cápac Ñan, o caminho inca que cruza seu império chamado Tahuantinsuyo. No século XVI, o império inca percorreu 2 milhões de quilômetros quadrados ao longo dos quatro pontos cardeais, da Colômbia ao Chile, do Peru à Bolívia e Argentina. É aqui que o posto avançado mais oriental dos Inca encontra o posto avançado mais ocidental dos Guarani.

Samaipata está a 1.600 metros acima do nível do mar, e é uma vila que cresceu na base de El Fuerte, uma enorme rocha de arenito onde foram esculpidos formas geométricas e de felinos, cobras e pássaros. Os Incas esculpiram a pedra e construíram uma pequena cidade ao seu redor. Os Guarani invadiram El Fuerte e assumiram o controle por um tempo também. Os espanhóis, por sua vez, a

usavam como base entre Santa Cruz de la Sierra e Vallegrande.

Início uma conversa com o motorista de táxi e ele conta que é dos muitos imigrantes quíchua que vieram para a região de Santa Cruz de la Sierra nos últimos dez anos. Quando pergunto sobre Samaipata, ele sorri largamente: “Samaipata tem uma energia muito especial! Celebramos os solstícios lá. Adoramos Inti, o sol, com danças e música nessa rocha. Amautas, pessoas sábias de Cusco, também vieram aqui e contaram a mesma coisa”. O taxista para de falar de repente e aponta para uma montanha à nossa direita. “Estão vendo o perfil de uma mulher deitada no topo da montanha? Esta montanha tem alma.” Conseguimos ver o perfil facilmente. Respiro fundo e reconheço: Nhandecy. Mais uma vez estamos rodeados de uma paisagem visceralmente viva.

Chegamos à bonita vila de Samaipata e me apaixono por ela à primeira vista. Sua praça arrumada é pontilhada de estátuas do passado e cercada por pequenas lojas e cafés pintados em cores vivas. Uma grande faixa de tecido está pendurado na entrada da praça, promovendo um festival de mel e flores na semana seguinte. O motorista nos deixa na praça e andamos devagar, procurando hospedagem. Enquanto caminhamos ouvimos som de tambores que vem do centro cultural, onde um grupo de crianças está tocando bateria e cantando. Um aviso na porta anuncia oficinas de renascimento e temazcal na área. As portas das pousadas se abrem para as ruas. Paramos para tomar café e comer brownie, antes de encontrar a simples Posada del Sol e fazer o *check-in*.

No dia seguinte, faço duas tranças no meu cabelo em homenagem às mulheres quíchuas. Pergunto-me se o costume das mulheres Guarani trançarem os cabelos quando peregrinam vem de uma vontade de imitar as mulheres aimará e quíchua do oeste.

Os meninos e eu andamos até a pitoresca praça da cidade e encontramos um grupo de taxistas jogando cartas numa mesa de concreto. “Quanto custa um táxi até El Fuerte?”, pergunto no meu espanhol acentuado. Eles erguem os olhos do baralho, relutantemente. Um dos homens, com penetrantes olhos azuis num rosto enrugado, nos olha de cima a baixo antes de responder: “Setenta bolivianos.” Concordo com a cabeça em sinal de aceitação e ele suspira, joga suas cartas na mesa e se levanta. Leva-nos até seu carro velho, caindo aos pedaços, que está estacionado sobre a calçada. Sento-me no banco da frente e procuro um cinto de

segurança em vão. Meus filhos se sentam no banco traseiro, os olhos arregalados. O rádio à minha frente parece ter derretido. O homem liga o carro não com uma chave, mas juntando os fios elétricos que soltam faíscas ao ligar. Olho pela janela fingindo indiferença e fazendo uma oração silenciosa de proteção para nós.

Saindo da vila começo a fazer perguntas ao taxista. “Quantos anos tem a vila de Samaipata?” “Quase quatrocentos anos”, ele responde, ficando mais amigável. “Foi fundada pelos espanhóis que eram atraídos pelo clima ameno, assim como os Incas, os Guarani e os Chané antes deles. A terra aqui é boa, as plantas ficam mais doces.”

“Ouvi dizer que o clima ainda está atraindo pessoas para vir morar aqui”, comento. “Sim”, ele concorda. “Samaipata é lar de muitos estrangeiros. Moram pessoas de vinte e cinco nacionalidades na nossa vila de 3 mil pessoas. Alguns são muito bem-vindos. Eles abrem pequenos negócios, como um casal holandês que comprou terra e cultivava plantas medicinais; outros têm abelhas e vendem mel. Temos até uma mulher francesa que criou um zoológico aberto, um lugar para abrigar animais feridos ou abandonados.” “É uma coexistência pacífica entre as diferentes nacionalidades aqui”, resumo. “Em geral sim”, ele afirma.

“O que significa Samaipata?”, questiono após um breve silêncio. “Samaipata é um nome indígena. Em quíchua é *sabay pata*, que significa ‘lugar de descanso nas montanhas’, e em Guarani é semelhante, *sanay guata*.”

“Que encruzilhada cultural!”, sorrio. “Até o nome é uma mistura de quíchua e Guarani.”

“Ah, sim!”, o motorista enfatiza. “Samaipata sempre foi um caldeirão. Você ainda pode ouvi-lo no idioma local aqui. Uma frase popular na área de Vallegrande aqui perto é *andar cara al cuchi*, que significa ‘dar comida ao porco’, e é uma mistura de espanhol, quíchua e Guarani.”

“Interessante que *guata* quer dizer caminhada em Guarani, talvez uma referência ao lugar até onde chega o caminho que iniciaram no litoral atlântico, o Caminho de Peabiru. Meus filhos e eu estamos fazendo esta peregrinação”, afirmo feliz.

“É mesmo? Um ciclista chegou aqui há cerca de cinco anos na mesma peregrinação. O nome dele era F, eu acho.” “Sim!”, exclamo, surpresa e encantada.

“Ele partiu de Florianópolis, no litoral brasileiro, onde moro. Li sobre a viagem dele na internet.” Mesmo com cinco anos de diferença entre nossas peregrinações, é muito bom sentir um vínculo com outro peregrino. Não estou sozinha em minha busca contemporânea.

Sáímos da estrada principal e subimos por uma estrada sinuosa, cheia de buracos e precários penhascos. Depois descemos para o fundo de um vale e atravessamos uma ponte sobre um riacho, e logo começamos a subir novamente. O carro quase para de andar e não tenho certeza se conseguiremos chegar ao topo.

“O governo mantém a estrada?”, pergunto duvidosamente.

“O governo?”, diz o taxista amargamente. “Este é um importante ponto turístico na Bolívia, mas o governo não faz nada. A única coisa útil que fizeram foi proibir as pessoas de andar sobre a El Fuerte nos anos 90. Eles até venderam partes da terra ao redor de El Fuerte, que deveria ser floresta protegida, e parte do parque nacional Amboro.”

O taxista encolhe os ombros e suspira: “Pelo menos há uma estrada. Eu vim aqui pela primeira vez na década de 70, quando tinha vinte e poucos anos. Acabei abandonando a faculdade para desgosto do meu pai e ele organizou um trabalho para mim, por alguns meses, que envolvia a construção da primeira cerca de proteção em torno de El Fuerte. Naquela época havia apenas uma trilha aqui. Você pode vê-la ainda subindo a montanha”. Ele aponta para uma trilha estreita e quase consigo ver os guerreiros Guarani percorrendo-a, parte do seu Caminho de Peabiru.

“Tivemos que carregar nas costas todo o material e as ferramentas pelas montanhas. Alguns meses desse árduo trabalho manual e eu estava pronto para voltar à universidade”, conta ele, rindo. “Voltei para Santa Cruz de la Sierra, casei, tive filhos e se passaram trinta anos até eu retornar a El Fuerte. Quando voltei, a rocha cerimonial estava muito desgastada devido a uma mistura de erosão natural e turismo. Ajudei os arqueólogos a reconstruí-la na parte das pinturas porque eu lembrava muito bem como era antes. Limpamos uma grande área de matagal ao redor de El Fuerte que estava cheia de cobras venenosas. Nunca vi tantas na minha vida. Tivemos que trabalhar com botas de borracha até o joelho.”

O carro continua subindo, resmungando. “Estamos muito alto, não é?”,

digo, minha voz um pouco tensa. “El Fuerte está a mais de 1.900 metros acima do nível do mar”, informa o taxista. “É por isso que os Incas ficaram aqui por um tempo, enquanto pesquisavam a possibilidade de expandir seu império para o leste. Eles eram um povo da montanha, onde se sentiam mais seguros.”

“Acho que para os Guarani um lugar tão alto também era importante, pois fica perto dos deuses”, comento.

“Este é um lugar muito sagrado, sim, e era para os Chané, Guarani e Incas”, ele concorda veementemente. “Algumas pessoas pensam que era um lugar para limpar ouro ou que os desenhos na rocha marcam a passagem da Cometa Halley em 1066. Alguns até acham que foi um ponto de aterrissagem para naves espaciais.”

“O que você acha?”, pergunto curiosa.

“Acho que era um centro espiritual. É uma rocha tão incomum por natureza e as esculturas a tornam ainda mais especial. Realmente há algo de mágico na rocha. No solstício, os Amautas Quíchua vêm comemorar, os pajés Guarani comemoram, e até nós, descendentes europeus, celebramos. Todos festejando à sua maneira, compartilhando este espaço sagrado. Um centro de gnose cristão chegou a ser inaugurado recentemente aqui por perto.” Sorrio com a ideia de diferentes tribos compartilhando este espaço sagrado, sem nenhuma delas se colocar como dona única.

Chegamos à base de El Fuerte e pagamos nossa taxa de admissão. Antes de nos deixar, o taxista nos mostra os cenários ao redor que são de tirar o fôlego. Um verde exuberante se espalha por picos de montanhas sem fim. O céu está azul, mas nuvens cinzentas ameaçam, a distância. “Lá a montanha parece um tatu, e este pico é chamado de Dente do Diabo”, ele informa, dando vida à paisagem diante de mim. “O que são aqueles pequenos fogos nas encostas das montanhas?”, questiono. Ele xinga baixinho: “Os fazendeiros estão queimando o mato. Os incêndios são um grande perigo aqui. Há alguns anos, um incêndio florestal quase atingiu a face norte de El Fuerte”.

Os meninos correm à frente na trilha que leva a El Fuerte e eu me apresso para me juntar a eles, despedindo-me do motorista com gratidão. Tom avista amoras silvestres num arbusto e paramos para saboreá-las. Com os dedos roxos, tiram galhos do mato que se transformam em espadas e os dois simulam um

duelo enquanto subimos a colina em direção à rocha cerimonial. São um guerreiro Guarani e um soldado Inca lutando pela posse desta rocha sagrada. Vamos até um mirante, que nos dá um primeiro vislumbre de El Fuerte.

Aos nossos pés lá está uma rocha negra de 500 metros de comprimento, estendida por uma colina verde e musgosa. Consigo distinguir dois círculos esculpidos na pedra e os reconheço como onças, o símbolo do sol. Um deles tem as patas voltadas para o leste em direção aos Guarani no Paraguai e no Brasil, o outro tem as patas voltadas para o oeste em direção ao império tihuanacotino inca. Não consigo distinguir a cobra ou o avestruz, sobre os quais li, pois as gravuras estão desgastadas. Ainda dá para ver os três degraus de uma cruz andina, a chakana, que está claramente esculpida na rocha. Os três degraus representam os três mundos incas: o mundo acima, Hanan Pacha, onde os deuses vivem; a Terra, Kay Pacha, onde nós humanos vivemos; e o submundo, Uqhu Pacha, onde os ancestrais vivem. Estes três mundos são representados, por sua vez, pelo condor, o puma e a cobra. Bem no topo da rocha, no centro, há um sulco circular esculpido com nove nichos gravados. Eu mal consigo distinguir uma curva do círculo. Só pode ser visto corretamente de cima. O próprio sol é o principal espectador. Do círculo, os canais correm em ziguezague pela rocha. É possível que este tenha sido um local de sacrifício e que os canais permitiam que o sangue escorresse do topo da pedra? Ou que estes canais apontavam para algum ponto específico no céu noturno?

Encho-me de admiração por esta cocriação entre Deus e o ser humano. Tiro minha flauta da mochila e toco enquanto admiro a rocha sagrada, a música ecoando ao nosso redor. Até os meninos param seus movimentos constantes e olham para baixo com reverência.

Descemos para o lado da rocha, onde bancos compridos são esculpidos na pedra. Eles estão direcionados principalmente para o sul, sobre a praça da vila inca e os terraços agrícolas que foram construídos neste lado, protegidos do forte vento norte. Do outro lado, cinco sulcos retangulares profundos olham para o norte. Dois Incas diferentes estavam envolvidos no fortalecimento e na expansão de Samaipata, ambos chegando aqui nos meados dos anos trinta — a mesma idade que tenho agora. A vila inca aqui estava inacabada na época dos conquistadores espanhóis, assim como os interesses expansionistas dos Incas. Este era um posto avançado oriental, usado como base para enviar espiões para o leste

em direção à costa brasileira. Se os Guarani desta região não tivessem sido tão ferozes, defendendo seu mundo Guarani no leste, seria possível que quíchua, e não Guarani, fosse a língua falada no Paraguai hoje?

As nuvens se acumulam, cinzentas e sombrias sobre nós. Trovões rugem do nada, dando vida à enorme pedra. Um relâmpago racha dramaticamente o céu. Estamos sozinhos observando a rocha, no nosso show particular de luzes e sons. Pergunto-me se Tupã, o deus Guarani do oeste e dos trovões e relâmpagos, está nos dando boas-vindas à parte ocidental do Caminho de Peabiru. Quando a chuva começa a bater pesadamente sobre a rocha, corremos, gritando e rindo, para um mirante coberto e nos abraçamos, protegendo-nos dos respingos e borrifos da chuva. Esperamos, observando a chuva dançar sobre a rocha, fascinados, até que a natureza se acalma e nos convida a continuar. À medida que a forte chuva diminui, descemos a montanha até onde os táxis estão estacionados. Na descida distinguimos os contornos de um rosto de 5 metros de comprimento nas rochas expostas. O nariz se projeta acima dos lábios salientes. Como ele parece real! Seus olhos parecem fechados e o chapéu llacho pontudo na cabeça está coberto de musgo verde. O rosto parece talhado com tanta precisão que me pergunto se a natureza e o ser humano não se uniram de alguma maneira, como fizeram na própria rocha sagrada de El Fuerte. “Este aqui é o nosso primeiro vislumbre do Sumé dos Inca, Viracocha”, informo os meninos, impressionada. “Quem é Viracocha?”, questiona Tom.

“Segundo a lenda dos Andes, Viracocha criou o mundo na Ilha do Sol, situada no Lago Titicaca, e depois vagou pela terra disfarçado de mendigo, ensinando ao povo o básico da civilização, além de realizar milagres. Ele foi descrito como um homem de estatura média, branco e barbudo, com um cajado e um livro nas mãos. O Sumé dos Guarani foi descrito também como um homem branco, barbudo, que andava de *tekoá* em *tekoá* pregando e ensinando. Viracocha foi embora da cidade Tumbes, que está na beira do Oceano Pacífico, caminhando sobre as águas, bem como Sumé chegou no leste caminhando sobre as águas do Oceano Atlântico. Quando o conquistador Francisco Pizarro e seu bando chegaram à cidade de Tumbes em 1526, foram inicialmente confundidos com descendentes de Viracocha e chamados de Viracochas, assim como os conquistadores que chegaram ao Brasil foram inicialmente confundidos com descendentes de Sumé.”

“Era a mesma pessoa, Sumé e Viracocha?”, pergunta Tom, curioso.

“Ninguém sabe, mas talvez é possível que estão falando do mesmo homem, que era chamado de Sumé no leste, no mundo Guarani, e chamado de Viracocha no oeste, no mundo inca. Ouvindo estes relatos sobre um homem branco que andava pelo continente, pregando e ensinando para os nativos, os europeus do século XVI, tanto os que chegaram pelo Atlântico quanto os que chegaram pelo Pacífico, contaram que este homem era São Tomé.”

Descendo em direção à fila dos táxis, digo contente para Tom: “Ontem a gente se despediu do guerreiro Guarani na rotatória saindo de Santa Cruz de la Sierra, e hoje a gente encontrou Viracocha dos Incas na rocha. Lembra que ontem no caminho para Samaipata, o Caminho de Peabiru virou o Cápac Ñan, o caminho dos Incas. Seguimos do Oceano Atlântico nos passos do Sumé e daqui para frente seguiremos em direção ao Oceano Pacífico nos passos de Viracocha, o Sumé andino. Samapaita realmente é uma ponte entre o mundo Guarani e o mundo inca.”

CAÇA AO TESOURO BOLIVIANO

O ar é fresco e revigorante quando chegamos à cidade colonial de Sucre. Fica a 2.750 metros acima do nível do mar, e os meninos estão reclamando de dor de cabeça, sentindo a altitude. Deixamos Samaipata, na base dos Andes, seguindo os passos dos belicosos Guarani do século VIII ao X, que atacaram povoados pré-incas e os passos de Aleixo Garcia e os 2 mil Guarani que saquearam ouro e prata dos assentamentos incas no século XVI. Vemos alguns menonitas na rua com seus surpreendentes olhos azuis, cabelos loiros, macacões jeans idênticos e chapéus largos. Quando tento conversar com dois rapazes, eles desviam os olhos e riem, envergonhados.

Caminhamos pelas estreitas ruas de Sucre, e o sol lança seus raios pelas fendas entre as fachadas coloniais dos prédios, derretendo o frio do ar matinal. Chegamos à praça principal e suspiro de admiração. Prédios coloniais bem preservados cercam a exuberância ordenada da praça principal, onde uma variedade de árvores maduras oferece sombra para quem passeia pelo local. Num dos cantos uma mulher Quíchua de chapéu preto e saia amarela vende laranjas, acrescentando um ar exótico a este cenário clássico espanhol.

Temos apenas uma hora em Sucre, e espero visitar a catedral, que fica em

frente à praça principal. Atravessamos a rua até o portão principal de ferro forjado da catedral, que está resolutamente fechado com uma corrente grossa. Chacoalho a corrente em vão e sinto frustração.

“Não vamos visitar uma igreja!”, gemem os meninos. “Estamos numa caça ao tesouro”, tento persuadi-los com uma voz entusiasmada. “Estamos à caça da misteriosa cruz de Carabuco.” “O que é isso?”, pergunta Tom, começando a se interessar.

“Dizem que um homem alto e branco que se chamava Tunupa carregava uma cruz e a fincou no chão, num local chamado Carabuco, na margem do Lago Titicaca, perto da fronteira boliviana com o Peru”, explico. “Mas o Peru ainda está *muito longe*”, lamenta Tom. “Sim, mas a cruz foi cortada ao meio, e uma metade está na igreja da pequena vila de Carabuco e a outra metade foi trazida para Sucre e colocada na catedral. Pelo menos foi o que li, porém não tenho ideia se a cruz estará aqui ou não.”

“O que há de tão especial nessa cruz?”, questiona Liam.

“Os nativos de Carabuco contaram que Tunupa plantou a cruz perto de sua aldeia muito tempo antes da chegada dos espanhóis. Quando perceberam que os espanhóis estavam fincando cruzeiros como um sinal de controle da área, os nativos tentaram queimar a cruz, mas ela não queimava. Depois a jogaram no Lago Titicaca, e não afundou. Flutuou na água até que a retiraram novamente. Imaginem! Madeira que não queima nem afunda! Tunupa era um profeta para os nativos, um homem alto, de pele clara e camisa branca comprida, que falava sobre um deus só. Porém, Tunupa foi apedrejado até a morte pelos antepassados dos nativos de Carabuco, que não gostaram de seus ensinamentos. Quando os cristãos chegaram, ouviram esta história e identificaram Tunupa como São Tomé ou São Bartolomeu.”

“Por que a mesma pessoa tem tantos nomes?”, pergunta Tom, frustrado. “Tem razão”, concordo. “Encontramos São Brandão, Sumé, São Tomé, Tumé, Viracochoa, Tunupa e agora São Bartolomeu. Sete nomes e talvez todos sejam nomes diferentes para o mesmo homem barbudo e de pele clara que peregrinou de um lugar para outro, criando o Caminho de Peabiru enquanto passava.” Chegamos ao portão lateral da catedral. “Bem, está fechado também”, diz Tom, enquanto tenta abrir a fechadura. “Então não vamos ver se a cruz está lá ou não. Podemos ir

a um café e tomar nosso chocolate quente agora?”

Chacoalho a corrente deste portão também, ainda mais frustrada. “Acho que não é para ser”, suspiro. Estou pronta a desistir quando vejo uma pequena placa indicando um museu eclesialístico. Talvez lá saibam como entrar na catedral.

“Só um minuto”, digo aos meninos, persuadindo-os a entrar no museu. Uma senhora bem vestida está sentada a uma mesa, vendendo ingressos para o museu. “Você sabe se a catedral será aberta hoje?”, pergunto no meu espanhol quebrado. “Um passeio pela catedral faz parte do tour do museu”, responde ela. “Há um passeio começando agora.”

Sorrio largamente. “Você pode me dizer se a cruz de Carabuco está lá?” Ela parece insegura, sua postura visivelmente balançada. “A cruz de Carabuco eu acho que está sendo restaurada”, responde, incerta.

“Sério?”, insisto. “Viemos do litoral do Brasil para vê-la.” Ela olha para os meninos e nossas mochilas. “Hoje é dia de folga da curadora do museu, mas vou ligar e ver se ela sabe de alguma coisa. Vocês podem começar o tour e vejo o que posso fazer.”

Iniciamos o tour com um pequeno grupo. Há uma exposição de uma variedade infinita de cálices, cruzeiros e vestimentas de padres incrustadas de pedras preciosas. Os olhos dos meninos se arregalam ao ver tanto ouro, prata, diamantes e outras pedras preciosas. Neste museu desprezioso, pintado de branco e com piso de madeira, encontramos a opulência de um continente saqueado. É claro que isso é apenas uma fração da riqueza saqueada, uma vez que infinitas cargas de ouro e prata foram enviadas de volta à Europa, onde continuam a ornamentar santuários espirituais europeus. Lemos quantas pedras preciosas foram trocadas por indulgências, os colonos saqueando o continente com seus trabalhadores indígenas escravos e comprando o caminho para o céu com os despojos. O museu é apenas a antessala da opulência da catedral de Sucre. Atravessamos a capela do santuário da Virgem de Guadalupe que brilha até cegar de tanto ouro. Quase nenhuma luz natural entra através dos intrincados vitrais e as luzes elétricas refletem o ouro amarelo em uma abundância esmagadora.

Entramos na nave principal da catedral, onde a opulência continua, com um enorme invólucro de ouro entre os bancos de madeira simples e o altar

ornamentado. Em todo lugar que olho há cruzes. Ao longo das enormes colunas há cruzes penduradas representando as estações da cruz. No altar, uma seleção de cruzes é exibida. Sobre o altar há uma fina cruz que tem um círculo de prata no meio. “Qual é a cruz certa?”, Liam pergunta com o rosto levantado para cima.

Observo as cruzes novamente. “Não sei”, suspiro. “Há tantas delas.” Eu me ajoelho num banco e inclino a cabeça nas mãos entrelaçadas em oração. O tempo está se esgotando e a recepcionista do museu não apareceu; então chamo os meninos para irmos embora. Dou uma última olhada ao redor. “Meu palpite é que é aquela cruz em cima do altar com um círculo prateado no centro”, aponto. “Me lembra uma cruz celta com o círculo no centro. Talvez São Brandão trouxe até aqui. Fiquem abaixo dela, vou tirar uma foto.” Quando termino de tirar a foto alguém chama *‘señora’* em voz alta e se aproxima de mim. É uma mulher robusta e enérgica. “*Señora*, você está procurando a cruz de Carabuco?”, pergunta ela com uma voz animada. “Sim”, respondo. “Eu sou a curadora, e quando recebi o telefonema de alguém querendo ver a cruz vim para mostrá-la. É incomum alguém pedir para ver esta cruz.”

“É aquela com um círculo prateado no centro sobre o altar?”, questiono, apertando a mão que ela me oferece. A curadora olha para cima. “Sim”, diz rindo. “Como você sabia?” Eu rio e levanto os ombros. Conto para ela brevemente como viemos da Irlanda nos passos de um Sumé irlandês e Guarani e agora em busca da cruz do Sumé boliviano, Tunupa. Para minha alegria, ela confirma a história da cruz de Carabuco.

“Então você verá a outra metade em Carabuco?”, pergunta a mulher. “Nunca vi, e não tenho certeza se ainda está lá.” “Espero que sim”, digo a ela. “Nossa próxima parada na peregrinação é Potosí, para conhecer as minas de prata que atraíram europeus e os Guarani do litoral brasileiro, ao longo do Caminho de Peabiru. Depois vamos para La Paz e de lá para o Lago Titicaca.”

A curadora nos deseja boa sorte na nossa caça ao tesouro, atrás da outra metade da cruz em Carabuco, e nos despedimos. Os meninos e eu saímos da catedral pela porta do museu, correndo para o local onde concordamos encontrar o motorista do *trufi*, um táxi compartilhado, que nos levará na viagem de três horas a Potosí. Temos tempo suficiente para pedir um chocolate quente rápido em uma banca antes de entrar no carro. “Agora este é o tipo de tesouro que eu gosto”, Liam cantarola alegremente enquanto toma sua merecida bebida.

MORTE NOS ANDES

Cerro Rico, a montanha de prata de Potosí, aparece ocre e sombrio diante de nós. Um câncer chamado ganância a destruiu por dentro, cortando-a em túneis intermináveis: um enorme queijo suíço feito pelo ser humano. A qualquer momento entrará em colapso, exausta e derrotada. Os Incas a chamavam de Sumaj Orcko, a bela montanha. Como a cidade de Potosí a seus pés, a montanha fede agora de uma glória há muito esquecida.

Aleixo Garcia nunca viu esta montanha, mas ele e os Guarani atacaram aldeias entre aqui e Sucre e roubaram ouro e prata antes que o exército inca bloqueasse seu caminho, obrigando-os a uma retirada rápida de volta ao Paraguai. Embora Aleixo Garcia não tenha voltado vivo ao litoral do Brasil, enviou um de seus co-náufragos europeus de volta com algumas amostras de prata e ouro inca para convencer os navios que passavam, a patrocinar uma expedição de conquistadores em massa, ao longo do Caminho de Peabiru, em direção a este Eldorado, Potosí, no oeste. Aleixo Garcia foi, portanto, o primeiro europeu do século XVI a encontrar o império inca em 1524, anos antes do infame Francisco Pizarro, que conseguiu negociar financiamento para uma expedição rumo à conquista do império inca. Talvez se Aleixo Garcia não tivesse sido morto à beira do Rio Paraguai teria conseguido convencer alguém no litoral do Brasil a montar uma expedição, levando seu exército ao longo do Caminho de Peabiru, e a história da conquista dos Incas teria sido a partir do Atlântico, e não a partir do Pacífico. Vinte anos depois, Cabeza de Vaca, já instalado como governador de Assunção, seguiu os passos de Aleixo Garcia para o oeste, organizando duas explorações oficiais para chegar às minas de ouro e prata, mas era tarde demais. Pizarro já tinha conquistado o império inca a partir do Pacífico, e Cabeza de Vaca não conseguiu chegar ao seu destino.

O império inca protegeu sua bela e sagrada montanha com força ferrenha. Eles observavam as estrelas no Hanan Pacha, o mundo superior, a partir do seu cume, marcando os movimentos do sol e realizando rituais. Quando os espanhóis chegaram, encontraram uma pedra de sacrifício em cima da montanha, juntamente com ferramentas rituais de prata. A Igreja logo destruiu todos os vestígios dessa adoração e transformou a montanha em La Virgen del Cerro, uma representação da Virgem Maria para conquistar almas quíchuas para o cristianismo. O corpo de

Maria foi violentado para tirar mais de 40 mil toneladas de prata sob o reinado espanhol, e milhões de indígenas e africanos foram sacrificados em seu ventre sob o sistema mita de trabalho escravo. Atualmente, mineiros desesperados vasculham a montanha em busca de restos de estanho e são recompensados com uma expectativa de vida de quarenta anos.

Chegamos ao centro da cidade e pagamos o motorista do *trufi*. Sentimos o frio no ar ao sair do carro. Potosí está a mais de 4 mil metros acima do nível do mar, e o céu azul cristalino parece tão perto que, na ponta dos pés, quase consigo tocá-lo. A cidade, que uma vez foi a maior das Américas, tem um excesso de igrejas e até os hotéis levam nomes de santos.

Na rua, casacos de velocino usados por turistas se misturam com casacos de lã e xales utilizados pelos nativos. As botas de trekking se cruzam com sandálias de couro e meias grossas até o tornozelo. Na praça, mulheres de cabelos trançados, com xales verde-escuros e saias bufantes, vendem laranjas maduras que perfumam as ruas em volta. Homens envelhecidos, com rostos de couro e bochechas coradas, agacham-se para brilhar sapatos. Abrimos caminho pelo labirinto de ruas estreitas, pressionando-nos contra os prédios para evitar o fluxo interminável de carros que buzina sem parar. Meninos de chapéu de lã enfiam salgadinhos e pepitas de chumbo e zinco diante de nossos narizes e riem dos olhos arregalados de Tom e Liam.

Potosí cheira a dinheiro. Alguns dizem que o cifrão, o sinal do dólar ou do peso (\$), vem do carimbo nas moedas espanholas que foram cunhadas em Potosí, o maior ‘carimbador’ da época colonial. As letras PTSI estão sobrepostas na marca da casa da moeda e podem ter originado o agora onipresente sinal do dólar e peso. Na Casa de la Moneda, que atualmente é museu, você paga uma entrada cara e uma taxa adicional se quiser tirar fotos. Apesar do silêncio agora das máquinas da casa da moeda, eles ainda se orgulham em saber como criar dinheiro.

Potosí também cheira a morte. Encontramos nossos primeiros esqueletos no museu da casa da moeda. Numa sala nos deparamos com um enorme retrato de São Francisco, pálido e aflito, segurando uma caveira nas mãos. “O crânio é o símbolo da meditação”, assegura nosso guia. “Considerar a morte é aproximar-se da consciência da natureza espiritual da pessoa.” Sem comentários, o grupo passa para a próxima atração, enquanto as palavras ressoam fortemente dentro de mim.

Em uma sala no andar de baixo, no labirinto da casa da moeda, estão expostas crianças coloniais recém-nascidas naturalmente mumificadas, bonecas duras com órbitas vazias. Estes restos de crianças são incongruentes com o restante da exposição: dispositivos explosivos e armas usadas para minerar a montanha e controlar seus mineiros. Os restos mumificados de um Inca estão num outro canto da sala, agachado em posição fetal. “A morte de um Inca foi celebrada muito mais do que seu nascimento”, informa nosso guia. “Quando morto, seu corpo foi levado em desfile e após colocado em seu trono. Seus súditos dançavam para ele, cantavam para ele, conversavam com ele antes de trazê-lo de volta ao túmulo.”

Os meninos e eu saímos do museu da casa da moeda e entramos numa agência de turismo, do outro lado da estrada, e nos inscrevemos na última excursão do dia para visitar uma mina. Nós somos os únicos turistas a pular em uma pequena van velha e baixa, sentando agachados no banco de trás. Minha cabeça bate no teto da van, e preciso me abaixar para olhar pelas janelas. Nosso guia P. tem o mesmo rosto revestido de couro que os lustradores de sapatos e ele se apresenta como um ex-mineiro, que passou cinco anos trabalhando na montanha. “Não acredito que estamos entrando em uma mina de verdade”, grita Tom de alegria. “Você acha que posso guardar a prata que encontro na mina?”, pergunta Liam, cheio de expectativa. Eles estão lotados de imagens de minas de filmes da Disney e sua emoção é palpável. Para eles, este é o destaque da viagem. O pai deles, Alastair, era fascinado pelas minas de Potosí, tanto que escreveu sua dissertação sobre elas como parte de seu diploma em História na Universidade de Oxford nos anos 1980. Será que nossa visita às minas foi presagiada por ele?

A van para na base do Cerro Rico, onde um aglomerado de pequenas lojas vende seus produtos em enormes sacos de linho espalhados pela estrada. Um saco está cheio de dinamite, outro com folhas de coca. “Precisamos levar presentes para os mineiros”, diz o guia bruscamente. “Então cada um de vocês precisa comprar uma garrafa de álcool puro, folhas de coca e refrigerantes. Damos isso aos mineiros que encontrarmos.”

“Vamos conhecer os mineiros?”, pergunto surpresa. “Estamos indo para uma parte da mina onde pessoas ainda trabalham?” “Sim”, ele assente, rindo da minha ignorância. Assim que eu pago, P. se serve de um punhado de nossas folhas de coca e as enfia na boca. Ele oferece um pouco para mim e balanço a cabeça. “Minha mãe mastiga folhas de coca todos os dias da vida”, garante o guia. “E ela

ainda está bem e com boa saúde aos setenta anos. Todos os mineiros mastigam. Você também deve fazer isso por causa da altitude.” Pego uma folha da bolsa e a belisco com cautela.

Mais adiante paramos em uma casa vazia e vestimos macacões e botas de borracha. Cada um de nós recebe um velho capacete de mineiro com uma lâmpada na frente. Não há vestimenta para crianças, então os meninos vestem roupa de adulto e lutam com as mangas grandes e enormes botas. O capacete cai comicamente sobre seus olhos.

Quando nos aproximamos das minas, a terra ao nosso redor se torna uma bagunça de cacos de rocha. O chão está coberto de lama enquanto caminhamos por uma fileira de barracos de madeira. O céu está baixo e cinzento acima de nós. Ao redor da entrada da mina noto manchas de sangue vermelho-escuro que me fazem tremer. Percebendo minha aversão, nosso guia aponta para o sangue. “Não é humano, apenas sangue de lhama. As lhamas são sacrificadas em homenagem a *Pachamama*, mãe terra, e seu sangue é passado na entrada da mina para dar sorte. Se *Pachamama* provar o sangue de lhama, sua fome pelo sangue humano poderá ser atenuada.”

Um grupo de homens está sentado na entrada da mina. Recém terminaram seu turno de trabalho e estão bebendo álcool puro. Já bêbados, zombam de mim quando chegamos. Nosso guia P. se junta a eles e toma um gole de álcool da garrafa de plástico. Suas bochechas estão gordas com folhas de coca e a saliva grossa está presa no canto da boca, seus olhos se dilatando rapidamente. P. está de volta ao mundo do mineiro, uma fraternidade bêbada de autodestruição. “*Donde está tu esposo?*”, pergunta um dos mineiros zombando de mim. “*Muriō*”, respondo rispidamente. “*Necesitas un buen hombre latino*”, afirma com olhos lascivos. “*Tengo un latino yā?*”, respondo friamente. Eles me oferecem um gole da garrafa de álcool, mas balanço a cabeça. O guia derrama um pouco na tampa plástica da garrafa. “Primeiro ofereça uma gota para *Pachamama*, é costume”, diz ele. Pego a tampa de plástico e deixo cair uma grande gota no chão. Levanto a tampa aos lábios e engulo a gota restante. Queima minha garganta ao descer. Os homens aplaudem e assobiam.

Deixamos os homens e entramos na mina estreita, passando abaixo do sangue de lhama. A escuridão cai sobre nós. Ajustamos as lâmpadas de nossos

capacetes e elas emitem um raio fraco de luz que ilumina os trilhos de metal diante de nós. As paredes se fecham ao nosso redor, ásperas e irregulares. Troncos de eucalipto sustentam o teto. O ar é espesso e cáustico. Tusso para expelir o ar, mas ele fica na minha garganta. O medo aperta meu coração. “É seguro andar dentro da mina?”, questiono com voz tensa. O guia olha com indiferença por cima do ombro. “Fazemos passeios todos os dias, várias vezes ao dia, e nada acontece.” Neste momento, todo o túnel começa a tremer e ele rapidamente nos empurra para o lado. Pego os meninos e os puxo para mim. Um carrinho de madeira velho vira a esquina e quase bate em nós. Está transportando 800 quilos de óxido de prata da mina. Três mineiros estão agachados atrás do carrinho, empurrando-o com toda a força. Quando se levantam, vejo dois velhos cansados, suando profusamente e sibilando profundamente. O terceiro é um menino, com uns quatorze ou quinze anos, e seus olhos estão dilatados, bêbados sob a camada de poeira que envolve todo o corpo. Cai numa outra dimensão, onde a exploração gritante e a injustiça são, sem qualquer desculpa, aceitas. Nosso guia entrega aos mineiros uma garrafa de refrigerante, que a engolem com sede. Eles acenam para nós e, sem uma palavra, começam a empurrar o carrinho novamente. “Quantos anos esse menino tem?”, pergunto horrorizada ao guia, enquanto eles se afastam. “Provavelmente por volta dos quinze”, responde despreocupado. “A expectativa de vida de um mineiro como ele gira em torno de quarenta anos. Os outros homens que você viu têm apenas trinta anos, mas a mina os envelheceu.”

“Quanto ganham?”, questiono, apressando meus filhos para acompanhar o ritmo do guia. “Eles ficam com o que encontram. Alguns mineiros trabalham em grupos, outros sozinhos. Você pode escolher entre ganhar um salário diário fixo ou ganhar uma porcentagem da descoberta.” “Então, quanto em média?”, insisto. “Cerca de 110 bolivianos por dia”, informa ele em voz baixa. “Cerca de 11 ou 12 euros, então?”, digo, calculando aproximadamente. Ele encolhe os ombros e segue em frente.

Os meninos pegam pequenas pedras do chão da mina e as examinam sob a luz do chapéu. “Isso não parece prata”, geme Liam, decepcionado. Tom começa a tossir e a apertar os botões em volta do pescoço. “O que há neste ar?”, pergunto, tossindo também. “Poeira, muita poeira, e também arsênico”, responde P.

Caminho rapidamente para alcançá-lo. “Olha, não me sinto muito segura. Quanto tempo este tour dura?” “Vamos entrar cerca de 2 quilômetros na mina”,

ele responde. “Dois quilômetros!”, exclamo. “Pensei que íamos espiar pela entrada só.” “Depois de cerca de 500 metros, chegaremos à estátua de El Tio, a divindade dos mineiros. Os trabalhadores fazem oferendas a ele todos os dias, pedem sua proteção nas minas e orientação na vida”, informa o guia, suspirando. “Se quiser, podemos ir até lá e depois voltar.”

“Olha”, ele aponta para um buraco baixo à nossa direita. “É por aqui. Você tem que engatinhar para conseguir passar pelo buraco.” Ele se agacha e se arrasta, desaparecendo da minha linha de visão. Olho pelo túnel escuro que passamos até aqui. Atrevo-me a sair da mina com os meninos sem o guia? Chuto a terra em frustração, antes de empurrar os meninos pelo buraco, atrás do guia, e sou a última a entrar do nosso pequeno grupo. Minha boca se enche de ar denso e carregado de arsênico enquanto rastejo para frente e minhas costas arranham o teto do túnel. Por um momento, os meninos desaparecem de vista e o pânico acelera meu coração. *Meus meninos poderiam morrer, eu poderia morrer. Uma pequena mudança nesta montanha e todos nós estamos enterrados por escombros.* “Merda, merda, merda”, xingo baixinho. Depois de anos tentando fugir dela, estou cara a cara novamente com a minha mortalidade e a mortalidade dos meus filhos um animal preso nos faróis.

Tento acalmar minha respiração o suficiente para conseguir engatinhar para frente. Chegamos a uma área mais alta e me levanto, sacudindo a poeira e endireitando o capacete de mineiro na minha cabeça. Num canto há uma estátua preta, em tamanho real, de um homem grotesco com chifres vermelhos e um enorme pênis ereto. Ele está cercado por montes de folhas de coca e cigarros. Chegamos ao inferno e o próprio diabo está aqui para nos receber.

Os meninos estão surpresos demais para rir do pênis enorme de El Tio. Aqui, no fundo da terra, nos deparamos com Satay, o deus da morte e o governante do submundo inca, o Uqha Pacha. Ele é o oposto polar da Virgem Maria. O que está por dentro desta montanha é uma contradição direta de como é representada por fora.

Sentindo-me constrangida e claustrofóbica, sou assaltada pelo medo por mim e por meus filhos. Castigo-me internamente por tê-los trazido aqui.

“Os mineiros passam trinta minutos todos os dias conversando com El Tio ou Satay”, informa o guia, enquanto espalha folhas de coca em cima da estátua. Ele ri da careta que faço. “Os europeus não gostam de falar com a morte, mas

acreditamos que você deve enfrentar Satay, e não ignorá-lo ou fugir dele.”

Sinto uma resistência familiar. Não desejo falar com Satay como os mineiros. Estou num poço de desespero fétido e quero sair. “Fale com ele”, o guia insiste, quase sorrindo do meu desconforto. “Acreditamos em enfrentar nossos medos, e não reprimi-los.” Chuto o chão mais uma vez e percebo que estou num beco sem saída. Ergo os olhos para Satay.

Estou cara a cara agora com a morte, da qual tenho fugido há cinco anos. O medo surge em mim, restringindo minha garganta. Estas férias terminarão da mesma maneira que as nossas férias em família de cinco anos atrás? Há mais perdas esperando nas sombras?

Lentamente, com relutância, pego as folhas de coca que o guia tem na palma da mão. Espalho-as sobre a estátua grotesca e fecho os olhos. “Tudo está perdido se eu não tiver coragem”, penso comigo. “Tudo está perdido se eu não tiver coragem.”

“Estou com medo”, digo em silêncio para Satay. “Estou com medo por mim e por meus meninos. A morte está tão perto de nós e tão além do meu controle. Tenho medo de sentir novamente o desespero que senti quando meu marido morreu. Às vezes é difícil respirar, é difícil viver com alegria. Às vezes, o risco dessa dor parece um preço muito alto para pagar pela vida.” Respiro fundo, com os olhos ainda fechados. Faço a respiração da flauta andante, inspirando e expirando por cada chakra. Inspiro e expiro lenta e profundamente.

Devagar, abro os olhos. Os olhos perfeitamente redondos de Satay estão me fitando, imóveis e inabaláveis. A morte está na minha frente e pela primeira vez não tento fugir dela. O tempo parece parar. Bem lentamente, sinto algo afrouxar em mim, um escudo interior que devagar se abaixa. Percebo que demorou cinco anos para mim parar o tempo suficiente para começar a encarar a morte, a abrir para sua presença. Fico quase chocada que a morte não me engole por inteiro — só fica .. imóvel, desarmada, será que é possível de suportar?

O tempo passa em câmera lenta. Parece que horas já passaram, quando sinalizo para o nosso guia e para os meninos e retornamos pelo túnel. À medida que a fraca luz do fim do túnel ganha força, meu coração começa a desacelerar e se estabelecer num ritmo suportável. Suspiro audivelmente e ouço o som ecoando pela mina de Potosí.

Já é noite quando voltamos à van. Enquanto o veículo desce em direção ao centro de Potosí, estamos todos num silêncio ensurdecedor. De repente, Liam começa a vomitar. Tomo o corpo de Liam no meu colo ele está bastante mole e sua respiração difícil. Peço para o guia parar numa farmácia. O farmacêutico entra na van para atender Liam. “Soroche”, ele diagnostica com indiferença. “Doença da altitude. Aqui é muito comum.” Volto à farmácia e ele me vende remédios sem receita. “Se piorar, leve-o ao hospital”, diz o homem friamente.

De volta ao vestibulo do hotel, Liam vomita novamente em uma pequena lixeira de papel cheia de buracos, no saguão. Não há saco plástico na lixeira e seu vômito escorre pelo chão diante de nós. Lanço um olhar de desculpas ao homem na recepção e carrego Liam direto para nosso quarto. Após um banho rápido e frio, lhe dou o remédio e ele cai em um sono agitado. Sua respiração ainda está ofegante e deito ao lado dele na cama, incapaz de dormir. Reconheço a sombra da morte de seu pai me acompanhando. Observo o peito de Liam subir e descer, encarando o fato inexorável de que a possibilidade da morte está sempre conosco. Sinto uma tensão em meus ombros e pescoço, mas fico presente com Liam alerta mas entregue. Consigo respirar junto com ele.

LA PAZ — O FETO DA LHAMA

Depois de começar a encarar a morte em Potosí, alguma coisa relaxa em mim. Percebo que não consigo fugir da morte. Consegui ignorá-la durante cinco anos, mas ela sempre me acompanhou e me acompanhará. Devagar, começo a entrar numa nova relação com ela. Consigo me abrir um pouco, me aproximar um pouco. Sinto o impulso de fazer oferendas, como os mineiros, para me aproximar dela aos poucos.. Nas minas observei como se faz oferenda para *Pachamama*, passando sangue de lhama nas entradas, e vi como são deixadas folhas de coca e cigarros para Satay todo dia dentro da mina — honrando o feminino e o masculino.

Os meninos e eu seguimos para o nordeste da Bolívia até a capital, La Paz, e após fazer o check-in no hotel levo-os ao Mercado das Bruxas. Uma mulher Quíchua se agacha no chão diante de nós, juntando uma oferenda para Viracocha e *Pachamama*. O Mercado das Bruxas é um caleidoscópio de ervas e velas, estátuas ekeko e fetos de lhama. É uma festa para os sentidos. Estamos numa pequena loja observando a vendedora montar nossa oferenda à nossa frente. Ela coloca uma grande folha de papel no piso de azulejo branco e começa a criar a oferenda:

primeiro um círculo de lã de lhama colorida, depois folhas de coca, ervas sagradas como coca, palo santo, cravo e anis, pedaços de gordura de lhama, grandes balas coloridas, finas lascas de prata em forma de sapo e sol, tiras de papel dourado e prateado, completando a oferenda com doze cigarros.

“As mulheres gostam de coisas doces, é por isso que oferecemos estes doces coloridos para *Pachamama*”, explica ela. “E cada erva tem uma função diferente: uma estimula coragem, outra, abundância, e assim por diante. A parte final da oferta é o feto de lhama.” A mulher aponta para os fetos secos pendurados às dúzias numa parede da loja. “São lhamas que não nasceram naturalmente”, assegura ela, vendo o olhar de repugnância que passa pelo meu rosto. “Não foram mortos para serem oferendas.” Meio convencida, aponto para um pequeno feto de lhama, que ela pega e inclui na oferenda. “Agora você precisa deste vinho para derramar sobre a oferenda enquanto estiver queimando. Também precisará desta garrafa de álcool puro para ajudar a oferenda a queimar completamente. É um bom sinal quando a oferenda queima por inteiro. Significa que foi aceita por *Pachamama* e *Viracocha*.” Ela empacota a oferenda, o álcool, o vinho e os fósforos e entrega o pacote final para mim.

“Quando as pessoas costumam fazer oferendas?”, questiono. “Sempre que precisam”, ela responde. “Mas geralmente na primeira sexta-feira do mês. Em agosto, mês de *Pachamama*, muitas ofertas são queimadas.” “Está tudo bem queimar esta oferenda a céu aberto?”, pergunto, duvidosa. Ela me olha nos olhos, com o rosto sério. “É claro”, diz, enunciando claramente para a gringa entender. “Esta é a nossa religião. Fazer uma oferenda é uma atividade respeitada, como se ajoelhar e orar numa igreja para um católico.”

A Igreja Católica ainda é a religião dominante na Bolívia, mais de 80% da população se diz católica. Porém, muito menos bolivianos praticam a religião e ninguém vê contradição em professar a fé católica e participar de costumes e rituais indígenas. Como nos outros países colonizados da América Latina, Igreja e Estado estavam entrelaçados e íntimos e tinham influência significativa um sobre o outro. Além disso, a Igreja colonial tornou-se uma instituição extremamente rica na Bolívia, possuindo não apenas grandes extensões de terra, mas também servindo como banqueira quase oficial para a elite e os colonizadores de alto escalão. No final da era colonial, uma combinação de empréstimos de dinheiro e investimentos imobiliários astutos havia tornado a Igreja o poder financeiro dominante na

Bolívia. Esse poder foi reduzido com o tempo e, em 2009, a Bolívia se tornou um estado secular, rompendo com quase quinhentos anos de reconhecimento do catolicismo como a religião do estado.

Quando a vendedora termina de preparar nosso pacote, agradeço-lhe e cuidadosamente coloco a oferenda na minha mochila, inserindo o vinho e o álcool nos dois bolsos laterais. Ao retornarmos ao hotel, tenho plena consciência de que estou andando por La Paz com um feto de lhama nas costas.

CRUZ DE TUNUPA

Saindo de La Paz, seguimos em direção oeste até o Lago Titicaca. Nos primeiros relatos aos europeus em 1500, os Guarani contaram que tinham chegado a montanhas muito altas no oeste, onde havia um lago com muita água. Os relatos indicam que eles percorreram a partir do Oceano Atlântico até o Lago Titicaca, como nós estamos fazendo agora.

O Lago Titicaca era e é muito sagrado para os povos andinos. Segundo a lenda, Viracocha criou o mundo na Ilha do Sol, situada no lago, antes de vagar pela Terra disfarçado de mendigo, ensinando ao povo recém-criado o básico da civilização, além de realizar milagres.

O lago é um azul brilhante diante de nós, estendendo-se sereno e imenso no topo do mundo, a quase 4 mil metros acima do nível do mar. Reflete o céu em cima, o céu reflete o lago embaixo — os dois quase se tocando. O lago é uma divindade, chamada Mamakhota, para as culturas andinas e um lugar sagrado de purificação para aqueles que peregrinam até a Ilha do Sol.

Contratamos um motorista para nos levar à pequena vila de Carabuco, na beira do lago, em busca da outra metade da cruz de Tunupa, que vimos na catedral em Sucre. Dirigimos ao longo da costa leste do Lago Titicaca, parando brevemente em quatro pontos da polícia para permitir que jovens policiais nos examinem suspeitosamente em busca de importações ilegais destinadas ao Peru. Passamos por vilas degradadas de uma única rua com edifícios meio acabados. Ovelhas pontilham campos não cultivados. Mulheres de chapéu grande com cobertores listrados de cores vivas nos ombros carregam lenha, ao lado do seu gado. Elas exibem seus dentes de ouro para nós, sorrindo para os meninos quando passamos. Porcos soltos, com corpos gordos e rosados, puxam a grama na beira da estrada.

Nos campos à beira do lago, plantações de batata e quinoa estão sendo cultivadas pelos perfis dobrados de homens e mulheres idosos. Os movimentos rítmicos de suas picaretas enquanto as afundam no solo repetidamente são uma dança hipnotizante. Enquanto eu assisto, seus corpos se fundem com a paisagem ao seu redor.

Este povo rural foi chamado de cholo por séculos, denominado assim pelo sarcasmo colonial, porque a palavra se referia a pessoas de uma cidade da Espanha que usavam roupas bonitas e refinadas. No século XVII, após a revolta dos indígenas liderada por Tupac Amaru, o vestuário nativo foi proibido e as mulheres começaram a usar roupas europeias da época, com xale e saia longa. O chapéu de abas curtas foi introduzido da Itália no início do século XX, e quando se mostrou impopular entre os homens, vendedores experientes o promoveram entre as mulheres do país como um chapéu que garante fertilidade. Existe um código de vestuário complexo que diferencia as mulheres Aimará e Quíchua, mulheres casadas e solteiras e mulheres de diferentes posições sociais e áreas diferentes. Olhando para elas, percebo que sou totalmente analfabeta nesse código. O presidente indígena atual Evo Morales desencorajou o uso da palavra cholo devido ao seu tom condescendente, e promoveu a palavra “indígena”. É inspirador ver um país da América Latina jogar fora o xale do preconceito colonial e reafirmar sua própria identidade indígena paulatinamente.

Não tenho ideia do que encontraremos em Carabuco. Há pouca informação na internet e não é um destino turístico típico. Paramos em uma vila ao longo da estrada para Tom usar um banheiro público, que acaba sendo um simples buraco no chão. Um cocô grande e repugnante jaz sem desculpas na borda do buraco. “Esta é a coisa mais nojenta que já vi”, afirma Tom, empalidecendo. “Não gosto mesmo da Bolívia.” “Este é um sanitário ao estilo francês, Tom”, sorriu para ele, entretida por sua reação a este novo mundo. “É muito chique.”

De volta ao carro, percebo que qualquer aparência de paciência filial com a viagem de carro, com a comida desconhecida da Bolívia e com o Caminho de Peabiru está se desintegrando. “Para onde estamos indo?”, lamenta Tom. “Eu já disse. Vamos fazer outra caça ao tesouro para ver se conseguimos encontrar a outra metade da cruz de Carabuco, que vimos na catedral de Sucre.”

“Outra cruz, outra igreja”, geme Liam em sincronia com o irmão. “Se

“você se comportarem, verão um dragão antes que o dia acabe”, digo a eles, lembrando-me dos resultados da minha pesquisa na área. Os dois me olham com as sobrancelhas levantadas. Pego dois doces da minha mochila e compro mais alguns minutos de paz.

A estrada está malcuidada, e quanto mais longe de La Paz pior fica. Pulamos de um lado para o outro no carro enquanto passamos interminavelmente por terrenos cheios de mato. Finalmente, à minha direita, vejo um sinal para Carabuco e meu coração dá um pulo.

Uma versão da lenda de Carabuco, colhida de um velho indígena no ano 1600, conta como Tunupa, um estrangeiro alto e de pele clara, chegou a Carabuco muito antes dos espanhóis. Ele carregou uma cruz, falou sobre um deus só e advertiu contra os vícios indígenas. Foi amarrado e espancado com pedras pelos índios Aimarás. Os pássaros desceram para soltá-lo e ele escapou caminhando sobre os juncos de totora na beira do Lago Titicaca, em direção a Copacabana, no oeste, fincando sua cruz no chão em Carabuco antes de partir.

Chegamos a uma praça tradicional no centro de Carabuco, agora deserta ao sol do meio-dia. A pequena igreja, pintada com uma forte cor de vinho tinto, tem vista para a praça. Ao lado da igreja existem vários edifícios em cores vivas e um escritório para a rádio local que se chama Radio Tunupa. Atrás da praça os juncos altos escondem o lago. Estacionamos o carro e ando rapidamente até a igreja. Assim como na catedral de Sucre, uma pesada fechadura e uma corrente estão em torno das portões de ferro forjado. Olho pelas ruas desertas e espio um prédio com a bandeira boliviana do outro lado da praça, um edifício de governança local. Caminho rapidamente pela estrada, acenando para os meninos que estão esperando no carro, e entro no prédio. Não há nenhuma recepção, então começo a subir as escadas. Uma cacofonia de sons e cores desce os degraus em minha direção. É uma delegação de homens e mulheres Aimarás vestidos de forma tradicional, conversando e exibindo sorrisos dourados um para o outro. Somos duas culturas que colidem e não tenho certeza de quem de nós está mais surpreso. Todos nós sorrimos, acenamos com a cabeça e falamos saudações amigáveis em espanhol. Afasto-me para o lado da escada para deixá-los passar. Continuo subindo as escadas e passo por uma porta aberta para uma grande sala de conferências. Um homem jovem está sentado em um canto, respondendo às perguntas de um jornalista em tom educado e calmo. Espero o jornalista terminar e me apresento

ao homem. “Você sabe onde eu poderia encontrar o padre para abrir a igreja e ver a cruz de Carabuco?”, pergunto. “Que pena, o padre está viajando. Ele sabe tudo sobre a cruz, tudo. Mas ele está viajando e só voltará amanhã.” “Alguém mais tem acesso à igreja?”, questiono, consternada. “Vimos da Irlanda para vê-lo.” Ele reflete por um momento antes de responder em voz baixa que há um homem velho que cuida da igreja e mora na periferia da vila.

Após ele me explicar como chegar na casa do velho, volto para o carro, saímos da vila e dirigimos até um pequeno barraco. Bato na porta de ferro ondulado e depois de uma breve espera um velho abre. Explico no meu espanhol quebrado que queremos ver a igreja. Sem dizer uma palavra ele fecha a porta. Volto para o carro, sem ter certeza se ele vai me seguir. Cinco minutos depois, a porta da cabana abre e o velho caminha, cabeça baixa, em direção ao veículo. Voltamos para a vila de Carabuco e caminhamos até a igreja. Sorrio contente quando ele abre a igreja para nós.

O exterior simples unicolor da igreja contrasta fortemente com o interior esmagadoramente elaborado. Ao entrar, tenho de sombrear os meus olhos dos murais e das tapeçarias nas paredes e nos tetos. As cores são vibrantes, mas precisam de restauração. Um púlpito de brocado de ouro e prata ornamentado se destaca. As vigas de madeira originais se erguem acima de nós.

“A igreja de Carabuco é a Capela Sistina dos Andes”, o homem jovem acena com orgulho para mim enquanto examino os intrincados murais, que induzem ao medo, representando um Cristo ensanguentado, sofrendo, crucificado, e os fogos do inferno. Ganhar as almas Aimarás por meio do medo era uma tática essencial, parece. Mais perto do altar, um mural conta a história da cruz de Carabuco e Tunupa, o homem alto de pele clara que plantou a cruz aqui e foi reverenciado antes da chegada dos espanhóis — nosso Sumé boliviano.

Ajoelho-me no primeiro banco, próximo ao altar, e tento localizar a cruz. O velho se ajoelha ao meu lado e aponta silenciosamente para uma cruz emoldurada, com cerca de um metro de comprimento, acima do altar. “A cruz de Carabuco”, murmuro, apreciativa. O velho assente. Ele conta que há muitos anos a cruz foi emoldurada por detrás de um vidro para evitar sua destruição por peregrinos que vieram e cortaram pequenos pedaços da cruz para fazer chás de cura ou amuletos. Nos dias de festa, o padre tira a cruz de cima do altar e passeia com ela pela vila.

A cruz é linda na sua simplicidade, contrastando com o esplendor exagerado da igreja. Sinto um prazer profundo por ter encontrado a peça que faltava da cruz pouco conhecida de Tunupa, mesmo que ela seja mantida a distância de mim pelo padre intermediário. Percebo como a simplicidade e a humildade da cruz de Carabuco me acalmam internamente em meio às elaboradas imagens indutoras de medo sobre mim, que apenas me afastam ainda mais do cristianismo.

Olho o rosto sofredor de Cristo nos murais e depois olho a cruz simples e nuade Carabuco. Não fujo da imagem de Cristo na sua morte agonizante, mas olho agora para além desta imagem na simples cruz de Carabuco. Ela parece sussurrar uma espiritualidade mais simples — a espiritualidade de Tunupa, de Viracocha, de Sumé. A cruz parece me falar mais do céu que do inferno, mais da celebração de um Cristo ressuscitado do que do sofrimento de um Cristo crucificado.

O DRAGÃO ADORMECIDO

“E o dragão?”, pergunta Liam, voltando ao carro para sair de Carabuco. “Fiquem atentos para ver um sinal”, digo a Liam, enigmaticamente. “E quem sabe poderemos fazer nosso piquenique junto ao dragão.” Após quinze minutos passamos pela pequena vila de Santiago de Okala. Pintadas com calcário no exterior de uma casa lemos as palavras *‘El dragon dormido de quilini es nuestro. Ici’*. Sinalizo para o nosso motorista pegar a estrada de barro em direção ao lago, mas rapidamente chegamos a uma bifurcação em meio a um respingo de casas. Pulo do carro e bato no portão ondulado de uma casa. Um idoso indígena abre o portão. Seu cardigã de lã azul comprido e o chapéu de lã grossa sobre as orelhas estão bem gastos. Ele sorri desdentado pelas rugas de seu rosto enquanto explico que estamos procurando o dragão adormecido de Okala, a montanha baixa cujo corpo se curva ao longo da margem do Lago Titicaca. Ele conversa comigo animadamente, no que eu acho ser Aimará, e gesticula descontroladamente, antes de fechar o portão. É a segunda vez que alguém fecha um portão na minha cara hoje. Volto lentamente para o carro, mais uma vez sem ter certeza do que ia acontecer. De repente o portão se abre e o velho e sua esposa saem, carregados de pacotes de ferramentas enferrujadas embrulhadas em cobertores caseiros de azul e rosa. O homem senta no assento do passageiro da frente e sua esposa entra atrás comigo e com os meninos. Tom arregala os olhos para mim e depois acena timidamente para a mulher. Ela sorri seu sorriso dourado para ele. “Eles os levarão ao dragão”, diz o

motorista, traduzindo. “Seus campos estão próximos ao dragão, então eles virão conosco. Querem levá-los até onde há arte rupestre antiga na cauda do dragão.” Concordo com a cabeça com entusiasmo para o casal, sorrindo profusamente, enquanto nossos corpos balançam fortemente a cada buraco na estrada.

Chegamos ao final da estrada de barro e o velho sinaliza para a gente seguir. O lago fica logo além dos pequenos campos cultivados. O vento aumenta e o lago se mexe em ondas agitadas, quebrando na sua fina faixa de areia na beirada. Eu e os meninos seguimos o casal, enquanto nosso motorista espera atrás, visivelmente cético em relação a nossas intenções. “Não vamos demorar”, grito por cima do ombro. Caminho com o homem e, entre nós, conseguimos ter uma conversa decente em espanhol. Passamos pelas fileiras ordenadas de campos de yucca, batata e quinoa, separadas por fileiras de pedras. O solo é arenoso e as plantações se estendem quase até o lago. Passamos por pequenas casas de tijolos de barro com portas abertas. A mulher ri calorosamente e abraça Liam antes de afundar sua pá na terra e se curvar ao trabalho do dia. O marido dela nos convida a segui-lo, e temos que correr para acompanhá-lo enquanto ele percorre os campos e desce para a pequena praia de areia. De costas para o lago, ele aponta para a colina diante de nós, indicando a cauda bulbosa do dragão com as costas escamosas e o corpo curvado. “*El dragón, el dragón!*”, exclama repetidamente, sorrindo animadamente. Os meninos e eu nos maravilhamos quando distinguimos a forma de um dragão diante de nós nas colinas baixas que abraçam o lago. Ao longo do corpo escamoso do dragão raminhos perenes de vegetação saltam como pelos indesejados.

O homem aponta para a cauda e depois aperta minha mão para se despedir, antes de voltar a trabalhar no campo com a esposa. Os meninos e eu estamos sozinhos agora e seguimos o caminho pela beira do campo. O vento do lago aumenta mais um pouco e caminhamos juntinhos para nos proteger.

Na cauda do dragão encontramos um recanto protegido e isolado, com vista para o lago, onde podemos fazer nosso piquenique. Restos de oferendas a *Pachamama* são visíveis na areia. Delício-me com a arte rupestre branca na cauda do dragão. Traço meus dedos ao longo das formas espirais suavemente. Diferentemente da arte rupestre no Brasil e no Paraguai, estas formas são pintadas, e não gravadas na rocha. Há círculos e linhas com espirais de cada lado, figuras humanas e cruzeiros em forma de ‘xis’ com pontas curvas: um quadro indecifrável de símbolos. Nem tento entender. Só curto a ligação com o passado.

Depois de um tempo nos sentamos na areia macia, entre a arte rupestre e o imenso lago diante de nós, protegidos do vento, e toco uma música na flauta. O passado está vivo no presente neste lago, no topo do mundo. O ar gelado o preservou. O céu, pesado com nuvens brancas e grossas, está baixo sobre o lago, quase tocando a água. As colinas do outro lado estão meditando em montes azul-escuros lá longe. Comemos nossos sanduíches e os meninos se movem em direção à beira do lago, brincando na areia. Eles me trazem pedras macias nas cores verde pastel, laranja e amarela para inspecionar. Logo as nuvens acima de nós escurecem e mergulham em nossa direção. É agora ou nunca.

“Quem quer um mergulho purificador no lago?”, pergunto para os meninos. “Para nos preparar para a viagem à Ilha do Sol de Viracocha amanhã.” Tom corre até a beira da água e a toca com a mão. “Está gelada”, avisa ele, de olhos arregalados. “Vou colocar meus pés só”, diz Liam, tirando os sapatos e correndo em direção a Tom. “Eu também”, concorda Tom. “Apenas meus pés.” Os dois meninos arregaçam as calças e andam, até os joelhos, nas águas límpidas do lago. Tom corre de volta para a areia e sacode o frio dos pés. “Me mordeu”, grita ele, rindo. “Acho que a água me mordeu.”

Rio alto. Sinto uma onda de excitação por estar neste local isolado do lago, solitário e adorável diante de nós. Como a vida é deliciosa. Os aborrecimentos irritantes da jornada, o fedor da morte de Potosí parecem muito distantes agora. “Meninos, terei que ficar nua e mergulhar na água”, aviso, com um sorriso. Tom geme. “Não nua, mãe. E se alguém aparecer?” Rio do seu prudismo de nove anos. “O único que pode me ver é o dragão”, afirmo. “E ele está dormindo.” Tiro minha roupa rapidamente e corro nua em direção ao lago, o vento gelado me atingindo antes da água. Mergulhar meus pés na água é como mergulhá-los em um balde de gelo. Tom está certo, o frio está tão intenso que parece morder. Entro até a coxa e, em seguida, mergulho na água gelada. Meu corpo inteiro sente um formigamento. Aqui estou flutuando nua e congelando em águas purificadoras no topo do mundo.

Enquanto meu corpo flutua, de cabeça para baixo, relaxo conscientemente na água. Faço a meditação da flauta andante, sentindo cada chacra abrir para o som da vida ao meu redor. Por um instante me dissolvo na água.

Ao sair, grito e sacudo meu corpo vigorosamente enquanto corro de volta para a minha pilha de roupas na areia. Meu corpo inteiro está tremendo e meus

dentos batendo enquanto visto minha calça jeans. “Você é louca, mãe!”, exclama Tom, balançando a cabeça. Eu rio com ele, vestindo-me por completo, e depois abraço os dois meninos, nos aquecendo.

Aquecidos, começamos a caminhar de volta ao longo da faixa de areia, mas o vento agora está numa fúria e precisamos abaixar a cabeça para avançar. A água do lago está agitada e bate com raiva na areia. Um barco listrado de azul e vermelho está estacionado na areia e sofre o impacto do jato da água. Liam pega um graveto e corre contra o vento, com gritos de guerra. Seu cabelo está varrido do rosto pelo vento e seus olhos estão brilhando — um menino pulsando de vida. Corremos ao longo da areia e logo, seguimos um caminho entre os campos cultivados até chegarmos a uma antiga igreja abandonada. Atrás da igreja nosso motorista aparece, caminhando rapidamente, com a cabeça inclinada para baixo. “Aí estão vocês”, diz ele, com uma voz entre alívio e aborrecimento. “Eu vim ver se havia algum problema.” “Por causa do vento?”, pergunto, surpresa. “Não, por causa do dragão”, responde o motorista em voz baixa, menos cético agora. “O casal de idosos me avisou sobre isso quando estavam no carro conosco. Disseram que esse dragão pode possuir pessoas para fazer coisas terríveis.” Tom olha para mim com desaprovação. Rio do seu olhar, enquanto corremos todos de volta para o carro e escapamos do vento.

TIWANAKU

No dia seguinte visitamos outra vila perto do Lago Titicaca, mas esta vila, Tiwanaku, está totalmente sem morador hoje. Este império avançado floresceu por muitos séculos nas terras férteis da bacia do Lago Titicaca, com métodos inovadores de cultivo de campos inundados, e essa prosperidade permitiu a ampliação de sua influência nas regiões ao redor. Este local era o centro do mundo dessa civilização até seu colapso, por volta do ano 1000 d.C. Era um lugar de peregrinação também durante séculos, e nós também chegamos peregrinando. Parece que os Guarani, porém, não vieram para cá em peregrinação pacífica. É cogitado que entre os séculos VII e X os Guarani atacaram várias vezes este avançado povo andino, desempenhando, possivelmente, um papel decisivo para o fim do império.

As ruínas são visivelmente e visceralmente saqueadas. Entramos num complexo a céu aberto de ruínas de templos de formas e pedras quadradas e

retangulares. Num dos templos tem pedras em formato de cabeças de humanas e de pumas projetadas das paredes. No meio deste templo há um enorme monólito de um homem barbudo. Observo este monólito com reverência, cara a cara de novo com Viracocha, nosso Sumé andino. Subimos degraus de pedra para entrar no Kalasasaya, um enorme pátio cujo portão de entrada está voltado para o leste, o nascer do sol. Olhando as paredes dos templos observo que foi colocada pedra sobre pedra, sem usar argamassa. Elas me lembram as paredes do Oratório de Gallarus, no qual passei durante o início da peregrinação no Caminho do Santo, no sudoeste da Irlanda, e que provavelmente tem uma idade semelhante — por volta do século VII. Será que São Brandão ensinou esta tecnologia que conhecia da Irlanda a esta civilização do Lago Titicaca, ganhando em troca o título de Viracocha?

No extremo sudoeste do pátio chegamos ao famoso Portão do Sol, rachado ao meio, mas ainda de pé. É um portal decorado com quarenta e oito pedras quadradas representando um deus de trovões e relâmpagos que me lembra o deus Guarani Tupã, que também é o deus do ocidente. A imagem central do Portão do Sol é de Viracocha, que era o deus criador da civilização de Tiwanaku, antes de ser reverenciado pelo império inca. Nosso Sumé andino é mais antigo que os Inca. Fico diante do portão, olhando para as terras áridas do deserto que se estendem para o oeste atrás dele. O sistema de irrigação sofisticado da civilização Tiwanaku não existe mais, e o deserto retomou a região. Uma seca por volta de 950 acabou com a fertilidade do solo, com seu excedente de comida e com seu império.

Gostaria de atravessar o Portão do Sol de Viracocha, mas está protegido por um cordão forte, e parece que poderia cair em cima de mim se eu ousar. Em vez disso, os meninos e eu deitamos em uma grande laje de pedra no chão, perto do Portão do Sol, que é chamado de *a pedra energética*. Os garotos se deitam primeiro na pedra, rindo e brincando juntos.

Quando os meninos se levantam, deito-me de braços abertos na pedra, pressionando minha bochecha contra ela e inalando a energia do sol que emana da pedra quente. Diz-se que o nome Tiwanaku vem da língua aimará e significa “pedra no meio”. Parece que a encontramos.

Me levanto e subimos as encostas secas de uma colina, passando por lhamas pastoreando e demoro para perceber que estamos caminhando sobre o restante

de uma pirâmide que se chama Akapana: aqui a obra humana está sendo retomada pela paisagem. Ao final, *Nbandey* ou *Pachamama* toma conta de tudo que o ser humano faz, até suas criações imponentes de pedra.

Este complexo de pedra era o centro do mundo do povo Tiwanaku, assim como Jasuká Renda é para os Guarani. Quando os Guarani entraram em conflito com o povo Tiwanaku, o que os guerreiros seminômades Guarani devem ter pensado desta cidade de pedra e da agricultura elaborada ao seu redor? Há alguns relatos Guarani de uma reverência aos Candires do oeste e pistas que sugerem algumas peregrinações ao longo do Caminho de Peabiru de leste — oeste para ir ao encontro deles. As montanhas eram obstáculos para chegar até eles. Será que o povo de Tiwanaku com sua cidade de pedra e agricultura avançada era a origem da lenda Guarani desses Candires no oeste?

A construção de Tiwanaku e o tipo de agricultura praticada são muito mais complexos e tecnologicamente avançados do que qualquer coisa que eu vi no leste do continente.

Jasuká Renda, o centro do mundo Guarani, e o litoral sagrado do Guarani foram apreciados de maneira totalmente natural. Diferente do povo de Tiwanaku, os Guarani alteraram e controlaram pouco a natureza ao seu redor, recebendo a abundância oferecida e se integrando aos ciclos naturais. Até a arte rupestre no mundo Guarani foi criada antes da chegada dos Guarani. Eles reverenciavam, mas nunca ampliaram a arte nas rochas. Os cemitérios sagrados, os sambaquis no litoral e os guardiões criados por rochas nos promontórios também foram criados antes da chegada dos indígenas. Eles usaram os sambaquis como locais de sepultamento e incluíram os guardiões em sua mitologia, mas não os criaram. No leste do continente a paisagem era praticamente intocada, inalterada por séculos de habitação Guarani. Isso sugere uma tribo mais integrada com o ritmo de *Nbandey*. Enquanto isso, o povo de Tiwanaku manipulava fortemente a natureza para atender às suas demandas, criando uma grande cidade e império e esculpindo sofisticadas esculturas de pedra em adoração aos seus deuses. Talvez a natureza e clima aqui não fosse tão abundante quanto as terras orientais. A necessidade de sobreviver e prosperar nas grandes altitudes pode ter levado as pessoas a desenvolverem uma consciência e um relacionamento mais separados, mais ativos, mais controladores com a natureza. Talvez pararam de ver a terra, *Nbandey* ou *Pachamama*, como mãe e começaram a vê-la mais como um recurso a ser explorado.

O declínio do império Tiwanaku serve de aviso para nossa civilização atual. Toca como um sino agudo o fato de que, mais de mil anos depois do seu belicoso encontro, o povo Guarani que pouco interfere com Nhandecy estar vivo e crescendo, e o povo Tiwanaku que tentava controlar e subjugar *Pachamama* ter desaparecido da face da Terra.

LINHA VIRACOCCHA

Viracocha caminhou pelo oeste do continente sul-americano, onde vários locais ligados a ele criam uma linha reta que cria um ângulo de 45 graus com a linha do Equador — a chamada linha Viracocha. Esta linha começa nas ruínas de Tiwanaku, passa por Copacabana, às margens do Lago Titicaca, e continua no Peru por Raqchi, Cusco, Ollantaytambo e Machu Picchu no Vale Sagrado, e chega ao norte na cidade costeira de Tumbes, onde Viracocha desapareceu, caminhando sobre as águas do Oceano Pacífico. Viracocha significa literalmente ‘espuma do mar’. Sumé chegou andando sobre as águas do Atlântico e seu possível sócia Viracocha saiu andando sobre as águas do Pacífico.

A informação sobre o caminho que os Guarani realizaram no oeste vem de relatos do século XVI ou de relatos recentes dos Guarani e se remete a uma época mais remota, entre os séculos VII e X. Para construir meu roteiro sigo as poucas pistas dos Guarani, enquanto sigo para o oeste em direção ao Oceano Pacífico e acompanho a linha de nosso Sumé andino, Viracocha.

COPACABANA

Atravessamos um pequeno canal no Lago Titicaca, em Tijuina, no final da tarde, e tomamos um táxi compartilhado para a baía sagrada de Copacabana, seguindo a linha de Viracocha. Copacabana, a inspiração para a praia brasileira mais famosa do Rio de Janeiro, vem do nome *Kopakawana*, a deusa da fertilidade na mitologia andina que vivia no Lago Titicaca, servida por uma corte de tritões e sereias. A Basílica de Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia, foi construída encima do Templo da Fertilidade. A basílica inclui um santuário do século XVI com uma estátua laminada a ouro da Virgem de Copacabana, que parece uma princesa Inca e foi esculpido pelo neto de um imperador Inca. Muitos milagres foram atribuídos à Virgem de Copacabana, incluindo a conquista da independência boliviana da Espanha.

Como *Pachamama*, a quem ela substituiu, a Virgem é comemorada em agosto. A outra celebração anual da Virgem de Copacabana acontece no dia 2 de fevereiro, que também é a festa da Iemanjá no Brasil, a deusa das águas e fertilidade. Foi encontrada uma tigela antiga às margens do Lago Titicaca com escrita proto-sumeriana, a Fuente Magna, e a mensagem foi decifrada como uma oração pela fertilidade, direcionada à deusa *Nia*. Que perda para nós, mulheres, que a outrora vibrante e célebre imagem da fertilidade da mulher tenha sido encoberta com tanto sucesso pela imagem assexual de uma virgem.

Para uma vista panorâmica de Copacabana tenho duas opções: podemos subir o Calvário com suas estações da cruz no alto, de um lado da baía, ou até a Horca del Inca, o observatório astronômico pré-inca localizado numa colina no lado oposto. Estações da cruz não me atraem mais e rapidamente escolho a Horca del Inca. Os meninos e eu subimos uma colina íngreme correndo para apreciar o pôr do sol no observatório. Duas grandes pedras finas ficam em pé com uma pedra menor em cima delas, criando um portal. Estas pedras foram alinhadas para marcar o solstício de inverno em 21 de junho, marcando o início da reaproximação do sol com a Terra. Estamos em dezembro, dias antes do solstício de verão, mas ainda promete um pôr do sol impressionante. Sentamos e recuperamos o fôlego, olhando agora pelo portal em direção ao lago. A curva da costa de Copacabana parece uma baía oceânica e o lago se expande enorme diante de nós, emoldurado por longas colinas baixas em margens distantes. Consigo ver o Calvário com suas estações da cruz na colina à nossa frente. Abaixo, à margem do lago, vejo uma caverna chamada Boca do Sapo onde curandeiros indígenas, os amautas, oferecem bênçãos e curas para o povo.

O sol está começando a se pôr sobre o lago e as nuvens criam uma nevoa púrpura que mistura com a última luz amarela do dia. Aninhada na margem do lago, a vila de Copacabana com seus 6 mil habitantes e seu porto para as ilhas do Sol e da Lua está cheia de turistas. Parte da Horca del Inca foi danificada e algumas pedras foram deslocadas na busca incessante por tesouros, com grafites rabiscados por toda parte, e estamos na data errada para o alinhamento perfeito. No entanto, Horca del Inca brilha quando o sol lança seu último raio nela. Ficamos sentados lá, eu e meus filhos, iluminados pela última dança do sol do dia.

ILHA DO SOL

A chuva cai forte no telhado do nosso quarto de hotel em Copacabana. Meio adormecida, puxo os cobertores de lã com mais força para me esquentar. Liam ainda está dormindo, enrolado em meu abraço como minha própria bolsa de água quente. Beijo seu cabelo e me acomodo para dormir mais um pouco. Tom acorda na cama ao nosso lado. “Mãe”, ele bocejia, acordando completamente. “Está chovendo. Como podemos visitar a Ilha do Sol se estiver chovendo?”

Amanheceu. Tomamos nosso café da manhã e caminhamos até o barco, envoltos em capas de chuva. Após alguns passos, as capas já estão pingando de água. O lago é uma névoa cinzenta diante de nós. “O barco está indo para a Ilha do Sol hoje?”, pergunto, esperançosamente, a um homem no trapiche. Ele olha duvidosamente para o lago para um momento, antes de assentir com a cabeça lentamente. Aliviados, compramos ingressos, corremos até um barco e encontramos assentos quase secos na parte protegida da embarcação. Coloco minha mochila aos meus pés. A mochila carrega nossa oferenda comprada no Mercado das Bruxas em La Paz — o álcool, o vinho e o pacote com o feto de lhama. Nos amontoamos para nos aquecer enquanto o barco se enche de homens locais com suas calças grossas e cardigãs de lã compridos, e mulheres locais com seus xales e saias plissadas carregando enormes pacotes coloridos. Moram oitocentas famílias na Ilha do Sol, uma mistura de Aimarás e Quíchuas. Vivem de agricultura de subsistência, artesanato e turismo. Alguns turistas estrangeiros também entram na embarcação. Uma vez cheio, o barqueiro acelera o motor e se afasta da baía na névoa cinzenta.

A chuva bate incessantemente no teto do barco por uma hora enquanto atravessamos o Lago Titicaca em direção à Ilha do Sol. A visibilidade é fraca e uma escuridão úmida e invernal nos cerca. De repente, parece que uma torneira foi fechada: a chuva para e o sol começa a afugentar as nuvens.

Alguns passageiros intrépidos sobem as escadas de metal até o ‘telhado’ do barco e os meninos querem segui-los. Deixo-os subirem na minha frente. O vento está muito frio no ‘telhado’, mas o céu está brilhando constantemente. À medida que as nuvens se dissipam, os contornos da ilha do Sol começam a aparecer. Estamos perto da ilha quando a névoa se eleva por inteiro, afastando o véu que envolve este lugar sagrado. Passamos pelo lateral rochoso da ilha, observando seus

terraços de cultivo, até chegarmos à vila de Challampa, ao norte. Consta que a ilha tem a forma de um puma, com uma lebre presa na boca, mas está difícil enxergar desta proximidade. Estamos chegando ao local onde a boca do predador encontra sua presa. Desembarcamos e passamos obedientemente pelo pequeno museu, admirando as oferendas de ouro e prata da cultura Tiwanaku e Inca encontradas no lago, destinadas a Viracocha, nosso Sumé andino, e a *Pachamama*, nossa *Nhandecy* andina.

Os meninos e eu caminhamos por uma praia paradisíaca, pontilhada de barracas modernas que estão secando rapidamente ao sol. Observo estrangeiros saindo bocejando das barracas e surge em mim um grande desejo de acampar aqui, de ficar mais tempo e saborear esta ilha devagar e com cuidado. No nosso roteiro só temos um dia para conhecer a ilha, sem tempo suficiente para caminhar as quatro horas do norte ao sul do local.

Percebo que a forma como estou seguindo o Caminho de Peabiru limita a profundidade de experiência para mim nesta peregrinação. Tenho roteiro cheio com dias contados. Admito para mim mesma que em vários momentos o limite de tempo fez do caminho mais um turismo espiritual do que uma peregrinação. Peregrinação pede outro ritmo. Pede um parar e olhar com outros olhos que só abrem devagar. Aqui na Ilha do Sol sinto isso visceralmente. Seguir o Caminho de Peabiru tem sido um exercício na arte do possível, mas meu ser grita agora para ir mais fundo.

Caminhamos por uma estrada de pedra, observando o lago que brilha num azul elétrico ao nosso lado. A Ilha da Lua também nos acompanha, apenas 3 quilômetros à nossa direita. Os cactos apontam para o céu cada vez mais azul da vegetação rasteira nas rochas abaixo de nós com as suas flores brancas que parecem enormes margaridas.

Passamos por crianças de bochechas avermelhadas vendendo pulseiras e flautas de zampona. Pequenas casas de barro vendem garrafas de água e Coca-Cola. Uma mulher com uma saia verde fofa e um avental xadrez está tricotando num muro baixo de pedra, suas longas tranças negras quase tocando o chão. O charme desta ilha é palpável.

O ar é fino a 3.800 metros da altitude do mar, que me faz caminhar lentamente. Os dois meninos pulam energicamente sobre as rochas, como as

ovelhas que estão sendo guiadas por garotos locais da mesma idade.

Uma vez na ilha, os peregrinos na época inca tinham que deixar oferendas e andar descalços em sinal de humildade para entrar na área da Rocha Sagrada ou Rocha da Puma, Titilaka, que dá nome ao lago inteiro. Somos recebidos perto da Rocha Sagrada por uma mulher local e seus dois filhos, que cobram uma taxa de entrada. Dou minha oferenda com prazer, mas estou consciente de que não tiro os meus sapatos.

No chão à nossa frente vemos grandes pegadas, as pegadas do sol, gravadas nas rochas. São bem maiores que as pegadas de Sumé que vimos no Paraguai e no litoral brasileiro. O caminho de pedra continua alguns metros antes de dar lugar a quinze fileiras de ervas antes de chegar a uma grande rocha, com cerca de 4 metros de altura — a Rocha Sagrada. Foi aqui que Viracocha criou o sol, a lua e o mundo.

O buraco na Rocha está cheio de lírios brancos e pequenas pedras, oferendas e orações deixadas pelos peregrinos e pelo fluxo interminável de turistas.

Quando os espanhóis aqui chegaram, a Rocha estava coberta por uma fina película de ouro, refletindo a luz do sol baixo neste lago no topo do mundo. A película de ouro foi rapidamente tirada, mas a Rocha — a rocha sagrada do povo Quíchua e Aimará — ainda está inteira.

Dou a mão para os meninos e fico olhando para a Rocha, hipnotizada, esperando a fila de turistas seguir em frente para a próxima atração. Aqui estou na Rocha de Viracocha, nosso Sumé andino. Esta Rocha é o local sagrado do império Tiwanaku e o destino da peregrinação inca, duas culturas que se chocaram com a dos Guarani que chegaram aos Andes seguindo o Caminho de Peabiru.

Agora há apenas um punhado de turistas na frente da pedra, então eu conduzo os meninos e tocamos juntos a Rocha Sagrada em silêncio. Há um leve tom de vermelho em lugares onde o sangue de lhama foi passado durante alguma cerimônia. Afastando-me um pouco e olhando de novo, surge de repente no buraco a imagem do rosto iluminado de um puma. Sinto-me presenteada. Do lado esquerdo da pedra vejo também um perfil do rosto de Viracocha. Consigo enxergar algo que a Rocha tem para mostrar.

Um pequeno grupo de mochileiros de vinte e poucos anos, bem no seu auge materialista, está rindo alto perto de nós. “É apenas uma pedra sangrenta”, diz uma

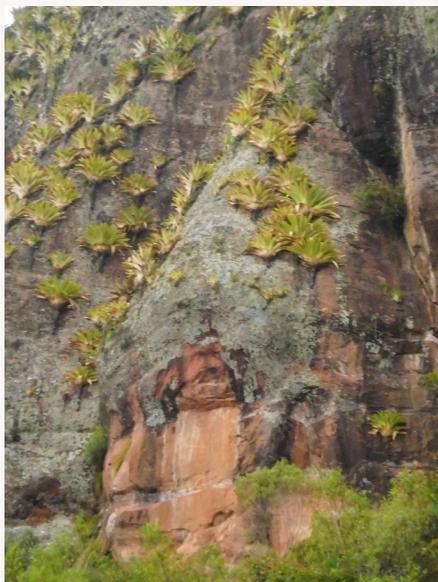
garota em voz alta para impressionar o grupo, dispensando milênios de adoração com sua irreverência. Os meus meninos olham para mim. “Tudo é sagrado se você souber olhar para ele com respeito”, asseguro-lhes com um sorriso. “Não pense sobre este lugar, apenas sinta-o.”

Seguimos em direção a Chinkana, a casa em forma de labirinto onde moravam as virgens do sol. Um guia de nosso barco espera seus turistas se reagruparem. Vou até ele. “Tudo bem se queirmos uma oferenda para Viracocha em frente à Rocha?”, pergunto, cautelosamente. Um sorriso largo surge em seu rosto enrugado. “É claro”, afirma ele, visivelmente tocado. “É claro.” Ele me pega pelo braço e aponta para um lugar logo além da Rocha Sagrada. “Há um círculo de pedras no chão. Você pode queimar sua oferenda lá.” Sorrio agradecida. Ele nos acompanha ao círculo de pedras. Mando os meninos procurarem alguns gravetos para fazer uma fogueira. Os meninos correm, dando gargalhadas, e começam a colecionar gravetos entre a vegetação arbustiva ao redor. Juntos montamos uma pequena fogueira.

Pego o pacote com a oferenda da minha mochila, coloco-o em cima dos gravetos e tiro as tampas do álcool puro e do vinho e as coloco de lado. O guia se senta conosco, esquecendo do seu grupo, e juntos criamos um pequeno círculo de peregrinos. A pedra sagrada está bem na minha frente e tiro minha flauta da mochila e toco em sua homenagem. Um pequeno grupo de turistas sentados num banco nas proximidades bate palmas e tira um violão para fazer uma serenata para nós enquanto acendemos o fogo. O guia nos mostra como encharcar a oferenda em álcool e depois tiro um fósforo para acendê-la. Pega fogo rapidamente, lançando chamas azuis no ar e obrigando os meninos a pularem para trás. Vejo os papéis dourados e prateados queimarem. As formas e doces de metal se fundem numa bolinha multicolorida. Lentamente, o feto de lhama seca mais e mais, ficando cada vez menor. Pego a garrafa de vinho e despejo algumas gotas no fogo, fazendo uma silenciosa oração de agradecimento pela vida. Ajudo Tom e Liam, um de cada vez, a pegar a garrafa de vinho e cuidadosamente deixar cair algumas gotas. Seus olhos estão dançando com as chamas do fogo e a emoção da cerimônia simples. Tom pega a flauta do chão e começa a tocar, e meu coração arde por amor à minha pequena flauta andante.

O guia derrama um pouco de vinho na oferenda e fecha os olhos. Sinto como ele está totalmente presente na sua oração. Depois, ele se levanta e me olha com

grande ternura. Seguro seu olhar durante um longo minuto. “Preciso ir para guiar as pessoas de volta ao barco, mas fique aqui mais tempo. Vou pedir ao barqueiro que espere por vocês”, diz ele finalmente. Concordo com a cabeça, sorrindo e agradecida. Percebo que apesar de não tirar meus sapatos para me aproximar da pedra, o ato de queimar a oferenda comunicou alguma humildade, algum respeito para o sagrado. Sinto uma intimidade com o guia, um encontro. Quando ele parte, deixo meu olhar cair de novo no fogo. Ficamos sentados, assistindo às chamas saltarem e engolirem toda nossa oferenda. Esvazio o resto do álcool no fogo e ele ruge numa grande chama, queimando os restinhos da oferenda por completo. Sinto a morte ao redor do fogo conosco e aceito a sua presença. Ela também tem um lugar e vem para me ensinar como viver. Nesta aproximação da morte, peço a bênção e orientação de Viracocha e *Pachamama*, nossos Sumé e *Nhandecy* andinos.



Samaipata, Bolívia, dezembro de 2012.



Potosí, Bolívia, dezembro de 2012.



Carabuco, Bolívia, dezembro de 2012.



Lago Titicaca, dezembro de 2012.



Tiwanaku, Bolívia, dezembro de 2012.



La Paz, dezembro de 2012.



Ilha do Sol, dezembro de 2012.



Ilha do Sol, dezembro de 2012.



Ilha do Sol, dezembro de 2012.

TEMPLO DE VIRACOCHA

Atravessamos a fronteira para o Peru perto do Lago Titicaca e passamos a noite no Hotel Del Sol, em Puna, antes de pegar um ônibus para o noroeste. Uma das treze subáreas de Puna, às margens do Lago Titicaca, no Peru, é chamada Huancané. Eles têm uma dança chamada ‘Chiriguanos’ que comemora até hoje os ataques Guarani ou Chiriguanos a Tiwanaku antes do ano 1000. O Caminho de Peabiru de um Guarani Sumé serpenteia para o oeste comigo, enquanto sigo os passos agora do Sumé andino, Viracocha.

O ônibus sobe pelos Andes, passa por casas com telhado de zinco, plantações de batata e quinoa e rebanhos de gado no altiplano. Paramos em La Raya, a mais de 4.300 metros acima do nível do mar, e inspiramos as impressionantes vistas panorâmicas das montanhas cobertas de neve, acima das infinitas dobras e picos dos Andes. Descemos para os vales andinos, mais verdejantes agora e mais povoados, com suas escolas derramando crianças rindo nas ruas. Vemos manadas soltas de lhamas e alpacas, e os meninos apontam para elas, encantados.

Paramos na aldeia de Racqui, onde oitenta famílias vivem da cerâmica e da agricultura tradicionais nas sombras de três vulcões adormecidos, a 100 quilômetros de Cusco. Racqui também está situada na linha de Viracocha que leva ao Oceano Pacífico. Atrás da Igreja de São Miguel, na praça principal, pairam as rochas vulcânicas e as ruínas de barro do Templo de Viracocha. A praça está cheia de barracas onde o artesanato local é vendido por mulheres usando seus tradicionais chapéus redondos, decorados com a cruz andina das quatro direções cardeais. Passamos pela praça por uma trilha inca, revestida de pedra, até as ruínas. À nossa esquerda observo as ruínas dos banhos cerimoniais utilizados para purificar os peregrinos antes de entrar no templo. A fonte de suas águas geladas permanece um mistério até hoje. À minha direita uma única parede enorme de pedra e barro paira sobre mim. Tento imaginar o grande edifício retangular com seus muros altos e telhado de palha, cheio de peregrinos e sacerdotes. Na parede do templo consigo distinguir o contorno da cruz andina esculpida na pedra, a chakana de sete níveis, representando as sete cores do arco-íris, um dos símbolos de Cusco. No passado, a joia deste templo era uma estátua de Viracocha, uma estátua de um homem alto, com barba longa e túnica longa que segurava um animal parecido a um leão em uma corrente. Como São Miguel, Viracocha também tinha o controle do animal selvagem interior. Não vejo a estátua, porém, em lugar nenhum.

O templo foi construído em homenagem a Viracocha por Inca Pachacuti, o nono dos treze imperadores Incas, no século XV, e foi destruído pelos espanhóis menos de cem anos depois. Pachacuti é conhecido como o talentoso imperador que reformou e expandiu o império inca e ainda hoje é visto como um herói peruano. Foi ele quem expandiu muito Tahuantinsuyu, o vasto império inca que se estendia nas quatro direções. Pachacuti era filho de Inca Viracocha, que recebeu este nome por causa de suas visões proféticas do deus Viracocha, nosso Sumé andino.

Sigo os meninos enquanto eles correm pelo templo, onde doze alojamentos estão construídos em ambos os lados de um caminho. Doze alojamentos, um para cada imperador Inca, até Atahualpa, o infeliz décimo terceiro. Atahualpa, o último imperador Inca, foi sequestrado, impiedosamente enganado pelos espanhóis, forçado a receber o batismo na Igreja Católica e enforcado. Se tivesse recusado o batismo, ele teria sido queimado vivo pelos cristãos.

O caminho entre os doze aposentos está alinhado com o sol nascente no solstício de verão. O templo pode ser destruído, mas o sol nunca é vencido. Em poucos dias, este caminho estará repleto de luz de novo.

CUSCO — O UMBIGO DO MUNDO INCA

Quando o filho de Viracocha, Inti, o Deus do Sol, criou os dois primeiros Incas Manco Capac e Mama Ocello, deu-lhes um cajado de ouro. Eles foram informados de que o local onde o cajado afundasse no chão era o lugar onde deveriam construir sua cidade. Os dois primeiros Incas conseguiram afundar o cajado na região de Cusco, no alto dos Andes, o centro do império inca. Assim como Jasuka Rendá, nas colinas de Amambay, no Paraguai, é o centro do mundo Guarani no leste, Cusco, no Peru, é o centro do mundo inca no oeste. É outra parada na linha energética de Viracocha.

Restos de uma grande parede de barro sinalizam nossa entrada em Cusco pelo portão sul de Collasuyo. Quando chegamos aos arredores da cidade uma grande estátua de Pachacuti nos recebe. Seu filho Túpaq Inca Yupanqui não teria ficado tão satisfeito ao ver pessoas vindas do extremo leste do continente. Foi ele quem teve que lidar com as incursões Guarani no território inca, no Lago Titicaca. Os ataques a Tiwanaku e mais tarde ao império inca sugerem que a relação entre

os Guarani e as culturas para o oeste era belicosa, mas isso é apenas metade da história. Eles também tiveram trocas culturais significativas, além da pilhagem de ouro e prata. O tipo sagrado de milho Guarani, o ‘moroche’, era utilizado para alimentar o exército de Cusco, e a erva sagrada mate dos Guarani, que não cresce nas altas altitudes incas, era usada e reverenciada entre os Incas, até encontrados em túmulos desta civilização. A palavra mate em si é até uma palavra quíchua, e não Guarani. Os Incas também parecem ter utilizado o Caminho de Peabiru em direção ao leste para enviar espiões para a terra onde o sol nasce todos os dias, talvez com a intenção de expandir seu império para além da base dos Andes. Essas intenções foram impedidas pelos guerreiros Guarani e talvez interrompidas pela chegada repentina de um império ainda mais ambicioso e belicoso, o império espanhol.

Os Guarani, por sua vez, adaptaram a batata dos Incas às terras baixas, incluindo-a em sua dieta tradicional sob o nome *mbaqueró*. Utilizaram também o longo caminho dos Incas de leste a oeste, o Cápac Ñan, para fazer suas incursões no oeste. Quando não atacavam seus territórios, os Guarani idolatravam os Candires no ocidente com seus metais preciosos de ouro e prata. É dito que o *apiká*, ou barco voador, que leva *Yvy Marã Ey*, está coberto de ouro e prata.

Não há, porém, nenhum ataque Guarani registrado contra o império inca na região de Cusco. As viagens Guarani até o Oceano Pacífico, especificamente no norte do Chile, datam de uma época anterior, por volta do século VI. Parece que o império inca isolou os Guarani do fim do universo deles, onde o sol se esconde todos os dias.

Chegamos a Cusco, uma cidade vibrante que está construída em forma de puma, com o forte inca de Sacsayhuaman na cabeça.

Alugo um carro e vou direto ao aeroporto para pegar Tahmid e Eoin, que estão chegando do Brasil. Quando eles aparecem, Eoin, de dois aninhos, corre até mim e eu o pego em meus braços e o beijo repetidamente. Sinto o círculo da minha família nuclear se ampliar para inclui-lo mais inteiramente.

Juntos, vamos até o centro de Cusco para conhecer seu coração sagrado, Coricancha, o templo dourado. Durante o império inca havia cinco templos decorados de ouro e prata em Coricancha, honrando os elementos sagrados da natureza — o sol, a lua, as estrelas, a chuva e o arco-íris. As janelas dos templos

estão alinhadas com o sol num solstício ou num equinócio. Foi aqui que as múmias reverenciadas dos imperadores Incas se sentaram em tronos de ouro. É também daqui que os ceques — quarenta e dois caminhos rituais ou linhas de energia — irradiavam do núcleo de Cusco para se conectar com trezentos e vinte e oito santuários sagrados, ou *huacas*, nas áreas circundantes. O chão de Coricancha estava coberto de areia do litoral do Oceano Pacífico em reverência a Viracocha, que partiu caminhando neste oceano.

Para entrar neste lugar sagrado na era dos Incas um peregrino tinha que estar descalço, jejuando e carregando um peso nas costas em sinal de humildade. Tento chegar com humildade no meu coração. O sentimento que encontro, no entanto, mais do que qualquer outro, é de vergonha como europeia.

Os espanhóis destruíram grande parte de Coricancha e construíram a igreja e o convento de Santo Domingo em cima do que sobrou. A maioria das múmias incas foi incinerada, embora algumas tenham sido tiradas pelo povo e levadas para Vilcabamba, o local secreto da resistência contra os espanhóis no século XVI. Juan Pizarro, meio-irmão do infame conquistador do Peru, está enterrado aqui.

Terremotos destruíram partes do convento e da igreja nos últimos quinhentos anos, e felizmente a base antissísmica de Coricancha não foi arruinada. O sobreposto cai facilmente, mas a essência aguenta firme. Parte da parede preta e arredondada do templo solar de Coricancha permanece polida e resoluta, com sua enorme pedra projetando-se nas paredes marrons da Igreja de Santo Domingo, proclamando ainda a grandiosidade de Inti, o Deus do Sol.

Caminho pelo jardim em Coricancha, enquanto os meninos correm à minha frente. Descemos uma ladeira até uma grande manjedoura de Natal, onde um Jesus bebê está deitado ao lado de uma lhama incongruente e enorme. Por um momento, sinto uma onda de gratidão por esta simples história de humildade, do rei nascido em um estábulo, ter percorrido os milênios para chegar até mim e meus filhos.

O jardim está cheio de fúcias, como pequenos sinos vermelhos. Esta espécie de flor foi exportada para a Irlanda da América do Sul e ladeava o Caminho do Santo, no sudoeste da Irlanda, que segui com meus pais quase oito meses antes, no início da peregrinação. O final da peregrinação e o início se encontrando numa flor.

Passamos pelas multidões de Natal no centro de Cusco. Milhares de famílias pobres vieram a Cusco do campo para aproveitar esta época de Natal. À noite, vejo-as dormindo amontoadas em cobertores coloridos feitos à mão sob os arcos da Plaza de Armas. De dia vejo as mulheres passarem fome em filas intermináveis com bebês amarrados em cobertores brilhantes às suas costas. Elas fazem fila na frente da Igreja de Santo Domingo para receber doações de bonecas de cabelos loiros e carrinhos de plástico fabricados na China. E ficam horas na frente da Igreja de São Francisco para ganhar roupas velhas.

Percebo que Cusco ainda é um local de peregrinação e as pessoas ainda chegam descalças, jejuando e carregando fardos nas costas. Agora, porém, é oferecido sustento material e não sustento espiritual, e as ruas estão cheias de embalagens plásticas e brinquedos descartados e quebrados.

MARAVILHAS NATURAIS DOS INCAS

O solstício de verão nos chama a deixar Cusco e entrar no vale sagrado dos Incas. Rodeados por Apus, os espíritos das montanhas, vamos para Ollantaytambo, onde pretendemos pegar o trem para Machu Picchu. Ollantaytambo é uma vila encantadora, construída por Inca Viracocha e ainda hoje habitada, e está na linha de Viracocha. A vila está aninhada na base de montanhas imponentes e construída com enormes rochas polidas, unidas com perfeição antissísmica, oferecendo uma base segura para as igrejas e construções coloniais mais recentes.

Vou sozinha conhecer as ruínas incas de Ollantaytambo. Pago a entrada e noto com prazer que sou uma das poucas turistas. Posso conhecer as ruínas em silêncio e tentar me conectar com a natureza sagrada do local.

Vejo os grandes benefícios do turismo, oferecendo uma experiência segura ao turista, cuidado e sustentabilidade para o local em si, além de ser uma fonte de renda para a comunidade local. Ao mesmo tempo, quando locais sagrados se transformam em destinos turísticos, algo é perdido. Em geral o local vira mais um objeto de consumo para o corpo e a mente, em vez de proporcionar uma experiência de participação ativa da alma.

Subindo o complexo, que está construído na forma de uma lhama, passo pelos pequenos terraços agrícolas, que uma vez floresciam com ervas medicinais. No topo das ruínas toco minha mão em uma grande pedra plana, o olho da lhama.

Ao meu redor há imensas pedras com cortes lineares e precisos, como se um *laser* as cortasse em perfeita simetria. Buracos estranhos em forma de ‘tê’ e buracos de dobradiça arredondados são esculpidos nas pedras, talvez para juntar as pedras de alguma maneira. Que tipo de metal poderia juntar estas pedras colossais? Alguns supõem que as pedras estavam ligadas entre si para criar uma cadeia de energia eletromagnética, aproveitando os raios invisíveis do sol, especialmente nos solstícios, para fins curativos ou espirituais.

Na montanha à minha frente agora, vejo dois pequenos edifícios em ruínas, um dos quais servia como geladeira natural para armazenar milho. Os Incas tinham uma relação tão íntima com a geografia do seu vale sagrado, utilizando todas as vantagens naturais a seu favor. Entre as duas ruínas vejo o imponente perfil de um rosto barbudo olhando para o complexo de Ollantaytambo — o rosto de Viracocha. O deus criador, o civilizador itinerante, está eternamente vivo e alerta na paisagem. Desço os degraus até o Templo do Sol, onde seus enormes megalíticos lisos olham na direção do rosto de Viracocha, na montanha oposta. Estes megalíticos foram trazidos de uma área a mais de 6 quilômetros de distância, carregados meticulosamente sobre o Rio Urubamba, que foi desviado engenhosamente quando estava cheio. O templo não estava concluído quando aqui chegaram os conquistadores espanhóis, que encontraram megalíticos espalhados pelo vale no lento e árduo processo de serem levados ao santuário. Passo a mão sobre o megalítico central, sentindo o contorno de três chakanas.

Os raios do sol brincam no meu rosto quando me sento no chão, no Templo do Sol, e toco uma música para Viracocha. A música é capturada pelos megalíticos atrás de mim e lançada em direção aos ouvidos de Viracocha na montanha em frente. No alto, bem acima do rosto pensativo de Viracocha, consigo distinguir o perfil mais cinzelado de um rosto indígena — o Guardiã. No solstício de inverno em junho, o sol nasce no topo da cabeça deste Guardiã, em seu chakra da coroa, e brilha primeiro na pedra do olho da lhama e depois na chakana, no megalítico central do Templo do Sol — natureza e homem se complementando numa dança coreografada. Parece que a paisagem e todos os elementos estão numa conversa, e que os Incas escutaram atentos e conseguiram ouvir a música do momento. Desta forma, conseguiram se alinhar com a natureza, com seus templos e construções e até contribuir para enriquecer a conversa dos elementos. Que diferente de nós, seres humanos contemporâneos, que não só ficamos alienados e desalinhados

como nem sabemos que uma conversa sutil está acontecendo.

Ainda sentada no chão do templo, imagino a luz dourada do sol entrar no meu chacra da coroa e passar por todos os chacras, um por um, limpando esta flauta andante para ouvir melhor, me dissolver melhor.

Após um tempo dourado e delicioso de meditação solitária, levanto-me para sair do complexo. Passo pelo setor de fontes, onde a água continua derramando até hoje. Uma fonte, a Fonte do Ñusta, que tem a forma de meio chakana, chama minha atenção. A água flui num jorro constante de sua bica polida. Há um cordão na frente, impedindo-me de tocar na fonte. Passo por cima do cordão para me aproximar. Passo meu dedo levemente pelo lábio da bica, da esquerda para a direita. A pedra da bica está perfeitamente lisa e fria. Imediatamente, a água para de fluir. Fechei uma torneira invisível. Inalo audivelmente. Sem demora, passo meu dedo rapidamente da direita para a esquerda e libero o fluxo novamente. Passo de volta pelo cordão e saio do complexo de Ollantaytambo maravilhada.

ALINHAMENTO

Acordamos às 5 da manhã no solstício de verão, 21 de dezembro, no Wiracocha Inn, em Aguas Calientes, aos pés de Machu Picchu. Tomamos nosso café num silêncio nublado, meio acordados e embrulhados em jaquetas de lã contra a escuridão gelada. Os meninos reclamam do frio e que é muito cedo. “Imagina”, digo a eles. “Vamos ver o sol do solstício de verão nascer em Machu Picchu.” “Não parece verão”, Tom resmunga.

Originalmente eu queria caminhar a parte final da trilha inca até Machu Picchu, mas decidimos que seria muito difícil com uma criança de dois anos. Sinto uma frustração familiar ao pensar que meus filhos restringem minha busca espiritual. A luz desliza furtivamente no céu enquanto esperamos numa fila sem fim para pegar o ônibus para Machu Picchu. “Bom, vamos observar o sol do solstício nascer da fila do ônibus, *perto* de Machu Picchu”, brinca Tahmid.

“O sol tem que nascer atrás da montanha em Machu Picchu”, corrijo-o. “Isso ainda não vai acontecer por mais um tempinho.” Não há pessoas locais na fila. Elas estão em Sacsayhuaman, em Cusco, celebrando o festival Kapak Raymi e a proximidade do sol com uma noite de fogos e música. Imagino-os silenciosos em reverência, observando o sol nascer, enquanto compro um café fraco num copo de

papel escaldante a um preço exorbitante. Sinto-me turista, e não peregrina.

O ônibus nos leva à entrada de Machu Picchu e estamos novamente numa fila sinuosa — uma multidão de indivíduos separados numa peregrinação de turismo espiritual. Quando finalmente chegamos ao mirante sobre Machu Picchu admiro as ruínas e seus lindos terraços com satisfação e vejo um grupo de pessoas junto à parede curva do Templo do Sol, olhando para o leste e esperando em silêncio pelo sol nascer atrás da montanha. Como adoraria estar lá com elas, aguardando o sol em silêncio, em vez de estar aqui em cima ainda, avisando os meninos sobre os perigos da beira da montanha numa voz cada vez mais estridente.

Desde que meus filhos nasceram, o espírito livre em mim tem lutado com momentos de frustração pela minha independência restringida. Quando Alastair morreu, o senso de responsabilidade exclusiva pelos meninos aumentou, e ao mesmo tempo me senti limitada para seguir mais plenamente meu caminho espiritual. Ainda me sinto dividida entre minhas responsabilidades como mãe e meu desejo de seguir um caminho mais monástico e mais silencioso.

O dia está milagrosamente claro. Machu Picchu cai icônico e deslumbrante em degraus abaixo da majestosa montanha Huayna Picchu, que fica de guarda atrás. Algumas lhamas bem posicionadas se ajoelham na grama ao nosso lado, olhando indiferentes para a cidade perdida dos Incas. Há muitas teorias, mas sou atraída pela teoria de que Machu Picchu era um local sagrado inca, situado entre montanhas de importância espiritual e alinhadas com movimentos astronômicos. Talvez fosse até o lar das virgens do sol, como sugeriu seu descobridor norte-americano do século XX, Hiram Bingham.

Nosso ritmo é dolorosamente lento enquanto seguimos em direção ao Templo do Sol. Estou descobrindo que um menino aventureiro de dois anos e Machu Picchu não fazem uma boa combinação. Foi bom que as virgens do sol fizessem voto de castidade, pois criar crianças aqui em Machu Picchu não seria tarefa fácil. Eoin corre pelo labirinto de ruínas e escapa por um momento de nossas vistas. Meu coração dá um pulo de medo e estou assaltada pela imagem dele caindo morro abaixo, terraço por terraço. Alertamos os guardas de segurança e eles se comunicam em voz alta por rádio. Logo o encontramos novamente, aninhado como um ídolo sagrado numa alcova inca.

Subimos até o Templo do Sol, que homenageia Viracocha e cuja parede num

formato de semicírculo chama atenção entre esta ruína de linhas retas e ângulos retos. Os outros peregrinos já foram embora e estamos sozinhos no templo. Na sombra abaixo do Templo do Sol fica o Templo de *Pachamama*, agora adornado com oferendas de doces e folhas de coca. O perfil dos três degraus retos da *chakana* está gravado em pedra na entrada.

Percebo que seguindo os passos de Viracocha dos Incas me levam a *Pachamama*. Do mesmo jeito que seguindo os passos do deus solar Sumé dos Guarani pelo Caminho de Peabiru me levou sempre a *Nhandeacy*.

Estes dois templos são ‘dois em um’. São feitos do mesmo bloco de pedra natural e são uma manifestação de *yanantin*, a onipresente dualidade dos Incas — o sol masculino e a terra feminina, a luz e a escuridão, a redonda e a reta. Para os Incas não há contradição. Para serem inteiras e harmoniosas, duas verdades complementares e opostas coexistem para alcançar a plenitude.

Levanto os meninos, um por um, e os coloco sentados num muro de pedra em frente ao Templo do Sol e com as costas para a montanha para tirar uma foto. O sol já está brilhando do leste atrás da montanha. Na minha linha de visão vejo primeiro meus três filhos, depois o templo e, finalmente, o sol do solstício atrás deles. Ainda mais, a cerca de 3 mil quilômetros de distância, lembro que a Ilha de Florianópolis, meu lar atual, está alinhada diretamente com o sol nascente hoje. Peço aos meninos que fiquem quietos, olhem para a máquina fotográfica e, pelo amor de Deus, mantenham os olhos abertos. Por um instante eles ficam perfeitamente quietos e clico no botão da máquina. Saboreio o momento. Neste instante, tudo está em perfeito alinhamento — meus três filhos, o templo sagrado do sol, o sol nascente do solstício e meu mundo cotidiano de Florianópolis.

Neste instante sinto afrouxar o poder do pensamento que me tem perseguido durante tantos anos, de que meus filhos são impedimentos para meu caminho espiritual. Vislumbro o *yanantin* em mim, a mãe responsável, chamada a ser terrena, e o espírito livre que voa para as alturas e o alinhamento entre os dois.

Os Guarani têm o espiritual no centro de seu modo de vida. A prática espiritual não é um momento de pausa longe de suas responsabilidades diárias. A maneira como os Guarani passam o dia, trabalham, celebram, cuidam e adoram está repleta de espiritualidade. Suas peregrinações ao longo do Caminho de Peabiru geralmente abrangem famílias inteiras, incluindo as crianças. Sinto dentro de mim

um compromisso interno para me livrar desse pensamento limitador, de cultivar mais consciência espiritual em minha vida cotidiana, transformando gradualmente toda a minha vida, incluindo cuidar de meus filhos, cachorros, casa — a cada momento —, numa verdadeira oração.

NAZCA — ABRAÇANDO O TODO

Sáimos do Vale Sagrado pela Estrada da Morte, em direção ao Pacífico. A viagem leva três dias em nosso carro alugado. Intercalamos horas tensas de dirigir com visitas a banhos termais abandonados e passeios noturnos pelas praças empoeiradas de vilas na beira da estrada. Evitamos as pedras caídas nas estradas e prendemos a respiração quando ônibus de turismo passam por nós em curvas acentuadas à toda velocidade. Os carros de três rodas de estilo indiano sobem inclinações impossíveis antes de descer rapidamente à nossa frente. Passamos por muitas cruces na beira da estrada, sinalizando os acidentes e mortes que ocorrem frequentemente. Lhamas de pescoços compridos nos observam, orelhas eretas, quando passamos. Mulheres velhas, com suas cargas coloridas penduradas nas costas dobradas, nos ignoram. Vicunhas ágeis somem de vista quando nos aproximamos. O tempo todo as pontas brancas dos Andes desaparecem lentamente no espelho retrovisor. Extensos pampas verde-amarelos se estendem ao nosso redor agora. Vacas e ovelhas pontilham os campos das terras baixas. Os touros de cerâmica nos telhados das casas andinas são trocados por elaboradas palhetas de metal, enquanto a propaganda política pintada em paredes brancas muda de nome de vila em vila. Como nós, rios escuros descem os vales numa corrida frenética para chegar ao Oceano Pacífico. Os cactos começam a aparecer agora em grupos, esforçando-se para exibir suas flores enquanto o ar seca.

Chegamos ao deserto ressecado de Nazca, a menos de 80 quilômetros do Oceano Pacífico. Aqui, campos férteis e verdes incongruentes pontilham a paisagem icterica, sinalizando fontes de água subterrâneas invisíveis. Os Guarani contam um mito chamado Rebelião de Objetos, que está pintado na cerâmica da cultura Nazca. Será que estas duas culturas se conheceram durante as primeiras expedições dos Guarani para o oeste em algum momento, por volta do século VI? Esta pista do Caminho de Peabiru me leva a este oásis espiritual e em direção ao Oceano Pacífico, o fim do universo Guarani, onde o sol se esconde todos os dias.

Os campos do deserto avermelhado entre Nazca e Palpa são conhecidos

como campos da criação. Quase 2 mil anos atrás, a cultura Nazca começou a afastar cuidadosamente a areia avermelhada para expor a areia branca acinzentada embaixo, criando assim centenas de linhas retas rasas que se estendem por quilômetros, como os ceques sagrados de Coricancha, tornados-os visíveis. Subimos ao topo de uma colina de areia para observar as linhas. Muitas linhas em Nazca conduzem como labirintos rituais até o topo das colinas ou levam a figuras geométricas, incluindo uma infinidade de espirais. Ao longo deste meu Caminho de Peabiru, do sudoeste da Irlanda até aqui no sudoeste do Peru, o símbolo do sol, a espiral e os círculos concêntricos me acompanharam fielmente.

Muitos dos setenta geoglifos antigos de Nazca só podem ser vistos do ar, e só foram descobertos no século XX, quando os primeiros aviões começaram a voar sobre a área. Talvez como o símbolo do sol no topo de Samaipata, na Bolívia, as linhas foram criadas para o sol ver quando passa diariamente por cima, de leste a oeste. Mesmo os especialistas em engenharia que construíram a Rodovia Panamericana com sua tecnologia do século XX não perceberam o enorme geoglifo de um lagarto abaixo dos seus pés, e inconscientemente o cortaram ao meio.

É início da tarde e vemos três pequenos redemoinhos no horizonte. As linhas são varridas diariamente pelo vento e a falta de chuva preservou esses geoglifos sagrados por milênios. Protejo-me do vento e toco uma música na flauta para saudar as linhas de Nazca e seus criadores.

Pegamos um pequeno avião para 6 passageiros no aeroporto de Nazca, que treme quando decola e voa pelo deserto da cidade. Pressiono meu rosto contra a pequena janela redonda do avião e aponto os enormes símbolos para Liam, que se encanta ao ver a forma de um enorme cão de patas retas no vasto e vazio deserto. Agora vemos um macaco gigante de nove dedos com uma cauda em forma de espiral e uma aranha de 50 metros rastejando pela areia. Na lateral de uma colina avermelhada, uma figura humana com 30 metros de altura está voltada para o sul, com a mão erguida por milênios, esperando acenar para nós. Liam acena de volta, rindo. Trapézios se estendem por mais de um quilômetro. Segundo uma teoria, as linhas foram feitas como oferendas rituais para chamar chuva do céu e saciar a sede mortal deste deserto ressecado. Ironicamente, à medida que os padrões climáticos mudam devido à poluição frenética do planeta, mais chuvas estão caindo no deserto de Nazca, colocando em risco as próprias linhas que as chamavam.

A paisagem abaixo de nós é uma lousa gigante, cuidadosamente decorada com enigmas intermináveis. A última figura que vemos em nosso voo é a que eu estava esperando ver — mais um companheiro do Caminho de Peabiru —, o beija-flor. Voamos sobre o geoglifo do beija-flor, as curvas de suas asas estendidas como se estivesse voando, com o bico esticado sugando o néctar de uma fileira de linhas alinhadas ao sol nascente no solstício de verão. Enquanto assistíamos ao nascer do sol atrás do Templo do Sol, em Machu Picchu, uma semana atrás, estávamos também alinhados com estas linhas e o beija-flor. Alegrame que este pequeno pássaro esvoaçante seja representado por um geoglifo de quase 100 metros de comprimento, sugerindo sua importância para as culturas dos Nazcas, Incas, Guarani e também para mim. Para os Guarani foi uma das primeiras manifestações do Divino, criada antes da Terra. É um mensageiro ágil do deus Tupã, que fornece orientação espiritual, proteção e nos chama à ação. No mundo andino, o beija-flor representa o mundo superior, o Hanaq Pacha, e é um símbolo vivo do espírito do sol. Ele carrega mensagens dos espíritos da montanha, os Apus. Ao sobrevoar, agradeço ao beija-flor por sua companhia e proteção ao longo do Caminho de Peabiru.

Naquela tarde, no oásis do nosso hotel, beija-flores voam em volta das plantas. Quando a noite cai, olho para o céu límpido do verão e relaxo sob as constelações. Uma delas é chamada pelos Guarani de constelação do beija-flor, que ‘vive’ dentro da Via Láctea, o lar dos deuses. Um ponto escuro da Via Láctea, perto da constelação do beija-flor, é chamado de Nhanderu, o supremo deus Guarani. Para os Incas, esta mancha escura representa o puma, o símbolo da sabedoria. As culturas Guarani e Inca são as únicas entre os povos indígenas americanos que deram sentido à matéria escura da Via Láctea, usando-a, assim como as estrelas e planetas, para criar suas constelações.

Como acima, tão abaixo. Este Caminho de Peabiru está me permitindo abrir mais para a matéria escura que compõe o todo — na minha vida pessoal e na história deste continente. Convida-me a incluir mais integralmente a morte do meu marido, me abrindo mais para uma vida espiritual, mais alinhada com o dia a dia material. Também me convida a incluir a história escura deste continente e o tratamento dos povos indígenas e da natureza, me abrindo mais para sentir compaixão e trazer ações de retribuição e respeito.

NAZCA — UM LOCAL DE CURA

A lua cheia está emoldurada pelas encostas de duas montanhas escuras, criando o cenário perfeito para realizar um ritual com um xamã de Nazca. O cocar na sua cabeça tem duas penas de condor, seu cabelo preto cai até os ombros e suas roupas amarelas estão decoradas com apliques do sol e do condor. Ele coloca um pano cerimonial à sua frente na areia e o enche lentamente com uma pilha de folhas de coca, palo santo, um maço de cigarros e seus instrumentos musicais — uma flauta de madeira, uma concha e maracás.

Estamos sentados no centro energético de Orcona, nos arredores de Nazca. Amanhã é véspera do Ano-Novo e estamos comemorando o final do ano e o fim iminente do nosso Caminho de Peabiru. O ar do crepúsculo está cheio de mosquitos e passamos repelente nos meninos, enquanto o xamã prepara a cerimônia. Agora ele se levanta e chama o grupo de pessoas ao redor para se juntar a nós. Formamos um círculo e ele nos convida a fechar os olhos. Seguro firme nas mãos de Eoin e Liam. Sinto o ar entrando no meu chacra da coroa e respiro através de cada chacra, um por um, e relaxo na noite suave. Um som alto me faz pular e abro os olhos para ver o xamã soprando na concha. O som se mistura ao ar noturno, e a cerimônia se inicia.

“Chamo os Apus, os espíritos da montanha. Chamo Viracocha, nosso deus criador. Chamo *Pachamama*, mãe terra.”

O xamã continua: “Em seu próprio coração, agradeça por tudo na sua vida. Peça para que seja tirado o negativo, as coisas que você não precisa nem quer mais”. Ficamos em silêncio por um momento. Ele pega algumas folhas de coca e as sopra nas quatro direções cardeais. O xamã sai do círculo, ajoelha-se e cava um buraco na areia com as mãos. “Pegue algumas folhas de coca e um cigarro e jogue no buraco, cobrindo-o com areia. Ao fazer isso, faça um pedido”, orientamos. Liam pega as folhas de coca e Tom pega o maço de cigarros e os entregam a todos do grupo. Cada um de nós enterra a oferenda na areia e fazemos nossos pedidos silenciosamente. Enterro meu cigarro e folhas de coca. A única oração ou pedido que me chega é: “Seja feita a sua vontade”. Ficamos num círculo amplo em volta dos buracos, de mãos dadas — uma mão dando energia e a outra recebendo. Enquanto isso, o xamã toca sua flauta de madeira. A atmosfera é informal e descontraída, uma intimidade silenciosa e bem palpável entre este pequeno grupo

de estranhos. Enquanto estamos fazendo nossas orações silenciosas, o xamã pega a máquina fotográfica que está pendurada no meu pulso e tira várias fotos antes de devolvê-la para mim.

Seguindo a direção do xamã, levantamos os braços no ar e gritamos ‘*kaia-kaia-kaia*’ em vozes bem-humoradas, ao ritmo dos maracás, e assim terminamos o ritual. Abraço os meninos e voltamos juntos para o carro. Apesar da lua cheia, a constelação de Órion queima intensamente acima de nós. Aponto a constelação para meus filhos. Uma parte dela pertence à constelação Guarani denominada Homem Velho. O cinturão de Órion foi chamado de *chakana* pelos astrônomos Incas. Esta constelação era frequentemente visível nas noites frias e claras de inverno sobre minha casa, na Irlanda, durante minha infância, mas nunca soube seu nome. Costumava olhar para as três estrelas do cinturão de Órion e a curva angular até a nebulosa de Órion, e meus olhos de criança identificaram a forma de um ponto de interrogação de cabeça para baixo — como se Deus estivesse olhando para nós na Terra e enxergando um mistério gigante. Quando chegamos ao carro, sento-me no banco de trás com as crianças, enquanto nosso xamã se senta na frente com Tahmid. Tom pega minha máquina fotográfica digital e folheia as fotos. “O que são esses círculos?”, pergunta ele, estendendo a máquina para mim. Em algumas das fotos que o xamã tirou há vários círculos brancos e amarelos flutuando sobre o grupo durante a cerimônia, como se flocos de neve estivessem caindo ou alguém estivesse soprando uma enorme quantidade de bolhas de sabão sobre nós. Não houve uma gota de chuva ou neve sequer nesta noite amena, e certamente nenhuma bolha de sabão. Entrego a máquina ao xamã, perplexa. Ele ri gentilmente: “Tirei as fotos para que vocês pudessem ver por si mesmos. São os espíritos positivos que estavam presentes neste lugar sagrado”.

Escuto perplexa e maravilhada. Será que os mortos nos acompanham de forma visível? Não tenho nenhuma explicação científica para estes círculos na foto. Relaxo no banco em silêncio enquanto dirigimos de volta a Nazca, com Eoin adormecido no meu colo. Parece-me que minha interpretação infantil da constelação de Órion foi tão precisa quanto qualquer outra nesta noite andina: a vida é um grande ponto de interrogação invertido. É realmente um mistério a ser vivido, não um problema a ser resolvido.

O FIM DO UNIVERSO GUARANI

Encontramo-nos com o xamã no dia seguinte, no início da tarde, à véspera do Ano-Novo. Visitamos seu museu nos arredores de Nazca, onde ele compartilha sua coleção pessoal de ossos e fósseis de baleias e de papagaios e condores mumificados. Os meninos observam maravilhados os crânios alongados dos sacrifícios humanos pré-inca, com os olhos e a língua arrancados. “Alienígenas?”, pergunta Tom, de olhos arregalados. “Eles envolveram o crânio com ataduras desde a tenra idade, quando o formato da cabeça poderia ainda mudar”, respondo. Observando seu olhar de decepção, acrescento: “Mas talvez tenha sido feito para parecer com alienígenas adorados. Quem sabe?”.

Nosso xamã nos guia pelo museu, explicando os artefatos à medida que avançamos. “Nazca era um local de cura com suas elaboradas pirâmides em Cahuachi nas proximidades”, informa. “A palavra Nazca é associada à palavra quíchua para dolorosa, *nanasqa*. As pessoas vinham de lugares distantes da floresta amazônica para serem curadas pelos xamãs daqui. Você viu as exposições dos papagaios e macacos mumificados? As linhas de Nazca também mostram as figuras do macaco e do papagaio, mas nenhuma delas é nativa deste clima. Eles foram trazidos como oferendas e pagamento da Amazônia.” Escuto intrigada. Talvez seja assim que o mito Guarani coincide com as histórias contadas na cerâmica de Nazca. Talvez os Guarani, cujas origens remontam à Amazônia, tenham procurado curas aqui em Nazca.

“Nós ainda usamos métodos tradicionais de cura espiritual aqui”, conta ele. “Você ouviu falar de Wachuma, o cacto de San Pedro?” Aceno com a cabeça, sorrindo. “Tenho um deles crescendo lá fora, se você quiser vê-lo. É usado para fazer uma bebida xamânica tradicional, que pode purificar e curar, além de proporcionar visões espirituais. Chama-se San Pedro (São Pedro) porque é vista como a chave para o céu. Os povos de Nazca bebiam Wachuma quando criaram as figuras nos campos daqui.”

Enquanto Tahmid se dirige para a próxima exposição com as crianças, o xamã me chama para fora do museu até um pequeno pátio, onde um cacto solitário cresce, pontilhado com vários brotos bulbosos e vermelhos. Ficamos ali, lado a lado, admirando a planta. “Este cacto é central para nossa espiritualidade. Precisa ser cuidado. Nossa doutrina está viva. Novas experiências estão disponíveis a cada

momento.” Suas palavras me lembram o *Wherá Tupã*, meu guia Guarani do litoral brasileiro, descrevendo o *petangyua* e o tabaco como a bíblia viva do Guarani.

O xamã toca o cacto com reverência por um momento antes de acrescentar: “Tenho um pouco de San Pedro já cozido. Quer experimentar?”. Ele entra numa casa adjacente e volta com um jarro e dois copos nas mãos. “Vou te dar um pouquinho, para te purificar.” Ele serve um copo para nós e bebo o meu num gole amargo.

Voltamos ao nosso pequeno grupo no museu, onde Eoin está com uma concha laranja avermelhada na mão. Parece uma vieira grande, embora mais espessa e com espinhos na superfície. “Esta é uma concha *Spondylus*”, explica nosso xamã. “Sua carne é chamada de ‘comida dos deuses.’” Era uma concha sagrada inca e pré-inca. Pode ser encontrada principalmente no norte, ao longo do Oceano Pacífico. A concha é usada para fazer belas joias. Eoin me entrega a concha, e a viro na minha mão, sorrindo satisfeita. “Muito bem, Eoin!”, sorrio para ele com muito amor. “Você encontrou nossa concha do Caminho de Peabiru. Na Espanha, no Caminho de Santiago, eles usam o símbolo da vieira para mostrar que o peregrino chegou ao Oceano Atlântico, em Finisterra, o fim do mundo, e alcançou o fim da peregrinação. Esta concha vem do Oceano Pacífico, da região norte, onde Viracocha foi embora caminhando sobre as águas, assim como Sumé chegou ao Atlântico. Esta concha é o nosso símbolo e mostra que terminamos o Caminho de Peabiru.”

“Pode ficar com a concha”, diz o xamã com olhos brilhantes. “Então este é o fim de sua peregrinação?”

Balanço a cabeça. “Quase. Termina no Oceano Pacífico, o fim do mundo Guarani no oeste. Eles chegaram ao oceano por volta do século VI. Esperávamos estar lá antes do final do ano, mas nosso ritmo diminuiu com as três crianças.”

“Sabe, preciso chegar à vila costeira de Lomas hoje para celebrar o Ano-Novo na casa da minha filha. Fica apenas uma hora e meia de carro. Como vocês têm um carro alugado, que tal me levarem até lá e ver o Oceano Pacífico antes do final do ano, como queriam?”, pergunta o xamã, observando calmamente tudo se encaixar.

Sorrio de prazer e digo para o xamã — “Gostaríamos muito. De verdade, seria perfeito.”

Acomodamos as crianças no carro e sento na parte de trás com elas. Dirigimos ao longo do deserto árido e abrasador de Nazca, a areia brilhando numa dança de âmbar, granizo e ocre. Parece que o deserto está pegando fogo. As crianças balbuciam sem parar, passando de risadas a gritos irados e voltando a rir em segundos. Sento-me entre os meninos, internamente em silêncio. A conversa animada e belicosa parece tão imperturbável e agradável quanto o canto dos pássaros.

De repente uma sirene de polícia leva as crianças a um silêncio inquieto. Tahmid xinga baixinho e para o carro. Um policial caminha em nossa direção, espiando pela janela este veículo com gringos, dirigindo pelo deserto no final da tarde, na véspera de Ano-Novo, com um indígena em traje xamânico no banco do passageiro. Ele olha para nós pelo que parece uma eternidade, decidindo. Sorrio para ele, observando cuidadosamente seus movimentos. Uma dúvida começa a surgir em minha mente — talvez fôssemos ambiciosos demais para tentar alcançar o Pacífico antes do final do ano. Deixo o pensamento soprar livremente e retorno meu foco para a respiração divina soprando através de mim, chakra por chakra.

“Os faróis não estão acesos”, informa o policial finalmente a Tahmid. “No Peru, quando você está fora de uma cidade, mesmo à luz do dia, precisa sempre acender os faróis.” “Desculpe”, responde Tahmid efusivamente, acendendo as luzes. Todos esperam ansiosos pela resposta do policial, que olha mais uma vez para nós. Ele se endireita e bate na base da janela. “Mantenha os faróis acesos a partir de agora”, ordena, sinalizando para que continuemos. “E tenham um bom ano novo.” Tahmid toca no indicador e afasta o carro cuidadosamente do meio-fio. O carro inteiro dá um suspiro de alívio. O xamã sorri, senta-se mais profundamente em seu assento, fecha os olhos e dorme até chegar no litoral. O sol está começando a se pôr na véspera de Ano-Novo, quando deixamos o xamã na casa de sua filha. Abraçamo-nos com força, saboreando a sensação de intimidade entre nós, apesar do pouco tempo que passamos juntos. Vamos até a praia para cumprimentarmos o Oceano Pacífico. O ar está deliciosamente quente e acaricia a pele. A areia está macia e convidativa quando tiramos os chinelos. Pulamos no ar em sincronia e posamos na areia com um *‘hoo’*, o ritual Guarani de chegar ao nosso destino, o fim do mundo Guarani.

O céu está desencadeando uma orquestra de cores à nossa volta, enquanto andamos pela beira do Oceano Pacífico. Imagino Viracocha caminhando nas águas

do Pacífico e desaparecendo na amplidão diante de nós, assim como Sumé chegou do desconhecido, caminhando nas águas do Atlântico a leste. Diante de nós, fileiras de ondas brancas se reúnem antes de bater com um baque, assobiando ao longo da costa, criando a espuma do mar, da qual Viracocha recebeu seu nome. Consegui seguir os passos desta figura misteriosa e reverenciada ao longo de quase 10 mil quilômetros de distância da Irlanda, onde outro possível Sumé — São Brandão — lançou seu simples barco a remo no selvagem Oceano Atlântico.

O sol irradia em uma ardente faixa, expandindo-se ao longo da superfície do mar em um caleidoscópio de cores. A luz dança sobre nós também, abraçando-nos em seu êxtase.

Nossos pés descalços afundam na areia refrescante enquanto acendemos as estrelinhas, simples fogos de artifício, para os meninos. Eles puxam as estrelinhas pelo ar energicamente em meio a gargalhadas. Eles desenham espirais no ar que ficam suspensos por um momento, antes de derreterem novamente na última luz do crepúsculo.



Rachi, Peru, dezembro de 2012.



Cusco, Peru, dezembro de 2012.



Machu Picchu, Peru, dezembro de 2012.



Templo do Sol, Machu Picchu,
Peru, dezembro de 2012.



Templo do Sol, Ollantaytambo, Peru, dezembro de 2012.



Nazca, Peru, dezembro de 2012.



Nazca, Peru, dezembro de 2012



Lomas, Peru, 31 de dezembro de 2012. Chegada ao Pacífico.



POSFÁCIO

O TRIBO DOURADO

Foram necessários oito meses, entre idas e vindas, para seguir os passos de um Sumé irlandês, Guarani e andino ao longo do Caminho de Peabiru. Ao todo, viajei 10 mil quilômetros do sudoeste da Irlanda, atravessando a América do Sul, do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, numa viagem realizada a pé e de carro, ônibus, trem e avião.

Depois de passar uma semana na beira do Oceano Pacífico, pegamos um avião para casa, voando acima do Caminho de Peabiru, na direção mais adequada para uma peregrinação espiritual Guarani, de oeste para leste.

Foram muitos anos para que a experiência completasse a distância muito maior da minha cabeça ao meu coração. Sinto que essa jornada interior ainda está acontecendo. Em dezembro de 2019 me encontro em Itapema, no litoral brasileiro, onde a pegada de Sumé ou São Tomé está lentamente desaparecendo numa rocha à beira do Oceano Atlântico. Estou participando de uma oficina de Constelação Familiar, uma abordagem terapêutica desenvolvida pelo terapeuta alemão Bert Hellinger. Por meio desta abordagem, representantes de qualquer sistema — família, organização, política — entram em um campo morfológico de energia e seguem seus impulsos, expressando sentimentos e motivos inconscientes através de seus movimentos e palavras. É uma abordagem que é altamente transformadora na minha experiência.

Nossa treinadora, M., é uma xamã contemporânea, além de ser facilitadora de constelações familiares, e já conversamos várias vezes sobre minha experiência no Caminho de Peabiru. Ela já realizou constelações de cidades em outras partes

do Brasil e também reconhece o vulcão de atrocidades ignoradas sobre o qual o Brasil moderno foi construído.

Estamos numa sala de estar, em uma pequena casa perto do oceano, em Itapema. O dia está quente e o zumbido baixo de um ar-condicionado traz algum alívio ao grupo de nove pessoas sentadas em sofás e cadeiras confortáveis, em torno de um espaço aberto no meio da sala.

M. me convida a sentar ao seu lado e ajudá-la a constelar o Caminho de Peabiru. Sento-me na cadeira ao lado dela, na frente do grupo de brasileiros, um pouco desconfortável. “Sou a última a chegar”, insisto. “A mais nova moradora no Brasil no grupo.” “Sim”, concorda

M. “Mas você sabe mais sobre a história deste litoral do que qualquer um de nós brasileiros.” Ela me convida a contar ao grupo o que sei sobre este litoral e o Caminho de Peabiru em geral. Respiro fundo e começo minha história.

Falo sobre os Guarani, que moravam aqui antes dos portugueses açorianos e que deram a este lugar o nome de Itapema.

Explico sobre Sumé, o guia espiritual dos Guarani, cuja pegada adorna uma pedra à beira do mar perto de onde estamos. Explico que até hoje Sumé é reverenciado pelos indígenas por abrir o Caminho de Peabiru e ensiná-los a plantar suas colheitas sagradas, como a erva-mate, ou *caá*. Enquanto falo, uma participante, F., passa uma cuia de chimarrão. Aponto para o chimarrão. “Este ritual de compartilhar o chimarrão também é uma tradição Guarani”, conto. F. suspira: “Bebo chimarrão a vida toda e nunca soube disso”.

Conto a todos como Sumé foi equiparado a São Tomé pelos primeiros cristãos do século XVI e continua sendo por muitos descendentes europeus hoje. Falo sobre a misteriosa arte rupestre milenar e as oficinas líticas que pontilham os 140 quilômetros daqui até Ibiraquera, ao sul.

Esclareço como grande parte da cultura Guarani foi integrada ao modo de vida açoriano aqui no litoral, com suas tarrafas para pescar, canoas feitas de guarapuvu, a tradicional tecelagem de cestas e o cultivo da mandioca. Os açorianos são até chamados de ‘nativos’ aqui. Falo sobre as baleias francas e como foram atacadas e massacradas, e tanto as baleias quanto os Guarani estão lentamente com dificuldade, retornando às suas paisagens ancestrais.

“Quem precisamos representar na constelação?”, pergunta M. quando finalizo. Um por um, chamo grupos que precisam ser representados, e M. aponta para os membros entrarem na constelação. “Os Guarani”, começo, e F. é escolhida para entrar. “Vamos incluir também os Kaingang”, diz M. “O outro povo indígena principal do sul do Brasil.” “Sim”, respondo. “É a tribo indígena nativa das Cataratas do Iguaçu, por onde passa o Caminho de Peabiru.” Outra mulher entra para representar os Kaingang. “Sumé, açorianos, jesuítas, bandeirantes”, listo, e M. aponta para representantes que se juntam à constelação. “Alguém mais?”, questiona M. “*Nhandecy*, a mãe terra”, acrescento, e o último membro do grupo entra na constelação.

Por um momento, todos os representantes ficam imóveis no meio da sala, olhos abertos, respirando fundo. M. lhes dá um momento e depois os convida a seguir seus impulsos.

A representante dos Kaingang imediatamente cai de joelhos e foge, escondendo-se. A representante dos Guarani também cai de joelhos e começa a chorar incontrolavelmente. Ela cai perto da cadeira onde estou sentada e começo a soluçar profundamente também, sentindo toda a dor que senti pelos Guarani ao longo do Caminho de Peabiru. Sumé fica perto dos Guarani, com os braços estendidos, os protegendo. A representante dos açorianos se ajoelha ao lado dos Guarani, acariciando o cabelo da representante, visivelmente comovida e identificada com sua dor. O representante dos bandeirantes é um homem alto e forte. Seus olhos se enchem de raiva e agressão. Ele agarra o pé dos Guarani e tenta perseguir a representante dos Kaingang. Tenta agarrar a representante de *Nhandecy* e a empurra para o chão. *Nhandecy* permanece em pé, afastando seus avanços com calma. O representante dos jesuítas tenta ganhar espaço no meio de todo mundo e depois começa a tentar controlar e conectar as partes díspares, agarrando os pulsos e tornozelos dos outros. Às vezes, o representante dos jesuítas tenta se ligar ao representante dos bandeirantes e às vezes tenta impedi-lo. O representante dos bandeirantes o sacode. O ponto de maior emoção e energia da constelação vem dos bandeirantes e dos Guarani.

M. me puxa do meu assento e para fora da força energética da dor dos Guarani, e eu tomo uma posição de mais equanimidade. Por alguns minutos assistimos à luta que se desenrola. Os bandeirantes ocupam o centro do palco, agarrando os Guarani, que choram alto, e os bandeirantes perseguem os Kaingang

fortemente assustados. Os açorianos ficam perto dos Guarani, alertos e nervosos, sem saber o que fazer. Os jesuítas tentam em vão controlar e restringir a força dos bandeirantes e conectar todos. Sumé, com os braços abertos, pega um copo de água e borrifa o líquido nos outros, tentando pacificar, ungir e curar. *Nhandecy* fica na periferia, exalando calma interior em meio ao caos.

Lentamente, muito lentamente, os Guarani e os Kaingang se aproximam de *Nhandecy*, encontrando abrigo e proteção. O bandeirante agora cai no chão e se contorce em desespero furioso. O representante de Sumé tira do pescoço um colar grande com uma pedra turquesa e o oferece aos Guarani, que estão agora soluçando e apoiados pelo braço de *Nhandecy*. Os açorianos olham para a periferia, perdidos. O representante dos jesuítas também parece perdido, pois seus esforços para conectar os outros parecem ser em vão.

M. agora me pede para entrar na constelação para representar o Brasil. Ao entrar, ainda me sinto atraída pela dor dos indígenas, mas rapidamente percebo que todas estas partes díspares são como se fossem meus filhos. Os Guarani e os Kaingang são meus filhos, espancados, oprimidos e massacrados. Os jesuítas são meus filhos, buscando seu próprio espaço, buscando controlar e apaziguar. Os açorianos são meus filhos, perdidos, identificados com a dor Guarani. O representante dos bandeirantes, que está deitado no chão agora, chorando, também é meu filho. Nas profundezas do meu interior, uma verdade ressoa me revelando que eu e os meus três filhos Tom, Liam e Eoin, a mais nova onda do colonialismo europeu, também fazemos parte e temos nosso lugar e lar legítimos neste Brasil moderno. Ajoelho-me e acaricio os cabelos do representante dos bandeirantes. Sinto por ele como sentiria por uma criança malcriada que não está conseguindo se controlar. Parece-me que, de certa forma, como agressor da história, é também muito difícil o seu destino. Há tanto tumulto interno, tanto ódio enterrado, tanta raiva. Ele também é apenas uma criança, obedecendo a algum roteiro inconsciente interior. Surge o *insight* de que os bandeirantes continuam furiosos e cegos ainda hoje e em 2019 voltaram a uma posição de poder na política brasileira.

Para mim, como Brasil, fica absolutamente claro que só conseguirei obter alguma paz quando todos estes meus filhos forem incluídos e unidos.

Olho para *Nhandecy* e me curvo diante dela. *Nhandecy* exala serenidade. Lentamente reúno todas as crianças do Brasil. Trago os jesuítas para se juntarem a *Nhandecy* e aos indígenas. Trago Sumé e os açorianos também para formar um

círculo. No meio do círculo, o representante dos bandeirantes se contorce ainda no chão, mais quieto agora. Com a ajuda do representante açoriano, levanto finalmente o representante dos bandeirantes. Ele parece não conseguir encontrar um lugar no círculo. A representante dos Guarani silenciosamente oferece a mão. O representante dos bandeirantes solta um gemido e pega a mão estendida, entrando no círculo ao lado dela. Todos nós agora estamos unidos no círculo.

Após vários minutos unidos como um círculo completo, M. convida os outros representantes a me reverenciar como representante do Brasil, e ela coloca o Hino Nacional para tocar. A energia do grupo vibra palpavelmente. Depois todos nós reverenciamos *Nbandecy*.

Quando a constelação termina, abraçamo-nos com força, todos exaustos, permitindo que a energia dissipe lentamente no ar.

Saindo de nossas representações, começamos a compartilhar nossa experiência da constelação. “Tive muita dor para liberar”, afirma a representante dos Guarani, ainda sem fôlego.

“Sim”, concordo. “Senti uma dor lancinante, aparentemente sem limites quando fiquei perto de você. O que ajudou você a superá-lo?” Ela exala audivelmente: “Expressar a dor ajudou e ter a dor testemunhada me acalmou. Fui fortalecida pelos açorianos que carregavam meu sofrimento comigo, sem resolvê-lo, mas de alguma forma sentindo um pouco da minha dor, e fui auxiliada a me aproximar de *Nbandecy*, aninhando-me nos braços da mãe terra”. Ela se aninha debaixo do braço da representante de *Nbandecy* novamente enquanto fala. “Sumé me deu esta pedra que me fortaleceu também.” Ela abre a mão e deixa o colar com sua pedra turquesa balançar no meio do grupo. O representante dos bandeirantes começa a contar: “Aquela pedra turquesa mexeu profundamente comigo. Na maior parte do tempo senti tanta raiva e ódio. Tive que me conter conscientemente, pois queria rasgar os Guarani, os Kaingang, os jesuítas, todos os demais. Queria colocar *Nbandecy* em posição de submissão”. Enquanto fala, seu corpo treme. “Depois veio um remorso, um lamento, e caí no chão”, continua. “Pensei que nunca ficaria em pé e entraria no círculo.” “O que fez você se mexer?”, pergunta M. “Foi uma mistura da mão estendida dos Guarani e da pedra que ela segurava. Aquela pedra me fez pensar na terra. Como se algum dia pudéssemos nos unir para proteger *Nbandecy*, a terra.”

Emociono-me com as narrações. Nesta constelação de uma hora, revivo a história dos Guarani que estava no centro de minha experiência como flauta andante, ao longo do Caminho de Peabiru. Ainda no círculo, um mito Guarani vem à mente e o compartilho com o grupo.

“O primeiro homem e a primeira mulher, Tupã Mirim e Mavutzinim, tiveram dois filhos que governaram a primeira tribo. O irmão mais novo queria ver o outro lado do mundo, então atravessou o rio com metade da tribo e desapareceu na floresta. O irmão mais velho ficou onde estava, vivendo da maneira tradicional, até que um dia sonhou que seu irmão mais novo retornaria. Quando o irmão caçula voltou, não reconheceu sua tribo de origem. O irmão mais velho o recebeu de braços abertos, porém o recém-chegado não sabia quem ele era e o matou. O irmão mais novo então governou a tribo, que não sabia como reagir, até que uma mulher idosa teve um sonho. Ela sonhou que quando o irmão mais novo atravessou o rio, seu grupo se separou em três tribos: a branca, a preta e a amarela. A tribo vermelha ficou para trás com o irmão mais velho. Estas são as quatro cores na cruz Guarani, as quatro direções que segui no meu Caminho de Peabiru, as quatro respirações de *Nbandecy*, a grande mãe. No zênite está a própria *Nbandecy*. Quando as quatro tribos se reuniram novamente, houve conflito e desespero por um tempo, mas depois uma nova tribo pacífica é profetizada para emergir, uma tribo dourada.”

Ficamos ali no centro da sala, um grupinho pequeno da tribo dourada, exausto e exaltado, abraçados e balançando suavemente juntos.

Depois de alguns momentos, a representante de *Nbandecy* fala com uma voz calma e centrada: “Do ponto de vista de *Nbandecy*, senti a violência dos bandeirantes enquanto tentavam me subjugar, os esforços dos jesuítas para me controlar e o desespero dos Guarani e dos Kaingang enquanto buscavam abrigo em mim. Não ignorei o que estava acontecendo. Não fechei os olhos nem me afastei. Respondi a cada demanda naturalmente, resolutamente. Testemunhei o passado, presente e futuro desta história de violência contra os indígenas, depois o remorso dos bandeirantes e, finalmente, sua redenção, e como o grupo finalmente se uniu como um Brasil unificado e transformado. O tempo todo, porém, senti uma sensação inabalável de calma e equanimidade e um profundo amor por tudo ao meu redor. A saga inteira parecia passar num piscar de olhos. Tudo se desenrolou como deveria. Cada elemento representou sua própria porção do destino coletivo.

Senti-me totalmente em paz com tudo. Não me movimenteí muito, fui mais *ser* do que *fazer*, e as poucas ações vieram de um lugar de muita paz e muito amor”.

As palavras de *Nbandecy* encontram um lugar dentro de mim.

Enquanto seguia o Caminho de Peabiru, *Nbandecy* me observava, eternamente presente, respondendo naturalmente e aceitando tudo, totalmente centrada e calma. Mesmo que nada estivesse bem, num nível mais profundo, tudo estava bem. De novo e de novo, ao longo da peregrinação, aninei-me no abraço de *Nbandecy*: à beira-mar, próximo à arte rupestre, em torno de fogueiras, em cachoeiras, no topo de montanhas, em cavernas, em lagos, nos raios do sol, cercada por estrelas e me banhando ao luar. Esses momentos me levaram a vislumbrar a perspectiva de *Nbandecy*, a paz inabalável das coisas selvagens, a leveza imbatível do ser, o *agyjje* dos Guarani.

Percebo que a consciência Guarani está muito mais próxima da consciência de *Nbandecy* do que a minha consciência condicionada, europeu. O Caminho de Peabiru fortaleceu em mim este entendimento de *Nbandecy* — uma maneira menos crítica, mais pacífica e mais receptiva de olhar para os eventos transitórios, de mudança constante, da vida exterior. *Nbandecy* inspira um relacionamento mais paciente com o tempo, um relacionamento mais unificado com meu entorno, um modo de ser mais holístico, mais silencioso, mais espiritual e uma experiência vivida mais ampla de quem eu sou.

A história do Brasil e a história continuada de opressão dos indígenas e a destruição da natureza quebraram meu coração ao longo do Caminho de Peabiru. Partiram meu coração num nível coletivo, do mesmo jeito que a morte repentina de meu marido Alastair partiu meu coração no nível pessoal, deixando-me sensível e vulnerável. Durante anos, fugi da morte e sofrimento na minha história pessoal. Me distraí, mergulhando no fazer frenético, ignorando o passado de morte e sofrimento e o momento presente de *Nbandecy* e enfocando minha energia na criação de um futuro a paz sempre inalcançável, um passo à minha frente.

Da mesma forma, a população em geral no Brasil foge ainda da morte e sofrimento do seu passado e presente. Cada vez mais distraída, cada vez mais frenética. Vive o dia a dia sobre um vulcão de dor e sofrimento ignorado, prestes a explodir.

A morte me acompanhou no Caminho de Peabiru e a encarou, a incluiu finalmente no ventre de *Nhandecy* numa mina em Potosí. Assim começou um nível mais profundo de cura dentro de mim. Comprei um terreno na Irlanda e outro no Brasil e comecei a ter uma relação mais próxima, mais íntima com a terra e a plantar árvores. Comecei a participar de retiros de silêncio duas vezes ao ano e a trazer atenção plena aos poucos para meu dia a dia. Durante cinco anos, o medo da morte me levou para atividade frenética. Não tinha tempo para parar. Depois do Caminho do Peabiru percebi que a vida está aqui, agora no acolher integral de *tudo* que vem á tona neste momento — dentro e fora de mim. Da *Nhandecy* percebi a sabedoria e paz em *ser* mais do que *fazer*. Agora não tenho mais tempo para me apressar.

Nós, brasileiros modernos, estamos convidados a parar nossas atividades frenéticas para enfrentar as atrocidades das quais fizemos e fazemos parte por meio de nossas ações, omissões e nossa escolha de governo. Estamos convidados a despertar do nosso estupor cego e de nossa ignorância, e finalmente ver a beleza de *Nhandecy* e os indígenas dentro e ao redor de nós e a contínua luta pela proteção e justiça. Só então podemos começar a avançar na direção da redenção e da vida plena, unida, abundante.

UMA MÃO ESTENDIDA

Enquanto termino de escrever este livro, volto pela quarta vez à *tekoá* em Biguaçu. Desta vez volto à noite. Os membros desta comunidade se reúnem para o *jerokey*, a dança ao redor do fogo, cantando suas canções sagradas, seu *porã-bei*. Uma vez por mês recebem alguns *jurúá* para celebrar com eles. Durante grande parte dos quinhentos anos da colonização pelos *jurúá*, os Guarani mantiveram seus rituais espirituais longe dos olhos dos *jurúá*, mas recentemente começaram a abrir seus espaços sagrados e a compartilhar seu tesouro mais precioso: sua espiritualidade. Tahmid e eu chegamos quando já está anoitecendo e vamos direto à grande *opy* feita de barro. Há uma multidão lá, reunida ao redor do fogo. Entramos e passamos por um grupo de mulheres Guarani, que não nos olham nem tiram os olhos do chão. Elas parecem tão mansas. Os homens Guarani são mais extrovertidos, e nos ajudam a encontrar um lugar para nossos cobertores no chão. Logo nos acomodamos.

Os homens cantam seu *porã-bei*, suas canções sagradas, e dançam seu *jeroky*. Dizem que a alma que passa pelo corpo, pela flauta andante, é liberada pelo movimento da dança e a Terra também é abençoada, revitalizada pela dança. Não entendo as letras, mas sei que algumas delas são cheias de referências ao Caminho do Peabiru e ao seu paraíso, *Yiy Marã Ey*. Crianças Guarani cantam junto, compartilhando as canções e os mitos de seus ancestrais. Sinto um calor interno de gratidão por ter este vislumbre do ñande reko Guarani, seu modo de vida. Quem precisa de cura se aproxima do fogo e Wherá Tupã lidera os rituais com o *petangyua*, soprando fumaça sobre eles.

No ponto mais escuro e silencioso da noite, a maioria das pessoas já está dormindo, e as mulheres são convidadas para dançar e cantar. Sou a única mulher *jurúá* que se levanta e se move em direção ao grupo. Sou mais alta que todas as mulheres Guarani e me sinto desajeitada. Cada mulher tem um longo bambu na mão, um instrumento para manter o ritmo. Fico em pé atrás delas, a uma pequena distância, insegura, sem saber o que fazer. Percebo porém que o importante é que tomo a coragem de me levantar e ficar perto delas, apesar do desconforto que sinto.. Começam a cantar em voz baixa, acompanhadas pelo som dos chocalhos *mbaraka-miri* e pelo ritmo constante dos bambus. Começam a dançar lentamente, se movendo como uma só, vitalizando o chão de terra batida e abrindo o espaço silencioso interior. De repente, todas as mulheres começam a cantar mais alto. Elas afirmam suas vozes fortes e emocionantes em uma harmoniaafiada, em contraponto à batida constante e baixa dos instrumentos dos homens. A força visceral em suas vozes me comove. Me enganei elas não são nada mansas. Elas são fortes, sobreviventes, guerreiras.

Neste momento, uma mulher Guarani estende a mão para mim e me puxa suavemente para dentro do círculo. Seu gesto faz meu coração explodir com humildade e gratidão, e sai um choro audível da minha boca..

Agora no círculo com as mulheres Guarani, meu corpo *jurúá* lentamente encontra algo semelhante ao ritmo delas e dança suavemente. Tento vocalizar os sons, hesitante e agora mais confiante, e aos poucos sinto os sons fortes, pulsantes cantando em mim, cantando através de mim também.

GLOSSÁRIO DE TERMOS INDÍGENAS

Aguyje – Leveza Aguyjevete – Obrigado

Ayahuasca – Acordar do espírito, um alucinógeno natural usado em ritual espiritual
Caá – Mate em Guarani

Guarani – Guerreiro

Jeroky – Dança sagrada dos Guarani Juruá – Pessoa branca

Kurusu – Cruz

Mate – Uma erva para chá, uma palavra quíchua usada no Brasil
Ñande Reko – O modo de ser Guarani

Oguatá Porã – Boa caminhada/Peregrinação Opy – Casa de oração Guarani

Pajé – Xamã indígena Petangyua – Cachimbo Popyguá – Amuleto

Porã-Hei – Canções sagradas dos Guarani Tapejara – Um povo que anda

Tekoá – Lugar para praticar o modo de ser Guarani

Tembetá – Graveto que o homem Guarani passa pelo lábio quando passa pelo ritual de virar homem

Yvy Marã Ey – Terra sem mal

FONTES CONSULTADAS

BOND, Rosana. *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca*. Florianópolis: Insular, 1998. 86 p.

BOND, Rosana. *História do Caminho de Peabiru – Descobertas e segredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico (Vol.1)*. Rio de Janeiro: Editora Aimerê, 2009, 279p.

BOND, Rosana. *História do Caminho de Peabiru – Descobertas e segredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico (Vol. 2)*. Rio de Janeiro: Editora Aimerê, 2012, 242p.

DONATO, Hernâni. *Sumé e Peabiru: Mistérios maiores do século da descoberta*. São Paulo: Gumerindo Rocha Dorea. 1997. 116p.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A Terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. Peirópolis: São Paulo, 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé: A criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani*. Peirópolis: São Paulo, 2001.

Pindorama. *Grupo de estudos Antroposóficos*. <https://pindorama.art.br/>. Acessado em: 28 out. 2020.

RAMOS, Adnir Antonio. *Divino Gênese: As descobertas do pescador antropólogo na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, 2018.

